



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Ciências Sociais

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Edir Figueiredo de Oliveira Teixeira de Mello

Luz, câmera, ação: Cidade de Deus entre histórias e memórias

Rio de Janeiro

2010

Edir Figueiredo de Oliveira Teixeira de Mello

Luz, câmera, ação: Cidade de Deus entre histórias e memórias



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof.^a Dra. Patricia Birman

Rio de Janeiro

2010

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/ BIBLIOTECA CCS/A

M527 Mello, Edir Figueiredo de Oliveira Teixeira de.
Luz, câmera, ação: Cidade de Deus entre histórias e memórias/ Edir Figueiredo de Oliveira Teixeira de Mello. – 2010.
264 f.

Orientador: Patrícia Birman.
Tese (doutorado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.
Bibliografia.

1. Cidade de Deus (Rio de Janeiro, RJ) – Teses. 2. Favelas – Segregação - Teses. I. Birman, Patrícia. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

CDU 304

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese.

Assinatura

Data

Edir Figueiredo de Oliveira Teixeira de Mello

Luz, câmera, ação: Cidade de Deus entre histórias e memórias

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em: 30 de setembro de 2010.

Banca Examinadora:

Prof^a Dra. Patricia Birman (Orientadora)

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UERJ

Prof^a Dra. Bianca Freire-Medeiros

Fundação Getúlio Vargas - CEPDOC

Prof^a Dra. Marcia Pereira Leite

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UERJ

Prof^a Dra. Carly Machado

Instituto de Ciências Humanas e Sociais da UFRRJ

Prof^a Dra. Lia de Mattos Rocha

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UERJ

Rio de Janeiro

2010

DEDICATÓRIA

*Para Eredite com amor de filha.
Para Gabriel com amor de mãe.
Para Carlos com amor, simplesmente.*

AGRADECIMENTOS

A elaboração de uma tese embora pareça uma tarefa solitária guarda em si marcas, algumas vezes, sutis, outras, explícitas daqueles que ajudaram na articulação de pensamentos, suposições e ações e, principalmente, na superação de incertezas e angústias características do processo de criação intelectual. Assim a todos quantos direta ou indiretamente, colaboraram com a realização desse trabalho deixo meus sinceros agradecimentos.

À Patrícia Birman que mais do que orientar a tese me ensinou a confiar em minhas intuições e na capacidade de realizar este trabalho. Sou imensamente grata por suas valiosas sugestões e pela paciência com que me conduziu e apoiou nos momentos mais difíceis.

Aos professores do PPCIS, especialmente, Clara Mafra, Walter Sinder, Maria Claudia Coelho e Maria Josefina Gabriel Sant'Anna, fundamentais em minha trajetória acadêmica.

Agradeço ainda aquelas que inspiraram este caminho, Marcia Leite e Sandra Carneiro, professoras queridas, pela sempre generosa acolhida e estímulo.

À Carly Machado pela amizade e interlocução constante em todos os momentos.

À Bianca Freire-Medeiros pela contribuição fundamental a este trabalho, através de nossas conversas sempre estimulantes e de material bibliográfico gentilmente cedido.

Aos professores da UFRJ: Marilene Alvim, José Ricardo, Neide Esterci, Bila Sorj, Alice Rangel e Luiz Antonio Machado, mestres que contribuíram para minha formação.

A todos os colegas de curso e percurso no doutorado e as amizades que ali surgiram: Alberto Calil, Christina Vital, Juliana Farias, Ruth Brito, Edilaine e Lidia Medeiros, obrigada por compartilhar comigo as “dores e sabores” deste processo.

À Lia Rocha pela gentileza com que acolheu o meu convite para participar da banca.

Aos meus pais, Jair e Eredite, em quem sempre encontrei a fortaleza de espírito tão necessária no decorrer de meu percurso. Minha mãe não chegou a ver o término deste trabalho, mas essa vitória também é dela.

À minha família querida: irmãs, cunhados, sogros e sobrinhos pelo apoio afetivo e pela compreensão nos momentos que me mantive distante, especialmente os meus sobrinhos Pedro Paulo, Laís, Luciana, André, Victor e Luisinha.

Ao Gabriel, meu filho, ele me faz acreditar todos os dias que há magia na vida. Ele é pura magia e alegria.

Ao Carlos, meu marido, pelo carinho, cuidado, amor e compreensão, sem esses ingredientes este texto não seria possível.

À Elielma, amiga de todas as horas, interlocutora valiosa e presença constante em todos os momentos. Muito obrigada por tudo (e tudo, nós sabemos, não é pouco não!)

À Annelise, amiga tão presente em minha vida, nossas conversas sempre estimulantes, sugestões e apoio foram fundamentais na realização do trabalho.

À Aída, minha fiel escudeira, sem você aqui em casa certamente seria tudo mais difícil. Sou imensamente grata pelo seu carinho e cuidados.

A vida também me presenteou com amigos ultrapolivalentes, que ora compartilham alegrias, enxugam lágrimas, noutras vezes, transcrevem textos, corrigem materiais e verificam a bibliografia. Em especial Athur Gomes e é claro Vagner Amaro.

Outras pessoas também são e serão sempre lembradas: os amigos da UNESA, em particular, Teresa Moura, Hustana Vargas, Cristina Vieira e Cristina Frascari; os amigos da Escola Carlos Lacerda, especialmente, Aciléia, Ana Lucia, Jane, Mônica Soares, Mônica Pereira, Denise, Norma, Ademir, Lucia Helena, Débora, Heloisa; aos novos amigos da Escola SESC: Inês Paz, Inah Brider, Ulício Junior, Eduardo Felliipe, Monica Jansem, Monica Corbucci, Fernanda Marcello e Fernando, Rodrigo, Luis Fernando e Janaina, Heloise, Gustavo Gavião, Renata Salomone, Luciano e Andréa, Antonio Henrique, Glória, Ana Paula e Martin, José Roberto e Rosane, Vinícius e Daniele, Felipe Ferreira, Carla, Danielle e Anderson, André Ferreira, Sansão, Henrique e Juan, Fábio Gusmão; aos amigos de sempre: Ana Paula e Tony, Marcia Leitão, Sandra e Fatima Ceccheto. São tantos, que bom!!!! A todos meus agradecimentos e carinho.

Agradeço ainda o apoio institucional da Escola SESC de Ensino Médio, em especial à Diretora Cláudia Fadel, que tão gentilmente colocou a disposição os recursos necessários a reprografia e encadernação do material por mim apresentado.

Aos meus alunos, quero que saibam que o que me move é o prazer de aprender e ensinar, ver o saber refletido e emanado de vocês, partilhar descobertas e engendrar desafios. Neste sentido, esta tese é também de vocês!

Por último, mas não menos importante, agradeço aos moradores da Cidade de Deus, pela contribuição inestimável, sem a qual este trabalho não seria possível.

É necessário ver como cada um, em qualquer idade, nas menores coisas, como nas maiores provações procura um território para si, suporta ou carrega desterritorializações, e se territorializa quase sobre qualquer coisa, lembrança, fetiche, sonho.

Deleuze e Guattari

RESUMO

MELLO, Edir Figueiredo de Oliveira Teixeira de. *Luz, câmera, ação: Cidade de Deus, entre histórias e memórias*, 2010. 264 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

A tese intitulada “Luz, Câmera, Ação: Cidade de Deus, entre histórias e memórias” tem por objetivo analisar os processos de segregação e de construção identitária no contexto específico do bairro Cidade de Deus, localizado na Baixada de Jacarepaguá, Zona Oeste do Município do Rio de Janeiro. A pesquisa refere-se à compreensão das dinâmicas sócio-espaciais que envolveram ou estão a envolver a construção de modalidades de segregação e de produção identitária em Cidade de Deus. A tese focaliza também as trajetórias de determinados moradores que, através de estratégias associadas ao uso da linguagem audiovisual e a apropriação das imagens produzidas sobre o bairro, elaboram biografias bem sucedidas. A coleta de material para tese consistiu na realização de trabalho de campo, que incluiu a observação participante, entrevistas, pesquisas em acervos públicos e privados, no período que compreende trinta meses, entre os anos de 2006 a 2009. As noções de *projeto*, *campo de possibilidades* e *memória* são utilizadas como categorias analíticas na compreensão de ações individuais em interação com o contexto social em que se encontram. Ao final, foi possível compreender interações, percursos, alternativas e processos de mobilidade social em espaços periféricos no contexto da sociedade brasileira contemporaneamente.

Palavras-chave: Cidade de Deus. Segregação. Audiovisual. Trajetórias.

ABSTRACT

The thesis entitled “Light, Camera, Action: Cidade de Deus, between histories and memories” aims to analyse the segregation processes and identity construction in the specific context of Cidade de Deus district, located in Jacarepaguá Lowland, West Zone of Rio de Janeiro borough. The research refers to the comprehension of the sociospatial dynamics that enfolded or are enfolding the modalities construction and the identity production in Cidade de Deus. The thesis also concentrates the trajectories of determined dwellers that, through strategies associated to the use of audiovisual language and the image appropriation produced about the district, elaborate well succeeded biographies. The material gathering to the thesis consisted in fieldwork realization that included the participant observation, interviews, researches in public and private collection in a period of thirty months between the years of 2006 to 2009. The project notions, field of possibilities and memory are used as analytical categories in the comprehension of individual actions in interaction with the social context in which they are located. Eventually it was possible to comprehend interactions, ways, alternatives and social mobility processes in peripheral spaces in Brazilian society context nowadays.

Keywords: Cidade de Deus. Segregation. Audiovisual. Trajectories

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Mapa em escala 1/10000 Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos	33
Figura 2 -	Foto reduzida da planta original do Conjunto Habitacional Cidade de Deus feita pelo arquiteto Giussepe Badolato	36
Figura 3 -	Foto aérea do Conjunto Habitacional Cidade de Deus tirada no ano de 1967	37
Figura 4-	Foto do Conjunto das Margaridas à época de sua inauguração, em 1969	44
Figura 5 -	Foto de 1969, família de “removidos” observam a nova moradia, o Conjunto das Margaridas, na Cidade de Deus	45
Figura 6 -	Foto de 1971, “removidos” chegam ao Conjunto das Margaridas, na cidade de Deus.....	45
Figura 7-	Foto de 1968 das casas construídas com investimento da COHAB	46
Figura 8 -	Foto de 1971 das casas construídas com investimento da COHAB.....	47
Figura 9 -	Foto de 1971. Moradores fazem melhorias em sua residência por conta própria	47
Figura 10 -	Foto de março de 1968, mostrando a ocupação da Cidade de Deus por flagelados das enchentes	48
Figura 11 -	Mapa 1	70
Figura 12 -	Mapa 2	71
Figura 13 -	Foto Praça Padre Julio Grooten	73
Figura 14 -	Foto O comércio se expande na parte “central” do bairro	73
Figura 15 -	Foto Rua Arimatéia, adjacente a Praça Padre Júlio Groten.....	74
Figura 16 -	Foto de casa situada na Rua dos Evangelhos, parte “central” da Cidade de Deus.....	75
Figura 17 -	Foto de casa situada à Rua Moisés.....	75
Figura 18 -	Mapa 3	80
Figura 19 -	Mapa 4	81

Figura 20 - Foto do Rio Grande	82
Figura 21 - Foto Entrada das “Triagens”	83
Figura 22 - Foto das vielas estreitas das “Triagens”	83
Figura 23 - Foto vista do interior das “Triagens”	84
Figura 24 - Foto Linha Amarela.....	89
Figura 25 - Foto de vista de frente do Conjunto das Margaridas	89
Figura 26 - Foto dos fundos do Conjunto das Margaridas	90
Figura 27- Foto do interior do complexo de prédios	90
Figura 28 - Foto de parte interna do complexo de prédios.....	91
Figura 29 - Mapa 5	92
Figura 30 - Mapa 6.....	94
Figura 31 - Mapa da “Pacificação”	100
Figura 32 - Foto remoção de parte das moradias das “Triagens”	102
Figura 33 - Foto derrubada de parte do Pantanal	102
Figura 34 - Foto dos “Apês” após a “pacificação”	103
Figura 35 - Foto dos “Apês” antes da “pacificação”	103
Figura 36 - Foto “Apês” depois da reforma	104
Figura 37- Foto da Praça Padre Julio Groten com placa de nova iluminação....	104
Figura 38 - Quadro 1 – lista de ONGs que integram o Comitê comunitário da Cidade de Deus	127
Figura 39 - Quadro 2 – Lista de prioridades do Comitê Comunitário da Cidade de Deus	129
Figura 40 - Blog da Agência Cidade de Deus de Desenvolvimento Local	133
Figura 41 - Foto Governador Sergio Cabral discursando no dia da solenidade de inauguração da Agencia Local de Desenvolvimento da Cidade de Deus.....	137

Figura 42 - Foto de Governador Sergio Cabral, o Secretário de Segurança, José Mariano Beltrame	137
Figura 43 - Foto presidente da FAPERJ, Rui Garcia Marques.....	138
Figura 44 - Foto sede da CUFA na Cidade de Deus.....	156
Figura 45 - Foto Entrada da CUFA decorada com grafites feitos pelos alunos	156
Figura 46 - Foto interior da sede com grafites e a inscrição “PAZ”	158
Figura 47- Foto entrada do auditório da CUFA	158
Figura 48 - Foto sala da “ilha” de edição da CUFA	158
Figura 49 - Foto alunos durante a aula do curso de audiovisual	159
Figura 50 - Foto Na parede do rol de entrada da sede a inscrição “Favela a Quatro”	159
Figura 51 - Foto momento de intervalo no curso.....	165
Figura 52 - Foto ator “global” Guilherme Berenguer com alunos do curso de audiovisual da CUFA.....	165
Figura 53 - Foto de alunos confraternizando na “hora do lanche”	166
Figura 54 - Foto “quitudes” servidos aos alunos em visita à CUFA.....	166
Figura 55 - Foto ator Guilherme Berenguer entre os alunos de audiovisual da CUFA.....	166
Figura 56 - Foto de Aula de História do Cinema ministrada pela “parceira” Ivana Bentes.....	167
Figura 57 - Foto de Aula de roteiro ministrada pelo “parceiro” Rafael Draugaud para alunos da CUFA	167
Figura 58 - Foto Turma do curso de audiovisual da CUFA em 2007, posando com Ivana Bentes.....	175
Figura 59 - Foto turma do curso de audiovisual da CUFA em 2007.....	176
Figura 60 - Foto equipe de basquete Globetrotters com MVBILL.....	189
Figura 61 - Foto da jogadora de basquete Hortência com Globetrotters e membros da CUFA	189
Figura 62 - Foto quadra da Escola de Samba Mocidade Unida de Jacarepaguá preparada para o evento com a equipe dos Globetrotters	190

Figura 63 -	Foto de Moradores da Cidade de Deus em evento de basquete promovido pela CUFA em Cidade de Deus.....	190
Figura 64 -	Foto Cartaz de divulgação do CINECUFA em tamanho reduzido	191
Figura 65 -	Foto aluno do audiovisual da CUFA em “performance” no Banco do Brasil	196
Figura 66 -	Foto de festa do CINECUFA	197
Figura 67 -	Foto de – Integrantes do Curso de audiovisual da CUFA durante a abertura do evento CINECUFA	197
Figura 68 -	Foto de O salão do Centro Cultural Banco do Brasil repleto de artistas e alunos do audiovisual	198
Figura 69 –	Foto MVBILL na noite de estréia do CINECUFA.....	198
Figura 70 -	Foto “emblemática”, primeiro ensaio feito por Tony Barros.....	212
Figura 71 -	Foto de Giselle Guimarães	213
Figura 72 -	Foto de Gisele Guimarães em revista de moda do Jornal “ O Dia”	214
Figura 73 -	Foto de Tony Barros posa em frente a Torre Eiffel.....	217
Figura 74 -	Foto de Reportagem do jornal “O Dia” sobre a participação do projeto Lente dos Sonhos na Semana de Moda de Paris.....	217
Figura 75 –	Foto reportagem publicada pela Revista “Fame” de Nova York em julho de 2007.....	219
Figura 76 –	reportagem da Revista Marie Claire brasileira feita em agosto de 2007.....	220
Figura 77 -	reportagem publicada pela Cosmopolitan de Paris em Setembro de 2007.....	221
Figura 78 –	reportagem publicada pela Cosmopolitan de Paris em Setembro de 2007	221
Figura 79 -	Foto da tela abertura do Blog do Don.....	230
Figura 80 -	Fotos da Cidade de Deus, postadas no Blog Don.....	231
Figura 81 -	Foto feita por Don e postada em seu blog	231
Figura 82 -	Foto de apresentação das ruas do bairro feita por Don	232

Figura 83 -	Foto “Houses from my favela” feita por Don	232
Figura 84 -	Foto de “tela” matéria postada por Don no site Viva Favela	233
Figura 85 -	Foto Rappers da Cidade de Deus criam música sobre o Pan 2007.....	23

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
1. CIDADE DE DEUS: ENTRE MEMÓRIAS E HISTÓRIAS, A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO ESPAÇO	30
1.1 Considerações Iniciais	30
1.2 Do Conjunto Habitacional à favela	31
1.3 O endereço do preconceito	53
1.4 A favela como referência ou a referência da Favela	60
2. MAPEANDO PERMANÊNCIAS E MUDANÇAS	67
2.1 Juntando as peças do mosaico: “Centro”, “Triagens” e “Apês”... ..	67
2.1.1 “O Centro”	67
2.1.2 “As Triagens”	76
2.1.3 “Os APês”	88
2.2 Pacificar o que?.....	101
3. A FAVELA VISTA NA TELA	105
3.1 Um outro olhar	105
3.2 Entre ocultamento e exibição	108
3.3 Notícias de um debate público	118
3.4 Uma nova Cidade de Deus?	124
3.4.1 O evento	134
4 UFA: UM CELEIRO DE IMAGEM	147
4.1 Apresentação	147
4.2 Entreato: de chegadas e descobertas.....	148
4.3 Os personagens do lugar	151
4.4 Entrando em Cena.....	154
4.5 Na platéia: as aulas	160
4.6 Ser protagonista.....	168

4.7	Subindo no Palco: pondo em prática à teoria.....	176
4.8	Ver e ser visto: redes de sociabilidade	182
4.8.1	<u>Ver e ser visto dentro do bairro</u>	185
4.8.2	<u>Ver e ser visto dentro do bairro</u>	191
5.	LUZ, CÂMERA, AÇÃO: DAS TRAJETÓRIAS ASCENDENTES ENTRE MORADORES DA CIDADE DE DEUS.	199
5.1	Sobre Projetos e Campo de Possibilidades.....	199
5.2	Dos relatos e narrativas: os percursos traçados.....	204
5.2.1	<u>Pela lente dos sonhos: Tony Barros</u>	204
5.2.2	<u>“A voz da Cidade de Deus” - Michel Marinho: o Don</u>	223
5.2.3	<u>Da vida, na vida e pela vida: Márcia Nunes e Maria Alice</u>	236
5.3	Sobre as trajetórias	244
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	247
	REFERÊNCIAS	249
	ANEXOS.....	259

INTRODUÇÃO

A tese intitulada “Luz, Câmera, Ação: Cidade de Deus, entre histórias e memórias” tem por objetivo analisar os processos de segregação e de construção identitária no contexto específico do bairro Cidade de Deus, localizado na Baixada de Jacarepaguá, Zona Oeste do Município do Rio de Janeiro. O interesse central é compreender através do estudo de trajetórias como determinados moradores têm se apropriado das construções imagéticas produzidas sobre o lugar para elaborarem biografias bem sucedidas. Desta perspectiva, pretende-se entender por quais interstícios alguns conseguem trilhar percursos distintos da maioria dos habitantes do local. Busca-se, assim, perceber qual o “campo dos possíveis” que está posto para eles e como eles lidam com tais possibilidades.

A escolha da Cidade de Deus como campo privilegiado deste estudo teve para mim uma razão especial: a relação com o bairro onde morei por 15 anos. Quando retornei ao local em 2005 com a intenção de realizar pesquisa etnográfica, possuía uma idéia muito vaga sobre as motivações que a ele me conduziam. A princípio intencionava compreender como os moradores lidam com estigmas recorrentemente atribuídos a quem habita um lugar constantemente relacionado à violência e ao tráfico de drogas. Neste sentido, tomei como referência a minha própria trajetória, acreditando que, de um modo geral, o recurso disponível para fugir a tal visão, era, se possível, migrar para outro bairro. No entanto, com o aprofundamento da investigação, outras referências surgiram, acabando por mostrar-me como diz Gilberto Velho (1978) que o que considerava familiar não era necessariamente conhecido.¹ Ora, o fato de eu ter uma inserção prévia no lugar, não significava que compreendia as regras que organizava aquele universo, as formas de sociabilidade que ali se estabeleciam, os projetos individuais e/ou coletivos que se desenvolviam.

Considerando tal perspectiva, minhas incursões em campo foram assumindo outros contornos no sentido de um interesse mais específico de minha parte. Passei

¹ Segundo Gilberto Velho (1978), o fato de dois indivíduos pertencerem à mesma sociedade não significa que estejam mais próximos, ou seja, “o que vemos e encontramos pode ser familiar, mas não necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos pode ser exótico, mas até certo ponto conhecido. No entanto, estamos sempre pressupondo familiaridades e exotismos como fontes de conhecimento ou desconhecimento, respectivamente”. VELHO, Gilberto. *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

então a me ater na diversidade de experiências que informam as relações dos moradores com o espaço em que vivem, suas expectativas, os percursos traçados. Neste contexto, busquei refletir sobre quais as implicações do lugar sobre “o campo de possibilidades” (VELHO, 1994)² de escolhas das pessoas, as suas influências na “determinação” da gama de opções de escolhas, as estratégias com que as pessoas conseguem alargar esse campo, suplantando as limitações do lugar.

Outro aspecto que diz respeito ao recorte dado à pesquisa foi a possibilidade, por um lado, de compreender a produção do espaço em “favelas” e “periferias” articulando-a às relações sociais e identidades aí construídas. E, por outro lado, as particularidades que envolvem o processo histórico de produção do espaço na Cidade de Deus que, olhadas mais de perto, parecem embaralhar conceitos e classificações definidos *a priori*, a começar por “favela”, “periferia” e “bairro”.³

Se, como diz Rosa (2008), “os fenômenos de favelização e de periferização urbana no Brasil podem ser considerados “gerais” (por sua repetição, sua regularidade),”⁴ é também indiscutível que cada caso particular e cada conjunto de práticas e relações sociais que o produzem são únicos e introduzem complexidades à interpretação dos fenômenos generalizados.

Esta pesquisa parte, pois, do princípio de que, através da abordagem de trajetórias específicas de alguns moradores pode ser possível questionar algumas generalizações sobre os diversos aspectos que envolvem a produção social do espaço na Cidade de Deus. No entanto, seguindo ainda as pistas da autora, a perspectiva local e situada “não deve implicar uma “autonomização” ou “tipificação”

² VELHO, G. . Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. v. 1. 137 p.

³ Ao longo do processo histórico de sua formação o Conjunto Habitacional Cidade de Deus foi sendo identificado tanto por parte de seus residentes quanto por não residentes, através de múltiplas denominações tais como “periferia”, “favela”, “comunidade”, “bairro carente”. Obviamente tais categorias assumem contornos específicos dependendo de quem as aciona. A este respeito, a análise de Leite (2008) sobre percepções e formas de ação de moradores de favelas cariocas é esclarecedora. Diz a autora. Atualmente, no repertório simbólico da cidade do Rio de Janeiro, o termo “favela” abrange diversos outros territórios da pobreza (conjuntos habitacionais, loteamentos irregulares, bairros periféricos etc.). Neste trabalho faço uso dessas múltiplas identificações acerca da Cidade de Deus, vinculando-as ao contexto na qual são utilizadas. Ver LEITE, Márcia. Violência, risco e sociabilidade nas margens da cidade: percepções e formas de ação de moradores de favelas cariocas. In: SILVA, Luiz Antonio Machado (Org.) *Vida sob cerco: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora Nova, 2008.

⁴ ROSA, Thaís Troncon. *Fronteiras em disputa na produção do espaço urbano: a trajetória do “Gonzaga” de favela a bairro de periferia*. 2008. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

do objeto estudado”,⁵ busca-se, ao contrário, apreender o percurso traçado por determinados residentes do bairro na produção de trajetórias bem sucedidas relacionando-as ao processo de produção do espaço por meio das relações, dos *jogos de mediações* que simultaneamente atualizam e transcendem o seu caráter local.

Interessa, pois, perceber de que forma estes indivíduos traçam suas trajetórias biográficas nesse contexto, até que ponto estas trajetórias estão influenciadas pelo lugar onde moram. A simples constatação empírica permite levantar a hipótese de que determinados moradores, a partir da inserção específica em espaços como ONGs e projetos sociais, estão traçando trajetórias atípicas, diferentes daquelas recorrentemente associadas aos habitantes de favelas, conforme será demonstrado no decorrer da tese. Tal constatação fez-me orientar meus interesses analíticos não apenas para o estudo específico das trajetórias, mas também para a investigação da atuação de ONGs no bairro. Quais os cruzamentos possíveis na configuração destas organizações e como elas orientam suas ações em relação aos processos de inserção social dos moradores.

No âmbito desta reflexão, cabe mencionar que a literatura sobre o tema é extensa, ainda assim, os aspectos mencionados nos primeiros parágrafos, dessa introdução, merecem ser focalizados.

No quadro das Ciências Sociais o discurso que introduz a favela na agenda dos debates acadêmicos no Rio de Janeiro vincula-se, entre outros aspectos, ao problema de habitação associado ao crescimento urbano, nas décadas de 60 e 70. Neste contexto, as leituras realizadas oscilaram entre a compreensão do fenômeno através das perspectivas de “marginalidade”, por um lado, e, de “integração”, por outro.⁶

No primeiro caso, as representações da favela como um território “à parte” da cidade, portanto, “marginal”, encontraram larga expressão, através de pesquisas realizadas por Oscar Lewis. (1973)⁷ Segundo este autor, as populações circunscritas

⁵ Ibid. p. 32

⁶ A produção sobre favela é bastante ampla e diversificada, aqui apenas me deterei naquilo que estas produções têm de pertinente ao meu trabalho. Para uma boa avaliação sobre a bibliografia a respeito do tema, sugiro a leitura de VALLADARES, Lícia do Prado. *A invenção da Favela: do mito de origem a favela.com*. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

⁷ LEWIS, Oscar. A cultura da pobreza In: HARDIN, Garret. (Org.) *A ciência social num mundo em crise*. São Paulo: Perspectiva/EDUSP, 1973. p.146-53.

nestes espaços no meio urbano desenvolveriam “um modo de vida peculiar”, diferente da sociedade mais ampla, formando assim uma “verdadeira cultura da pobreza, um microcosmo social, onde imperaria a desordem, a promiscuidade e a violência”.⁸

Contrapondo esta visão negativa sobre o modo de vida dos moradores destes locais, inúmeras obras, evidenciaram em suas análises justamente o seu oposto. Ou seja, a idéia da favela plenamente integrada à paisagem da Cidade. Neste sentido, Antony Leeds, (1978)⁹ dentre outros, situa-se como uma das principais referências desta linha interpretativa. Em substituição ao modelo analítico que reduz a favela a um sistema preestabelecido e fixo de conteúdos culturais, como pretendeu Lewis (1973)¹⁰, o autor se propõe compreender a favela inserida na cidade de formas diferentes, por exemplo, através das relações no mercado de trabalho, cultural e político.

Do mesmo modo, as pesquisas de Janice Perlman (1977)¹¹ apontam para a necessidade do questionamento das representações tradicionais acerca de habitantes de favela. Nesta perspectiva, a autora elege como chave de compreensão do fenômeno o questionamento daquilo que seria a tese fundamental de seu trabalho de pesquisa: “o mito da marginalidade” associado às populações moradoras de favelas. Para ela, “os pobres não são nem isolados, nem desorganizados, fazem amplo uso do ambiente urbano. São trabalhadores que têm as aspirações da burguesia e a perseverança dos pioneiros”¹². Trata-se, portanto, de sublinhar a integração completa dos favelados ao espaço urbano.

Com efeito, embora as reflexões que marcaram o diálogo entre “marginalidade” e “incorporação” da favela ao espaço urbano no período indicassem caminhos opostos, em ambos os casos, os discursos produzidos atrelaram direta ou indiretamente os favelados à narrativa da pobreza. Deste modo, todas as suas ações, experiências individuais ou coletivas, formas de organização foram assim

⁸ LEWES, op. cit., nota 6, p. 143.

⁹ LEEDS, Anthony ; Elisabeth. *A sociologia do Brasil urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

¹⁰ Ibid.

¹¹ PERLMAN, Janice. *O mito da marginalidade: favela e políticas no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

¹² Ibid

circunscritos por esta visão. Neste sentido, as referidas análises concorreram para consolidar a favela como um campo reflexivo central da pobreza na cidade.

Nos anos 80 e 90, o olhar acadêmico sobre favela ganha nova angulação, impulsionado por relatos e reportagens, mostrando a violência crescente vinculada ao tráfico de drogas neste ambiente. Assim, outros elementos vieram a contribuir para a representação da favela como espaço estigmatizante: a pobreza relacionada à criminalidade violenta, conforme atestam os trabalhos de Zaluar (1994); Velho e Alvito (1996); Soares (1996); Cunha (1996) Guimarães (1998) como obras de referência. Desde então, as favelas transformaram-se em lócus privilegiado dos estudos sobre violência e criminalidade, muitos dos quais focalizaram as guerras entre facções rivais, as invasões policiais, as vítimas e/ou parentes de pessoas mortas. A favela tornou-se também o cenário preferido do cinema documentário, através de filmes como “Noticias de uma guerra particular”, de João Moreira Salles (1999); “Cidade de Deus”, de Fernando Meirelles e Kátia Lund (2002); mais recentemente “Favela Rising” (2005) de Jeff Zimbalist e Matt Mochary, dentre outros.

Como observa Lícia Valladares (2005), no livro “A Invenção da Favela”, resultado de um trabalho de pesquisa que somam 30 anos de estudos sobre o tema, há o progressivo aumento, nos últimos anos, de publicações que têm este espaço como campo de investigação. Mas, se como destaca a autora, a Favela se tornou palco de interesses diversos, seja no plano ficcional, político ou acadêmico, ela ainda é pensada de uma forma homogênea. Nos termos da autora “ainda que todos reconheçam tratar-se de uma realidade múltipla, todos se deixam levar pelo hábito de reduzir um universo plural a uma categoria única”.¹³

Como se pode notar, a questão suscitada é que embora a favela como realidade observável ou categoria sociológica constitua-se em lócus privilegiado onde múltiplas abordagens e diferentes visões são produzidas, as formulações feitas conformam e referenciam apenas certo número de características básicas atribuídas a ela. Apesar de nuances, frequentemente tais características correspondem a representações mais ou menos generalizantes sobre o que é “a favela”. Nos dias atuais, permanece a percepção de que a favela seria o lugar correspondente à pobreza e marginalização no meio urbano.

¹³ Op. Cit., ver nota 5, p.115.

Em certa medida, essas interpretações correspondem a construções sobre o universo estudado. Sendo que se alinham dentro de modelos pré-concebidos, referindo-se ainda a determinadas concepções sobre a categoria favelado. Neste sentido, a despeito da inegável importância dos estudos que mapearam a abrangência das representações sobre os moradores de favelas, amplamente disseminadas no imaginário social, principalmente na Cidade do Rio de Janeiro, eles pouco alteraram o registro através da qual estas populações são identificadas.

Ao que parecem as reflexões produzidas sobre favela parecem circular ainda tendo o discurso dicotômico como ponto de partida – cidade/favela, criminosos/cidadãos, inclusão/exclusão, segurança/perigo, que pouco contribuem para atender o papel que a categoria favelado possa ter hoje para quem dela se investe ou procura dela se afastar. Deve-se também considerar que a imagem produzida de favelado ganha contorno diferenciado para as pessoas envolvidas em sua construção.

Alguns trabalhos mais recentes, contudo, têm contribuído para relativização da visão totalizante produzida sobre a população favelada. Um exemplo disto são os trabalhos de Leite (2000; 2007) que através da elaboração do termo “metáfora da guerra”, analisa as imagens construídas em torno da oposição morro/asfalto, favelados/cidadãos. De outra angulação, os trabalhos de Gouveia (2004), Vaz (2005) problematizam as referências jornalísticas sobre a favela como espaço urbano da violência e tráfico de drogas. Já Freire-Medeiros e Sant’anna (2006) verificam os efeitos da estigmatização territorial a partir das produções imagéticas. Por sua vez, Rocha (2009) analisa as novas configurações do associativismo em favelas do Rio de Janeiro enfatizando a atuação de ONGs e projetos sociais; e ainda Machado da Silva (2005) avalia tipologias de formas de vida em territórios populares e situações de integração, segmentação e segregação espacial. Só para citar alguns.

Os aportes teóricos acima mencionados serviram para fundamentar as indagações da pesquisa no sentido de apoiar uma perspectiva que passa ao largo dos estigmas lançados sobre as populações faveladas que, debaixo de um ponto de vista reducionista, são sempre associadas diretamente à violência, à pobreza e à marginalidade. Como busco mostrar, essa visão emblemática construída em torno do universo das favelas, a meu ver, é insuficiente para dar conta da multiplicidade de relações, a diversidade de valores e modos de vida dos moradores destes locais.

A partir do exposto, elaborei um conjunto de questões que permitiu refletir sobre as construções anteriores e propor ainda contribuir para a literatura em Ciências Sociais sobre o referido tema.

Como compreender biografias e trajetórias específicas? Como analisar a forma pela qual os indivíduos se valem justamente dos estigmas normalmente associados à população favelada para construir uma imagem socialmente valorizada? Como entender experiências atípicas de mobilidade social neste espaço? Esses casos seriam exceção à regra? Poderiam ser vistos como assimilação inversa de estigmas ou então expressão de orgulho de pertencimento a favela? A questão aqui seria propor uma análise situacional, segundo a qual cada indivíduo ou grupo, de forma singular, poderia acionar uma identidade favelada – avaliando-se que representação de favelado estarão utilizando – de forma estratégica. Ou seja, para um mesmo fenômeno necessariamente não haveria uma mesma base explicativa.

Neste sentido, acredito que o investimento na análise das trajetórias de alguns moradores da Cidade de Deus pode se constituir em um caminho promissor para pensar ou repensar tais questões.

Sobre trajetórias

Em antropologia, falar em trajetórias remete necessariamente ao uso de histórias e dos relatos de vida, técnicas aprofundadas de entrevista que fazem parte do aparelhamento básico da pesquisa qualitativa (VELHO, 1989; BERTAUX, 1997). Entretanto, a exploração biográfica não precisa se resumir a uma forma de coletar evidências. Como Suely Kofes (1998) observa, as trajetórias podem, em determinados momentos, ganhar evidência e transformar-se no próprio objeto de conhecimento¹⁴. A autora acredita que está existindo um ressurgimento do método biográfico, que “poderia estar relacionado com as críticas contemporâneas ao

¹⁴ Exemplos do uso bem sucedido de trajetórias podem ser encontrados em BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 183-192. Também no trabalho sobre imigração do sociólogo de origem argelina Abdelmalek Sayad - SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998. Gilberto Velho reflete sobre as biografias como uma forma de ter acesso à heterogeneidade cultural em seu livro: observando o familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira (Org.) *A aventura subjetividade e sociedade: uma experiência de geração*. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

objetivismo e ao estruturalismo”¹⁵. Seja como for, o estudo de trajetórias parece ser uma via frutífera de entrar em contato com o universo social dos moradores da Cidade de Deus, já que a experiência biográfica pode revelar como diversas esferas se articulam na existência singular de cada indivíduo. Essa é a aposta que faço ao propor estudar as relações sociais constitutivas do bairro a partir das trajetórias de alguns dos seus moradores.

A utilização das fontes orais, ainda recebe severas críticas por alguns acadêmicos quanto à sua credibilidade. Segundo alguns pesquisadores, os depoimentos são mencionados como fontes subjetivas por proverem-se da memória individual, que às vezes pode ser falha e fantasiosa. Entretanto, a subjetividade está presente em todos os registros, sendo eles orais, escritos ou visuais. Michael Pollak (1992) ao ser indagado a respeito da crítica à história oral como método apoiado na memória, capaz de produzir representações e não reconstituições do real, responde que:

Se a memória é socialmente construída, é óbvio que toda documentação também o é. Para mim não há diferença fundamental entre fonte escrita e fonte oral. A crítica da fonte, tal como todo historiador aprende a fazer, deve, a meu ver, ser aplicada a fontes de tudo quanto é tipo. Desse ponto de vista, a fonte oral é exatamente comparável à fonte escrita. Nem a fonte escrita pode ser tomada tal e qual ela se apresenta. (POLLAK, 1992, p.200-212)¹⁶

A relação estabelecida entre entrevistado e entrevistador é um dos elementos mais ricos na metodologia da História Oral. Esta relação tem colaborado com a produção em ciências sociais na medida em que relativiza posturas mais rígidas sobre a separação entre sujeito e objeto no campo da pesquisa. Grande parte da força deste procedimento vem do fato de que a utilização do testemunho oral oferece ao pesquisador o acesso a perspectivas e nuances que podem estar fora do seu alcance a partir de outras fontes documentais.

A opção de trabalhar com trajetórias de vida está relacionada ao fato de esta oferecer maiores possibilidades de explorar as relações da história individual com o contexto social, permitindo apreender a influência mediadora dos pais, dos grupos de vizinhança, da escola, do próprio bairro como elemento constitutivo na construção

¹⁵ KOFES, Suely. *Uma trajetória em narrativas*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

¹⁶ POLLAK, M. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

de biografias, enfim dos discursos hegemônicos e contra hegemônicos sobre a população favelada. Por ser baseada no diálogo, a história de vida permite explorar melhor determinados elementos, como por exemplo, aspectos da intimidade, da vida cotidiana e processos de tomadas de decisões.

De acordo com Giovanni Levi (1996) “a época, o meio e a ambiência também são muito valorizados como fatores capazes de caracterizar uma atmosfera que explicaria a singularidade das trajetórias.”¹⁷ Segundo o autor, o contexto nos remete a duas perspectivas diferentes. Por um lado, a reconstituição do contexto histórico e social em que se desenrolam os acontecimentos propicia a compreensão num primeiro momento do que parece inexplicável e desconcertante. “Portanto não se trata de reduzir as condutas a comportamentos-típos, mas de interpretar as vicissitudes biográficas à luz de um contexto que as torne possíveis e, logo normais.”¹⁸ Por outro lado, o contexto preenche as lacunas documentais por meio de comparações com outros indivíduos cuja vida apresenta alguma analogia com a do entrevistado estudado.

A princípio, não tomo a trajetória biográfica dos atores sociais como um *continuum* racionalmente ordenado no tempo, orientado por uma finalidade ou projeto como corresponderia a uma visão funcionalista ou neoclássica do sujeito (LEVI, 1998; BOURDIEU, 1998). Para Bourdieu (1998), uma trajetória nada é do que “uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações”¹⁹ Esses deslocamentos, entretanto, não acontecem ao acaso, pois as pessoas atuam num “campo de possíveis” posto para cada grupo de uma forma diferente, dependendo das suas propriedades (disposições, titulações, etc.) e sua posição no espaço social. Segundo o autor, até os “acazos” podem ser inseridos nessa lógica maior dos campos. Pais (1993) parece se inspirar em Bourdieu ao descrever uma trajetória biográfica como “um conjunto de percursos ao nível de

¹⁷ LEVI, Giovanni. Usos da biografia . In: FERREIRA; AMADO (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p.167-182.

¹⁸ Ibid, p. 69

¹⁹ Op. Cit., nota 13, p.190

diferentes quadros institucionais, de diferentes espaços sociais, eles mesmos em constante mudança”.²⁰

Metodologia

O estudo foi realizado a partir de métodos de pesquisa essencialmente qualitativos desenvolvidos pelas ciências sociais, tais como a observação participante – compreendida aqui como uma atividade eminentemente interpretativa, uma “descrição densa” (GEERTZ, 1978) – voltada para a busca de estruturas de significado, aliada aos princípios básicos da noção de experiência.²¹

O trabalho de campo foi escolhido por permitir um contato direto com a população observada, criando momentos em que as contradições, divergências ou, por outro lado, o consenso sobre o tema tratado trouxe à tona uma determinada realidade sociocultural. A etnografia e o estudo das trajetórias propiciaram comparações controladas com os registros dos aspectos culturais específicos do universo de pesquisa.

A observação participante, quanto mais numa área já conhecida da pesquisadora e de alta densidade relacional, trouxe como consequência quase inevitável a multiplicação de contatos. Entretanto, concentrei-me nas histórias de vida de alguns moradores apenas, para poder alcançar a compreensão mais aprofundada de suas trajetórias.

A pesquisa compreendeu a realização de trabalho de campo etnográfico, por um período de três anos, junto a um grupo de moradores do Conjunto habitacional Cidade de Deus. Durante este período, além de entrevistas, participei de festas, solenidades públicas realizadas no bairro e fiz um curso de audiovisual na Central Única das Favelas – CUFA –. Cabe dizer, no entanto, que uma parte fundamental da pesquisa foi a realização de entrevistas em profundidade (relatos de vida) na acepção de Daniel Bertaux, (1997) com alguns moradores do bairro, pois permitiram emergência das narrativas de sentido sobre a própria trajetória de vida.

²⁰ PAIS, José Machado. *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

²¹ GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

Estruturação da Tese

O texto está estruturado basicamente em cinco capítulos, além da introdução e considerações finais.

No primeiro capítulo destaca-se a análise da construção social do espaço e as representações a ele associadas. Pretendeu-se, neste sentido, compreender as dinâmicas sócio-espaciais que envolveram ou estão a envolver a construção de modalidades de segregação e de produção identitária em Cidade de Deus. Desta perspectiva, buscou-se compreender também o espaço urbano em foco a partir dos cruzamentos, das mediações, das diversas clivagens e identificações que contribuíram para a produção de uma imagem estigmatizada do lugar.

O segundo capítulo trata das dinâmicas socioespaciais do bairro. Buscou-se mostrar como o processo contínuo de construção da imagem da Cidade de Deus e as diversas intervenções do poder público no local, principalmente as de caráter remocionistas, produziram configurações e reconfigurações socioespaciais que culminaram com a divisão interna dos moradores.

Sob o título “A Favela Vista na Tela” o terceiro capítulo consiste na análise da repercussão do filme “Cidade de Deus” entre os moradores do bairro. O argumento central é que a obra se constituiu em um marco, um verdadeiro “divisor de águas” na produção de identificações e imagens sobre o lugar. Nesse sentido, privilegiou-se os usos e apropriações do filme pelos moradores na busca por reconhecimento e visibilidade na esfera pública.

A Central Única das Favelas - CUFA - é o tema central do quarto capítulo. Através de um estudo de caso sobre a instituição busca-se mapear os projetos e a atuação da ONG junto aos moradores. Neste contexto, verificou-se que embora as experiências e práticas da CUFA se constituam a partir de um discurso que valoriza a capacitação profissional de moradores, a noção de visibilidade assume importância primordial. Assim, a noção de visibilidade é um elemento que afirma não só o êxito desse empreendimento, como também dos seus idealizadores. A partir desta perspectiva, entende-se que estas iniciativas sinalizam formas específicas de atuação individual e/ou coletiva na busca por reconhecimento na esfera pública, através de um espaço privilegiado: a mídia.

Por fim, o capítulo cinco refere-se ao estudo das trajetórias. A análise empreendida refere-se à forma como estes indivíduos traçam suas trajetórias biográficas através de projetos de ascensão social vinculados aos usos e apropriação da imagem da Cidade de Deus. Neste sentido, verificou-se que através da exploração midiática da imagem do bairro e dos usos possíveis que esta imagem como produto consumível oferece, certos moradores constroem estratégias mais ou menos consistentes de ascensão e mobilidade individual, por onde elaboram suas identidades e ampliam seu campo de possibilidades.

Chamar a atenção para as condições e a diversidade dos modos de vida dos moradores de territórios segregados e ampliar o espaço de confronto e debate partindo de uma reflexão sobre experiências que irrompem nas periferias urbanas contemporaneamente, eis o que de modo geral impulsionou a realização desse trabalho. Espera-se que o percurso aqui traçado contribua para tal intento.

1 CIDADE DE DEUS: ENTRE MEMÓRIAS E HISTÓRIAS, A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO ESPAÇO

1.1 Considerações Iniciais

Tinha ainda poucos meses de vida, assim como o próprio Conjunto Habitacional Cidade de Deus quando fui morar lá. Da minha infância lembro-me das ruas sem pavimentação, das brincadeiras na pracinha inacabada e sem brinquedos, do entra e sai de crianças nos quintais das casas sem muros ou divisórias, da fila de moradores pegando água em minha casa, uma das poucas com encanamento. Apesar da relação de cordialidade e solidariedade entre os vizinhos, meus pais, que haviam comprado um imóvel numa das ruas centrais do bairro, ergueram um muro de aproximadamente dois metros de altura que circundava todo o terreno. O muro tinha dupla função: proteger o local de possíveis invasores e impedir-nos, minhas irmãs e eu, de estarmos constantemente na rua. Com frequência meus pais eram alertados dos possíveis perigos associados à heterogeneidade dos habitantes do lugar.²² Lembro-me bem de uma advertência feita por um vendedor autônomo, não residente no bairro, “Seu Juvenal,”- um senhor de nacionalidade portuguesa, com forte sotaque, que através de itens como vestuário, jóias e carro novo aparentava ser bem sucedido financeiramente: -“Tire suas filhas daqui, elas são meninas bonitas e direitas. Se elas permanecerem aqui jamais farão bons casamentos ou arrumarão emprego.” Parece-me que meus pais seguiram o conselho à risca, pois tão logo foi possível, nos mudamos de lá.

Durante muito tempo, imaginei que minha trajetória espelhasse o caminho trilhado por todos os moradores da Cidade de Deus que como eu tiveram a oportunidade de sair de um bairro constantemente associado à violência e ao tráfico de drogas. Pensava que a única forma de me ver livre da estigmatização e dos estereótipos vinculados ao local fosse deixá-lo. Entretanto, com o decorrer do trabalho de campo pude perceber que há outras formas de lidar com estes estigmas, conforme veremos.

Neste capítulo, começo por apresentar o bairro, mostrando o processo de sua formação, bem como alguns aspectos que confluíram para a possibilidade de

²² Este aspecto será demonstrado mais adiante.

agenciamento das diferentes identificações sobre ele. Busco, neste sentido, compreender as dinâmicas sócio-espaciais que envolveram ou estão a envolver a construção de modalidades de segregação e de produção identitária em Cidade de Deus.

Privilegio em minha investigação tanto as percepções que os moradores elaboram acerca do lugar em que vivem como as produzidas externamente sobre ele. Para isso, utilizo não somente documentos, registros oficiais e bibliografia pertinente ao tema, mas também narrativas de moradores e ex-moradores registradas durante pesquisa etnográfica no bairro, além de minhas próprias impressões do local em que morei durante 15 anos.

1.2 Do conjunto habitacional à favela

“A refavela revela o salto que preto pobre tenta dar quando se arranca do seu barraco pr’um bloco do BNH” (“Refavela” Gilberto Gil)

A Cidade de Deus, situada na baixada de Jacarepaguá, entre os bairros da Taquara e Barra da Tijuca, Zona Oeste do Rio de Janeiro, começou a ser construída e ocupada no final dos anos sessenta do século XX, em decorrência do processo de remoção sumária da população residente em favelas que teve curso durante os governos Carlos Lacerda (1960-1965) e Negrão de Lima (1965-1971). Sua concepção atendia, portanto, a uma política estatal para favelas, pautada, como observa Valla (1986), no crescente intervencionismo que marcou a década de 1960 e os primeiros anos da década de 1970.²³

Com efeito, foi sob o governo de Carlos Lacerda (1960-1965), cuja gestão ficou marcada pela política ostensiva de remoção de favelas, que as obras de implantação do conjunto habitacional Cidade de Deus foram realizadas. Financiadas pela USAID²⁴, as primeiras unidades residenciais do conjunto foram construídas pela

²³ Uma análise cuidadosa sobre o processo de remoção de favelas e as políticas públicas habitacionais no período de 1968 a 1973 é feita por Licia Valladares no livro “Passa-se uma Casa” lançado no ano de 1978.

²⁴ USAID é a sigla que designa: United States Agency for International Development. Este órgão, através do chamado acordo do trigo, investiu cerca de três milhões de dólares em projetos, cujo objetivo era a urbanização de favelas.

Companhia de Habitação Popular – COHAB-²⁵, órgão também criado durante a administração Lacerda, mas sua finalização só ocorreu mesmo durante o mandato de Negrão de Lima (1965-1971). Seus projetos foram executados inicialmente no ano de 1964, primeiro em uma área total de 253.810 m², limitado entre a Avenida Ezequiel, Rua Moisés e Rua Edgar Werneck. O segundo, em área total de 36.343 m², constando de 159 lotes e 8 ruas, entre a estrada da Estiva (atual Marechal Miguel Salazar Mendes de Moraes) e a Avenida do Rio Grande; e o terceiro, de outubro de 1968, abrangendo a maior área, com mais de 120 logradouros, incluindo ruas, travessas, praças, todas batizadas com nomes bíblicos.²⁶

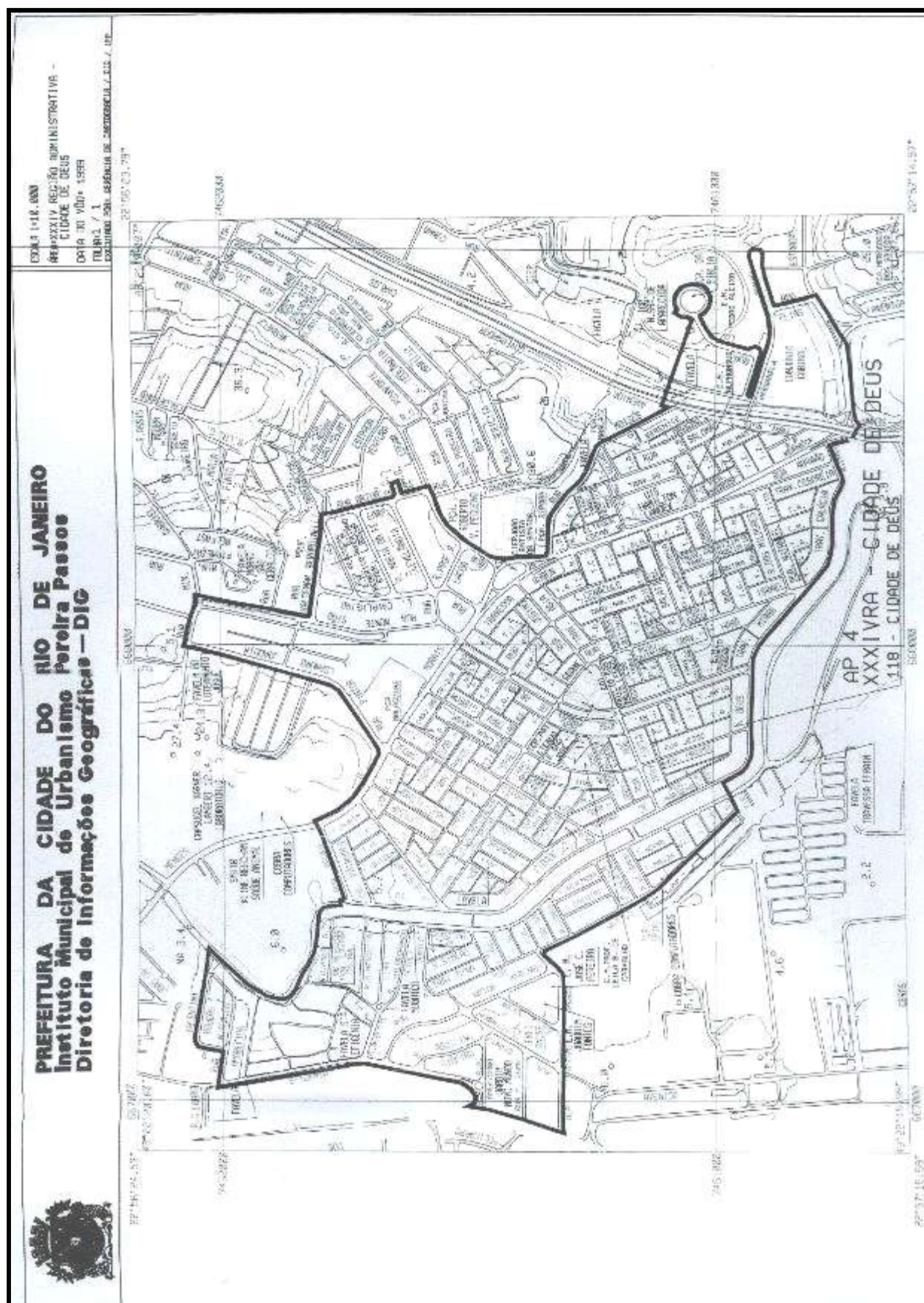
A seguir mapa da Cidade de Deus, desenvolvido no ano de 1999 pelo Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos. Nele se pode ver, além das áreas referentes à data de sua inauguração, as delimitações subseqüentes. Chamo atenção para o fato de que embora esse registro tenha sido construído 30 anos após o surgimento do conjunto habitacional, ainda assim reproduz a separação entre o local e a região de Jacarepaguá, onde está situada a Cidade de Deus, designando-a como região administrativa à parte das demais áreas que compõem aquele distrito.²⁷

²⁵ Os órgãos governamentais envolvidos na implantação e construção de conjuntos habitacionais no Rio de Janeiro foram: o BNH – Banco Nacional de Habitação- como agente financiador, a CHISAM-Coordenação de Habitação de Interesse Social da Área Metropolitana – coordenando o programa de remoção de favelas e COHAB – GB como construtora e comercializadora das unidades habitacionais. Por fim havia a atuação da Secretaria de Serviços Sociais, como responsável pela ação social junto às populações atingidas. No texto refiro-me somente a COHAB, pois foi o órgão que atuou na venda direta das casas e é a instituição a qual os moradores do bairro se referem constantemente.

²⁶ A Lei 2662/98 transformou o grande conjunto, na XXXIV RA – Cidade de Deus. A denominação, delimitação e codificação do Bairro foram estabelecidas pelo Decreto Nº 3158, de 23 de julho de 1981 com alterações do Decreto Nº 5280 de 23 de agosto de 1985. <http://portalgeo.rio.rj.gov.br>

²⁷ Segundo o Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos, Jacarepaguá é designada como XVI Região Administrativa, dela fazendo parte os bairros do Anil, Curicica, Freguesia, Pechincha, Pau Ferro, Praça Seca, Tanque, Taquara e Vila Valqueire. A Cidade de Deus, embora localizada na região, é classificada pelo mesmo Instituto como XXXIV Região Administrativa.

Figura 1 - Mapa em escala 1/10000 Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos



Os trabalhos desenvolvidos por Abreu (1997)²⁸ apontam o fato de que a construção de conjuntos habitacionais, caso da Cidade de Deus, obedeceu a uma estratégia de reorganização do espaço urbano, com o deslocamento da população residente em favelas localizadas nas áreas mais valorizadas, sobretudo nas encostas das montanhas, para a periferia da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Daí a razão de, em grande parte, os conjuntos terem sido construídos na periferia afastada das Zonas Norte e Oeste.

Neste sentido, Lícia Valladares (1978) analisando as intervenções governamentais realizadas nas favelas cariocas nas décadas de 60 e 70, observou que um dos interesses que orientou o processo de remoção foi a eliminação da presença física das favelas da Zona Sul da cidade, consideradas um “aglomerado marginal, indesejável e incompatível” ao projeto de desenvolvimento urbano. Segundo a autora:

Para articular os “interesses da Cidade” parte-se de uma conceituação estigmatizada do favelado, qualificado como parasita do Estado, marginal que precisa ser eliminado do espaço em que se encontra e replantado em áreas distantes, não visíveis. Enfatiza-se a favela enquanto aglomerado que “atrapalha” o dia a dia da classe média, cuja permanência é incompatível com o desenvolvimento imobiliário da Cidade e cujo espaço caberia “por direito” aos estratos médios. (VALLADARES, 1978, p.33)²⁹

Com efeito, o plano de organização do espaço urbano, levado a cabo no período, visou não somente liberar “terras nobres” da presença indesejável da favela e de seus habitantes, mas também colocá-las à disposição dos grupos mais abastados. O seu intuito era incentivar a construção de residências sofisticadas nas regiões mais cobiçadas da cidade. A “limpeza” teve o duplo significado de abrir novas áreas para construir e simbolicamente de preservar as classes altas e médias da confrontação diária com a miséria das favelas. Além disso, propiciou um impulso adicional às construtoras, através de contratos com o governo para realização do empreendimento de habitações populares. (VALLADARES, 1978)³⁰

²⁸ Sobre este aspecto ver ABREU, M. *A evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPLAN/RIO, 1997.

²⁹ VALLADARES, Licia do Prado. *Passa-se uma casa: análise do programa de remoção de favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

³⁰ Ibid

A Cidade de Deus surgiu e se inscreveu nesse contexto, por iniciativa das políticas públicas remocionistas, – no conjunto das metamorfoses ocorridas no tecido urbano carioca –, como uma das soluções para o crescente “problema da favelização”.³¹ Para lá foram removidas 63 favelas distintas, sendo que 70% dessa população provinham de apenas seis favelas: Praia do Pinto, Parque da Gávea, Ilha das Dragas, Parque do Leblon, Catacumba e Rocinha, todas localizadas na Zona Sul do Rio de Janeiro. Os outros 30% eram oriundos de 57 favelas.³²

De acordo com Giuseppe Badolato³³, idealizador do projeto arquitetônico do Conjunto Habitacional Cidade de Deus no Governo Carlos Lacerda, o desenho inicial do bairro consistia de um conjunto de prédios designado para a população removida de favelas e mais 2500 casas que seriam vendidas a funcionários públicos do antigo Estado da Guanabara. No entanto, as enchentes ocorridas na época levaram o conjunto a ser utilizado para abrigos de outras tantas famílias que, permaneceram no local em casas inacabadas e sem qualquer saneamento básico. Mostrando a planta original que ainda guarda, o arquiteto diz:

Se olharmos a planta original da Cidade de Deus, os loteamentos e as casas estavam em profunda harmonia com uma visão social e cultural. Havia a previsão de construção de teatros, posto médico, escolas, supermercados, cinema, igreja e quadra de esportes. As casas, mais no centro do bairro, teriam uma área urbanizada e praças para as crianças brincarem. Os loteamentos mais afastados também dispunham de recursos e profissionais especializados para orientá-los na nova vida fora das favelas. Tudo extremamente detalhado para que as famílias que fossem selecionadas para ali morar, já iniciassem a viver no local com todos os equipamentos e serviços urbanos em pleno funcionamento, permitindo que os futuros moradores tivessem uma perfeita adaptação à nova moradia.³⁴ (Entrevista concedida em 20 de maio de 2007 ao jornal “INFOCO”, publicação trimestral feita por moradores da Cidade de Deus)

³¹ O principal defensor da tese de que o processo de favelização teria se iniciado nos anos 20 é Abreu (1994). ABREU, M. Reconstruindo uma história esquecida: Origem e expansão inicial das favelas do Rio. *Espaço & Debates*, São Paulo, v.14, n. 37, p. 34-46, 1994. Sobre este aspecto ver também VALLADARES, Lícia do Prado. *A invenção da Favela: do mito de origem a favela.com*. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

³² Dados cotejados de: <http://portalgeo.rio.rj.gov.br>. Acesso em: 21 ago. 2008.

³³ Entrevista concedida a revista INFOCOCDD, publicação mensal, com tiragem de cinco mil exemplares, produzida por moradores da Cidade de Deus e distribuída gratuitamente aos moradores do bairro. Na ocasião da entrevista tive a oportunidade de conhecer o arquiteto ao acompanhar a equipe que fazia a matéria, publicada na edição de agosto de 2007.

³⁴ Entrevista concedida em agosto de 2006.

A seguir, foto da planta original do Conjunto Habitacional Cidade de Deus: à esquerda, na Estrada do Gabinal, localizam-se os prédios para onde seriam removidas as populações de favelas; à direita próxima a Rua Edgar Werneck, situa-se o conjunto de casas mencionadas por Badolato, que seriam vendidas pela COHAB a futuros moradores.

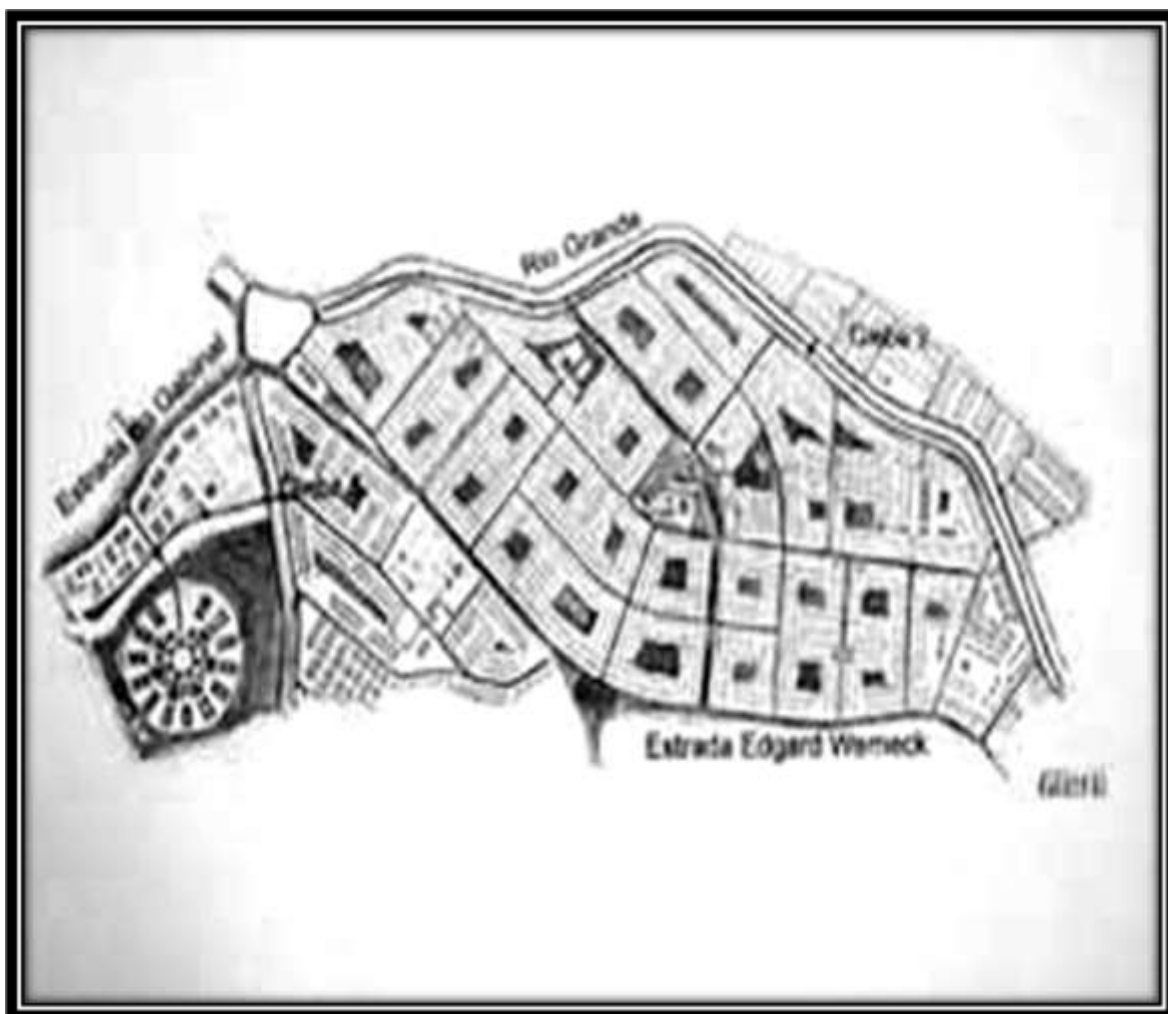


Figura 2- Foto reduzida da planta original do Conjunto Habitacional Cidade de Deus, feita pelo feito pelo italiano Giuseppe Badolato, arquiteto responsável pelo projeto.³⁵

Na sequência, a imagem do Conjunto Habitacional à margem do Rio Grande, em 1967, um ano após sua inauguração. Vê-se também na foto a terraplanagem do terreno onde seria construído o Conjunto das Margaridas, na Estrada do Gabinal, somente inaugurado em 1969. À época, nenhuma rua do bairro possuía

³⁵ Foto da planta original concebida pelo arquiteto Giuseppe Badolato. Fonte: arquivo pessoal do arquiteto.

pavimentação ou sequer tinha os nomes definidos, sendo todas feitas de chão de barro batido; a Via 11, hoje Avenida Ayrton Senna, estava sendo aberta.

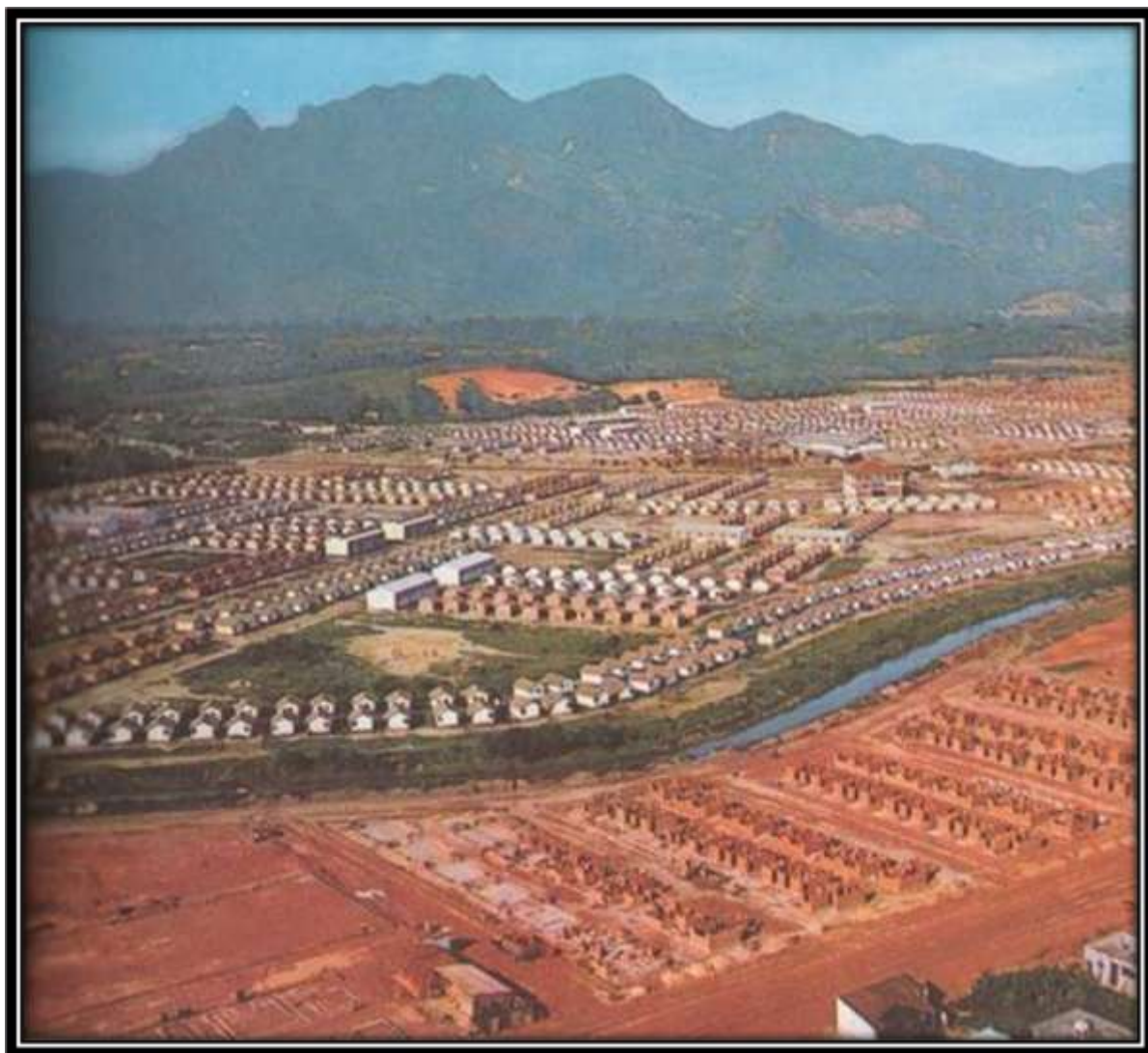


Figura 3- Foto aérea do Conjunto Habitacional Cidade de Deus tirada no ano de 1967³⁶

É interessante observar como em sua concepção original a instalação do Conjunto Habitacional Cidade de Deus foi marcada por uma lógica hierarquizante da organização espacial, feita através da clivagem da população por situação e lugar de origem. Neste contexto, os novos moradores foram distribuídos a partir de critérios como renda, ocupação profissional e condição de residência anterior. Assim, foram designados às casas os servidores públicos, ao conjunto de apartamentos a

³⁶ A Foto cedida por Giuseppe Bartolato e parte do acervo pessoal do arquiteto pode ser vista no site, www.rioquepassou.com.br. Acesso em: 22 ago. 2007

população removida de diversas favelas e, ainda, para um setor de “triagem”, composto por alojamentos em condições precárias, os desabrigados pelas sucessivas enchentes ocorridas naquele período.

Contudo, se este arranjo espacial se deu no plano das políticas públicas habitacionais, ele não ficou imperceptível ao olhar dos próprios moradores. Quando em 1971, cinco anos após a inauguração da Cidade de Deus, o repórter e cronista João Antônio³⁷ esteve no bairro realizando uma série de entrevistas com moradores locais, (cujo resultado, posteriormente publicou no livro com o sugestivo nome “Casa de Loucos” - 1976), grande parte dos depoimentos indicava a nítida percepção da distinção anteriormente apontada. Utilizo-me de um destes relatos para ilustrar este fato.

"Isto aqui? Na favela tem alegria, as pessoas se ajudam. Imagine que aqui tem uns favelados que foram levados para os apartamentos estão dando uma de bacana. Na favela, o pessoal era todo igual. Aqui, o povo está dividido. Tem gente pobre morando nas casas e se achando importante, porque tem dinheiro pra pintar a casa, botar ladrilho e outras coisas. Aí, o pessoal dos apartamentos se acha mais bacana que o pessoal das triagens e o povo das casas se acha mais importante que o da triagem porque são inscritos da COHAB. Todo mundo debocha e despreza o pessoal da triagem. Quando cheguei aqui já tava tudo dividido, tudo distribuído tive que pegar minha casa na marra, na mão mesmo sabe como é já tava tudo certo, quem ia pros apartamentos, quem ia para as casa. (sic) Eu? Claro que gostaria de morar numa das casas. Lá, pelo menos, teria segurança." – suspira abafada. – "Se se formasse uma favela outra vez, eu iria na frente, com uma bandeira e seria a primeira moradora". – Maria Isabel, 30 anos, termina isso, gingando de um lado e outro, abrindo os braços. (sic) (ANTÔNIO, 1976, p.32)

O que chama atenção nesta fala é a associação feita pela moradora entre os tipos de habitação e as diferentes formas de obtenção das mesmas. Assim, a percepção mais imediata deste processo é a desigualdade de acesso resultante dos critérios de avaliação e distribuição das residências. Neste sentido, o próprio repórter que fez a coleta das entrevistas escreveria na orelha de seu livro:

O que encontrei lá foi um aglomerado de residências que dividiam seus moradores em três castas: a mais favorecida habitava as casas, a média os apartamentos do local, e os mais ferrados se viravam em barracos "provisórios" nas chamadas triagens. (ANTÔNIO, 1976, p. contracapa)

³⁷ João Antônio foi um cronista muito popular na década de 70, dentre suas obras, a de maior notoriedade foi “Casa de loucos” em que faz um relato minucioso sobre os primeiros anos do Conjunto Habitacional Cidade de Deus. Cito: ANTONIO, João. *Casa de loucos*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1976.

Em relação a este aspecto, Licia Valladares (1978)³⁸ em pesquisa realizada no ano de 1970 no mesmo bairro verificou a existência de um sistema hierárquico na distribuição de habitações adotado pela COHAB que consistia na distinção das residências segundo a origem dos futuros moradores. A classificação adotada baseava-se nas seguintes categorias, a saber: “removidos”, “inscritos” e “invasores”. Por esta lógica, a categoria “removidos” designava a população retirada de diferentes favelas localizadas originalmente na Zona Sul da Cidade do Rio de Janeiro e levados compulsoriamente para o Conjunto Habitacional. Eles eram obrigados a se enquadrar às determinações impostas pelo órgão administrador, tanto no que diz respeito ao tipo de habitação quanto à forma de pagamento destas.

Os moradores removidos das favelas, muitas vezes contra a própria vontade, eram os primeiros a chegar ao bairro, no entanto, não tinham poder de escolha da localização ou do tamanho da nova moradia. Já os “Inscritos” eram funcionários públicos, em sua maioria da Polícia Militar, cadastrados previamente na COHAB, por isso tinham poder de escolha das melhores residências. Por último, estavam os “invasores” constituídos pela população oriunda de favelas dos mais variados lugares do Rio de Janeiro que foram extintas em enchentes ou incêndios. Tal grupo invadiu de forma irregular residências ainda não ocupadas ou inconclusas e/ou terrenos vazios.

Embora a observação de Valladares (1978) indique uma demarcação no plano institucional, meu convívio familiar e, sobretudo, com a vizinhança local, permite supor que as categorias “removidos”, “inscritos” e “invasores” foram relacionadas pelos moradores à delimitação de fronteiras simbólicas, ligadas tanto à construção social do bairro quanto às formas de pertencimento a ele. Isto se deu de tal modo que de uma classificação formal passou a ter um sentido próprio aos residentes de cada lugar que a utilizavam para se identificarem e se posicionarem em relação a ele. Neste sentido, recorro aqui a um relato para mim muito especial: o de minha mãe. Vasculhando velhos documentos ela me mostrou com orgulho o recibo de inscrição que ainda guarda da casa que comprou pela COHAB na Cidade de Deus. Peço-lhe para me contar um pouco da história de sua chegada ao bairro e o que ouço corrobora esta idéia.

³⁸ Op. Cit, nota 29.

Soube de umas casas que estavam sendo vendidas para os funcionários públicos da união em um bairro novo. Seu pai trabalhava na Secretaria de Segurança Pública do antigo Estado da Guanabara. Nós morávamos muito longe, em Engenheiro Pedreira, Nova Iguaçu. Para a gente encontrar uma escola tinha que andar muito tempo a pé até a linha do trem. Vocês eram muito pequenas ainda, mas eu já pensava em quando vocês tivessem que estudar. Então falei com seu pai para ele fazer a inscrição. Quando fomos para Cidade de Deus, você tinha cinco meses de idade, quase não tinha moradores no lugar. As casas não tinham muros e poucas delas tinham águas, eu pude escolher a casa porque era inscrita da COHAB e pagava as prestações. [...] O bairro foi se transformando aos poucos, eles trouxeram muita gente removida de favelas. Eles ficaram nos “apês” do outro lado do rio, distante do centro do bairro, era muita desordem, muita bagunça, mas todos tinham seu lugar para morar. Depois que começou a onda de invasões foi que o bairro foi ficando perigoso. Nós ainda tentamos ajudar os invasores porque eles ficaram nas triagens que não tinham água ou luz.. A gente dava água, dava cobertor, comida, quando podia, mas eles eram muito diferentes eram agressivos muitas vezes brigavam uns com outros na porta de nossa casa por causa de água. Então ficávamos com medo, ninguém se atrevia a ir para outros lados, longe do centro. O bairro ficou todo dividido (Sic) (Entrevista concedida em julho de 2007)

A partir do depoimento é possível sugerir que nos primeiros anos de formação do Conjunto Habitacional a representação preponderante sobre ele, entre grande parte dos moradores, era a de um espaço multifacetado, composto por uma população heterogênea diferenciada entre si segundo critérios de origem e tipos de moradia. Assim, na leitura dos moradores, os “inscritos”, de origem não favelada, passaram a ser identificados como os habitantes das “casas”, local considerado central e, portanto, mais valorizado. Já os “removidos”, de origem favelada, correspondiam aos residentes dos “Apês”, área percebida como periférica, associada a “desordem” e a “bagunça”. No limite extremo estavam os “invasores”, ocupantes das “triagens”, também oriundos de favelas, porém, em situação irregular e sem previsão legal para alocação nas residências. Sobre estes a visão mais imediata era de um grupo “perigoso” e “agressivo”, cujo contato devia ser evitado.

Nos relatos de ex-vizinhos meus, todos inscritos da COHAB, não é incomum o fato de se referirem aos demais moradores do bairro também através da distinção anteriormente apontada.

“Vim para cá achando que ia ser melhor para meus filhos. Era caseira de uma chácara no interior de Petrópolis. Quando comprei minha casa, pensava que finalmente ia deixar de morar de favor e podia deixar alguma coisa para meus filhos. Todo mundo que comprou as casas deste lado era inscrito da COHAB e pensava em melhorar de vida. Aí o bairro foi se aglomerando de gente. Primeiro os favelados removidos, mas estes ficavam longe do outro lado, lá nos apês, depois é que tudo desandou uma ruma de gente de tudo quando é favela veio para cá, invadindo tudo, as casas os apês onde tivesse lugar eles ficavam, até nas praças os invasores montaram barracas. (Sic) (Entrevista realizada em setembro de 2006)

É importante observar que no cerne da distinção feita entre “inscritos,” “removidos” e “invasores” está à idéia de diferenciação do espaço e, conseqüentemente da população do bairro através de critérios relacionados entre si: forma de aquisição da moradia, lugar de origem, nível de renda e tipo de ocupação profissional. O contraste que havia entre as formas de acesso à moradia refletia-se na estruturação do espaço físico do bairro e também no modo como os moradores se situavam e se qualificavam em relação a ele. Assim, não é raro nas falas dos primeiros habitantes do local o uso da distinção entre origem favelada e não favelada como dispositivo para marcar uma diferenciação e hierarquia nos vínculos de pertencimento ao bairro. Recorro novamente aqui aos depoimentos reunidos no livro *Casa de Loucos*:

Você vê a sujeira toda espalhada pelo meio da rua, as pessoas não cuida do lugar, aqui tem muita mistura de gente. Eu não to acostumada com isso não, eu vim de Queimados para cá, lá não era favela não, eu não sou favelada, comprei uma casa aqui, pensando em melhorar de situação, mas hoje tenho vergonha, eu e meus filhos de dizer que moramos aqui. Para cá veio gente de tudo que é favela, tão acostumados com o lixo solto nas ruas, com esta bagunça. Eu não gosto disso, na minha casa é tudo limpinho, tratei logo de construir e reformar a casa fiz um muro para ficar melhor. (ANTÔNIO, 1976, p.42)³⁹

Todavia, se os discursos construídos pelos moradores à época da instalação do Conjunto Habitacional Cidade de Deus operavam com uma lógica de inclusão/exclusão, proximidade/afastamento da categoria favelado, como forma de delinear as bases das relações internas ao bairro, do mesmo modo, eles engendravam uma possibilidade de configurar as relações externas a ele. Neste sentido, parece-me evidente que estas falas não estavam de modo algum dissociadas do contexto sociocultural em que eram produzidas e correspondiam a uma interlocução com as políticas públicas de habitação e ações governamentais voltadas à população moradora de favelas naquele período.⁴⁰

Levando em conta esta perspectiva, é preciso considerar a especificidade das políticas habitacionais que orientaram a ocupação do bairro em correspondência com o tratamento dispensado pelo Estado, no período, às populações oriundas das favelas. Não se trata, contudo, de analisar os processos histórico-sociais que

³⁹ Op. cit., nota 37.

⁴⁰ Para uma análise sobre políticas públicas habitacionais ver VALLADARES (1978) op. cit., nota 29.

fizeram emergir a Cidade de Deus no cenário urbano da cidade, mas antes de tentar estabelecer os nexos existentes entre o agenciamento de determinadas políticas territoriais e as práticas relacionadas aos grupos conformados a estas.

A este respeito Licia Valladares (2005) observa que a percepção da favela como fruto de um processo marcado pela marginalidade social era amplamente dominante, servindo de justificativa ideológica para a operação anti-favela empreendida pelo Governador Carlos Lacerda (1962 -1965) e continuada por Negrão de Lima (1966 -1971). Essa visão da favela como “problema” correspondia perfeitamente às medidas de planejamento urbano tomadas pelo regime autoritário brasileiro. Este seguia uma tendência de destruição de “bairros ilegais” investindo em grandes projetos de construção de habitações populares convencionais, reservadas prioritariamente aos moradores transferidos destes espaços “marginais”.

É digno de nota, neste sentido, o documento de 1969 do Governo da Guanabara no qual são formalizadas as políticas de remoção adotadas tanto na gestão de Lacerda quanto na de Negrão de Lima. Foi nesta época, aliás, em que teve curso à construção do Conjunto Habitacional Cidade de Deus. No escrito oficial é dito que tal empreendimento visava a “um positivo programa de assistência social, objetivando a longo prazo, a recuperação econômica, psicossocial e moral dos favelados.”⁴¹ É, pois, baseado em um enfoque que identifica os moradores de favelas como portadores de características “negativas” que se dá a intervenção pública nas favelas do Rio de Janeiro. Por esta lógica, o deslocamento desta população para um novo tipo de habitação, segundo a visão do Estado, constituiria uma forma não só de “urbanizar a cidade, mas também de urbanizar os próprios favelados”.⁴²

Nesta perspectiva, o caso da Cidade de Deus me parece emblemático desta operação envolvendo as políticas públicas para habitação no período. Em 1966, quando o Conjunto foi inaugurado, numa região distante do centro do Rio, não havia infra-estrutura no local em termos de comércio ou serviços públicos. As

⁴¹ Rio: Operação Favela. Governo do Estado da Guanabara, Rio de Janeiro, 1969.

⁴² Sobre este aspecto ver a interessante dissertação de BRUM, Mario Sergio. “O povo acredita na gente”: Rupturas e continuidades no movimento comunitário das favelas cariocas nas décadas de 1980 e 1990. Dissertação de Mestrado em História Social – PPGH/UFF, Niterói, 2006; Ver também o já citado livro de Licia Valladares acerca das origens históricas da favela como problema sociológico no Brasil. VALLADARES, Licia do Prado. A invenção da Favela: do mito de origem a favela.com, Rio de Janeiro:FGV, 2005.

residências, ainda em fase de conclusão, eram muito precárias, não dispendo de rede de esgoto, abastecimento de água ou energia elétrica.⁴³

A população removida das favelas foi destinada ao “Conjunto das Margaridas”, “complexo” de quarenta prédios, separados entre si por vielas muito estreitas, localizado à margem de um rio, que logo se tornaria um esgoto a céu aberto. Os blocos, todos com cinco andares, alguns com vinte e outros com quarenta apartamentos, não possuíam elevadores, garagem ou área de lazer. Contudo, as unidades não eram todas iguais, variando sua metragem entre 35m² e 40m². Havia, portanto, apartamentos de um e dois quartos, dependendo da coluna em que estivessem posicionados. As unidades do lado esquerdo, com numeração ímpar possuíam apenas quarto, sala, cozinha e banheiro e as do lado direito, de numeração par, dois quartos. Internamente os apartamentos eram muito simples, sem pintura nas paredes, ladrilhos nos banheiros ou qualquer tipo de piso no chão. Na parte externa eram pintados de azul e amarelo, com janelas de vidros extremamente pequenas. Os prédios não tinham um nome que os diferenciasssem uns dos outros, sendo chamados apenas pela designação numérica correspondente, por exemplo, “bloco um”, “bloco dois” até o “quarenta”. Atualmente, conforme pude verificar em entrevistas com os moradores, esta configuração se mantém.

A entrega das chaves e alocação da população removida era feita por ordem de chegada ou por eventuais relações pessoais com agentes da administração da COHAB. Aliás, este último critério foi observado como predominante na conquista da moradia entre a população removida, tantos nas pesquisas desenvolvidas por Valladares (1978)⁴⁴ quanto na de Zaluar (1985),⁴⁵ e mais recentemente em entrevistas por mim realizadas.

Vejamos a seguir imagens do Conjunto das Margaridas - “os Apês”, feitas entre os anos de 1969 a 1971, pelo jornal Correio da Manhã, em reportagem que enfatizava o processo de remoção de favelas no período.⁴⁶

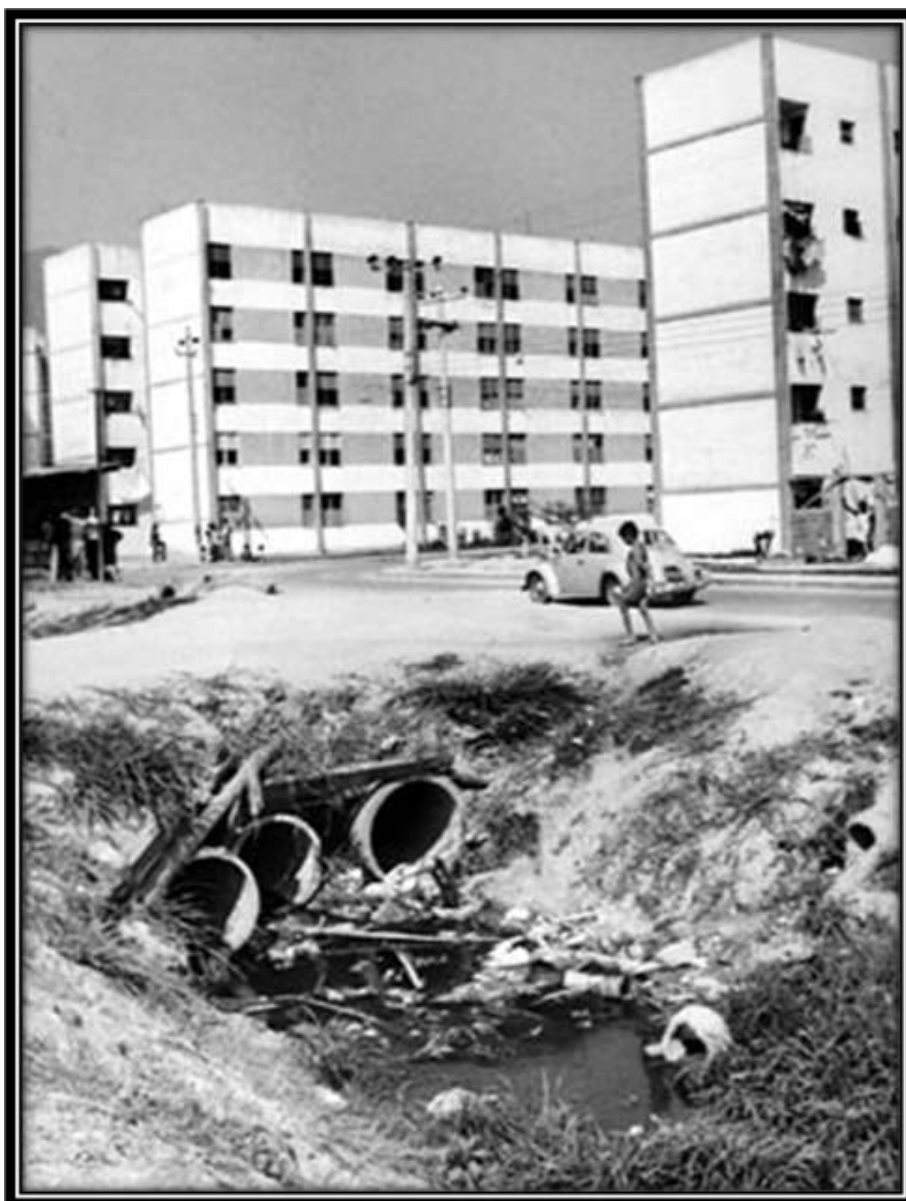
⁴³ A descrição feita tem como base narrativas de moradores, documentos e dados obtidos através da associação de moradores do bairro Cidade de Deus.

⁴⁴ Op. Cit., nota 29.

⁴⁵ ZALUAR, Alba. *A Máquina e a revolta*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

⁴⁶ Fonte: Arquivo Nacional /Correio do amanhã Disponível em: www.favelatemmemoria.com.br. Acesso em: jun. 2008

Figura 4 - No detalhe da foto vê-se à esquerda o Rio Grande, fronteira simbólica que separa o local reservado aos “removidos” das outras partes do bairro, pela imagem percebe-se sua transformação em esgoto a “céu aberto”.⁴⁷



Na sequência, fotos de famílias removidas da Rocinha no ano de 1969. Na primeira imagem o momento de espera para alocação em um imóvel, na segunda, família observando a futura moradia.

⁴⁷ Fonte: Arquivo Nacional /Correio do amanhã. Disponível em: www.favelatemmemoria.com.br. Acesso em: jun. 2008



Figura 5 - Foto de 1969, família removida da favela Rocinha.⁴⁸



Figura 6 – Foto de 1971, “removidos” chegam ao Conjunto das Margaridas, à época recém inaugurado⁴⁹

⁴⁸ Fonte: Correio do Amanhã - Arquivo Nacional. In: www.favelatemmemoria.com.br. Acesso em junho de 2008.

⁴⁹ Ibid.

Para a população dos “inscritos” foram reservadas as casas localizadas próxima à via central de acesso ao bairro, a única rua asfaltada e com oferta de uns poucos serviços de comércio, tais como, uma padaria, um açougue, um posto policial e um ponto de ônibus. Ao chegarem ao local, os inscritos podiam escolher as futuras habitações através de uma planta que lhes era apresentada pela COHAB. Feito isto, assinavam a promessa de compra e venda e recebiam suas chaves.

Ao contrário das vielas estreitas e sem nome específico onde se localizavam os apartamentos designados aos “removidos”, as casas dos “inscritos” foram projetadas em ruas largas, já com nomes específicos, todos de inspiração bíblica, o que, segundo os moradores, originou o próprio nome do bairro.

As casas possuíam metragem regular entre 55m² e 60m² de área construída e um pequeno quintal. As unidades tinham dois quartos, sala, cozinha e banheiro. Embora fossem entregues ao comprador apenas no reboco, sem qualquer acabamento de azulejos, ladrilhos, muros ou divisórias entre elas, eram consideradas melhores que aquelas entregues aos removidos, pois dispunham de água encanada e rede de esgoto.



Figura 7 - Foto de 1968 das casas construídas com investimento da COHAB e vendidas a funcionários públicos “inscritos” no programa habitacional⁵⁰

⁵⁰ Fonte: Arquivo pessoal do arquiteto Giuseppe Badolato

Figura 8 – Foto de 1971, pela imagem pode-se observar a rua sem pavimentação e as casas geminadas, sem muro ou qualquer divisória.⁵¹



Figura 9 - Foto de 1971. Moradores fazem melhorias em sua residência por conta própria.⁵²



⁵¹ Fonte: Arquivo Nacional /Correio do amanhã In www.favelatemmemoria.com.br. Acesso em junho de 2008.

⁵² Ibid

A chegada dos chamados “invasores” só se deu dois anos após a inauguração do conjunto, e, é ainda hoje para muitos dos moradores antigos, um marco determinante na configuração que o bairro assumiria posteriormente. Os “invasores” não tinham contrato específico de moradia com a COHAB, invadiam casas ainda não concluídas ou montavam barracas em qualquer espaço disponível.

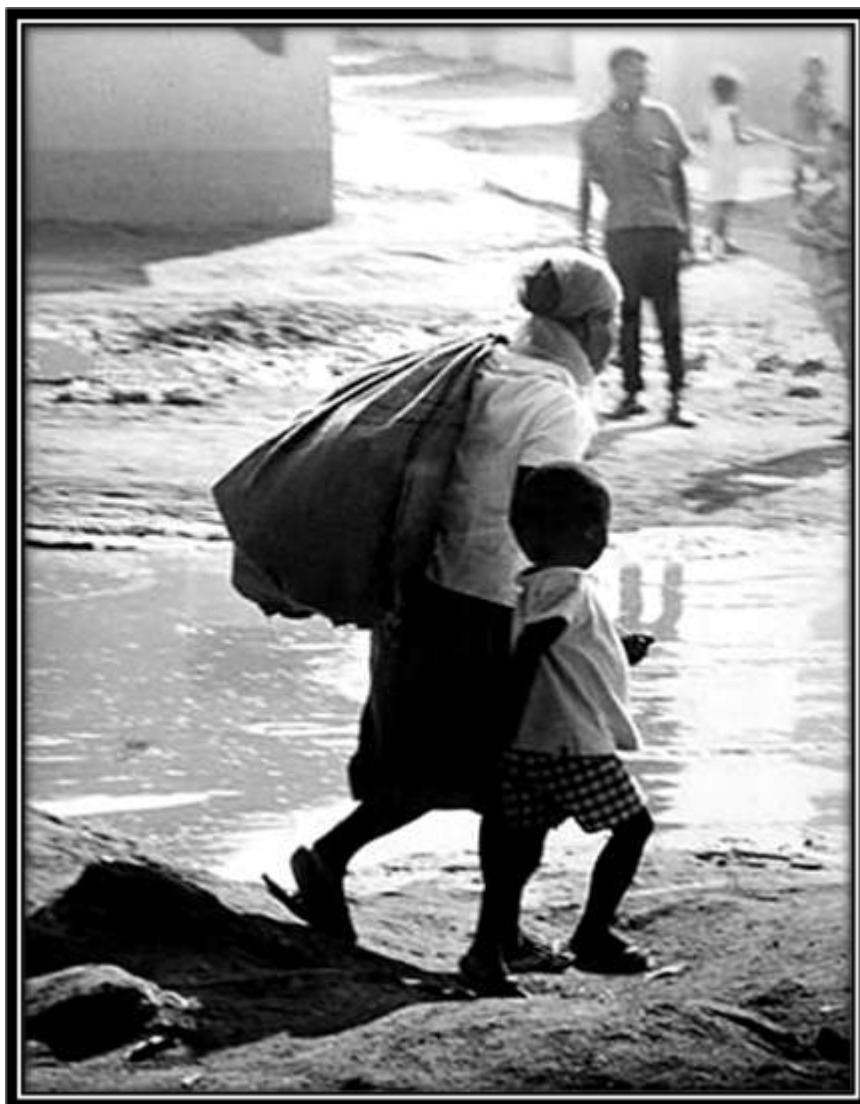


Figura 10 - Foto de março de 1968, mostrando a ocupação da Cidade de Deus por flagelados das enchentes.⁵³

A solução encontrada à época pelo agente administrador foi alocá-los em abrigos provisórios, chamados de “*Triagem*”, financiados pelo próprio Governo Estadual do Rio de Janeiro. Contudo, o que era para ser provisório se tornou

⁵³ Idem

permanente. Nos abrigos de um cômodo, sem luz, água ou esgoto, se fixou uma população oriunda de diversas favelas cariocas extintas por enchentes ou incêndios.

As invasões foram percebidas de tal modo pelos residentes “inscritos” como responsáveis pela passagem do status de bairro à favela que não ficou imperceptível na obra ficcional de Paulo Lins, autor do celebrado livro de nome homônimo ao bairro. Assim, já nas primeiras páginas do romance que tem como cenário a Cidade de Deus, o escritor, ex-morador do bairro, também ele um “inscrito”, residente nas casas, utiliza as invasões como recurso narrativo para delinear a trama.

Inicialmente, a paisagem mostrada do bairro é a de um lugar tranqüilo, quase idílico, onde crianças brincam na rua, livre de preocupações ou perigos. Conforme se pode observar no trecho abaixo:

Antigamente a vida era outra aqui neste lugar onde o rio, dando areia, cobra-d'água inocente, e indo ao mar, dividia o campo em que os filhos de portugueses e da escravatura pisaram. [...] Em diagonal, os braços do rio, desprendidos lá pela Taquara, cortavam o campo: o direito ao meio; o esquerdo, que hoje separa Os Apês das casas e sobre o qual está a ponte por onde escoo o tráfego da principal rua do bairro, na parte de baixo. Um dia essas terras foram cobertas de verde com carros de boi desafiando estradas de terra, gargantas de negros cantando samba duro, escavação de poços de água salobra, legumes e verduras enchendo caminhões, cobra alisando o mato, redes armadas nas águas. Aos domingos, jogo de futebol no campo do Parú e bebedeira de vinho sob a luz das noites cheias. (LINS, 1997, p.14-15)⁵⁴

Com as invasões, não só o cenário descrito por Lins modifica-se, mas também a própria trama começa a ganhar novos contornos: o de ação protagonizada pelos bandidos e traficantes que agora habitam o lugar. Vejamos:

Cidade de Deus deu a sua voz para as assombrações dos casarões abandonados, escasseou à fauna e a flora, remapeou Portugal Pequeno e renomeou o charco: lá em cima, lá na frente, lá em baixo, lá do outro lado do rio, os apês, as casas. Ainda hoje, o céu azul e estrelece o mundo, as matas enverdecem a terra, as nuvens clareiam as vistas e o homem inova avermelhando o rio. Mas aqui agora uma favela, a neofavela de cimento, armada de becos-bocas, sinistros-silêncios, com gritos-desesperos no correr das vielas e na indecisão das encruzilhadas. Os novos moradores levaram lixo, latas, cães vira- latas, exus e pombagiras em guias intocáveis, dias para ser ir à luta, soco antigo para ser descontado, restos de raiva de tiros, noites para velar cadáveres, vermes velhos em barrigas infantis, revólveres, jogo do bicho, fome, traição, pobreza (LINS, 1997, p.15)⁵⁵

⁵⁴ LINS, Paulo. *Cidade de Deus*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

⁵⁵ Ibid

É interessante observar que, a despeito de ser a obra uma construção ficcional, nela se pode verificar a distinção feita pelo autor entre o que era a Cidade de Deus “antes” e depois das “invasões”. Por esta lógica, o local viria a ter demarcações espaciais específicas, um lugar multifacetado, composto por uma população heterogênea, formada por uma diversidade de habitantes que se diferenciavam entre si através da identificação daqueles que para lá mudavam, entre favelados e não-favelados.

Por dia, durante uma semana, chegavam de trinta a cinquenta mudanças, do pessoal que trazia no rosto e nos móveis as marcas das enchentes e de incêndios.. Estiveram alojados no estádio de futebol Mario Filho e vinham em caminhões estaduais cantando: Cidade Maravilhosa cheia de encantos mil... Em seguida, os moradores de várias favelas e da Baixada Fluminense habitavam o novo bairro, formado por casinhas fileiradas brancas, rosa e azuis. Do outro lado da margem esquerda do rio, construíram Os Apês, conjunto de prédios de apartamentos de um e dois quartos, alguns com vinte e outros com quarenta apartamentos, mas todos com cinco andares. Os tons vermelhos do barro batido viam novos pés no corre-corre da vida, na disparada do destino a ser cumprido. O rio, a alegria da molecada, dava prazer, areia, rã e muçum, não estava de todo poluído (LINS, 1997, p. 14-15)⁵⁶

Cabe notar, que esta mesma perspectiva seria adotada posteriormente no filme de Fernando Meirelles e Katia Lins, que teve o livro já citado como inspiração⁵⁷. Na história contada no cinema as demarcações são representadas a partir dos três personagens centrais: “Zé Pequeno”, “Mané Galinha” e “Sandro Cenoura”. Na trama todos são criminosos, no entanto, o perfil de cada um deles é apresentado de forma distinta. Enquanto “Zé Pequeno”, morador dos “Apês”, portanto, um removido de favela, é retratado como sendo de aparência “grotesca e cuja crueldade parece não ter fim”. Seu rival, “Mané Galinha”, um morador “inscrito”, é apresentado como “bandido bonito e boa praça”. Já “Sandro Cenoura”, caracterizado na narrativa cinematográfica, como um bandido “pé rapado”, “de pouca bala”, é um “invasor” das “Triagens”. Ora, no cerne desta associação bandidos/local/tipo de moradia se explicita a interpretação que vincula atributos morais à origem favelada ou não.

Retomando a formação do bairro, percebe-se que a própria instalação inicial do conjunto habitacional concorreu para composição do universo heterogêneo e

⁵⁶ Ibid.

⁵⁷ *Cidade de Deus* é um filme brasileiro de 2002 dirigido por Fernando Meirelles e co-dirigido por Kátia Lund. Foi adaptado por Bráulio Mantovani a partir do livro de mesmo nome escrito por Paulo Lins. O filme mostra o crescimento do crime organizado na Cidade de Deus entre as décadas de 1960 e 1980. A visão dos moradores a respeito do filme *Cidade de Deus* será objeto de análise em capítulo posterior.

heterogeneamente identificado pelos seus residentes. Em sua implantação, houve uma grande diferenciação de moradores, através de um processo de classificação, associado fundamentalmente ao modo de acesso à habitação, à procedência geográfica e ao nível de renda. Essa diferenciação definia-se já nos primeiros momentos do Conjunto pela COHAB que distribuía as habitações em função da dicotomia favelado/não favelado.

Com efeito, este processo não se deu sem conseqüências em termos das relações construídas pelos moradores entre si e com o bairro, por um lado, nem das dinâmicas que conduziram às percepções externamente produzidas sobre o local, por outro. O fato de o conjunto ter sido identificado como abrigo para a população removida de favelas acabou por se constituir em elemento determinante, através da qual se formou a inserção do morador no local e a imagem que este tem de si, do lugar e de outros moradores, bem como os discursos correspondentes. O estigma de “favelado” foi reforçado pela política de remoção, permanecendo como uma espécie de acusação externa - do entorno, das autoridades e da cidade como um todo - e interna, a partir das diferenciações entre os moradores.

Desta forma, consolidou-se, portanto, uma visão negativa sobre o bairro que funcionaria, ao mesmo tempo, como incentivo e respaldo para o tratamento diferenciado de seus moradores. A este respeito, me parece útil refletir sobre aquilo que Noiriel (2007)⁵⁸ designou como “políticas de identificação”. Para este autor, o movimento de gerar identificações tem um sentido político mais abrangente, visto que possui também uma intenção prática relacionada às relações de poder e à gestão de populações. Segundo ele:

O problema não é mais, então de se interrogar infinitamente sobre a definição de identidade nas diferentes culturas, mas de estudar as praticas concretas e as técnicas de identificação à distância, encarando-as como relação de poder, colocando em contato quem possuem os meios de definir a identidade dos outros e aqueles que são objetos de seus empreendimentos (NORIEL, 2007, p.05)⁵⁹

Com efeito, como bem argumenta Birman (2008)⁶⁰ “os processos de atribuir identificações busca criar tipos, e a identificação é imune à diversidade. Seu

⁵⁸ NOIRIEL, Gérard. *L'identification. Génèse d'un travail d'État*. Paris: Belin..2007

⁵⁹ Ibid., nota 58, p. 05

⁶⁰ BIRMAN, Patricia. *Territórios, fronteiras e processos identitários: as Comunidades e seus direitos*. Rio de Janeiro: Projeto prociência. 2009

movimento, por definição, é o de provocar generalizações”, (BIRMAN, 2008 p.112),⁶¹ de definir grupos e correspondentemente estabelecer dispositivos para tratar esses grupos de certa maneira. Seguindo essa lógica, é possível supor que a forma como se deu à ocupação e instalação sócio-espacial do Conjunto Habitacional Cidade de Deus foi determinante na constituição de modalidades políticas e sociais de segregação e estigmatização de seus habitantes interna e externamente.

Considerando que os conjuntos habitacionais foram concebidos para abrigar e fixar uma população oriunda de favelas, reunindo grupos mais ou menos homogêneos de residentes em função de seus locais de origem, vemos que não foi isso o que ocorreu na Cidade de Deus.

No processo de sua formação houve a confluência de políticas públicas habitacionais que podem ser resumidas através dos seguintes objetivos: remover as favelas da Zona Sul do Rio de Janeiro, acomodar desabrigados das enchentes de 1966 e 1967 e resolver o problema de moradia para funcionários públicos do antigo Estado da Guanabara, que formavam uma classe média emergente. Tais objetivos não se coadunaram plenamente configurando-se em divisões territoriais do bairro nascente.

De todo modo, houve um distanciamento cada vez maior entre a concepção original do conjunto habitacional da COHAB (e suas promessas) e os resultados de sua implantação. Assim, nos anos oitenta, pouco mais de uma década depois do surgimento do bairro, as notícias que circulavam nos principais jornais cariocas sobre ele destacavam a crescente criminalidade associada à introdução do tráfico de drogas no local, a expansão de loteamentos irregulares e a ausência de serviços de infra-estrutura básica. Aspectos que, sem dúvida, concorrerem para situar o bairro, dentro do cenário urbano carioca, como uma das favelas mais violentas. Neste contexto, a Cidade de Deus passa gradativamente de “solução” do problema de habitação para a população favelada, - conforme preconizado pelas políticas públicas da época -, e transforma-se em questão de “segurança pública”.

⁶¹ Ibid., nota 60

1.3 “O endereço do preconceito”⁶²

Ao longo das décadas de 80 e 90, as imagens veiculadas pela mídia sobre a Cidade de Deus tornar-se-iam sinônimo de tiroteios, mortes, tráfico, ações da polícia, guerras, enfim, lugar onde a lei parece não existir. Desta forma, o bairro começa a ser identificado a partir de tais características, que contribuiriam decisivamente para produção de um imaginário social que passou a conceber o local como uma das favelas mais temidas do Rio de Janeiro.

Com efeito, a atuação dos meios de comunicação foi decisiva na produção de um discurso que transformou a Cidade de Deus em cenário preferencial da ação do tráfico de drogas e da expansão da criminalidade na cidade. Todavia, longe de dizer que não existe violência no local ou essencializar o papel da mídia atribuindo-lhe poderes extraordinários na construção de uma imagem negativa do bairro, a sugestão aqui é outra: refletir sobre a lógica que inspirou o processo de produção destes discursos.

Sabemos que as representações sociais sobre a violência e sobre os indivíduos e instituições que estão envolvidas em suas práticas e em sua coibição são, em grande parte, construídas através do processo de comunicação de massa. Isto, no entanto, não ocorre de forma neutra ou arbitrária, resulta de uma dinâmica social, onde se coadunam campos de interesses diversos. Em outras palavras, as interpretações sobre a violência urbana produzidas pela mídia não são isentas, “elas operam com uma edificação simbólica, destacando e recortando aspectos das relações sociais que múltiplos agentes consideram relevantes” (MACHADO DA SILVA, 1993, p.145).⁶³

⁶² O título dado a esta sessão foi “tomado de empréstimo” de uma sugestiva manchete apresentada pelo jornal O Globo em 14 de junho de 2004, onde a Cidade de Deus foi a matéria principal. Disponível em : <http://rjtv.globo.com/Jornalismo/RJTV> acesso em 22 de abril de 2008.

⁶³ Compartilho aqui do argumento de Machado da Silva sobre a violência urbana como uma representação correspondente a uma ordem social determinada. Nas palavras do autor: “a “Violência Urbana” é uma descrição seletiva da realidade, e recorrendo a uma terminologia weberiana pode orientar práticas “racionais com relações a fins” baseadas na definição, pelos atores, de suas respectivas “situações de interesses”. Sob este aspecto, o sentido para os atores da violência urbana é instrumental e cognitivo; ela representa, de maneira percebida como objetivamente adequada regularidades de fato relacionadas a seus interesses” MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio. Violência urbana: representação de uma ordem social. In: *Natureza, história e cultura*. Cadernos de Sociologia/ Programa de Pósgraduação em sociologia, Rio Grande do Sul, Editora da UFRGS. v.4, 1993.

Essas modalidades interpretativas, que têm ampla visibilidade, conseguem nomear e classificar as práticas sociais. Para Champagne (1998)⁶⁴, por exemplo, as imagens veiculadas pela mídia exercem um efeito de evidência muito poderoso, parecendo designar uma realidade irrefutável, mesmo sendo elas o produto de um trabalho de seleção e construção. Diz o autor: “Indiscutivelmente a mídia faz parte integrante da realidade ou produz efeitos de realidade criando uma visão midiática da realidade que contribui para criar a realidade que ela pretende descrever”.⁶⁵ Assim, a representação social da violência com contornos específicos a determinados lugares, espaços e territórios deve ser questionada.

Neste item, pretendo compreender, através da análise de notícias sobre a Cidade de Deus, veiculadas por diversos jornais e pela imprensa especializada, como o local foi se configurando no imaginário social como espaço associado à violência e à criminalidade.

O recorte temporal por mim escolhido são as décadas de 80 e 90, pois acredito que é justamente neste período em que se consolida uma visão estigmatizada do lugar, a partir do destaque dado pela mídia a uma série de conflitos ocorridos no local envolvendo traficantes e forças policiais. Passemos, pois, às notícias.

“Favela em concreto”, com este título a Revista Veja em edição de 28/11/79, delineava um retrato da Cidade de Deus, no qual enfatizava aspectos relacionados à marginalidade, ao tráfico e à pobreza.

A Cidade de Deus, com quase 100 000 habitantes, situada na fronteira da valorizada Barra da Tijuca com Jacarepaguá, é um exemplo-padrão das tentativas para se acabar com as favelas do Rio de Janeiro. (...) Com o tempo, a Cidade de Deus tornou-se, em concreto, o que eram as antigas favelas com seus barracões de madeira: uma concentração de marginalizados, na qual convivem com assaltantes e traficantes de tóxicos, trabalhadores desempregados, biscateiros, domésticas e menores abandonados. (Revista Veja, p.70, nov.1979) Ver anexo 1

Desta forma, já nesse período a Cidade de Deus passa a ser identificada, tanto pela mídia quanto pelas autoridades públicas, através de estereótipos relacionados aos espaços considerados favelizados. A ela, portanto, são associados atributos tais como marginalidade, pobreza e criminalidade. Em outras palavras, o

⁶⁴ CHAMPAGNE, Patrick. A visão mediática. In: BOURDIEU, P. *A miséria do mundo*. Petropolis: Vozes. 1998.

⁶⁵ Ibid, p. 51

antigo conjunto habitacional passa a ser reconhecido como favela, com toda a carga de preconceitos que lhe são comumente atribuídos.

No dia 12 de outubro de 1979 o jornal “O Globo” publicava na página 15 do editorial uma reportagem com sugestivo nome de “Cidade sem anjos”, em uma referência clara e irônica à suspensão de aulas em oito escolas da Cidade de Deus por motivos de segurança. A notícia dava ênfase principalmente ao confronto entre traficantes e policiais referindo-se ao local da seguinte forma:

Cidade sem anjos - Uma suprema ironia na Cidade de Deus, oito escolas suspenderam as aulas por falta de segurança. Nossos anjos da guarda não se sentiam em condições de defender os seus protegidos do banditismo que reina solto na Cidade de Deus. Não é certamente porque a cidade tenha deixado de ser de Deus. Mas sim porque a polícia não deixou de ser dos homens (O Globo 12-10-79, p 15). Ver anexo 2.

Percebe-se pela reportagem que, já na virada da década de 70, a Cidade de Deus é identificada e associada diretamente ao banditismo que, segundo a matéria jornalística utilizada aqui como referência, “reinem soltos no local”. É, pois, interessante observar que, ao utilizar o título “Cidade sem Anjos”, local onde “os bandidos estão atuando”, o jornal estabelece uma relação direta entre o bairro e a criminalidade em todos os seus ambientes, como se toda a população fosse parte dessa. É o que evidencia, por exemplo, outra reportagem veiculada no mesmo período:

Aquilo é um “quisto”, costumam dizer sobre a Cidade de Deus os soldados do 18 ° Batalhão da PM, encarregados da segurança de toda a área de Jacarepaguá. (...) A convivência entre marginais e trabalhadores não só existe como é praticamente obrigatória e inevitável. Mesmo porque é tênue a fronteira que separa um menor abandonado, ou um pedreiro sem emprego, de um traficante profissional que lhes oferece alguns trocados pelo transporte de um envelope de cocaína, (O Globo 07/06/1981 p. 16)

Também no ano de 1979, o Jornal “O Dia” publicaria, com intervalo de apenas duas semanas, reportagens que tinham como manchete principal o bairro:

Manchete: “ Morte e incêndio na guerra entre bandidos: ⁶⁶”Prossegue a guerra entre bandidos na Cidade de Deus. Ontem, mais dois tombaram a tiros e um terceiro ia ser eliminado também, mas conseguiu escapar, sabendo-se que não continuará vivo por muito tempo. Uma das vítimas tombou no posto de gasolina, a outra de 14 anos foi encontrada num matagal, sendo identificada pela irmã. Há algum tempo que duas quadrilhas de traficantes de tóxicos e de assaltantes a mão

⁶⁶ Grifo do autor

armada vem guerreando pela supremacia da extensa área. Assim sendo, de quando em quando, tomba um marginal, seja de um bando seja de outro. Ontem mesmo dois tombaram e ontem mesmo dois barracos das famílias dos matadores foram incendiados como forra. (Jornal "O Dia" 14-08-79)

O enfoque dado à guerra entre bandidos e a crescente criminalidade no bairro foi destaque também de outra matéria do mesmo jornal, publicada duas semanas depois:

TOMBOU O CHEFÃO NA BATALHA FINAL.⁶⁷ a briga entre quadrilhas na Cidade de Deus, - Jacarepaguá - pelo domínio dos pontos de venda de tóxicos, sua principal atividade, fez uma vítima fatal, justamente o chefe de um dos bandos, o "Mané Galinha", que tombou com vários tiros e morreu no Hospital Cardoso Fontes. Apesar da relutância dos moradores em falar sobre o assunto, o Delegado José Guedes, da 32ª Delegacia Policial, apurou que ele foi alvejado por "Zé Pequeno", há três anos seu grande rival. (...) Os policiais apuraram ainda que o bando de "Zé Pequeno" tem seu quartel general num dos blocos do conjunto habitacional, conhecido por treze e que chegam a fazer transações de roubo e vendas de tóxicos ali mesmo, sem qualquer temor da ação policial porque tem um grande número de informantes. ("O Dia", 31 de agosto de 1979, p.9)

É curioso notar o tratamento dado pelo jornal aos fatos ocorridos em Cidade de Deus. As imagens construídas pelas matérias jornalísticas reforçam a idéia de que há uma guerra acontecendo no local. Deste prisma, para além de expressarem as desigualdades sociais que permeiam o bairro, a notícia faz figurar a Cidade de Deus como fonte da violência que atinge o Rio de Janeiro por força da atividade de quadrilhas de traficantes ali sediadas e do confronto armado entre estas e a polícia. Ao mesmo tempo em que representam seus moradores, especialmente os jovens, como seus principais atores e/ou objeto. Representações que se tornaram cada vez mais difundidas e mesmo dominante no imaginário social do carioca. Como, pode ser visto na reportagem abaixo:

Perseguidos: Por volta das 11h30min, Gelson Machado, 18 anos, morador da Rua Esaú, em Cidade de Deus, encontrava-se em companhia de Manoel Juarez Fernandez, outro morador também de 18 anos, quando os bandidos rivais Luis Carlos, "o Bingo" de 19 anos e Wanderley de tal, o "Deley" os surpreenderam na Avenida Marechal Mendes de Moraes, começando a chacina. Estes e outros elementos estão sendo caçados pela polícia, porém sem grande sucesso. (Jornal "O Dia" 31/08/1979 p. 38)

Parece evidente, portanto, que as imagens construídas sobre o bairro reforçam uma configuração que pode ser traduzida pela ausência de ordem e da

⁶⁷ Grifo do autor

ineficácia da atuação do aparato policial em razão da suposta impossibilidade de se fazer valer a lei em lugar visto como “naturalmente” desordenado.

Este enquadramento discursivo sobre o bairro se dá justamente em um período no qual a expansão do tráfico de drogas no Rio de Janeiro põe em relevo novas modalidades da criminalidade violenta. Neste contexto, “são exatamente as favelas, conjuntos habitacionais, loteamentos clandestinos, bairros pobres e periféricos que são identificados como focos irradiadores da dinâmica cruel que assola a cidade”. (LEITE, 1995, p. 48)⁶⁸

Diante do crescimento do medo e da insegurança, são renovados os estigmas produzidos sobre os habitantes destas localidades, produzindo assim uma representação mais ou menos generalizada da “cidade dividida”, sitiada por criminosos que colocam em risco os cidadãos de bem. Daí decorre a percepção largamente difundida que segundo Leite (1995) pode ser traduzida pela “metáfora da guerra” e de “cidade partida”. A partir destas interpretações são instauradas as bases para a redefinição das relações dos cariocas com o território urbano e com seus concidadãos. A autora explica que:

A idéia da generalização da guerra na cidade envolvia uma percepção da diluição de fronteiras da “cidade partida”, em que espaços dos cidadãos, das “pessoas de bem” e dos “trabalhadores respeitáveis” estaria ameaçado pelo campo da marginalidade e do crime. Este ora se referia apenas a traficantes e bandidos, ora incorporava desempregados, menores e o conjunto de favelados. A própria ambigüidade dessa formulação constituía um dos elementos que propiciava, na cidade, o desenvolvimento de uma corrente de pensamento que rejeitava a temática dos direitos humanos e relutava quanto à garantia dos direitos de cidadania dos favelados, presumindo a incompatibilidade de ambos com a segurança (LEITE, 1995, p.54)

Considerando tal perspectiva, no caso da Cidade de Deus especificamente, é possível dizer que as imagens produzidas sobre o bairro contribuíram progressivamente para associação do lugar com a violência, o tráfico e à pobreza, dentre outras visões construídas sobre o local.

Neste sentido, é possível dizer que a forma como os eventos ocorridos na Cidade de Deus são descritos é sugestiva daquilo que a literatura clássica sobre favela analisou pelo ponto de vista da “ausência” do Estado e da homogeneização

⁶⁸ LEITE, Márcia Pereira. Da metáfora da guerra à mobilização pela paz: temas e imagens do Reage Rio, *Cadernos de Antropologia e Imagem*, n.4, 1995.

destes espaços.⁶⁹ Nesta acepção, a favela é tomada como lugar, por excelência, da “falta” de normais legais que a organize, “cidade partida”, no dizer de Ventura (1994),⁷⁰ território generalizado da pobreza e da marginalidade que imperam na cidade.

Durante muito tempo, esta foi à representação mais largamente difundida, sobre a favela no Rio de Janeiro, inclusive nas ciências sociais (VALLADARES, 2005)⁷¹ Apesar da validade e amplitude de tais concepções, persigo aqui outro caminho. Seguindo as análises de Das e Poole (2004),⁷² desenvolvidas na obra “Antropologia das Margens”, penso que não se trata de uma “ausência” do Estado em espaços considerados periféricos, antes, ele se faz presente através de modalidades específicas de atuação que concorrem para transformação destes espaços em “margens” sociais. Em outras palavras, “estes territórios não sofrem da “falta” do Estado, mas são objetos de políticas específicas relacionadas a um tipo particular da presença do Estado nas “margens”. (BIRMAN, 2009, p. 13)

Ainda segundo esta argumentação “o Estado seria grandemente responsável pela produção das suas “margens” como “periferias”: encontra-se presente nestas através de mecanismos que conformam e restringem o acesso da população a direitos sociais e políticos, além de engendrar dispositivos de identificação de suas populações.” (BIRMAN, 2009, p.15)⁷³ Por exemplo, representações da violência urbana, associadas a imagens de criminalidade e terror, como aquelas mostradas

⁶⁹ Para uma análise sobre o tratamento discursivo dado a favela ver, por exemplo, os trabalhos de Leite (2008, 2006); VALLADARES (2005); MACHADO DA SILVA (2008); BIRMAN (2008), entre outros.

⁷⁰ VENTURA, Zuenir. *Cidade Partida*. São Paulo: Cia das Letras. 1994.

⁷¹ Licia Valladres (2005), por exemplo, em uma análise seminal onde mostra a constituição dos estudos sobre favela no Brasil, argumenta a respeito das representações construídas acerca deste território segregado pelas mais diversas áreas do conhecimento, incluindo aí as Ciências Sociais.

⁷² A estratégia analítica utilizada pelas autoras foi a de distanciar-se da imagem do Estado como “uma forma de organização política administrativa racionalizada enfraquecida ou menos articulada” (p.3) em suas margens sociais ou territoriais. Ao invés disso, elas buscaram compreender como as políticas públicas nessas áreas moldam as práticas políticas, regulatórias e disciplinares que constituem o que chamamos de Estado. A idéia central é repensar as fronteiras entre centro e periferia, público e privado, legal e ilegal, questionando a idéia amplamente difundida de que as margens espaciais e sociais de um Estado – pensado enquanto função organizadora/ordenadora - são lugares de desordem, onde o Estado não conseguiu impor sua ordem. DAS, Veena and POOLE, Deborah (Org). *Anthropology in the Margins of the State*. School of American Research Advanced Seminars Series. Santa Fé, Oxford. 2004

⁷³ Inspirando-se também em Das e Poole (2004), Birman (2009) faz uma análise preciosa sobre dispositivos sociais e políticos de segregação e de diferenciação cultural e política em territórios periféricos. Ver, BIRMAN, Patricia. *Territórios, fronteiras e processos identitários: as Comunidades e seus direitos*. Rio de Janeiro: Projeto prociência. 2009

nas reportagens sobre Cidade de Deus, possibilitam e justificam a produção de políticas públicas e práticas intervencionistas do Estado no que diz respeito aquele espaço e aos seus habitantes.

No centro da questão está, portanto, não apenas a mera representação da violência, mas, sobretudo, uma prática institucional de identificação que informa a “sociedade a quem temer contra quem se precaver os lugares a evitar, com quem não conviver”. (MANSO, 2002, p. 54).⁷⁴

Como analisa Birman (2009), este processo não ocorre sem conseqüências em termos das dinâmicas societárias que atravessam a metrópole. Estas formas de identificação são acompanhadas de movimentos cada vez mais numerosos de segregação dos espaços, de “criação de fronteiras segundo critérios específicos, tanto físicos quanto simbólicos, envolvendo moradores, crime organizado e a administração do Estado.”⁷⁵

É o que discute, de forma pertinente, o estudo de Paulo Vaz (2005)⁷⁶ sobre a imagem da favela nos noticiários do crime. O medo da criminalidade aponta, por um lado, para problemas como o acirramento da polarização social e espacial das cidades e, por outro, para as especificidades acionadas na construção de alteridades. A partir da vinculação entre o termo “favela” e os termos “violência” e “tráfico de drogas”, constrói-se um discurso que associa a este espaço o emblema de território definido pela criminalidade.

Não obstante, a força desses discursos pode ser sentida concretamente na vivência dos moradores da Cidade de Deus, seja na dificuldade de conseguir emprego, seja na violência ou desconfiança policial. Não é a toa que muitos deles dizem omitir circunstancialmente o nome do lugar em que residem, resumindo o endereço ao nome genérico de Jacarepaguá, como forma de driblar a carga simbólica estigmatizante associada ao bairro.⁷⁷

⁷⁴ MANSO, Bruno Paes. *A violência urbana como guerra*. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – São Paulo: Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica. PUC. 2002

⁷⁵ Op. Cit., nota 73.

⁷⁶ VAZ, Paulo et al. *Pobreza e Risco: a imagem da favela no noticiário de crime*. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÔS, 14., 2005, Rio de Janeiro. Universidade Federal Fluminense/UFF, 2005.

⁷⁷ Em diversos depoimentos colhidos por mim durante o trabalho de campo em Cidade de Deus, não raro foram às vezes em que moradores confessaram omitir o nome do lugar de moradia por medo de não conseguirem emprego ou sofrerem discriminação.

Como lembra Rondelli (2005),⁷⁸ a maior violência não é a interna, como aquela explorada por jornais, mas externa. É o olhar do outro que segrega os moradores destes locais. “Pobre, negro, marginal e sem saída”: este parece ser o retrato da Cidade de Deus que em geral é explorado nos noticiários e, conseqüentemente a transforma, no dizer de um destes jornais em “o endereço do preconceito”.⁷⁹

Interessa, pois, perceber como os atributos estigmatizantes prevalecem sobre todos os demais e como marcam a identidade do sujeito. Cabe observar, portanto, as estratégias por meio das quais os moradores vão gerindo uma imagem de si para dentro e fora do bairro, acionando tanto atitudes de aceitação dos estigmas quanto de rejeição e indignação diante deles. É importante perceber também em que contextos tais usos são diferenciados.

1.4 A favela como referência ou a referência da favela

Se, nas décadas de oitenta e noventa proliferaram na imprensa notícias sobre a Cidade de Deus como sede do tráfico de drogas e criminalidade violenta, o local não passou despercebido às lentes dos cientistas sociais. A partir deste período surgem com renovada força estudos, principalmente nas áreas de sociologia e antropologia, que tomam o bairro como objeto de pesquisa, focando principalmente a associação entre tráfico, violência e pobreza, neste contexto.⁸⁰

De lá para cá, é inegável a importância e abrangência de pesquisas relacionadas à Cidade de Deus, atestando o fato de que o local parece ter estado sempre na “moda” entre as preocupações dos especialistas em favela. É o que verifica, por exemplo, Licia Valladares (2005), ao observar que a Cidade de Deus é uma das dezenove favelas do Rio de Janeiro mais investigadas dos últimos tempos. Mas de onde viria o interesse pelo bairro?

⁷⁸ RONDELLI, Elizabeth. Imagens da violência e práticas discursivas. In: PEREIRA, C. M. (Org.). *Linguagens da Violência*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

⁷⁹ Disponível em: <http://rjtv.globo.com/Jornalismo/RJTV> acesso em 22 de abril de 2008

⁸⁰ Dentre eles, merecem destaque os trabalhos de Alba Zaluar (1985;1988); Janice Perlman. (1977)

A própria autora fornece possíveis pistas para tal interesse, sugerindo que a promoção de políticas públicas para habitação, que balizou o surgimento de conjuntos habitacionais na década de sessenta, - caso da Cidade de Deus-, e, a visibilidade negativa ligada à violência e ao tráfico de drogas, da qual o bairro é exemplo emblemático, teriam atraído a atenção dos estudiosos. Concorro em parte com Valladares, contudo acrescentaria outro aspecto: o sucesso e a dimensão que estes estudos alcançaram junto à comunidade científica e mesmo no senso comum contribuiriam para alimentar um fluxo mais ou menos contínuo de trabalhos inspirados no bairro.

Desde seu surgimento, em meados de 1966, a Cidade de Deus foi objeto de estudo nos mais diversos campos de conhecimento. Assim, até a década de setenta houve um considerável acúmulo de trabalhos, sobretudo, nas áreas de Geografia, Serviço Social, Planejamento Urbano, Arquitetura e Sociologia que tematizaram o bairro principalmente sob a ótica de problemas habitacionais. Entre eles cito: Estado da Guanabara (1969); Jerônimo (1968); Perlmam (1977) Valladares (1978); Hijjar, (1979), entre outros.

Mas é somente na década de oitenta, a partir das pesquisas empreendidas por Alba Zaluar, que a Cidade de Deus se constitui em *lócus* privilegiado de análise na agenda pública bem como das ciências sociais. A referência produzida pela autora sobre o bairro, objeto de investigação de sua tese de doutoramento e de tantos outros trabalhos realizados por ela, é de tal relevância que inspirou muito dos registros construídos posteriormente sobre o local.

Com efeito, é a partir do livro “A maquina e a revolta” lançado por Zaluar em 1985, que o olhar acadêmico sobre o bairro ganha uma nova perspectiva. Neste sentido, se a Cidade de Deus já havia sido descoberta pela imprensa como alvo de notícias sobre a violência foi a vez de uma antropóloga “desbravá-la” tendo como prisma a questão da pobreza e da criminalidade.

De fato, parece ter sido esta a sensação experimentada pela própria autora que, em tom pioneiro, “à *La Malinowski*”⁸¹, relata, nas primeiras páginas da obra, sua entrada em campo: Diz Zaluar:

⁸¹ É evidente a associação feita por Alba Zaluar, quando descreve sua entrada em campo na Cidade de Deus, à sensação de estranhamento experimentada por Bronisław K. Malinowski quando chegou as Ilhas Trobriand. A autora cita inclusive o famoso antropólogo em seu livro. Neste sentido, ambas narrativas constituem-se em modelos clássicos para antropologia brasileira. Ver: MALINOWSKI, Bronislaw. "Argonautas do Pacífico Ocidental". Os Pensadores, São Paulo, Abril Cultural. (1998 [1922]).

Imagine-se estacionando seu carro particular na rua de um bairro de pobres cujo nome permanecia nas manchetes dos jornais como um dos focos da violência urbana, um antro de marginais e de bandidos. Você não conhece ninguém que lhe possa indicar os caminhos e prestar-lhe as informações de que necessita para mover-se sem riscos desnecessários. Você nem sabe bem onde procurar o que tem em mente. Conhece apenas um jovem que lhe foi apresentado por um amigo comum, o qual lhe recomendou cautela. E nada mais. Era por esse jovem que, em janeiro de 1980, procurava de porta em porta para iniciar meu aprendizado sobre o modo de vida das classes populares urbanas no conjunto habitacional chamado Cidade de Deus. As primeiras informações não foram nada animadoras. Ninguém parecia conhecê-lo muito bem. (...) A sensação mais forte que tive naquele momento foi de medo. Não o medo que qualquer ser humano sente diante do desconhecido, mas um medo construído pela leitura diária dos jornais que apresentavam os habitantes daquele local como definitivamente perdidos para o convívio social, como perigosos criminosos, assassinos em potencial, traficantes de tóxico, etc. Apesar de saber que essa campanha não era senão a continuidade de um processo de longa data de estigmatização dos pobres, eu tinha medo. Um medo realista de me enredar em malhas cujo controle me escapasse ou de enfrentar a morte nas mãos de um bandido raivoso. (ZALUAR, 1985, p. 8-9)

Sem dúvida alguma, os Conjuntos Habitacionais implementados pela COHAB, caso da Cidade de Deus, há muito já chamavam atenção de diversos estudiosos⁸² como espaço onde proliferavam a pobreza e as desigualdades sociais. Entretanto, o trabalho de Zaluar incorpora um novo ingrediente a este repertório discursivo: a análise do fenômeno da criminalidade vinculada a este ambiente. É esta a novidade que, segundo a autora, sua obra pretende mostrar:

Os antropólogos desde há muito tempo têm se dedicado ao estudo das formas menos “respeitáveis” e “relevantes” ou “ideológicas” quando vistas do ponto de vistas das estruturas políticas situadas no centro do sistema. Festas, rituais religiosos, carnaval, escolas de samba, circo-teatro, botequins, ruas, bairros foram abordados na perspectiva de buscar padrões culturais e as representações do social e do político tal como se expressam na linguagem simbólica dos agentes. Os comportamentos que trazem a marca da degradação e não da alegria e da arte, tais como a prostituição, o crime, o alcoolismo, têm sido menos estudados. A novidade desta tese talvez esteja em tentar abordar as diversas formas de organização, tanto as voltadas para o lazer quanto as reivindicatórias, juntamente com os efeitos da presença das quadrilhas de traficantes na vida social local. As divisões internas ao conjunto – suas áreas, suas ruas e praças – bem como a separação entre trabalhadores e bandidos fazem parte do processo social da construção da identidade de trabalhador, com todas as suas ambigüidades e tensões, e de constituição de suas organizações, nas quais praticam a política e pensam sobre ela. (ZALUAR, 1985. p.51)

É nesta perspectiva que Alba Zaluar recorre à crítica da chamada “*teoria da marginalidade*”, amplamente difundida pela literatura antropológica nas décadas

⁸² Refiro-me aqui a pesquisa feita por MELO (1983) onde autora relaciona a heterogeneidade populacional que compõem os conjuntos habitacionais com o problema da violência. E também o trabalho desenvolvido por HIJJAR, (1979), que trata dos efeitos de um acesso não espontâneo à residência por parte da população de baixa renda sobre o seu comportamento. O texto comporta uma revisão bibliográfica sobre a questão habitacional e a política habitacional. Esta última realizada nos conjuntos habitacionais da Cruzada São Sebastião e da Cidade de Deus.

anteriores, para construir sua argumentação. Para autora, esta abordagem ao defender a idéia de um modo de vida peculiar, uma “*cultura da pobreza*” existente entre as populações circunscritas em espaços considerados periféricos, perderia de vista a heterogeneidade e riqueza das relações sociais aí constituídas. Não apresentariam, por exemplo, as nuances que revelariam a construção de identidades dos “pobres urbanos” ou sequer levariam em conta as formas de sociabilidade presentes nestas localidades. Seguindo esta lógica, ela observa que:

Na corrente chamada “cultura da pobreza” afirma-se que, devido à situação dos pobres numa sociedade estratificada e altamente individualista, como a capitalista, esses desenvolvem uma cultura exclusiva que se caracterizaria pelo mínimo de organização acima da família e pela falta de integração às instituições da sociedade mais ampla. Isto se manifestaria numa propensão à apatia, à falta de interesse na política, à ausência de cultura de classe, e se explicaria por uma pobreza cultural devido ao desconhecimento do estoque simbólico próprio. O perigo disso, como bem apontaram seus críticos (Valentine, 1972; Leacock, 1970) reside em supor que a pobreza tenha o mesmo significado em diferentes partes do mundo, onde a população pobre tem origens étnicas muito distintas. Suas características objetivas aquelas que são registradas em censo e tabelas estatísticas, tais como ausência da figura paterna nas famílias, podem muito bem dever-se a processos culturais distintos e ter, portanto, significados também distintos para os que vivem a pobreza. Nesse caso, o apelo ao conceito de desorganização social para explicar sua família “desagregada” nada mais seria do que a manifestação da estranheza, dos que escreveram sobre a pobreza, diante de costumes diferentes do seu. (...) Se estas colocações têm o mérito de denunciar a tentativa de transformar os pobres em “outros” da nossa sociedade, mostrando a disseminação de tais padrões nas classes superiores, tais conceitos não podem servir para caracterizar a sociedade como um todo, pois dizem pouco sobre a natureza e as instituições do poder e do Estado, sobre as formas de propriedade, sobre a cultura das classes subalternas, sobre os modos de exploração do trabalho. (ZALUAR, 1985, p. 41-42)

Ao enfatizar a idéia de que a construção da identidade dos “pobres” urbanos se dá pela distinção entre “bandidos” e “trabalhadores” e que nesta diferença residi, portanto, a possibilidade de enfrentamento político a uma visão socialmente negativa das classes subalternas, Zaluar critica a marginalização das populações faveladas, questionando a percepção, amplamente difundida no imaginário social, da criminalidade como efeito direto da pobreza.⁸³ Neste sentido, a autora argumenta que a análise do fenômeno da criminalidade deve levar em conta um conjunto de

⁸³ No início do século XX idéias relacionadas às “classes perigosas” eram recorrentes e até hoje encontram repercussão em meios de comunicação. A teoria das classes perigosas veio a ser trabalhada por Louis Chavalier (1978) que construiu uma narrativa sobre a vida social parisiense do século XIX. Esta teoria supõe existir uma vinculação direta entre a recém-formada classe operária, moradora na cidade e vivendo em condições de miserabilidade e o aumento da criminalidade violenta. Assim, a ligação das “classes perigosas” com o tema das drogas ocorria por meio da vinculação direta de determinados grupos com substâncias específicas. Ver : CHEVALIER, L. *Classes Laborieuses, Classes dangereuses*. Paris: Plon 1959.

outros fatores, como o fim das relações personalizadas entre pobres e ricos; o afastamento dos filhos em relação aos pais; as dificuldades dos jovens em obter uma formação adequada e, conseqüentemente, um emprego; as práticas discriminatórias da polícia em relação aos jovens das áreas pobres (como as prisões arbitrárias); e ainda, a emergência de uma sub-cultura que desqualifica o trabalho como meio de obtenção de recursos e atribui prestígio às manifestações de força mediante emprego de armas de fogo e à posse de bens tidos como privativos dos ricos, sobretudo, as vestimentas inacessíveis aos pobres. (ZALUAR, 1985, p. 123)

Esta linha interpretativa permaneceria nas produções realizadas posteriormente por Zaluar, que em sua maioria, tiveram a Cidade de Deus como cenário principal. No conjunto de sua obra destacam-se, além do material já citado: “Cidadãos não vão ao paraíso” (1994a); “Condomínio do Diabo” (1994b); “Violência, crime organizado e poder: a tragédia brasileira e seus desafios”(1994c); “Da revolta ao crime S.A.” (1996); “Um Século de favela” (1998); como literaturas de referência. Dentre elas, uma chama atenção, a meu ver, pelo apelo que produz ao retratar Cidade de Deus como lugar por excelência em que pobreza e criminalidade se articulam. Trata-se do livro, com o sugestivo nome de “Condomínio do diabo”, resultado da reunião de diversos ensaios publicados na imprensa e em revistas acadêmicas sobre o tema da violência urbana. Nele, a autora elege novamente como fio condutor de sua argumentação, a denúncia dos efeitos perversos que o crime provoca sobre o corpo e a identidade dos jovens de periferia. Assim, ela argumenta:

Fortes símbolos visíveis do poder, estas armas (de fogo) tornam-se fetiches na cintura de adolescentes franzinos e gatilhos mortíferos nos seus dedos. “Revólver na cintura impõem respeito”, eu aprendo. “Ser um matador”, “ter disposição para matar”, faz um garoto “criar fama”, Além do prestígio do local, o prestígio entre os bandidos no mundo dos tóxicos, porque é de tóxicos que se trata, significa poder controlar bocas e subir na hierarquia que vai do *avião* ao *vapor* e, por fim, ao traficante. (ZALUAR, 1994b, p. 10)

Com efeito, a obra de Zaluar possui o mérito de valorizar o ponto de vista dos moradores da Cidade de Deus face aos efeitos perversos da segregação a que estão submetidos. Todavia, ao fazê-lo, Zaluar acaba por dar certo lugar ao ponto de vista que ela é a primeira a criticar: a idéia de uma relação de causalidade entre a

situação de precariedade e a vida criminosa. Veja-se, por exemplo, o seguinte fragmento de seu texto:

O desemprego não se faz sentir na mesma intensidade em todas as faixas de idade nem para todas as categorias de trabalhadores. Ela é particularmente grave para os trabalhadores mais jovens e menos qualificados, isto é, parte substancial da população economicamente ativa. Com o rebaixamento do salário real dos trabalhadores de baixa qualificação, os pais de família não só tiveram que suplementar sua renda através de um esforço extra de trabalho, biscateando ou fazendo horas extras, como tiveram que contar cada vez mais com a ajuda de sua família, inclusive dos filhos menores. O resultado disso é o que vemos nas ruas, sinais, feiras e frentes de supermercado, onde bandos de crianças e jovens vendem balas e fazem carreto para ajudar a mãe. É nessa convivência diária e intensa de tantas crianças e jovens, prematuramente independentes e afastados da vigilância materna, que se formam os bandidos, com suas próprias leis, constituídas no contexto diário da luta diária pela sobrevivência e seus inevitáveis conflitos. É isto que gera forte solidariedade interna à geração e uma vida social perigosa infensa à capacidade educadora dos adultos. Pois são estes jovens que, de usuários, passam a comerciantes ou empresários do tóxico, o que leva numa escalada de existência exclusiva e de adoção de métodos violentos. (ZALUAR, 1994b, p. 8-9)

Chama atenção no texto a explicação fornecida pela autora sobre os motivos que levam os jovens de periferia a ingressarem na criminalidade.⁸⁴ Sua análise sobre a situação de vulnerabilidade social a que estão expostos adolescentes e crianças de favelas, transformadas assim em “presas fáceis das práticas sedutoras do tráfico de drogas” (ZALUAR, 1994b, p.12), no dizer de Valladares (2005)⁸⁵, se constituiu em um “verdadeiro dogma” referendando uma perspectiva que atribui àqueles que compartilham de uma experiência comum de precariedade e pobreza, o destino quase inevitável da vida do crime. Por esta lógica, “a favela condicionaria o comportamento de seus habitantes forjando-lhes uma trajetória considerada típica, principalmente, entre o segmento mais jovem.”⁸⁶

A desagregação familiar e a visão negativa que os jovens pobres possuem do trabalho são também na interpretação de Zaluar peças chaves que possibilitam compreender a sedução e expansão que o tráfico de drogas obteve neste contexto.

⁸⁴ Cabe destacar que a pesquisa realizada por Zaluar se dá em um período de grande crise econômica e social na sociedade brasileira, com elevação das taxas de desemprego e aumento de criminalidade. Dados do IBGE, por exemplo, apontam o fato de que na primeira metade dos anos oitenta a crise econômica, além de gerar altas taxas de desocupação masculina (4,9% no auge da crise, em 1983) e feminina (4,8%, no mesmo ano), ainda levou a uma forte retração no mercado de trabalho formal, e, em contrapartida, ao crescimento da proporção dos trabalhadores sem vínculos formais. As formulações da autora são tributárias, portanto, deste contexto histórico. Essa linha interpretativa também é encontrada nos trabalhos de HOFFMANN, (1992); SOARES(1996), entre outros.

⁸⁵ Op. Cit. nota 31, p. 112

⁸⁶ Ibid. A questão que Lícia Valladares coloca é certa generalização da trajetória considerada socialmente típica para os jovens “favelados”, cujo padrão seria o fracasso escolar e a carreira do crime. Nesta linha interpretativa estão também, segundo a autora, os trabalhos de Barbosa (1998) e Guimarães (1998).

Segundo a autora:

Para afugentá-los do trabalho, esses jovens não contam apenas com as dificuldades de conseguir emprego. Formam-se entre eles, a partir de suas próprias experiências e da observação da vida de seus pais, uma visão negativa do trabalho, termo que equiparam à escravidão. Escravidão é também submeter-se a um patrão autoritário que humilha o trabalhador com ordens ríspidas, que não o ouve nunca, que o vigia sempre. Sem serem formados por escola ou religião que lhes passe uma ética rígida de trabalho, esses jovens cedo aprendem os valores do machismo, o que exacerba mais ainda o caráter da humilhante da submissão, negação da marca de um homem. Como fazê-los, portanto, admirar e tomar por modelo o pai que se curva a esta árdua rotina, à exploração e ao autoritarismo? Seus heróis são outros. Na falta de um movimento operário forte de onde saiam líderes trabalhadores com fama, eles se voltam para os eternos valentes da nossa cultura popular que desafiam, passam rasteira e se negam a este mundo do trabalho. Se antes, por lá, os valentes eram os simpáticos malandros, hoje são os perigosos e armados bandidos. A navalha foi substituída pelo “oitão” ou minimetralhadora, o leal corpo a corpo pela tocaia traiçoeira, a lei do mais valente pela lei do mais armado. (ZALUAR, 1994b, p. 10-11)

Conduzindo a análise por este ângulo, Zaluar oferece uma exposição pormenorizada das vicissitudes enfrentadas por certos segmentos de moradores da Cidade de Deus na experiência cotidiana dos sentimentos de medo e insegurança face às diversas modalidades de violência que atingem seu local de moradia.

A pesquisa etnográfica realizada por Zaluar no bairro instaurou um campo de estudo privilegiado e se constituiu como uma referência para os estudos sobre favela sob o prisma da criminalidade. O alcance de sua obra na área acadêmica e sua visibilidade na opinião pública desempenhou um papel determinante no processo de regularização e institucionalização das análises sobre a violência no Brasil.

2 MAPEANDO PERMANÊNCIAS E MUDANÇAS

2.1 Juntando as peças do mosaico: “Centro”, “Triagens” e “Apês”

2.1.1 “O Centro”

Com o passar do tempo de um conjunto habitacional construído para abrigar diferentes populações deslocadas pelo Estado, a Cidade de Deus expandiu-se, abrigando nos dias atuais cerca de 50 mil habitantes, distribuídos por 10.886 domicílios em uma área de 233.641 metros quadrados.⁸⁷ Acompanhando esta demanda, a oferta de bens e serviços cresceu expressivamente. Atualmente o bairro desfruta de um comércio amplo, com vários serviços: salão de beleza, farmácias, clínica veterinária, locadoras de vídeo, padarias, mini-mercados, feiras livres, bares e lanchonetes, sorveterias, variadas linhas de transportes como ônibus, kombis e vans.

Além de algumas praças públicas, o bairro possui também um pequeno posto de saúde, uma cabine de policiamento “ostensivo”, oito escolas municipais de ensino fundamental, uma Igreja Católica, uma Igreja Anglicana e vários templos evangélicos.

Em função do processo de crescimento territorial e populacional do bairro, sua configuração atual muito difere dos relatos e documentos sobre a época de sua ocupação. Houve mudanças nas percepções dos lugares bem como alterações importantes na forma de ocupá-los (muito destes foram renomeados e/ou ressignificados, outros permaneceram ou ainda se expandiram). A despeito dos anos, a Cidade de Deus comporta espaços diferenciados, que ainda hoje se expressam nas diversas visões acerca do bairro, de suas fronteiras e relações de pertencimento.

Desta forma, com base em entrevistas e observação participante, realizadas esporadicamente ao longo de 2005 e mais intensamente nos anos de 2006, 2007 e 2008 no bairro, procurei observar quais as percepções dos moradores acerca do local em que vivem. Quais estratégias utilizam para lidar com os estigmas recorrentemente associado ao lugar que habitam. Este tipo de abordagem orientou

⁸⁷ Estes números referem-se a dados relativos ao Censo de 2000 do IBGE. Contudo o Instituto Pereira Passos do Rio de Janeiro – IPLANRIO- estima que ao longo destes anos o número de moradores e de domicílios já tenha ultrapassado em muito o valor apresentado no Censo de 2000. Disponível: <http://www7.rio.rj.gov.br/iplanrio>. Acesso em 23 de julho de 2007.

meu interesse para compreensão das relações sociais produzidas neste contexto e os dispositivos de identificação e auto-identificação acionados face às possíveis (re)configurações sócio-espaciais ocorridas em Cidade de Deus.

Desde as primeiras entrevistas pude verificar que a percepção dos moradores sobre o bairro é orientada pela construção de fronteiras espaciais e simbólicas. Estas fronteiras são associadas não só ao modo de identificarem o lugar, mas também de se situarem em relação a ele. Assim, ruas, prédios e praças são marcos socialmente construídos que fazem parte das relações entre as pessoas e os grupos e podem também se distinguir em função de quem os define.

No mesmo sentido, Marcos Alvito (2001) afirma em seu trabalho sobre Acari, “que aquilo que considerávamos “a favela de Acari” não existe para seus moradores, trata-se na verdade de uma multiplicidade de espaços”.⁸⁸ O caso da Cidade de Deus não é diferente. Ao lançar um olhar mais aproximado sobre o local tornou-se possível perceber a heterogeneidade desses espaços e a existência de divisões e fronteiras internas, desveladas a mim à medida que se deu o estreitamento do contato com os moradores.

Parece pertinente, portanto, abordar as diversas dimensões do espaço de acordo com a forma como é concebido pelos moradores da Cidade de Deus. Não se trata diretamente do espaço enquanto instalações e estruturas físicas. Trata-se antes da visão do espaço físico como construção social operada por diversos atores sociais, isto é, como lugar. (AUGÉ, 1994)⁸⁹

Em uma das minhas primeiras incursões no campo de pesquisa, uma ex-vizinha, moradora das casas, narrou-me um acontecimento que ilustra esse aspecto: mostrou-me, na ocasião, uma reportagem extraída do jornal “O Globo”, sobre a implantação do Balcão de Cidadania na Cidade de Deus, a qual ela exibia orgulhosa.

Nós agora aqui do centro estamos com tudo. (falava rindo). Você quer alguma coisa tem aqui. Não precisamos sair daqui para nada. Aqui no centro do bairro tem tudo. Tem padaria, tem mercado, tem loja de roupa, agora até para tirar um documento é aqui na praça, nem precisa ir para outro bairro. Agora o bairro é um bairro como

⁸⁸ ALVITO, Marcos. *As cores de Acari: uma favela carioca*. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

⁸⁹ Para Michel Augé, por exemplo, o “lugar antropológico” apresenta uma conotação suplementar, na medida em que é significativo não só para os que o habitam ou dele usufruem, mas para quem, de fora, procura entendê-lo. É, simultaneamente, princípio de sentido e princípio de inteligibilidade; daí sua importância para a descrição etnográfica na medida em que constitui via de acesso privilegiada para o entendimento do comportamento dos usuários. AUGÉ, M. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Trad. Maria Lúcia Pereira. Campinas, SP: Papirus, 1994.

outro qualquer. Foi se o tempo em que se cantava pelas ruas Cidade de Deus, Cidade de Jesus. De dia falta água e de noite falta luz... ” (Entrevista concedida em maio de 2006)⁹⁰

Ouçó atentamente minha interlocutora dizer que aquela época da música ficou para trás, que agora “a Cidade de Deus era um bairro como outro qualquer”. Aproveito para perguntar como está o local e me surpreendo com sua descrição que em muito se distancia do lugar que conheci ou imaginei conhecer.

Muito bom, agora está muito bom. Você sabe, aqui nunca teve problema, aqui é o centro da Cidade de Deus (em referencia a rua que mora). Aqui era o bairro original, as casas do conjunto. Aqui tem o posto de saúde, o posto de polícia, os ônibus, as escolas. Aqui tem tudo perto. Aqui é o centro. Mas você vê, tem uma porção de aglomerados, de favelinhas mesmos, outras localidades como Pantanal, a Rocinha, os Apês, a Porta do Céu, tudo em volta do bairro. São os outros lados da Deus, este povo faz a bagunça e a gente acaba ficando com a fama. Mas aqui não! Nessa parte aqui não! A gente acaba ficando com fama, por causa da bagunça dos outros.

Na narrativa da moradora há, pois, uma variedade de nomes e espaços que são acionados como recurso explicativo para identificar a Cidade de Deus. Assim, categorias como “centro”, “bairro original” e “autêntico” surgem em uma nítida oposição a “aglomerados”, “favelinhas”, “localidades”, revelando demarcações simbólicas que indicam representações acerca da heterogeneidade do lugar.⁹¹ Desta forma, espaços considerados indiferenciados para quem observa de “fora” o bairro, na percepção da residente, ao contrário, possuem características sociais e geográficas bastantes específicas.

Devo admitir que nunca havia pensado o bairro nestes termos, sempre achei que existia uma Cidade de Deus apenas.⁹² Porém, quanto mais ampliava o contato com os moradores, mais ficava evidente a diversidade de lugares que informam a configuração espacial e, portanto, social do bairro. Em entrevista realizada com

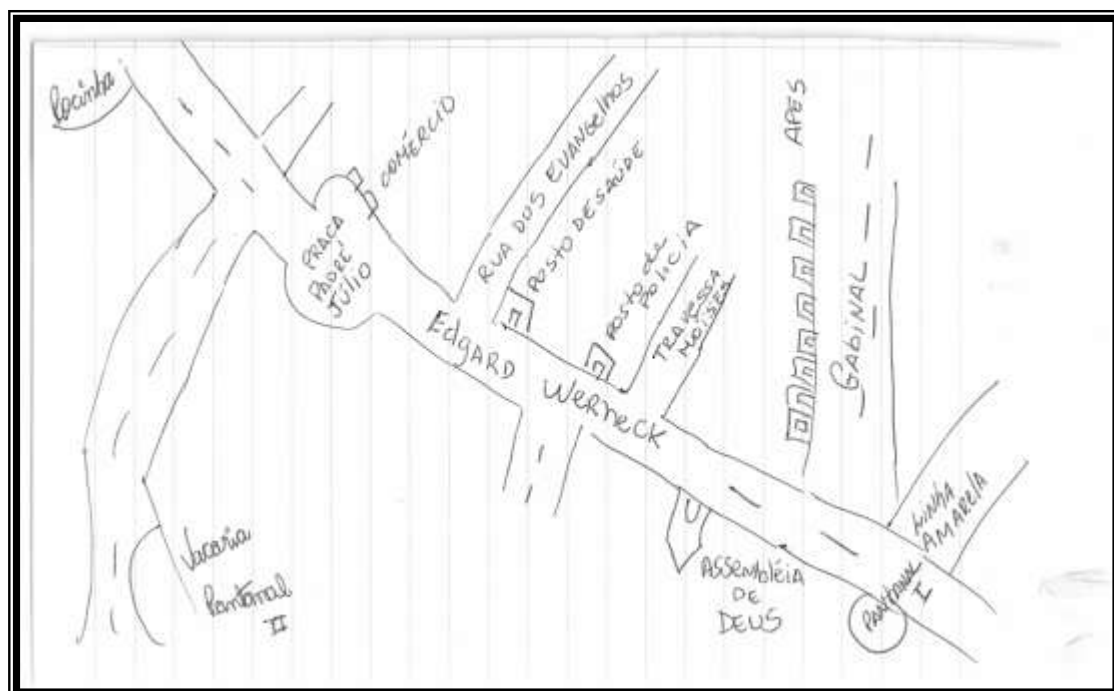
⁹⁰ As palavras finais da informante referem-se ao refrão de uma música, inventada pelos moradores e cantada profusamente pelas crianças, nas ruas do bairro, nos idos dos anos 60. Música que remete a tempo em que a falta de investimentos em infra-estrutura no bairro produziu um cenário marcado pela ausência de bens e serviços, ruas sem calçamento ou água encanada e precárias instalações na rede elétrica pública, onde cavalos e bois transitavam juntos com os pedestres e velhas bicicletas.

⁹¹ No clássico livro “O Crisântemo e a espada”, resultado da pesquisa antropológica de Ruth Benedict sobre a cultura japonesa, há a descrição de disputas que envolvem as noções de configuração e representações espaciais no plano institucional, bem como apropriações destas pelos “nativos”. BENEDICT, R. O *Crisântemo e a Espada*. São Paulo, Perspectiva. 1972.

⁹² Conforme já citado, Marcos Alvito, em sua pesquisa sobre a favela de Acari, ressalta este aspecto. Ver nota 88.

outro morador observei que, de forma semelhante à minha ex-vizinha, referências como “centro” e “bairro original” eram evocadas em sua descrição da Cidade de Deus por oposição às categorias “aglomerados” e “favelinhas”. Intrigada com tal perspectiva resolvi pedir ao meu interlocutor algo que a princípio pareceu-lhe inusitado: fazer um mapa. Ele argumentou rindo que não sabia desenhar direito, mas eu insisti, dizendo que precisava me situar no bairro. O desenho, cujo resultado mostro abaixo, surpreendeu-me pelo mosaico de nomes e lugares que se desvelaram.

Figura 11 - MAPA 1

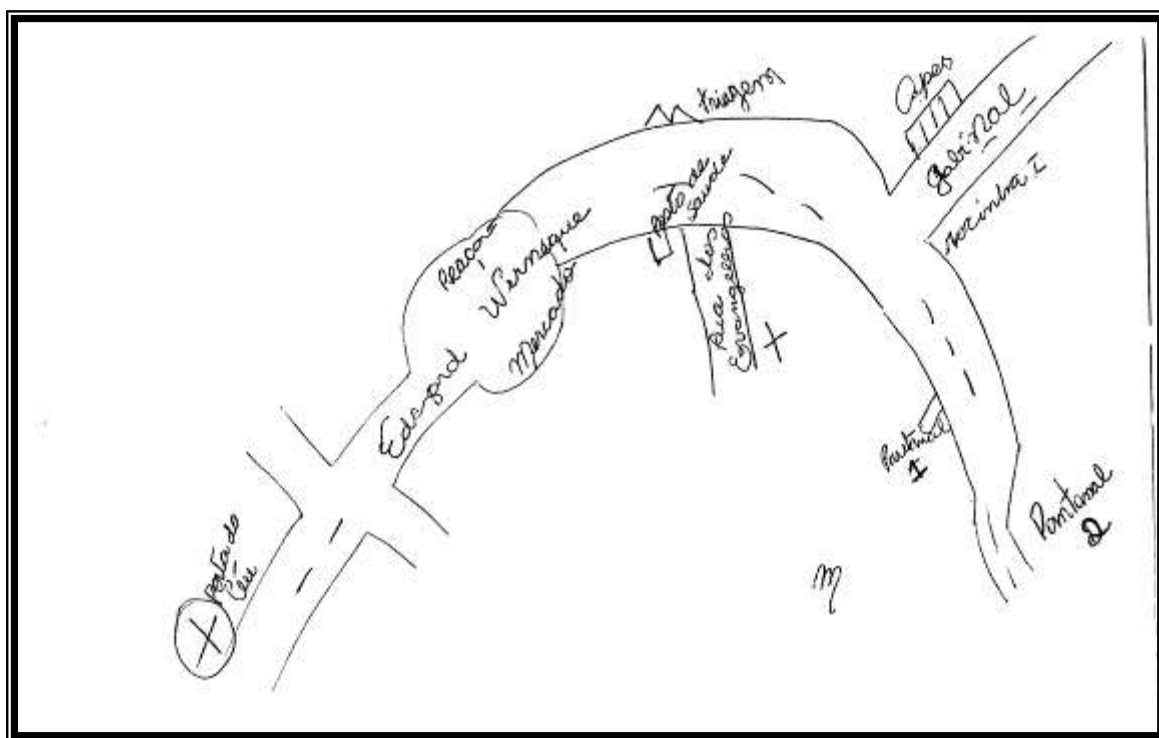


É perceptível no mapa a centralidade da Avenida Edgard Werneck demarcando os limites do bairro. Nesta construção, o território é organizado segundo uma hierarquia de espaços, definida a partir da posição que cada lugar ocupa em relação a esta rua, considerada a principal. Assim, as ruas dos Evangelhos e Moisés ganham destaque como referências que aludem ao “Centro”, isto é, a maior proximidade com a oferta de bens e serviços públicos, tais como o Posto de saúde, a Igreja Católica, o Posto de Polícia e o comércio. Em oposição, estão os locais vistos como “favelinhas” e “aglomerados”: os Apês, a “Vacaria” o “Pantanal 1”, o “Pantanal 2”, e a “Rocinha”, representados em uma situação de

distanciamento em relação ao “Centro”. Nota-se ainda no mapa feito pelo morador, a delimitação específica de espaços identificados como periféricos por um traço circular, sugerindo, a meu ver, uma percepção de isolamento entre estas e as demais áreas da Cidade de Deus.

A partir desta primeira experiência com o “mapa” decidi pedir a outros moradores que realizassem o mesmo movimento: descrever a Cidade de Deus através de um desenho. Deste modo, pude verificar que apesar da ênfase em um ou outro ponto, a configuração social do espaço era semelhante entre os moradores daquela parte do bairro. Vejamos a seguir:

Figura 12 - MAPA 2



Observando os mapas é possível sugerir que, na Cidade de Deus a existência de fronteiras simbólicas entre as diversas regiões e grupos de vizinhança que se afirmam em função dessas fronteiras está relacionada à demarcação de quatro áreas distintas: “o Centro”, “os “Apês”, as “Triagens” e “as Favelinhas”. Por essa razão não é raro que as pessoas se identifiquem ou sejam identificadas dentro do bairro à área em que habitam. Assim, por exemplo, é comum alguém dizer moro no “Centro” ou moro nos “Apês” ao se apresentarem umas as outras ou ainda ao se

referirem a outras pessoas através deste modo de identificação.

A designação de “Centro” é dada ao espaço circunscrito pela Praça Padre Julio Grooten, considerada um dos acessos à Cidade de Deus, à Avenida Edgard Werneck, principal via pública, onde se concentra a maior parte do comércio local, e as ruas adjacentes até a margem esquerda do Rio Grande.

É no Centro que se localizam as primeiras residências outrora construídas pela COHAB e vendidas à população “inscrita”. Embora estas não preservem mais a arquitetura original, tendo sofrido várias reformas, e, muitos dos residentes antigos, tenham de lá se mudado⁹³, o lugar ainda é visto como referência que remonta a primeira organização sócio-espacial do Conjunto Habitacional, conferindo-lhe, assim, um status mais valorizado em relação a outras partes do bairro. Isto é importante mencionar porque expressa uma visão dos moradores sobre o local. Refiro-me ao fato dos habitantes identificarem esta região como a “Cidade de Deus mesmo”, onde existem as “melhores” casas e vivem pessoas de maior poder aquisitivo, face às demais localidades, percebidas como “favelas”. Essa distinção entre “bairro” e “favela” é bastante utilizada pelos moradores. Há quem tenha inclusive, como modesto projeto de ascensão social, mudar-se para o “centro”. Em certa ocasião, por exemplo, um morador disse-me que seu sonho era “sair da favela” e morar no “bairro mesmo”, o que significa adquirir uma casa mais próxima à Avenida Edgard Werneck.

É também no “Centro” que se localizam as escolas municipais, todas voltadas à educação fundamental, assim como a Associação de Moradores mais antiga,⁹⁴ o posto de saúde, a CUFA⁹⁵ – Central Única das Favelas - a cabine de policiamento ostensivo da PM. O posicionamento dessas edificações na área reforça o estatuto de centralidade que lhe é conferido pelos habitantes do local.

⁹³ As pesquisas empreendidas tanto por Valladares (1976) quanto por Zaluar (1985) dão conta do deslocamento de moradores da Cidade de Deus para outras áreas da cidade. Os motivos apresentados vão desde impossibilidade de arcar com as despesas do sistema de financiamento imposto pela COHAB até o medo da violência ou mesmo o retorno para o local de origem. Pela minha experiência como moradora do bairro, acrescentaria outro motivo: o relativo aumento nos padrões socioeconômicos de alguns moradores os levou a buscar outros bairros considerados mais valorizados socialmente.

⁹⁴ A Cidade de Deus conta hoje com duas associações de moradores, a COMOCID e a AACG situadas, respectivamente, no “Centro” nos “Apês”. Tratarei deste aspecto de forma mais detalhada adiante.

⁹⁵ Esta organização será objeto de análise em capítulo posterior.



Figura 13 - O comércio se expande na parte “central” do bairro, atraindo grandes lojas, como a Rede Farma, exposta acima.⁹⁶

Figura 14 - Rua Arimatéia, adjacente a Praça Padre Júlio Groten, situada na parte “central” do bairro.



Outro aspecto que reforça a visão que os moradores possuem sobre esta parte do bairro é a importância atribuída à praça. A Praça Padre Júlio Groten é a principal área de lazer da Cidade de Deus, sendo por isso um dos mais importantes pontos de encontro dos seus habitantes. Feita de terra batida, contendo várias mesas de concreto que são utilizadas para jogos de carta ou dominó, brinquedos infantis e muitas árvores, é nela onde se dá a maioria das festas da comunidade, desde desfile dos blocos carnavalescos a comícios de políticos e shows de artistas. Em torno dela existe um variado comércio, composto de açougues padaria, supermercado, locadora de vídeos e dvds, armarinhos, consultórios dentários,

⁹⁶ As imagens apresentadas nesta página são de autoria da pesquisadora

escritórios de advocacia e diversos bares. É lá também que fica o terminal rodoviário, onde os transportes coletivos fazem ponto. Ela possui assim uma centralidade na vida dos residentes do local que, necessariamente a utilizam como a porta de entrada e de saída do bairro. Mas não é só isso. Para além de seu arranjo físico-espacial, a praça possui um sentido simbólico: é o espaço público mais reconhecido, onde ocorrem as festas, os comícios, lugar da política e das instituições como a igreja. A começar pelo nome, dado em homenagem a um padre já falecido. Padre Júlio, como era conhecido, fundou a única igreja católica local, a Pai Eterno. Outro aspecto relevante, segundo os moradores, é o uso “político” da praça. Neste sentido, a percepção mais imediata entre os residentes é a de que ela se constitui em um importante “palco” para candidatos a cargos políticos que, interessados em angariar votos, fazem dela um “cartão de visitas”, realizando obras, comícios ou festas.

Imagem 15 - Foto Praça Padre Julio Grooten⁹⁷



⁹⁷ Foto de autoria da pesquisadora



Figura 16 - Casa situada na Rua dos Evangelhos, parte “central” da Cidade de Deus. A arquitetura original foi inteiramente modificada.

Figura 17 - Casa situada à Rua Moisés, também na parte Central do bairro. Ao ser reformada incorporou o 2º pavimento, onde mora um dos filhos do proprietário.⁹⁸



Não muito distante da Praça, tem-se também a quadra da Agremiação Mocidade Unida de Jacarepaguá. Nela são realizados nos finais de semana, festas, bailes funks, jogos desportivos e exibição de filmes. No entanto, nem este espaço parece escapar por completo à divisão territorial observada no bairro. Diversamente de outras organizações carnavalescas mais tradicionais em que dirigentes,

⁹⁸ Fotos de autoria da pesquisadora

sambistas e compositores constituem uma elite cultural bem definida e gozam de certo prestígio junto à comunidade,⁹⁹ a Agremiação possui pouca expressividade entre a população, estando suas atividades restritas mais a área em que está localizada. Tal característica, entretanto, não pode ser associada exclusivamente à sua posição geográfica no local. Segundo os moradores, a Escola nunca foi uma força capaz de aglutinar os residentes. Primeiro devido ao recrudescimento, na década de 80, da rivalidade entre quadrilhas de tráfico o que resultou em divisões territoriais no bairro e, depois, pela orientação religiosa dos moradores, em grande número evangélicos.

Ainda no “centro”, no lado esquerdo da Avenida Edgard Werneck, localiza-se um bar muito popular entre os moradores, chamado “A favela vista na tela”, uma referência bem humorada à visibilidade dada ao local pelo sucesso do filme homônimo ao bairro. Por sinal, como pude perceber, a obra cinematográfica permanece presente no imaginário dos moradores, seja através de citações, de críticas ou simplesmente dos “gritos” do Sr. Juarez, dono do tal bar, chamando os clientes.¹⁰⁰ Esta parte do bairro parece sempre efervescente, com uma movimentação intensa de pessoas, principalmente, nos dias das feiras livres, realizadas as quartas e domingos, na Rua Israel, uma das transversais à Av. Edgard Werneck.

2.1.2 As “Triagens”

À medida que se percorre todo trecho que vai da praça até a margem esquerda do Rio Grande, chega-se à área chamada de “Triagens”. Cortada, pela Linha Amarela, via expressa que liga à Barra da Tijuca à Zona Norte da Cidade,

⁹⁹ Sobre este aspecto ver o trabalho de Cavalcanti (1995) sobre o carnaval carioca, assim como o de AMARAL (2000), que trata das relações sociais e organizações comunitárias que envolvem a produção do carnaval. Cito, respectivamente, CAVACALTI, Maria Laura. *Carnaval Carioca: dos bastidores ao desfile*. Rio de Janeiro: FUNARTE/ UFRJ, 1995. Como também, AMARAL, Leila. *Carnaval da alma*. Petrópolis: Vozes, 2000.

¹⁰⁰ A visão que os moradores têm do filme Cidade de Deus será objeto de análise em capítulo posterior.

algumas casas estão situadas literalmente embaixo do viaduto.¹⁰¹ Nesta parte do bairro um traçado geométrico diferente começa a surgir. As ruas dão lugar aos “becos” e travessas. Este é um aspecto importante a ser observado, porque essas vielas são, em geral, mais estreitas e menos urbanizadas que as ruas principais, o que implica menor acesso à distribuição de bens e serviços públicos, como por exemplo, a coleta de lixo, que não é feita diretamente no local, sendo realizada apenas nas vias centrais.

Nas “Triagens” vão rareando os pontos de comércio mais regulares. As casas que apresentam no “Centro” um perfil mais próximo aos padrões de uma classe média emergente – reformadas, pintadas, algumas com dois pavimentos, outras ajardinadas - vão sendo lentamente substituídas por construções mais precárias, mal acabadas, semelhantes, na visão de alguns moradores, a edificações típicas de favelas. Entretanto, de acordo com residentes do “Centro”, não são apenas as habitações que compõem as “Triagens” as responsáveis pelo aspecto “favelizado” do lugar. Também seus habitantes são alvos de críticas, sendo frequentemente culpabilizados pelo acúmulo de lixo no entorno, pela falta de cuidado e manutenção das casas e, conseqüentemente, pela visão negativa que recai sobre o bairro.

Todavia, é ainda a percepção sobre violência um dos aspectos que mais marca a visão que o residente do “Centro” tem sobre as “Triagens”. A existência de “bocas de fumo” no local, a falta de iluminação adequada e policiamento efetivo fazem com que esta região seja vista como violenta e perigosa. Por este motivo a circulação de moradores entre uma área e outra é muito pequena. Obviamente que os trajetos obrigatórios que incluem o deslocamento para ir a escola, ao mercado ou ao trabalho não podem ser excluídos, mas observa-se que as redes de vizinhança e sociabilidade permanecem restritas às áreas em que as pessoas moram.

Alba Zaluar (1994b)¹⁰², ao analisar os conflitos decorrentes da violência em bairros populares do Rio de Janeiro, afirma que os moradores dessas áreas da cidade aderiram ao recolhimento em lugar do enfrentamento, diante do que seria a

¹⁰¹ A Linha Amarela é uma importante via expressa do estado do Rio de Janeiro, denominada oficialmente como Avenida Governador Carlos Lacerda, liga a Barra da Tijuca à Ilha do Fundão, eliminando a necessidade de transitar pelas vias da Zona Sul. Em 1997, com sua inauguração, a Cidade de Deus seria seccionada: de um lado os Conjuntos Margarida, Gabinal e, do outro, o restante das antigas glebas, as duas partes interligadas por passarelas. Disponível em: <http://portalgeo.rio.rj.gov.br/armazenzinho/web/BairrosCariocas>. Acesso em 20 de junho de 2007.

¹⁰² ZALUAR, Alba. *Cidadãos não vão ao Paraíso*. São Paulo: Unicamp/ Escuta. 1994b.

ação do crime organizado. Tráfico de drogas, assaltos, homicídios estão entre as modalidades de violência mais citadas.¹⁰³

Meu acesso as “Triagens” foi muito difícil. A simples menção a querer conhecê-la causava espanto nos moradores do “Centro”, principalmente em meus ex-vizinhos que, me alertavam a todo momento, como eu deveria agir na Cidade de Deus: primeiro, devia estar sempre acompanhada por algum morador; segundo, só ir a lugares seguros, somente conversar com conhecidos e, principalmente, estar atenta às batidas policiais. É interessante notar que estes avisos eram sempre precedidos por explicações sobre às áreas mais violentas. Via de regra, estes avisos, seguia um padrão: a “violência” acontece em determinadas áreas e em espaços específicos.

Nunca presenciei qualquer cena de confronto direto entre moradores e a polícia na Cidade de Deus, mas ouvi falar de muitos conflitos.

Curiosamente, não foi através de conflitos tão mencionados pelos moradores, mas de um ato de solidariedade entre eles que se deu meu contato com os moradores da “Triagem”. Em outubro 2006 uma de minhas ex-vizinhas, há 37 anos moradora do bairro, atualmente coordenadora de um “Centro de Convivência” comentou sobre a vontade de organizar uma festa em comemoração ao dia das crianças, já que por ocasião das festividades de São Cosme e Damião, santos de quem se diz devota, não tinha podido fazê-lo.¹⁰⁴ Como naquele ano a Prefeitura do Município anunciara para a mesma data um evento que ocorreria na Praça Padre Julio Groten, a alternativa encontrada pela moradora foi realizar a celebração nas “Triagens”, onde supostamente, haveria a participação de crianças com menos recursos econômicos e poucas possibilidades de lazer.

¹⁰³ Ibid. Nota 102. Na opinião da autora, “O ‘medo imaginário’, fruto do real, adquiriu tonalidades próprias, diferentes dos bairros de classe média. Porém lá como cá, as pessoas parecem mais isoladas dentro de suas casas em virtude de novos riscos decorrentes da crise econômica, da inflação e da presença de quadrilhas violentas” (ZALUAR, 1994b, p.34)

¹⁰⁴ São Cosme e São Damião, os santos gêmeos, morreram em cerca de 300 d.C. Eles Tornaram-se extremamente populares entre as religiões Afro-brasileiras onde são associados aos “Ibejis”, gêmeos amigos das crianças que teriam a capacidade de agilizar qualquer pedido que lhes fosse feito em troca de doces e guloseimas. Estas religiões os celebram no dia 27 de setembro, enfeitando seus templos com bandeirolas e alegres desenhos, tendo-se o costume, principalmente no Rio de Janeiro, de dar às crianças (que lotam as ruas em busca dos agrados) doces e brinquedos. Somente a igreja Católica comemora a data no em 26 de setembro pois, segundo o calendário católico, o dia 27 de setembro é o dia de São Vicente de Paulo. Ultimamente, observa-se no Rio de Janeiro festas realizadas também em outubro, considerado mês da criança, cujo tema são os santos.

Diante de seu comentário, ofereci-me para ajudar de alguma forma na organização do evento. Coube a mim a compra e o preparo do cachorro quente que seria distribuído às crianças. No dia da festa cheguei pela manhã ao bairro e fui direto para casa de minha ex-vizinha. Na pequena cozinha de sua casa, três mulheres se revezavam empacotando doces, cozinhando canjica e preparando vários litros de suco. Quando terminamos, condicionamos tudo em grandes vasilhames de plástico e nos pomos a caminhar para as “Triagens”.

No caminho, alguns moradores se prontificaram a carregar as panelas e objetos que portávamos com dificuldades, o grupo de “ajudantes” foi aumentando à medida que nos aproximávamos do local. Fiquei surpresa em perceber que embora as referências sobre as “Triagens”, feita pelos moradores do “Centro”, indicassem uma grande distância sócio-espacial, o mesmo não se podia dizer da distância geográfica, posto que em questão de uns cinco minutos chegamos ao nosso destino.

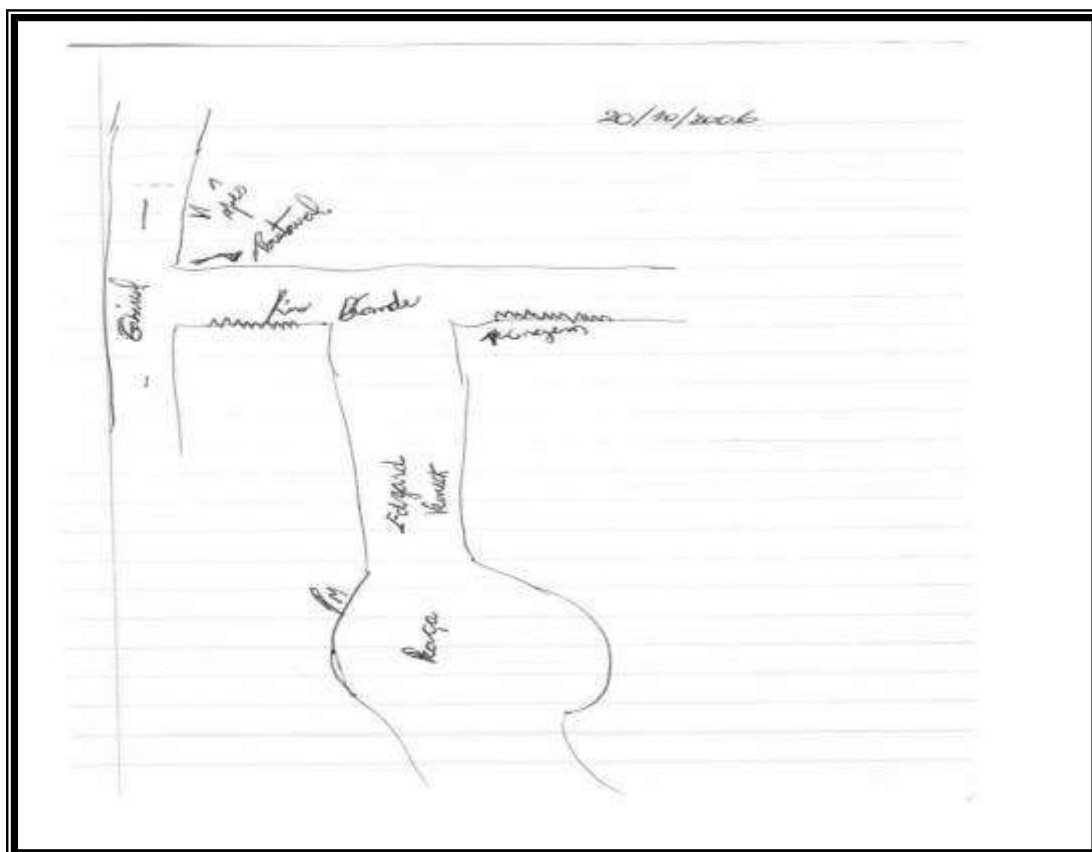
A festa, realizada em um terreno baldio nas “Triagens”, utilizado também para jogos de futebol, ocorreu no feriado de 12 de outubro. Feito de barro batido, o “campinho”, como é chamada a única área de lazer dos habitantes daquela parte do bairro, era no passado um depósito de lixo, mas com o uso freqüente para brincadeiras e “peladas” entre as crianças, o lixo passou a ser depositado em uma parte mais afastada, à beira do rio. Neste dia, havia cerca de 150 pessoas lá, grande parte crianças, que corriam e brincavam com bolas de papel improvisadas. O terreno, com cerca de 100m², foi ornamentado com papéis coloridos e bolas de encher. Uma grande mesa feita com compensados de madeira e cavaletes de obra foi armada no centro, onde foram dispostos alimentos e bebidas. Uma caixa de som tocava repertório pouco variado que envolvia principalmente músicas dirigidas ao público infantil.

Durante a festa percebi a preocupação de minha ex-vizinha, sempre me alertando para possibilidade de me perder em meio às inúmeras vielas que compõem as “Triagens” ou para possibilidade de sofrer constrangimentos por não ser conhecida no local. Contudo, conforme conversava com os moradores e auxiliava no atendimento às crianças seus receios pareceram diminuir, possibilitando sentir-me mais segura e confiante.

Passei grande parte do evento distribuindo comidas e brinquedos para as crianças, o que, de certa forma, possibilitou minha aproximação de familiares ali

presentes. Em meio as nossas conversas foram frequentes relatos e queixas sobre o abandono do poder público ao local, as dificuldades de moradia, a falta de espaços de lazer. Porém, não negavam a importância da ajuda que recebiam vez ou outra de membros da comunidade ligados à ONGs como o Centro de Convivência que patrocinava a festa aquele dia. Não raro, eles falavam também do preconceito que sofriam por parte dos outros moradores, um deles chegou a dizer uma frase que muito me chamou atenção: “Minha filha, é como se nós nem fizéssemos parte daqui, isto aqui não existe, é outro mundo. Os moradores das casas nos olham desconfiados, o dos “Apês” nem olham. Quem passa pela Linha Amarela, fecha o vidro ou vira para outro lado”. E, completando, revelou com peculiar ironia: “aqui é a “favela”, lá (referindo-se ao “Centro”) é a “Zona Sul” da Cidade de Deus”. Diante de sua fala, resolvi utilizar novamente a “técnica” do “mapa” e pedi para que desenhasse o bairro. Ao contrário do que imaginei, não encontrei resistência ao meu pedido. O morador pegou o caderno de minha mão e apoiando-o em suas pernas pôs-se rapidamente a rabiscá-lo. O resultado mostrou-se instigante:

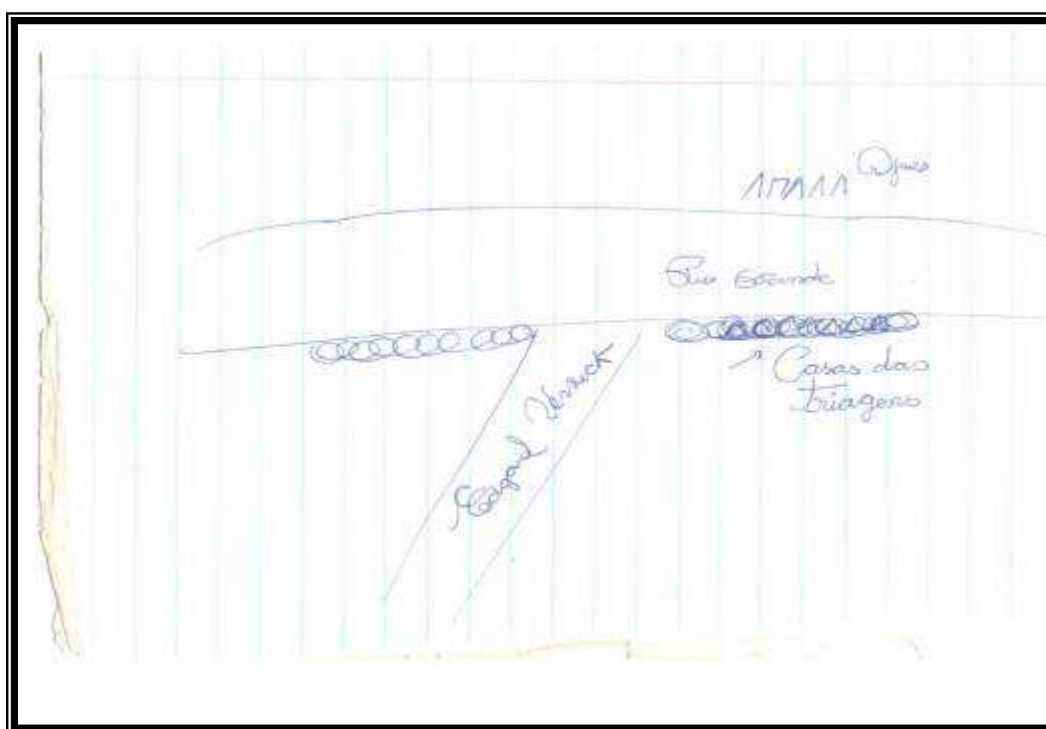
Figura 18 - MAPA 3



Em sua construção o Rio Grande passa a ser a principal referência, às margens dele estão as habitações, representadas através de um traçado contínuo e disforme. Nota-se também a reduzida indicação de ruas, vielas e outros marcos geográficos. Entretanto, há destaque para o batalhão da Polícia Militar, situado próximo à Praça Padre Julio Grooten, na Avenida Edgard Werneck, local considerado o “Centro” da Cidade de Deus.

Contudo, se a primeira vista, no “mapa” feito, a simplificação excessiva de elementos que identifiquem a configuração sócio-espacial do bairro sugere uma percepção restrita do lugar, não é isto o que acontece. A meu ver, a alusão à determinadas áreas e a supressão de tantas outras, evidenciadas pelos mapas e nas formulações deste e de outros moradores que tive a oportunidade de ouvir, revelam uma percepção bastante nítida da segregação a que estão expostos. Este é o caso, por exemplo, de outro residente das “Triagens” com quem conversei, que ao mostrar seu “desenho” do bairro fez questão de justificar seu esboço rudimentar através da explicação de que: “aqui não tem nada para se mostrar, não tem escola, nem comércio, nem rua tem. Parece que aqui não é a “CDD”¹⁰⁵, nem é favela, nem sei que lugar é este.” Vejamos sua descrição.

Figura 19 - MAPA 4



¹⁰⁵ CDD é a abreviação que a maioria dos moradores utiliza ao referirem-se ao bairro.

Novamente observa-se a ênfase dada ao Rio Grande como marco estruturante do espaço. Tal como no outro mapa, a ausência de referências como ruas, vielas, lojas e praças se faz notar. Chama atenção, sobretudo, a representação utilizada para descrever as casas “das Triagens”, através de círculos concêntricos e sobrepostos, indicando, uma possível percepção de homogeneidade entre elas e de um isolamento em relação a outras partes do bairro. Outro aspecto relevante é a localização dos “Apês”, posicionado do outro lado do Rio Grande.

Com efeito, para os habitantes “das Triagens”, morar à beira do rio significa mais do que sofrer toda sorte de infortúnios, consequente da precariedade de suas condições de vida, é também estar “à margem” do lugar em que vivem. Em suas representações do espaço há, pois, a clara perspectiva de uma distância que se sabe não poder medir em quilômetros. E é a essa distância que estes moradores aludem ao afirmarem, como o fez um deles em tom ressentido: “vivemos aqui, tem gente que tá aqui desde do início, quando só tinha barraca, mas é como se a gente não fosse morador igual a todo mundo, parece que tem uma barreira, eles não vem cá e a gente não vai lá”.

Nas fotos apresentadas a seguir, pode se observar as precárias construções das chamadas “Triagens”, região extremamente pobre do bairro Cidade de Deus.

Figura 20 - O Rio Grande, fronteira que divide as “Triagens” dos “Apês”.¹⁰⁶



¹⁰⁶ Todas as fotos mostradas nesta sessão são de autoria da pesquisadora

Figura 21 - Entrada das “Triagens”, a única rua asfaltada desta parte do bairro.

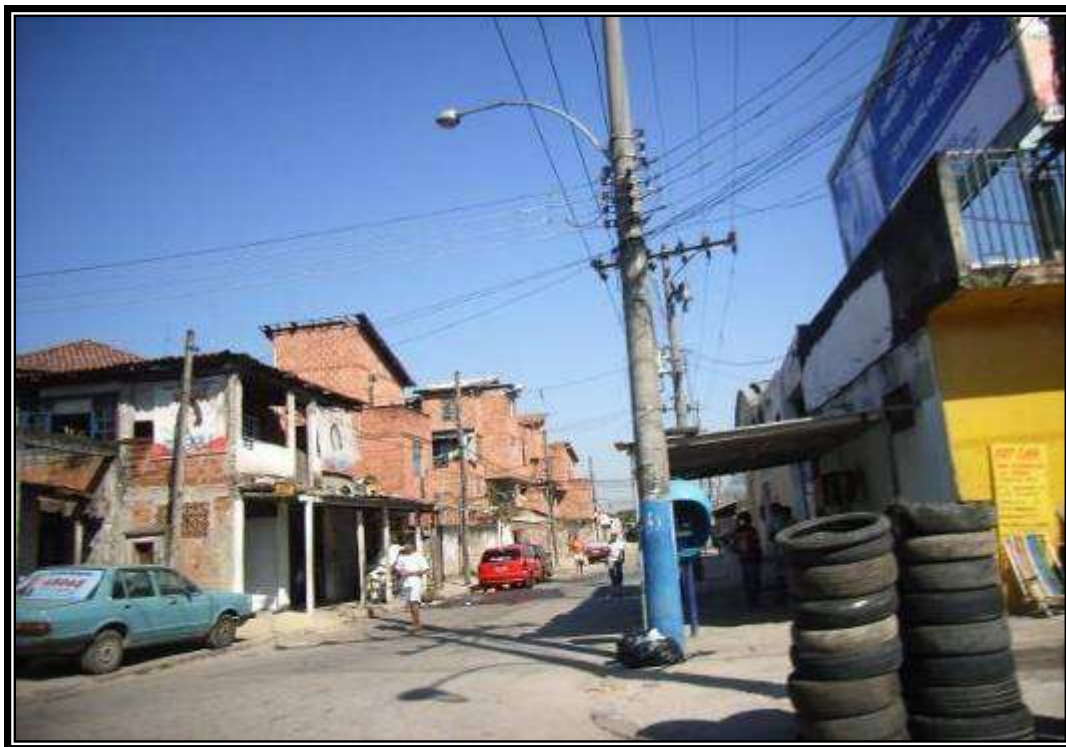


Figura 22 - Nas vielas muito estreitas das “Triagens”, sem opção de lazer ou oferta de serviços públicos, crianças brincam em carro abandonado com inúmeras perfurações de balas.



Figura 23 - Vista do interior das “Triagens”. A inexistência de ruas e oferta de serviços públicos é flagrante.



Mas se a percepção de fronteiras é expressa de diversos modos pelos habitantes “das Triagens”, esta não se restringe apenas a parte “central” do bairro, ao contrário, ela é ainda mais evidente quando se toma por referência a outra margem do rio, área onde situa-se o Conjunto das Margaridas. Separado apenas por uma passarela que serve de acesso ao local, “os Apês”, como é mais comumente designado, é visto com tamanho distanciamento que parece existir de fato uma extensão espacial muito maior do que os poucos metros que separam um lugar de outro. Assim, não é incomum ouvir indicações, tais como: “lá nos apês”, “no Gabinal”, “nos conjuntos”. A princípio, sem entender, estranhava o fato de muitos residentes “das Triagens” sequer conhecerem aquela parte da Cidade de Deus ou nunca terem, pelo menos uma vez, atravessado para o outro lado, já que em poucos passos pode se alcançar o local. Entretanto, quando indagados sobre este aspecto, alguns acontecimentos do passado emergem, revelando uma memória organizada não só a partir da experiência de segregação que vivenciam, mas também de sentimentos de medo e insegurança.

A este respeito, Luciano, reverendo da Igreja Anglicana local, que conheci durante as festividades, contou-me sua versão. Segundo ele, como resultado da

“guerra do tráfico”, ocorrida entre as décadas de 80 e 90, outrora houve a territorialização daquelas áreas pelas quadrilhas que rivalizavam pelos pontos de venda de drogas, o que fez com que uma prescrição velada proibindo o trânsito livre dos moradores entre as duas regiões fosse imposta pelos bandidos. Nesta medida, apesar da situação não ser a mesma da época retratada, conforme afirmou o reverendo, talvez por receio, os residentes de ambos os lados, continuam guardando ainda certa distância uns dos outros. Todavia, embora os moradores corroborem essa história, há um outro dado que contribui para acirrar as fronteiras existentes entre eles. Novamente quem fala é Luciano:

Quando começaram as obras da Linha Amarela, por volta de 95, muitos dos antigos moradores das Triagens foram removidos para outras partes mais distantes da Cidade de Deus, onde se formou depois as favelinhas do Pantanal I, Rocinha II e do Muquiçu. Essa remoção foi apoiada pelos moradores dos “Apês”, porque eles queriam a melhoria do bairro e também isso ia valorizar muito os apartamentos. Então os moradores de parte das Triagens que não foram removidas se sentem inseguros e com medo. Eles vivem em constante alerta, se sentem sempre ameaçados por todos pela polícia, pelo governo e até pelos outros moradores da CDD. (Entrevista concedida em Outubro de 2007)

Lembranças de discriminação são também evocadas pelos moradores ao descreverem o processo de remoção ocorrido. Nelas se podem notar as percepções acerca das relações e fronteiras que marcaram (e marcam) a apropriação material e simbólica do espaço entre moradores em Cidade de Deus. Um dos moradores mais antigos das “Triagens” me contou de forma emocionada:

Aqui é a terra de ninguém. Quando chegamos aqui era um abandono só, não tinha nada, as pessoas achavam que porque a gente invadiu não tinha direito a nada a gente era o resto. Até hoje é assim. Entra governo sai governo e nada melhora, somos jogados para lá e pra cá, e ninguém faz nada, os outros daqui até gostam, porque não tem que ficar olhando pro que é feio ninguém gosta do que é feio né? Tiraram uma porção de barracos daqui, passaram essa ponte em cima de nossa cabeça e os outros moradores até gostaram. O povo dos Apês até aplaudiu, eles tão lá do outro lado, acham que porque moram nos prédios são melhores que a gente, o pessoal das casas, nem se fala, aqui eles nem vem. Vamos vivendo por causa de Deus e da ajuda de uns poucos. (Entrevista concedida em Outubro de 2007).

Nestes depoimentos não se pode deixar de perceber um aspecto distinto aquele indicado, por exemplo, por Marcos Alvito (2001).¹⁰⁷ Segundo ele à instabilidade ocupacional presente nas trajetórias de vida de moradores das favelas

¹⁰⁷ Op. Cit., nota 88.

tem engendrado redes de solidariedade e formação de coletividades. Ou, nas palavras de Alba Zaluar, é na vizinhança “ e não com os colegas de trabalho, que vivenciam formas de solidariedade, de construção de identidades comuns e do sentimento, ainda que frágil, de pertencer a um nós distintivo (1985, p.62).¹⁰⁸ Ao observar a construção e os usos dos espaços em Cidade de Deus creio que estas redes e coletividades só se apresentam em algumas circunstâncias e em determinados momentos.

Com o prosseguimento do trabalho de campo novas nuances da configuração social e espacial em Cidade de Deus foram sendo, aos poucos, por mim apreendidas. Neste processo, Luciano foi essencial. Muito articulado e atuante na comunidade, mostrou-se um interlocutor generoso e atento aos meus anseios, conduzindo-me a caminhos e percursos que não teria sido possível conhecer sem sua ajuda. Com ele atravessei pela primeira vez, desde minha chegada ao lugar, a estreita passarela que separa os “Apês” da outra parte do bairro.

Com ar aparentemente austero Luciano é um homem alto e forte, proveniente do nordeste. Residente muito antigo em Cidade de Deus, morou com os pais em uma casa na parte “central” do bairro desde sua chegada ao Rio de Janeiro, somente mudando para um pequeno apartamento no Conjunto das Margaridas, onde mora até hoje, após seu casamento, aos 24 anos, com Andréa com quem tem dois filhos. Atualmente, com 38 anos, além da atividade como reverendo na Igreja Anglicana local é professor do primeiro segmento do ensino fundamental, em uma escola da Rede Pública Municipal¹⁰⁹ do bairro, e, cursa também o 5º período da faculdade de Direito em uma universidade privada.

Muito eloquente e popular no bairro, Luciano atua em diversos projetos sociais, além de manter um “fórum de diversidade religiosa” em seu apartamento, onde reúne quinzenalmente cerca de 20 pessoas e “quem mais chegar”, como diz ele, para “cultos” e “estudos bíblicos”. Aliás, foi através de minha participação em um desses “fóruns” que estreitamos nosso contato.

Após o nosso primeiro encontro, durante a festa ocorrida nas “Triagens”, ele

¹⁰⁸ Op. Cit., nota 45.

¹⁰⁹ As escolas municipais se dedicam exclusivamente ao ensino fundamental – 1º segmento C.A a 4º série e 2º segmento - (5º a 8º série) e estão agrupadas por Regiões Administrativas Educacionais – CRE -. A Cidade de Deus faz parte da 7º CRE com sede na Barra da Tijuca.

me convidou para uma “reunião” que aconteceria em seu apartamento dali a três dias. Motivada pela perspectiva de ampliar minha rede de relações no bairro, aceitei prontamente. Combinamos de nos encontrar às 15:00 horas, em frente a Igreja Anglicana, próximo ao número 1605 da Avenida Edgard Werneck, na parte “central”. No dia marcado, cheguei ao local uns 15 minutos antes, e, como Luciano ainda não estava, aproveitei para conhecer a pequena capela. Impressionou-me o arranjo arquitetônico da construção, uma grande casa com traços próximos à estética neoclássica que, embora muito simples é ampla e arejada. No seu interior um grande salão, com bancos dispostos lado a lado é utilizado ao mesmo tempo como templo e escola. Nele, não há imagens de santos ou qualquer símbolo religioso, apenas uma cruz de madeira fixada na parede. Observando o lugar, me dei conta de que, enquanto moradora, nunca havia prestado atenção aquele espaço ou sequer tive a curiosidade em conhecê-lo.

Ainda imersa nesses pensamentos, ouvi do outro lado do cômodo a voz de Luciano que me cumprimentou dizendo: “E aí vamos?” Para minha surpresa, ele trajava vestes litúrgicas, composta de uma túnica impecavelmente branca que cobria todo seu corpo e sobre ela uma estola na cor verde, semelhante as dos padres da Igreja Católica. Nos dirigimos então para uma sala contígua ao salão principal e enquanto livrava-se dos paramentos, explicou que acabara de dar uma palestra para jovens seminaristas que pretendiam ingressar na vida sacerdotal.

Ao sairmos do templo caminhamos em direção às “Triagens”, durante o trajeto, crianças uniformizadas corriam para abraçá-lo, em uma nítida demonstração de carinho pelo professor. Entre os moradores adultos seu prestígio não é menor, a contar pelo número de vezes que paramos para que ele fosse cumprimentado. Entre trocas de sorrisos, acenos e abraços aqueles que solicitavam, Luciano ia narrando a mim as ações realizavas pela Igreja Anglicana na comunidade. Segundo ele, a instituição iniciou seus trabalhos ainda na antiga favela da Praia do Pinto, Zona Sul do Rio de Janeiro, onde o reverendo Raymond Reeb, clérigo norte-americano, atendia às crianças carentes, fornecendo suplementos alimentares. Em 1964, com a remoção dessa população para a Cidade de Deus, o Governo do Estado, sob a gestão de Negron de Lima, doou um terreno ao reverendo que fundou uma creche no local e posteriormente um jardim de infância que atende atualmente cerca de 150 crianças. Durante muito tempo este foi o único espaço existente no bairro, destinado ao cuidado de crianças com idade inferior a cinco anos, tendo sido inaugurada uma

creche pública apenas no ano de 1989.

Atenta à sua narrativa, mal notei que nos aproximávamos da estreita passarela que dá acesso aos prédios. Subimos por cerca de vinte degraus até alcançarmos a armação feita de aço e concreto. Ao atravessarmos, sob o olhar curioso dos moradores, deixávamos para trás o outro lado do bairro.

2.1.3 “Os Apês”

“Blocos de cimento e pedras”: esta foi a primeira impressão que tive quando avistei o Conjunto das Margaridas, os “Apês” tão falado pelos moradores. Famoso por abrigar no passado a quadrilha de “Zé Pequeno”, o complexo habitacional, formado por cerca de quarenta prédios perfilados lado a lado, à frente se estende por vários quilômetros da Estrada do Gabinal, e, aos fundos, pelo Rio Grande. As vielas muito estreitas, deformadas pela construção desordenada de garagens ou cômodos extras, a grande quantidade de lixo deixado nas ruas e a pintura muito antiga dão ao local um aspecto geral de abandono. Contudo, ao contrário das “Triagens”, a oferta de áreas de lazer e serviços públicos é mais visível. Embora estreitas, as ruas, em sua maioria asfaltada, comportam pequenas lojas comerciais que vão desde açougues, padarias, lojas de DVDs “piratas”¹¹⁰, armarinhos, barzinhos, até um mini mercado, sem falar nas inúmeras biroskas existentes. Ladeado pelos prédios, há ainda um campinho de futebol de terra batida e uma praçinha com brinquedos e banquinhos mantidos pela Prefeitura. Vejamos a seguir algumas imagens que retratam tal ambiente:¹¹¹

¹¹⁰ Designação de senso comum dada à produtos, tais como DVDs, CDs que são reproduzidos e comercializados ilegalmente.

¹¹¹ Todas as fotos apresentadas nesta sessão são de autoria da pesquisadora.

Figura 24 - Linha Amarela - Dê um lado o “Centro”, do outro, os “Apês”, embaixo, estão grande parte das moradias das chamadas “Triagens”.



Figura 25 - Vista de frente do Conjunto das Margaridas na Estrada do Gabinal



Figura 26 - Fundos do Conjunto das Margaridas, com vista para Linha Amarela. No detalhe da foto, os brinquedos da pracinha em péssimo estado de conservação



Figura 27 - Entre os prédios, denominados genericamente pelo numero de localização, vê-se as “biroskas” e obras irregulares de extensão das áreas que correspondem ao primeiro andar

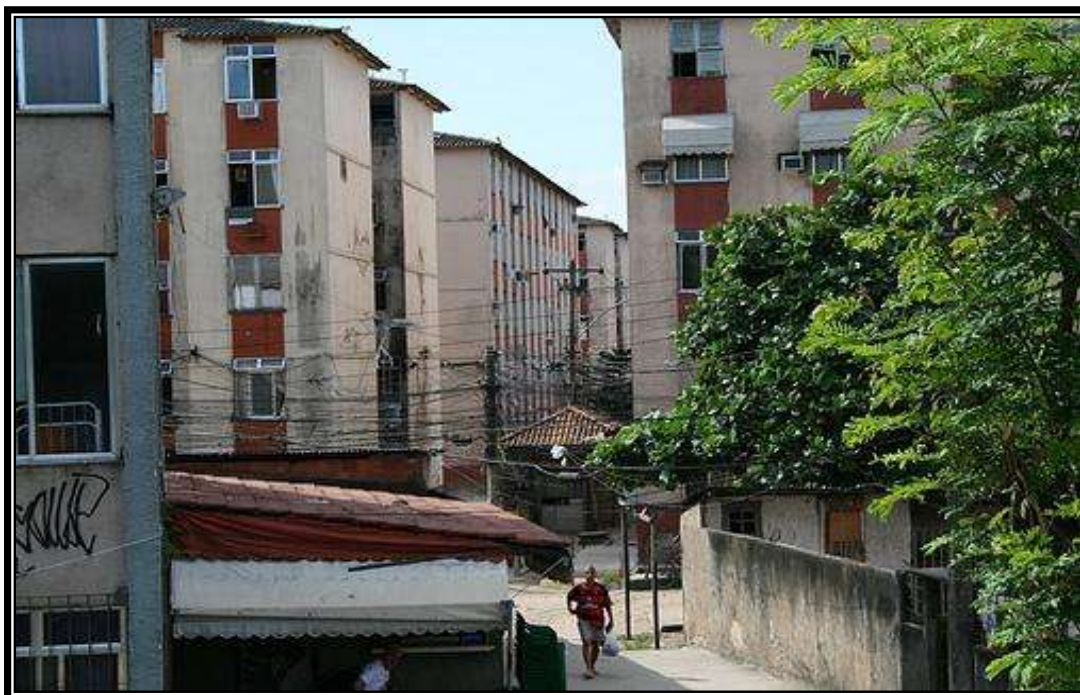


Figura 28 - Na parte interna do complexo de prédios, o trânsito de moradores, mistura-se ao de veículos



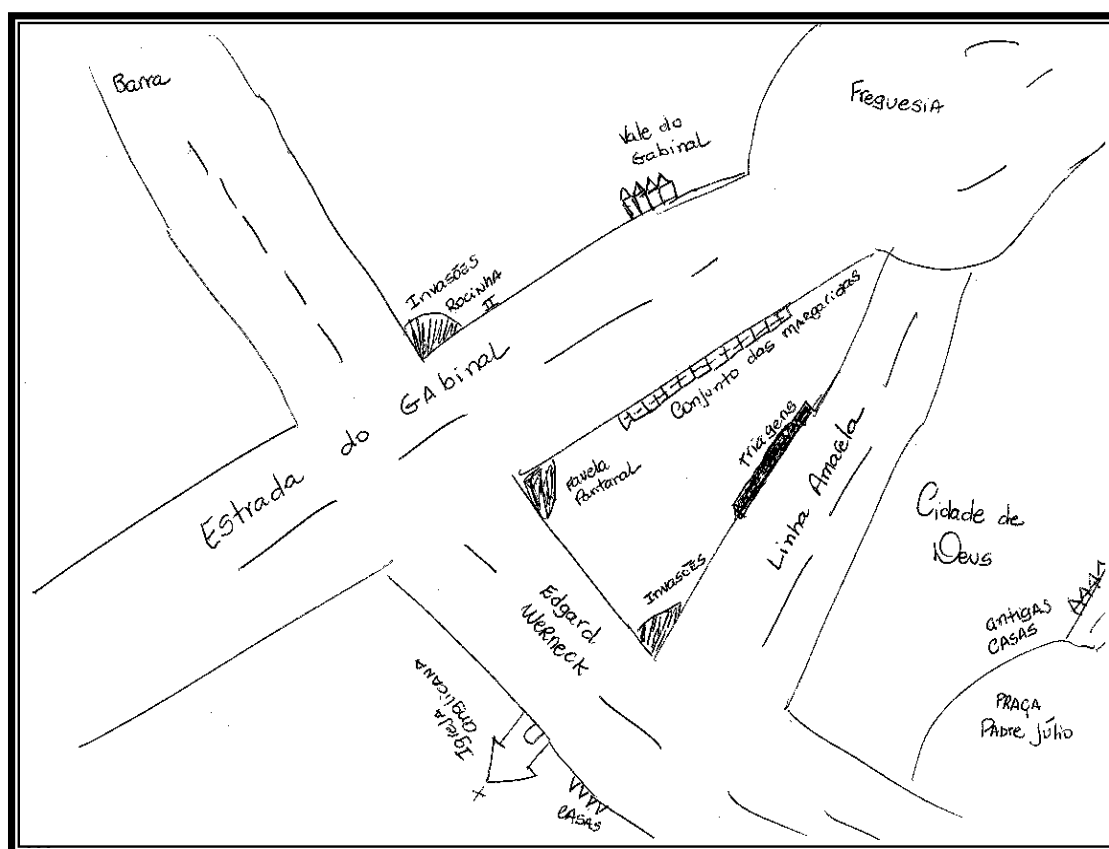
Andamos por cerca de cinco minutos até chegarmos à residência de Luciano. O prédio onde ele mora fica do outro lado da Estrada do Gabinal, um pouco mais afastado dos demais, destacando-se pela pintura bem conservada, o jardim bem cuidado e as grades em volta. Embora de construção mais recente possui a mesma estrutura dos blocos que integram “os Apês”. Ao entrarmos na pequena sala do imóvel umas quinze pessoas, sentadas em uma roda no chão ou em cadeiras disponíveis, conversavam em voz alta. Luciano apressou-se em cumprimentar a todos e me apresentou rapidamente “como professora”. Após nos acomodarmos, o debate reiniciou e, para meu espanto, o motivo era menos religioso e mais político. A discussão girou em torno de assuntos como melhorias para a comunidade e a implantação de um “Comitê Comunitário em Cidade de Deus”.¹¹² Ao final, depois de mais ou menos três horas de intensos debates, todos deram as mãos e rezaram um “pai nosso” em “agradecimento pelo momento vivido.”. Soube mais tarde por Luciano e sua esposa que aquelas reuniões aconteciam independente do credo de cada um. Segundo eles, visando o “bem maior”, o que, em suas falas, significava “transformar a realidade do bairro”. Enquanto contavam-

¹¹² Ao longo do segundo capítulo analiso a atuação do Comitê que viria a ser constituir oficialmente em 2007.

me sobre os muitos projetos que pensavam em realizar, aproveitei para falar, em linhas gerais, da pesquisa, o entusiasmo demonstrado por eles foi evidente. Luciano ofereceu-se prontamente para percorrer comigo o local, afirmando que como reverendo e professor tinha acesso a todos “os lados do bairro” e, prosseguindo, disse algo no mínimo intrigante: “fui morador muitos anos da Cidade de Deus, mudei de lá quando me casei.” Surpresa com tal afirmativa, pois seu apartamento fica apenas a uma rua dos demais, perguntei-lhe que lugar era aquele. Sua resposta foi taxativa. “Aqui onde eu moro não é Cidade de Deus não, aqui é Gabinal. Eu continuo trabalhando lá, tenho muitos amigos e conheço todo mundo por causa dos meus compromissos na igreja e de minha militância no bairro.”

Diante de sua fala, decidi usar a mesma estratégia anterior, pedi-lhe que desenhasse um mapa para que eu me localizasse. O resultado mostrou-se revelador:

Figura 29 - Mapa 5



No mapa feito por Luciano, a Estrada do Gabinal ganha centralidade, ela é o ponto de ligação entre a Freguesia, bairro nobre de Jacarepaguá, e a Cidade de Deus. No desenho, além da diferenciação entre “favelinhas”, “conjuntos” e “casas”, identifica-se também a separação entre um lado e outro da Estrada do Gabinal. Assim, no lugar onde se concentra o Conjunto das Margaridas, chamado popularmente pelos moradores pela designação “Apês”, é considerado Cidade de Deus e, do lado imediatamente oposto, local onde fica o prédio em que Luciano mora, é outro bairro.

Quando peço para que Luciano descreva o bairro, novamente a idéia de um lugar multifacetado aparece. Embora a centralidade da Avenida Edgard Werneck, considerada “principal” pelos moradores das “casas”, tenha sido deslocada em sua figura para a Estrada do Gabinal, o desenho apresentado não se distancia muito dos observados anteriormente. Assim, locais como “Triagens”, “Centro” e “Apês” são evidenciados, em uma clara alusão aos diversos espaços que, em sua visão, integram a Cidade de Deus.

O que é mais significativo em sua descrição, entretanto, é que ela vincula espaços a populações, ou em uma palavra, a identificações.¹¹³ Neste sentido, categorias tais como “triagens”, “favelinhas” são assinaladas como regiões que abrigam ainda uma população de “invasores”. Em contrapartida, a Avenida Edgard Werneck e às adjacentes, assim como a Estrada do Gabinal, são associadas aos espaços que constituíam originariamente o bairro, remetendo, possivelmente, ao status de “inscritos” ou “removidos”.

Nesta perspectiva, a explicação fornecida por Luciano ao afirmar não morar na Cidade de Deus ganha sentido quando se identifica, a partir da representação espacial sugerida, as fronteiras simbólicas por ele definidas. Assim, neste caso, não é meramente o local em que se habita o elemento delimitador, por excelência, que separa ou aproxima, integra ou exclui os moradores entre si, mas, à semelhança da época de implantação do bairro, a origem sócio-espacial e as formas de aquisição de moradia continuam sendo determinantes no agenciamento de ações e práticas do cotidiano.

Sobre este aspecto o depoimento de um antigo residente dos Conjuntos

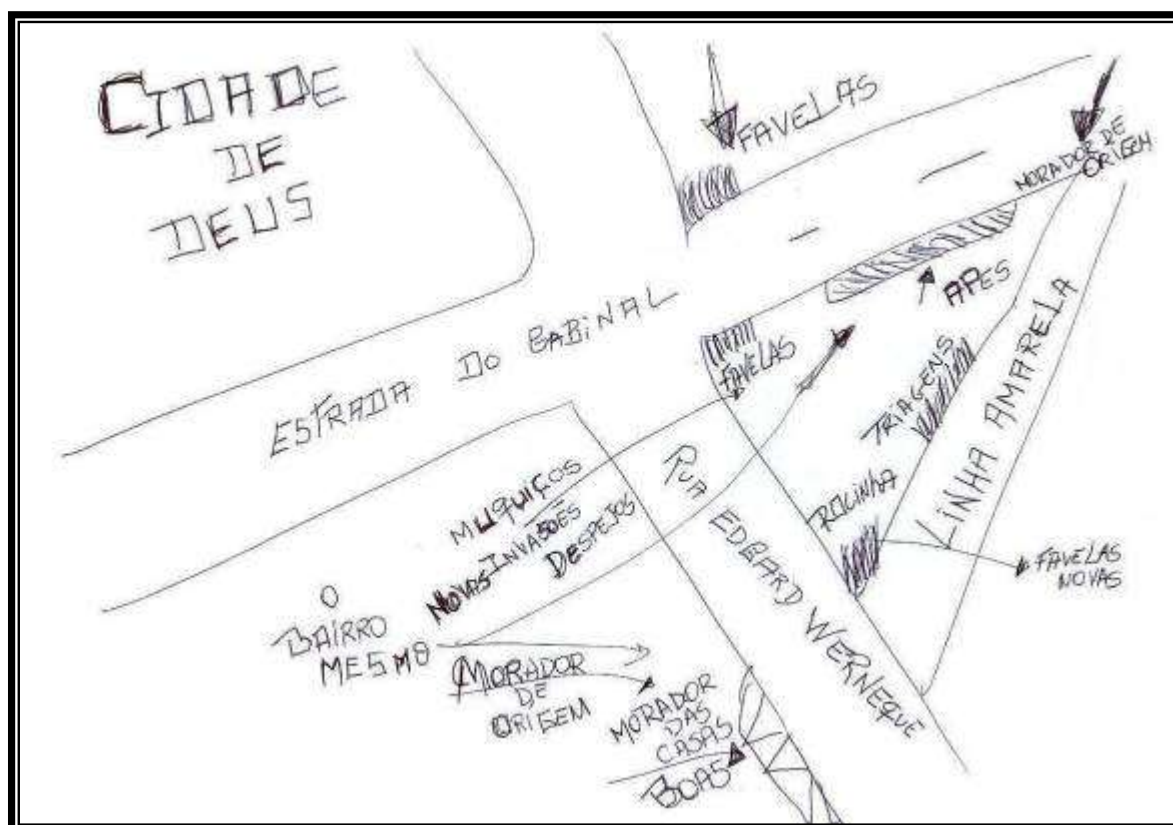
¹¹³ Sobre a idéia de identificações vinculada às populações de territórios específicos ver, o autor já citado neste capítulo: NOIRIEL, Gérard. *L'identification. Génèse d'un travail d'État*. Paris: Belin. 2007.

das Margaridas, a quem também solicitei que realizasse a mesma operação do mapa é elucidativo:

“a Cidade de Deus tem muitos lados, os apês, as casas, as favelinhas e as triagens e é tudo isso junto e separado também. O que acontece é que se criou uma diferença entre quem comprou direitinho, lá no papel a moradia e quem se alojou de qualquer jeito em um barraco”. Então as pessoas criam assim uma espécie de preconceito, porque quem comprou sua casa acaba dando mais valor àquilo que tem enquanto quem invadiu sabe que pode ser tirado a qualquer momento, então não liga mesmo, pode tocar a fuzarca. Daí que há uma divisão mesmo entre aqueles que se consideram moradores de origem, que estão desde a época da fundação e aqueles que invadiram e continuam invadindo, porque ninguém quer uma bagunça, todo que viver em paz. (Sic) (Entrevista concedida em Novembro de 2007)

Em seu desenho a percepção das diferenças entre os habitantes e os espaços por eles ocupados é reveladora:

Figura 30 - Mapa 6



À semelhança da descrição feita por Luciano, o mapa do morador apresenta uma diversidade de lugares, revelando a percepção não de um bairro único e

indistinto, mas composto de divisões e fronteiras. Novamente a Estrada do Gabinal e a Avenida Edgard Werneck ganham centralidade como espaços circunscritos às casas e aos prédios. Vale sublinhar, porém, a ênfase às categorias “morador de origem” e “novas invasões” como forma de demarcar o pertencimento ou a exclusão a determinadas regiões. Assim, se a imagem dos locais onde habitam os “moradores de origem” é do “bairro mesmo”, “lugar das casas boas”, conforme observado pelo morador, por oposição, as dos “novos invasores” são as das favelas, dos “muquiços” e dos “despejos.”

O que chama atenção nestes “mapas” não são propriamente as demarcações de regiões ou lugares reconhecidos pelos moradores, antes, o que creio ser mais significativo é a forma como estes espaços são delineados, como assinala Ingold (2005), “não para fornecer posições e sim relações.”¹¹⁴ Assim, é possível supor que as imagens apresentadas estão necessária e inextricavelmente conectadas a contextos em que a configuração social do espaço se relacione a construção de identidades e estabelecimento de vínculos de pertencimento entre os moradores do bairro.

Frente ao exposto, pode-se dizer que há entre os moradores uma distinção cada vez mais forte entre as regiões que integram o bairro e entre aqueles que nelas habitam, formando assim espaços, aparentemente homogêneos, mas com diferenças extraordinárias entre si. A localização e a forma da moradia refletem a origem (favelada ou não) e a situação de acessibilidade e bens públicos que são desfrutadas pela população. A análise do modo como se organizam as relações sociais e espaciais em Cidade de Deus confirma o raciocínio de Valladares (2000)¹¹⁵, que destaca a necessidade de se compreender esses territórios como um universo complexo, heterogêneo, composto por diversos grupos, como parte das engrenagens mais amplas do espaço urbano.

Portanto, ao que tudo indica esta construção espacial da Cidade de Deus não é uma operação que resulta exclusivamente de seus moradores, mas se realiza

¹¹⁴ INGOLD, Tim. Jornada ao longo de um caminho de vida. In: *Religião e Sociedade*, 2005. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

¹¹⁵ VALLADARES, Licia. A gênese da favela carioca: a produção anterior às ciências sociais. *Revista Brasileira de Ciências Sociais/ANPOCS*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 44, p. 5-34, out. 2000b

como diz Leite (2003),¹¹⁶ “no interior de um contexto mais amplo na Cidade do Rio de Janeiro, que se configura como um campo de disputas de projetos sociais e políticos, recorrendo ao repertório cultural socialmente disponível.” Com efeito, as dinâmicas que orientam mudanças e permanências nas relações dos moradores entre si e com o espaço que habitam, “são informadas, em um plano mais geral, tanto pela perspectiva de integração das favelas à cidade como pela perspectiva de sua exclusão”.¹¹⁷

Vale lembrar, nesse sentido, os vários discursos que têm sido construídos ao longo de décadas sobre a Cidade de Deus e que interpelam seus habitantes das mais diversas formas, seja através da produção de identificações que contribuem para ampliar os estigmas, seja ensejando ações do poder público no bairro. Sobre este último aspecto, são exemplos emblemáticos: o combate da polícia nos anos 80 ao que se designou “guerra do tráfico”¹¹⁸; a “Operação Rio”, nos anos 90¹¹⁹ e, mais recentemente, a instalação da Unidade de Polícia Pacificadora – UPP – feita em fins de 2008 pelo governo do Estado¹²⁰ e seguida de perto pelo “choque de ordem” da

¹¹⁶ LEITE, Marcia. A construção social do Grajaú, um bairro carioca. In: SANTOS, Alexandre Mello; LEITE, Marcia Pereira; FRANCA, Nahyda. (Org.) *Quando Memória e história se entrelaçam: a trama dos espaços na Grande Tijuca*. Rio de Janeiro: IBASE, 2003.

¹¹⁷ Op. cit., p. 49

¹¹⁸ Sobre este assunto ver o item 3 do primeiro capítulo.

¹¹⁹ Em 1992, as forças armadas responsabilizaram-se pela coordenação e operação da segurança das lideranças políticas mundiais que compareceram à conferência sobre meio ambiente na cidade (ECO-92). Respalçadas pelo exemplo da ECO-92, inúmeros setores da cidade passaram a pressionar por uma intervenção das forças armadas no estado. Da parte da sociedade política, diversas lideranças estaduais e federais defendiam a tese de intervenção federal. Na sociedade civil, inúmeras entidades apoiavam a intervenção federal. Dadas estas pressões, foi firmado um convênio entre o governo do estado e o governo federal para atuação das forças armadas na repressão aos crimes federais (narcotráfico e contrabando de armas). Entre novembro de 1994 e janeiro de 1995, foi executada a chamada “Operação Rio”, onde forças militares e policiais cercaram morros a fim de coibir o comércio de drogas e o contrabando de armas. Por vezes, algumas favelas foram ocupadas temporariamente. A Cidade de Deus foi alvo de ostensiva intervenção do exército neste período. Sobre o assunto ver Coimbra (2001); Zaluar (1998) e Rezende (1995).

¹²⁰ Em abril de 2008, já na gestão de Sérgio Cabral, atual governador do Estado do Rio de Janeiro, a Cidade de Deus foi ocupada pelo Batalhão de Operações Especiais (BOPE) da Polícia Militar. Posteriormente, foi instalada, por tempo indeterminado, a Unidade da Polícia Pacificadora – UPP -, que sob a política de ocupação de favelas para o combate ao crime e ao tráfico de drogas, iniciou uma série de intervenções no bairro, como remoções, fechamento de estabelecimentos comerciais, desapropriações de imóveis, proibições de bailes funks e outras atividades consideradas prejudiciais a “ordem pública”. Sobre o assunto ver reportagens disponível em: <http://rjtv.globo.com/Jornalismo>. Acesso ao longo dos anos de 2008 e 2009.

Prefeitura Municipal.¹²¹ Tais intervenções evidentemente não são exclusivas ao lugar, mas nele encontram grande expressão e apelo não só pela ampla visibilidade que alcançam junto à mídia, como também pelos efeitos que incidem de forma mais direta no cotidiano dos moradores.¹²²

2.2 Pacificar o que?

Atualmente, o discurso de “pacificação” e de “ordem” construído por diversas instâncias do poder público tem orientado, – através de uma política de requalificação, regularização, reurbanização e remoção de territórios marcados pela “irregularidade” e pela exclusão –, sucessivas intervenções em Cidade de Deus, assim como em outros espaços segregados da cidade.¹²³

No caso da Cidade de Deus, que é o que me interessa mais de perto, as medidas de “pacificação” empreendidas a partir de fevereiro de 2009, culminaram com a eliminação de 150 habitações nas regiões do Pantanal e Rocinha II, locais mais pauperizados do bairro, levando à extinção de uma área ocupada de cerca de 1000m². Sob a justificativa de “vulnerabilidade e risco social”, o Governo do Estado autorizou ainda a retirada de parte das “Triagens”, o fechamento de estabelecimentos comerciais, a repressão ao comércio ambulante, assim como, o controle ostensivo do local (e obviamente de seus moradores) pelas UPPs, que já no início das operações, além de proibir bailes funks, realizou inúmeras “batidas” e “revistas” indistintamente. Por outro lado, uma série de investimentos públicos passou a ser feitos no lugar, dentre eles, a restauração e pintura do Conjunto das Margaridas, a reestruturação e pavimentação de diversas ruas, a construção de uma Unidade de Pronto Atendimento – UPA –, a instalação de um posto avançado do

¹²¹ Em Janeiro de 2009 foi criada pelo então Prefeito Eduardo Paes a Secretaria Municipal de Ordem Pública, cujo objetivo principal, segundo o Diário Oficial do Município, datado de 10 de janeiro de 2009 “é um órgão regulador e fiscalizador da atividade econômica e das posturas municipais. Esta secretaria pretende ordenar o espaço público fazendo valer as leis, como a que rege o trabalho do comércio ambulante (Lei 1876/92) e o código de posturas municipais. Para isso, desenvolve ações de Choque de Ordem que fiscaliza várias áreas de atuação, como as atividades econômicas, publicidade, eventos e o ordenamento das praias, que está em vigor desde o dia 08 de dezembro de 2009.

¹²² Nesta perspectiva, são inúmeros os relatos e reportagens que dão conta da arbitrariedade da polícia ao fazer “batidas” e “revistas” em moradores ou da força e violência empregadas na remoção de populações residentes em áreas segregadas.

¹²³ Até março de 2010, sete territórios considerados de “risco” pelo poder público, já haviam sofrido intervenções e mais quatorze estavam previstos, sendo adotada, além de medidas de reestruturação urbana a implantação das UPPs. Ver mais adiante “Mapa da Pacificação”.

Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE -, a construção de uma escola profissionalizante ligada à Fundação de Apoio à Escola Técnica - FAETEC -, além da inauguração de uma nova rede de iluminação pública no bairro.

Quando em maio de 2009 encerrei as visitas mais sistemáticas a Cidade de Deus, as medidas de “pacificação” estavam em pleno curso. Em decorrência das ações de remoção e extinção de locais considerados “favelizados”, não só o espaço estava sendo literalmente remodelado, como também a relação dos moradores com ele. Evidentemente que tais ações não ficaram imunes aos protestos e reclames da população por elas atingida, mas houve, entretanto, o apoio de grande parte dos habitantes do “Centro” e do Conjunto das Margaridas, que viram nelas uma possibilidade de mudança positiva para o bairro, conforme revelou um residente das casas:

É triste ver as pessoas serem retiradas, mas do jeito que estava também não podia continuar, daqui a pouco elas iam morar dentro do rio, porque os barracos só faziam crescer. Então isso acaba sendo necessário pra mudar as coisas, pra fazer melhorias, pra dá outra cara a Cidade de Deus. Com essas obras que tão fazendo, se tudo se concretizar, isso aqui vai virar um bairro mesmo igual aos outros, os apês já estão sendo pintados, aqui no centro as obras tão acontecendo e quem é trabalhador não tem o que temer da polícia. É uma pena que o povo que saiu acaba indo **pra outros lados**¹²⁴ daqui, porque não tem lugar mesmo para ficar. (Entrevista concedida em Dezembro de 2008)

Todo esse processo, acompanhado de perto pelos moradores, teve desdobramentos que culminaram em um reordenamento interno do bairro, uma vez que, expulsas de seus locais de moradia, as populações removidas acabaram por ocupar, rapidamente, outras áreas disponíveis em Cidade de Deus. Assim, uma nova configuração socioespacial passaria a se constituir após a realização da “pacificação”, mediada pelas novas relações que se estabeleceriam entre os moradores do “Conjunto das Margaridas” do “Centro” e dos “outros lados”. No discurso de um morador do Conjunto das Margaridas tal aspecto fica evidente:

Pra nós daqui dos Apês estas mudanças foram boas porque a gente precisava a muito tempo de melhorias aqui nos conjuntos, agora tá tudo pintadinho, bem organizadinho, tão fazendo até uma creche, onde era parte das triagens. Vai ficar bom, vai ficar muito bom. Quem saiu o que pode fazer né? Tem que aceitar era invasão, tava em situação ruim, tem que aceitar. Mas eles sempre acham outro lugar, já tão invadindo pra outros lados daqui, lá mais distantes, na Vacaria. Aí

¹²⁴ Grifo da pesquisadora

começa tudo de novo. Coitados, eles se alojam faz uns barracos dai a pouco começa a bagunça. É trafico, é tiroteio, é sujeira e eles acabam sendo removidos de novo. Eu fico com pena porque tem gente de bem, mas o que se pode fazer é a vida né? (Entrevista concedida em dezembro de 2008)

Cabe destacar, portanto, como a partir de uma intervenção que se pretendia “urbanizadora” outros arranjos socioespaciais se configuram, cria-se um novo processo de diferenciação e segregação interna e isso tudo constitui espacialidades e sociabilidades imprevistas pela intervenção e pelos poderes públicos. Assim, acaba-se por tornar mais tortuosos e difíceis os caminhos da consolidação desse espaço como um lugar onde seria possível estabelecer formas menos segregadoras de vida na cidade.¹²⁵

Nesse quadro, os processos de segregação socioespacial que estão presentes em Cidade de Deus desde o seu surgimento mantêm-se e se aprofundam ao longo das décadas, reproduzindo o desenvolvimento da configuração inicial que distinguiu as populações segundo critérios de origem espacial e condições sócio-econômicas, lógica que, a despeito dos anos, se repete e se atualiza.

Com efeito, embora as medidas adotadas em Cidade de Deus envolvam um período de tempo muito curto, não se pode deixar de observar neste processo uma questão: o que pacificar? Obviamente que se pacifica territórios que necessitam de paz e mesmo que “os critérios para defini-los não sejam divulgados, é mais ou menos consensual que se trata dos territórios da pobreza” (MACHADO, 2010, p. p.8),¹²⁶ como, aliás, o próprio “Mapa da Pacificação”¹²⁷ do governo do Estado, divulgado em 10 de março de 2010 pelo Jornal O Globo, explicita:

¹²⁵ Ver neste sentido o trabalho de Rosa (2008) sobre o processo de ocupação da Favela do Gonzaga, localizada na Zona Oeste de São Paulo. *Fronteiras em disputa na produção do espaço urbano: a trajetória do “Gonzaga” de favela a bairro de periferia* (Dissertação de Mestrado) Universidade Estadual de Campinas. São Paulo. 2008.

¹²⁶ MACHADO da SILVA, Luis Antonio. Afinal, qual é a das UPPS? Disponível em <<http://www.observatoriodasmetropoles.ufrj.br>> Acesso em mar. 2010.

¹²⁷ Disponíveis em: <http://oglobo.globo.com/rio/mat/2009/03/10/mapa-da-pacifica%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em 20 de julho de 2010.

Figura 31 – Mapa da “Pacificação”



Não obstante, são as favelas, os espaços segregados, os assim chamados “territórios da pobreza” que constituem os principais alvos da “pacificação”. Implícita nessa lógica está, portanto, a percepção de que nesses lugares, previamente definidos como aqueles de onde se irradia a violência e a insegurança que assolam a cidade, há necessidade de intervenção. (MACHADO DA SILVA e LEITE, 2008; BIRMAN, 2008; CALDEIRA, 2000) Nesta perspectiva, concordo com Machado (2010) quando diz que embora possam existir “aspectos virtuosos” na política de segurança empreendida pelo governo, “o resultado é que ela contém na prática, uma dimensão de reforço à secular dualização da cidade”¹²⁸ que dá margens à clássica dicotomia entre centro/periferia, asfalto/favela. Isto porque, tais políticas ao

¹²⁸ Op. Cit., p.2, ver nota 125.

identificar estes espaços através de uma especificidade negativa, ao mesmo tempo em que reitera uma idéia cristalizada sobre as populações que aí habitam, evidenciam a conduta dos agentes públicos e privados na definição de estratégias de reconfiguração e remodelação do espaço urbano.

É, pois, nesta perspectiva, que se pode compreender o quanto se difundem e predominam na cidade figurações de homogeneidade que associam pobreza, ilegalidade e violência. Como diz Rosa (2006), reproduzindo representações que tomam “a favela” e “a periferia” como lugares por excelência da exclusão social. “Proliferando-se no imaginário social, esses conceitos transformam-se em uma espécie de “rótulo” – *estigma* – que se associa a determinados espaços”,¹²⁹ muitas vezes absolutamente descolado de reflexões sobre suas diferentes lógicas de construção de espacialidades e sociabilidades, bem como das formas de acesso à cidade que representam efetivamente, como é patente no caso da Cidade de Deus.

Entretanto, como observa ainda a autora, a força com que determinados estereótipos, identificações, ordenamentos sociopolíticos constroem sentidos, “reproduzindo-se de forma imperiosa e homogeneizadora, não anula, necessariamente, o espaço próprio de sua *recepção*, quase sempre incalculável e imprevisível”¹³⁰. Neste sentido, conforme a configuração sócio-espacial observada por mim em Cidade de Deus permite supor, apesar das inúmeras intervenções que o bairro sofreu (e vem sofrendo) ao longo de sua história, há toda uma dinâmica socioespacial em contínuo movimento, produzindo e disputando a cidade em suas fronteiras e também as deslocando continuamente.¹³¹

¹²⁹ ROSA, Thaís Troncon. Produção e apropriação do espaço em periferias urbanas: construindo algumas questões. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 25., 2006, Goiânia. *Anais* Goiânia Disponível em: <www.anpocs.org.br/portal/component> Acesso em 4 de abril de 2010.

¹³⁰ Chartier (1995) argumenta, por exemplo, que: “é preciso, ao contrário, postular que existe um *espaço entre a norma e o vivido*, entre a injunção e a prática, entre o sentido visado e o sentido produzido, um espaço onde podem insinuar-se *reformulações e deturpações*. Op., Cit. 181. Por outro lado, Certau (1994) em sua análise das práticas cotidianas afirma que elas, enquanto táticas se estruturam sobre *outras lógicas* que não necessariamente aquelas impostas pela ordem dominante e podem introduzir constantemente *deslocamentos* na mesma. A interpretação das práticas cotidianas como táticas, leva a que o autor as reconheça como movimentos heterogêneos e imprevisíveis capazes de subverter usos esperados do espaço, deslocando pela apropriação significados impostos “estrategicamente” em nome de uma ordem. Sobre este aspecto, uma análise preciosa é feita por Rosa Trocon em sua pesquisa sobre a Favela de Jardim Gonzaga em São Paulo. Ver Op cit. nota 128.

¹³¹ Ver nesse sentido Leite, (2008); Rosa (2008) e também Alvito (1995) , todos já amplamente citados neste trabalho.

Imagens de “mudanças e permanências”

Figura 32



Figuras 32 e 33 - A primeira imagem retrata o início do processo de remoção de parte das “Triagens”, a segunda imagem, revela a derrubada de barracos na região do “Pantanal”.¹³²

Figura 33



¹³² Fotos disponíveis em: <http://oglobo.globo.com/rio/mat/2009/01/12/moradores-protestam-contraderrubada-debarracos-na-cidade-de-deus>. Acesso em 20 de junho de 2010.

Figura 34



Figuras 34 e 35 - O Conjunto das Margaridas: “antes” e “depois” das medidas de “pacificação”. Na primeira imagem identifica-se o início do processo, na segunda imagem, pode-se ver o conjunto já pintado e reformado.¹³³

Figura 35



¹³³ Fotos de autoria da pesquisadora

Figura 36



Figuras 36 e 37 - Na primeira imagem, de outro ângulo, vista do Conjunto das Margaridas após a reforma, na segunda imagem, placa anunciando uma nova iluminação na Cidade de Deus.¹³⁴

Figura 37



¹³⁴ Fotos de autoria da pesquisadora

3 A FAVELA VISTA NA TELA

3.1 Um outro olhar

Em agosto de 2003 fui convidada por um amigo para participar de uma mesa de debates sobre espaço e segregação social, promovida pela Escola Superior de Propaganda e Marketing – ESPM -. A discussão teria como fio condutor o filme “Cidade de Deus”¹³⁵, dirigido por Fernando Meireles e Kátia Lund.

Naquele momento já se passara exatamente um ano do lançamento da obra que retratou no cinema o bairro Cidade de Deus, mas a polêmica em torno dela parecia ter ainda muito fôlego. De fato, a produção cinematográfica, baseada no romance de nome homônimo escrito por Paulo Lins, conforme observou Ribeiro (2005), alcançou níveis de discussão absolutamente raros na crítica brasileira, mobilizando vários atores sociais, desde intelectuais, jornalistas, especialistas em cinema, artistas, à própria população da Cidade de Deus.¹³⁶

Impulsionadas pelo sucesso e pela polêmica gerada pelo filme, muitas instituições, sobretudo de pesquisa e ensino, organizaram debates em torno dele. Eu já havia participado de alguns destes eventos e, confesso, estava decidida a não participar mais, desde que li no cartaz de um deles a seguinte chamada: “antropóloga e ex-moradora da Cidade de Deus fala do filme”. Causou-me grande incômodo o fato de perceber que minha suposta “autoridade” para falar sobre a narrativa fílmica pudesse estar associada mais à condição de ex-moradora do lugar do que, propriamente, à contribuição acadêmica que, por ventura, tivesse a oferecer, dada a minha formação em ciências sociais. Contudo, não tive como recusar a

¹³⁵ *Cidade de Deus*. Direção: Fernando Meirelles. Co-direção: Kátia Lund. 2002. Utilizo o recurso de aspas para designar o filme Cidade de Deus em distinção ao bairro de nome homônimo.

¹³⁶ Em recente tese de doutoramento Paulo Jorge Ribeiro (2005) faz uma análise dos debates ocorridos a partir do lançamento do filme Cidade de Deus. Neste sentido, uma das polêmicas apontadas por ele é a noção de transformação da violência em artefato cultural. Nas suas palavras: “A relação entre obra de arte e violência novamente entra aqui em cena, a partir dos cenários de perversa espetacularização que o filme baseado na obra de Lins pareceu provocar em parte da crítica. (...) O que *Cidade de Deus* realiza, retornando então ao nosso argumento, não é a exacerbação de um dito “culto à violência” a partir de sua espetacularização apologética. O que é constituído em sua expressividade pode ser percebido como uma determinada performance da violência.” (2005, p.157-159). Ver: RIBEIRO, Paulo Jorge da Silva. *Ressonância e Encantamento: 'Cidade de Deus' na zona de contato da crítica cultural contemporânea*. (Tese de Doutorado) Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, : 2005.

proposta para falar no ESPM, feita por Jose Wilson dos Santos, fotógrafo, cuja história inspirara a criação do personagem “Buscapé” no filme “Cidade de Deus”. Seu convite tinha para mim uma motivação especial. Wilson era uma das poucas pessoas com quem permaneci em contato desde minha saída do bairro, no ano de 1983. Naquele mesmo espaço, ele realizaria uma exposição de fotos de sua autoria, intitulada “*Um outro olhar*,” em que, segundo ele, “revelaria uma face da comunidade diferente dos recortes violentos e estigmatizantes, produzidos pelo filme”. Ao fazer o apelo à minha presença no local, Wilson revelou a grande esperança que depositava naquele momento, dada a projeção que poderia alcançar em torno de seu trabalho. Por essa razão resolvi acolher seu pedido.

Contrariando minha expectativa inicial, o encaminhamento das análises feitas naquela ocasião foi extremamente interessante. A obra cinematográfica foi apenas um pretexto para um enfoque maior sobre a questão da territorialização e segregação espacial no Rio de Janeiro. Quanto à exposição de fotos de Wilson, o saldo me pareceu também positivo. Ele estava radiante, recebera ótimas avaliações a respeito do material apresentado. Após o evento, ele, sua esposa Mônica e eu saímos para jantar.

Durante o tempo em que estivemos juntos, o casal não cessou de expressar suas críticas em relação ao filme e de questionar a forma como a obra retratou o bairro que inspirara a história apresentada na tela. Segundo eles, “mostraram todos os moradores como negros, pobres e bandidos”.¹³⁷ Wilson deixou clara a mágoa que nutria pelas promessas não cumpridas da produção do filme sobre um possível contrato como fotógrafo. E tampouco gostou da maneira como o cineasta conduziu o destino do personagem-narrador, inspirado em sua vida, que no desfecho da obra revela que se chama Wilson Rodrigues. “O Buscapé verdadeiro não é negro, ao contrário do personagem”¹³⁸ Disse-me ele em tom enfático e continuou. “Se um dia alguém escrever algo sobre isto gostaria que dissesse que me chamo Jose Wilson

¹³⁷ Os personagens centrais apresentados na obra cinematográfica são negros, pobres e bandidos, ao mesmo passo que o bairro a Cidade de Deus é retratado como lugar pauperizado e extremamente violento, onde o tráfico de drogas cresce sem controle. Daí resulta a crítica do morador que vê nesta construção uma generalização da imagem do bairro e de seus habitantes. Cabe ressaltar que a referência a “negro” pode também ser compreendida como expressão de racialização. Aliás, a junção destas três formas de identificação estereotipadas, “os pobres”, “os negros” e “bandidos”, aparece na fala de Wilson também referida ao caráter negativo que possuem, através da expressão “não é só isso que existe na CDD”.

¹³⁸ Em uma entrevista concedida a Alfredo Boneff do Jornal de cidadania do IBASE, publicada em Outubro / Novembro 2003 • Jornal da Cidadania • Nº. 119 • Wilson repetiria esta mesma frase, mostrando seu incômodo diante da caracterização do personagem inspirado em sua vida.

dos Santos, tenho trabalho digno e a “cocota”¹³⁹ do filme casou foi comigo”. Em meio aos risos e a descontração que aquela fala provocou, não posso deixar de mencionar o quanto me intrigou o fato de o casal se sentir tão incomodado pela trama de ficção. Afinal de contas, pensei: se Wilson estava se beneficiando da fama repentina alcançada com o lançamento do filme, o que a narrativa revelara/ocultara lhe causara tamanha indignação? Devo admitir que até aquele momento não tinha pensado na dimensão que a obra cinematográfica poderia ter na vida dos moradores do bairro, mas a partir do episódio vivenciado com Wilson e Mônica minha curiosidade foi aguçada. Comecei a ater minha atenção às notícias que davam conta, particularmente, da reação dos moradores do bairro ao que foi mostrado no cinema.

Naquela ocasião ainda não tinha formulado um projeto de pesquisa para o doutorado ou sequer tinha intenção de transformar o bairro, no qual havia morado entre os anos de 1967 a 1983, em campo de estudo. Todavia, à medida que sistematizo meus dados e, sobretudo, no momento em que comecei a organizá-los na forma de um texto, dei-me conta do quanto a polifonia em torno do filme “Cidade de Deus” provocou, de certa forma, inquietações que se delinearam posteriormente, dando corpo a algumas questões do trabalho de pesquisa, a saber: o filme contribuiu para atualizar e/ou reforçar estigmas associados ao bairro? Quais os usos e apropriações que os moradores fazem da obra? Quais os campos de possibilidades abertos a partir da visibilidade gerada pelo filme? São estas questões que assumo aqui como ponto de partida para minha argumentação neste capítulo.

Percorro para isso o caminho de volta ao bairro em que cresci, não através da história ficcional contada no cinema, mas através da percepção dos moradores sobre ela. Utilizo como fonte principal de análise 16 matérias e 23 cartas publicadas pela equipe do Viva Favela,¹⁴⁰ entre os dias 25 de outubro de 2001 e 21 de outubro de 2003,¹⁴¹ além dos depoimentos dos moradores colhidos ao longo do trabalho

¹³⁹ “Cocota” é uma gíria utilizada no filme pra designar uma personagem retratada como jovem bonita e moderna.

¹⁴⁰ Viva Favela é um projeto de mídia eletrônica criado no ano de 2001 pelo Viva Rio, - organização não-governamental, fundada em 1993, por representantes de vários setores da sociedade civil, em resposta à crescente violência no Rio de Janeiro -. O objetivo do Site, segundo seus idealizadores é “a inclusão digital, a democratização da informação e a redução da desigualdade social.” Disponível em: <http://www.vivafavela.com.br> acesso em 20 de abril de 2008. No projeto, as reportagens e matérias postadas são exclusivamente sobre favelas e seus realizadores são jornalistas que integram a equipe de trabalho do portal e correspondentes “comunitários”, cadastrados a partir do seu local de moradia.

¹⁴¹ Agradeço a Juliana Farias pela gentileza com que disponibilizou o material por mim analisado. Devo a ela também muitas das indicações para as que efetuei análises.

etnográfico realizado por mim em Cidade de Deus. Considero, pois, que a visão dos moradores sobre o filme se constitui em referência fundamental para a compreensão dos diversos significados relacionados à forma através da qual eles elaboram uma imagem do bairro e através dela identificam-no e querem ser identificados.¹⁴²

3.2 Entre ocultamento e exibição

"Nós precisamos de pessoas que levanten a auto-estima da comunidade, porque tem muita gente precisando de um referencial para viver. [...] E problemas, todas as comunidades têm, mas para serem corrigidos e não usados em proveito de outros".¹⁴³ Com estas palavras, Deusdete Araujo, assessora chefe do centro comunitário e moradora da Cidade de Deus, resumiu sua visão acerca do filme que contaria a história do bairro em que nasceu. A matéria, postada em 25/10/2001, no site Viva Favela, – espaço virtual destinado exclusivamente a temas pertinentes à favela -, foi a primeira de uma série de publicações feitas pelo portal, que incluiria, posteriormente, artigos, cartas, entrevistas e depoimentos, especificamente voltados à cobertura da repercussão que o filme obteve entre os habitantes do local.

Na ocasião, cerca de dez meses antes da estréia oficial da fita, a produção cinematográfica, em fase de finalização, ainda não tinha sido apresentada ao público, mas os moradores já sabiam que o roteiro era sobre a história do tráfico de drogas na Cidade de Deus, e questionavam esta abordagem. Parte das críticas era dirigida justamente aos possíveis efeitos negativos que esta narrativa poderia trazer para a imagem do bairro, conforme demonstrou Carlos Ivanov, outro morador ouvido na mesma matéria, ao indagar: "Tráfico existe em qualquer lugar. Por que a Cidade

¹⁴² Geertz (1997), já insistira na necessidade de se focar os estudos antropológicos em escala local, a fim de se reconhecer as identidades que aí são construídas, sua inserção no espaço e os sistemas simbólicos que estão em jogo. É clássica, por exemplo, a distinção que faz entre pesquisar "na aldeia" e "sobre a aldeia", como proposta da construção etnográfica vista assim por ele como uma "descrição densa". Contemporaneamente, entretanto, as análises de Hannerz (2003) dão ênfase ao duplo objetivo de estudar o global no local, articulando-os, e de aventurar modelos da ordem global que ultrapassem a rigidez do modelo de modernização («desenvolvidos/atrasados») ou da dependência (o desenvolvimento de uns é condição de criação do subdesenvolvimento). Ver: GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. E também HANNERZ, Ulf. *Cosmopolitans and Locals in World Culture*. In: *Transnational. Connections*. London/New York: Routledge, 2003.

¹⁴³ Matéria postada sob o título "Cidade de Deus renega Cidade de Deus" em 25/10/2001 <www.vivafavela.com.br> acesso em 20 de outubro de 2006.

de Deus tem que pagar por todos?”¹⁴⁴. No centro da polêmica estava, portanto, a preocupação com o processo de estigmatização que o filme poderia produzir sobre os moradores do local, como pôde ser percebido na fala de Francisco José, Administrador Regional do Conjunto: “este filme vai deixar a comunidade em uma situação delicada porque eles já são discriminados quando vão procurar emprego. Muitas vezes, são obrigados a omitir onde realmente moram”.¹⁴⁵

Incomodada com as primeiras manifestações dos moradores, Kátia Lund, co-diretora do filme, resolveu se pronunciar, postando no mesmo dia o seguinte depoimento:

O filme nem chegou a ser rodado na Cidade de Deus. Como a história se passa entre 1966 e 1979, seria complicado reproduzir o cenário da época, já que o conjunto habitacional sofreu uma grande transfiguração. Além disso, a instabilidade no tráfico e na polícia poderia pôr em risco a continuidade do filme. Com o nosso orçamento apertado, a produção preferiu não se arriscar e decidiu transferir as filmagens para os recém-construídos conjuntos habitacionais de Nova Sepetiba e Cidade Alta em Cordovil. Apenas algumas cenas foram filmadas numa área do conjunto conhecida como Rocinha dois. Para compensar o distanciamento do cenário original, os cinco atores principais do filme foram escolhidos entre os moradores da Cidade de Deus e estão estreando na carreira artística. Isto dá a eles uma boa possibilidade. (Trecho de matéria postada sob o título “Cidade de Deus renega Cidade de Deus” em 25/10/2001 no site <www.vivafavela.com.br>. Acesso em 13 de março de 2007)

A réplica de Lund só fez aumentar o descontentamento dos moradores, que acusaram a obra de reforçar e generalizar um ponto de vista negativo sobre o bairro, chegando a sugerir a mudança do título “ o filme não deveria se chamar Cidade de Deus porque se supõe que todos aqui são da vida errada. Porque eles não escreveram sobre a origem da comunidade? Isso sim daria uma boa história”¹⁴⁶ como apontou o rapper Bigão. Neste contexto, momentos diversos da história da Cidade de Deus foram lembrados por outros entrevistados, como temáticas que deveriam ser destacadas, ao invés daquela que associava o Conjunto Habitacional ao tráfico de drogas: “Existem muitos acontecimentos da Cidade de Deus, diferentes do tráfico, que os moradores gostariam de ver retratados em livros e filmes. Poderiam mostrar a enchente de 96, que foi horrível.”¹⁴⁷ disse a cabeleireira Lucinéia dos Santos, de 52 anos, ao lembrar o grande número de desabrigados deixados por

¹⁴⁴ Ibid.

¹⁴⁵ Ibid.

¹⁴⁶ Ibid.

¹⁴⁷ Ibid.

uma das maiores enchentes ocorridas no Rio de Janeiro. Ou ainda no dizer de Francisco José: “Antigamente não tínhamos cursos, nem lazer aqui. Agora temos. Isso é que deveria ser mostrado”.¹⁴⁸

Ao que parece, a questão subjacente a estes depoimentos não é o que se deseja ver exibido, mas sim o que se espera seja ocultado, pois desta relação resulta, a meu ver, a disputa, a negociação por uma narrativa e por um discurso que se quer controlar. Neste sentido, as falas dos moradores da Cidade de Deus podem ser entendidas como parte de uma estratégia de controle do saber acerca da história do bairro, o que, em termos relacionais, poderia gerar posições sociais mais valorizadas para aqueles que a controlassem. Tais posições poderiam ser relacionadas, por exemplo, com conquistas individuais - como ascensão social, visibilidade, prestígio, - mas também com conquistas coletivas, como a inserção em outras esferas de poder – instituições governamentais, a mídia, os “circuitos culturais e acadêmicos” -, ao reconhecimento público de uma imagem socialmente valorizada. Nestes termos, é que Foucault (1986)¹⁴⁹ afirma que a disputa por *saber* é reveladora de uma disputa por *poder*, pelo controle da informação, pela construção de uma versão que se sobreponha às demais e receba o *estatuto de verdade*, o que implica em uma disputa pela própria posição social ocupada por esses agentes.

Conforme observa Enne (2004),¹⁵⁰ nesta relação entre saber e poder, outra perspectiva deve ser levada em conta: a relação entre a memória e a identidade. Como bem demonstrou a autora, citando Arjun Appadurai (1981), o passado deve ser pensado como a fonte para a construção, no presente, de uma memória que ancore identidades e, principalmente, como um instrumento de poder. “Assim, o passado fornece um universo de significados que são disputados conflitivamente,

¹⁴⁸ Ibid.

¹⁴⁹ Para Foucault, “cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro.” (FOUCAULT, 1986, p. 12). FOUCAULT, M. 1986. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, Graal.

¹⁵⁰ ENNE, Ana Lucia S. Memória, identidade e imprensa em uma perspectiva relacional *Revista Fronteiras – estudos midiáticos* VI (2): 101-116, julho/dezembro 2004. Disponível em: <www.castelobranco.br/sistema/novoenfoco/files/01/memoria2.doc . Acesso em 26 de julho de 2006.

não existindo, portanto, uma harmonia de versões.”¹⁵¹ Portanto, a memória construída no presente, a partir de demandas dadas por este e não necessariamente pelo passado em si, “pode ser pensada como fator fundamental para a construção de pertencimentos sociais, aos mais diversos níveis associativos”.¹⁵² De certa forma, a busca do controle sobre a memória institui uma identidade para o agente social nela envolvido, no sentido de gerar um lugar dentro de uma rede específica de circularidade e fluxo. Existe, portanto, uma intensa relação entre “a *memória* como processo coletivo de construção do passado a partir de demandas do presente, e a conferência de identidades sociais para aqueles que estão envolvidos em tal processo.”¹⁵³

Estas possibilidades de apropriação do passado pela via do presente apontam, como indica Enne (2004), para uma questão ainda maior: a construção de futuros possíveis. “Assim, é no presente que a construção do passado é disputada como recurso para a construção de um futuro que responda às aspirações deste presente.”¹⁵⁴ Existem, pois, estratégias¹⁵⁵ das quais indivíduos ou grupos se utilizam para armazenar ou esquecer o passado em relação a um futuro que se quer projetar.

Considerando tal perspectiva, talvez seja possível supor que tenha sido esta a intenção dos moradores da Cidade de Deus, ao organizarem a partir do Centro de Divulgação Turística e Cultura – CDTC -, o uso das praças abandonadas da comunidade para promover exposições e desenvolver um intercâmbio cultural entre os moradores¹⁵⁶. No primeiro evento organizado em novembro de 2001, antes do lançamento do filme, os artistas locais se organizaram para mostrar fotos e trabalhos

¹⁵¹ Appadurai, Arjun apud ENNE, Ana Lucia S. *Memória, identidade e imprensa em uma perspectiva relacional*. Revista Fronteiras – estudos midiáticos VI (2): 101-116, julho/dezembro 2004. P. 123

¹⁵² APPADURAI, Arjun. “The past as a scarce resource”. In: *Man* (n.s), 16 (2): 201-219, 1981.1981, 202).

¹⁵³ Há como aponta M. Pollak, um trabalho constante de “enquadramento da memória”. É preciso escolher o que vai ser lembrado e o que deve ser esquecido. Também Pollak reitera que “as preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória”. POLLAK, M. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p.3-15, 1989.

¹⁵⁴ Op. Cit, ver nota 16, p. 102.

¹⁵⁵ Néstor Canclini aponta para esta necessidade de criar acervos de preservação do passado e por que não dizer de estruturação do presente como marcos fundamentais de construção de identidades, incluindo neste processo os documentos escritos e fotos. CANCLINI, N. 1998. *Culturas híbridas*. São Paulo, Edusp.

¹⁵⁶ Informação obtida a partir de matéria postada sob o título “Uma cidade contra a outra” em 18/12/2001 no site: <www.vivafavela.com.br> Acesso em 3 de outubro de 2007.

de artes plásticas, cujo tema central foi o bairro. No dizer de Gilmar Ferreira, artista plástico e morador do bairro:

Esta é um das formas de combater a imagem negativa que será vista no filme sobre a Cidade de Deus. Acredito que eu e muitos artistas podemos mostrar que existe outra história para ser contada, que aqui tem pessoas de bem. (Trecho de matéria postada sob o título “Uma cidade contra a outra” em 18/12/2001 no site: <<http://www.vivafavela.com.br>> Acesso em; 23 de outubro de 2007)

Uma das organizadoras do evento ressaltou ainda a importância das obras expostas e de seus autores como referência positiva para o bairro:

Muitos desses artistas têm trabalhos expostos em galerias de arte de bairros da Zona Sul. Nada mais justo que esses moradores mostrem para a sociedade que a Cidade de Deus tem outros valores além da marginalidade e da violência. (Trecho de matéria postada sob o título “Uma cidade contra a outra” em 18/12/2001 no site: <<http://www.vivafavela.com.br>> Acesso em; 20 de outubro de 2007)

Com efeito, há claramente nas falas destacadas conexões com a percepção de que outro discurso, outra versão acerca da biografia do bairro pode ser contada, no sentido de construção de uma imagem socialmente mais valorizada do local e, por conseguinte, de seus habitantes. Versão essa que, contraposta àquela sustentada pelo filme, poderia agenciar novas possibilidades de identificação, pois como aponta Birman (2009),¹⁵⁷ seguindo as pistas de Noiriél (2007),¹⁵⁸ as “identificações “à distância” e “de fora”, provocam formas específicas de reapropriação das categorias culturais oferecidas, bem como movimentos de reação às suas designações e também movimentos de “invenção” de identidades.”¹⁵⁹

Do ponto de vista dos moradores de Cidade de Deus, mostrar uma realidade diferente daquela idealizada pelo filme é fundamental para combater os estereótipos que identificam e associam o bairro e seus moradores com bandidos e traficantes, o

¹⁵⁷ BIRMAN, Patricia. *Territórios, fronteiras e processos identitários*: as Comunidades e seus direitos. Rio de Janeiro: Projeto prociência. 2009.

¹⁵⁸ NOIRIEL, diz que: “O problema não é mais, então, de se interrogar infinitamente sobre a definição de identidade nas diferentes “culturas”, mas de estudar as práticas concretas e as técnicas de identificação “à distância”, encarando-as como relações de poder, colocando em contato os indivíduos que possuem os meios de definir a identidade dos outros e aqueles que são objeto de seus empreendimentos.” (2007: 5) NOIRIEL, Gérard. *L'identification. Génèse d'un travail d'État*. Paris: Belin, 2007.

¹⁵⁹ Op. Cit, nota 155..

que no dizer de um dos responsáveis pelo projeto CDTC significa “reagir à fórmula pronta e preconceituosa que generaliza tudo e todos.”

Em 15 de setembro de 2002, com o filme já lançado em circuito nacional de cinema, uma sessão oficial foi organizada por Tony Barros, coordenador do projeto Lente dos Sonhos,¹⁶⁰ para os moradores de Cidade de Deus. Um telão foi estrategicamente posicionado no centro da quadra da Escola de Samba Mocidade Unida de Jacarepaguá e cerca de três mil e quinhentas pessoas compareceram ao evento.¹⁶¹ Após a projeção muitos moradores reagiram indignados, contestando as cenas vistas e protestando contra o filme. As críticas, em sua maioria, diziam respeito à forma como o roteiro representou o lugar e seus moradores. Benta Neves, moradora da Cidade de Deus há 36 anos e diretora do Comitê da Terceira Idade e Ação da Cidadania, foi uma das pessoas que questionaram a narrativa dizendo que: “Faltou muita coisa no filme. Está uma porcária, só mostrou a violência”.¹⁶² Para ela, “a ficção deveria ser fiel à realidade”. Outra moradora que não gostou do que viu foi Elaine Lopes Cardoso, de 31 anos, que mora na comunidade desde os nove meses. Segundo ela, o filme mostra uma violência que não existia de forma tão intensa na época. E lembra: “na época, não havia criança no tráfico. Alguma coisa foi inventada”.¹⁶³ Para Elaine, o debate envolvendo o filme não vai trazer melhorias para a comunidade. “Nada vai mudar. As coisas vão continuar do jeito que estão, e as pessoas com a mesma dificuldade de arrumar um emprego”.

Tamanha polêmica fez com que os gestores do Site Viva Favela tomassem a iniciativa de inaugurar um espaço exclusivo no portal para abrigar especificamente os comentários e opiniões da população da Cidade de Deus acerca do filme. Entre os moradores que postaram mensagens está o rapper Bigão, integrante do grupo Crime com Resposta (CCR), que escreveu uma carta ao Viva Favela, em 10 de outubro de 2002, tecendo severas críticas à obra de Fernando Meirelles. Destaco abaixo o seguinte trecho:

¹⁶⁰ Lentes dos Sonhos é uma escola de modelos criada pelo fotógrafo e morador da Cidade de Deus Tony de Barros, com o intuito de profissionalizar jovens que aspiram à carreira de modelo. O projeto funciona no bairro desde 2003. Falo sobre o projeto no capítulo 4 da tese.

¹⁶¹ Matéria postada sob o título “Entre vaias e aplausos”, 17/10/2002 – www.vivafavela.com.br. Acesso em junho de 2007.

¹⁶² Ibid.

¹⁶³ Ibid.

O filme é violento e a realidade é violenta. Mas qual é a proposta do filme em mostrar tanta violência? A intenção é fazer a denúncia ou se aproveitar da situação para gerar ibope? Nem todo mundo fuma maconha nas favelas. A cena que me chocou foi a parte em que o Mané Galinha mata um dos integrantes do bando do Zé Pequeno e uma senhora comenta: “Você matou bem, meu filho.” A morte não é banal para os moradores. Nós sentimos e não estamos anestesiados. Não quero criar meus filhos com essa mentalidade. (Trecho de matéria postada sob o título “Entre vaías e aplausos” em 17/10/2002 no site: <<http://www.vivafavela.com.br>> Acesso em 20 de agosto de 2007)

Muito semelhante ao comentário feito por Bigão foi o de Ludmila Gomes, modelo do projeto Lente dos Sonhos e estudante do Ensino Médio, que enviou mensagem ao site um dia após a exibição do filme na Cidade de Deus. Para ela, embora a obra possua méritos e qualidades técnicas, a história não condiz com a realidade vivenciada pelos moradores porque evidencia apenas a violência. Segundo ela:

O filme foi ótimo quanto à produção, trilha sonora e em alguns detalhes. No entanto, deixou muito a desejar na forma como a comunidade foi mostrada, ele não é fiel à realidade, não mostra tudo. Deu a entender que na favela só mora traficante, crianças que não vão à escola e que todos os moradores concordam e ajudam no tráfico, o que de fato não acontece. A grande verdade é que em todos os lugares, e não só na favela, existem criminosos, como existem também pessoas de bem e de bom caráter. O que falta é o governo olhar mais para as comunidades e perceber que só queremos um pouco de respeito e dignidade. (Trecho de matéria postada sob o título “Entre vaías e aplausos” em 17/10/2002 no site: <<http://www.vivafavela.com.br>> Acesso em 20 de agosto de 2007)

As interpretações dos moradores sobre o filme permitem de imediato levantar algumas questões que considero centrais para compreender como a obra ficcional foi percebida pelos moradores da Cidade de Deus. Uma delas, já mencionada, diz respeito à acusação sobre o processo de estigmatização que a narrativa reiterou e de certa forma gerou acerca do bairro e seus moradores. Na maioria das cartas, artigos e/ou depoimentos postados no site Viva Favela, material que utilizo como fonte analítica neste capítulo, a fala mais presente foi a de que o filme produziu a idéia de um lugar homogêneo, extremamente perigoso, habitado exclusivamente por bandidos. Em uma mensagem enviada ao portal, imediatamente dois dias após a exibição do filme na Cidade de Deus, pela estudante e auxiliar de enfermagem, Jaciara Ferreira, de 18 anos, esta interpretação fica evidente:

Fico muito preocupada com estas imagens, porque o tráfico existiu e existe na comunidade. A realidade tem que ser mostrada, até aí tudo bem, concordo, mas não tem só traficante, tem trabalhador, tem gente honrada e decente. Só mostraram o lado ruim. Acho que tinha que ter uma cena para mostrar as pessoas honestas, que

na minha concepção são maioria. Já é tão difícil ser pobre nessa sociedade desigual. (Trecho de matéria postada sob o título “Entre vaias e aplausos” em 17/10/2002 no site: <<http://www.vivafavela.com.br>> Acesso em 20 de agosto de 2007)

A ambiguidade do discurso da moradora que, ao mesmo tempo nega e afirma a validade da representação fílmica sobre Cidade de Deus, revela a negociação em torno da imagem do bairro. Admite a existência do tráfico, mas questiona a versão criada. Contesta, sobretudo, a ênfase no que considera o “lado ruim” da favela. Nesse caso, a violência produzida pelo tráfico traduz de forma muito clara o que significa o “lado ruim” face ao “lado bom” relacionado ao trabalho e à honestidade.

Nesse sentido, do ponto de vista dos moradores, contrapor uma visão estereotipada do bairro, acentuada pelo projeto cênico, em alguns casos, significa aludir a atributos positivos da população que nele habita, através de categorias relacionadas à identidade de “trabalhador”¹⁶⁴, como “decência”, “honradez”, “caráter”. Em outros, significa relativizar a obra cinematográfica, através da negação de seus conteúdos. Mas também significa, em muitos casos, indignar-se diante de um repertório considerado homogeneizante que confere a todos que habitam aquele território o rótulo de criminoso. Conforme pode ser observado no conjunto dos relatos apresentados a seguir:

Naquela época não se via criança no tráfico de drogas. Muitas vezes, elas eram repreendidas pelos próprios traficantes, por estarem perto de um deles. A história contada no filme não é real, muita coisa não existiu e não existe na Cidade de Deus. Só mostraram os bandidos, nós ficamos expostos! Cadê os trabalhadores, as pessoas honestas, de bem? São elas que têm que ser mostradas. Gilmar Vicente Sobreira, 36 anos (Trecho de matéria postada sob o título “Outros Depoimentos” em 9/10/2002 no site: <<http://www.vivafavela.com.br>> Acesso em 20 de agosto de 2007)

Quem cheirava eram os bacanas, artistas, cantores. Nós, moradores, não sabíamos nem o que era a maconha. “Era tudo muito escondido”, Athanácio de Oliveira, 65 anos, (Trecho de matéria postada sob o título “Outros Depoimentos” em 9/10/2002 no site: <<http://www.vivafavela.com.br>> Acesso em 20 de agosto de 2007)

Confesso que eu não saí satisfeita do cinema. Banalizaram-se demais certas questões mais sérias, brincou-se com a violência. Eu preferia ter visto na tela o lado positivo da favela: mostrar que, na comunidade, há uma mobilidade social tão boa que pessoas que saem da extrema pobreza conseguem passar para um patamar acima, (Trecho de matéria postada sob o título “Outros Depoimentos” em 9/10/2002 no site: <<http://www.vivafavela.com.br>> Acesso em 20 de agosto de 2007)

¹⁶⁴ Sobre este aspecto ver ZALUAR, Alba. *A Máquina e a revolta*. São Paulo: Brasiliense, 1985. E também SOARES, Luis Eduardo. Criminalidade e violência. In: *Comunicação e Política*. Rio de Janeiro: Cebela, 1994.

Os membros da nossa sociedade, uma vez comprometidos com o seu dever como cidadãos, têm que procurar proporcionar coisas boas que dêem estímulos para os moradores de comunidades carentes. E não fazer dela uma colônia de exploração de massa, fazendo assim apologia ao crime. Acabam fortalecendo o preconceito social e, ao lado dele, o racial, quando as pessoas que moram nas favelas saem à procura de trabalho, e não conseguem. Quem está lucrando com isso? (Trecho de matéria postada sob o título “Vi e não gostei” em 17/10/2002 no site: <<http://www.vivafavela.com.br>> Acesso em 20 de setembro de 2007)

Embora em seus argumentos, os moradores não neguem a história de traficantes nem a existência de conflitos armados pela posse e manutenção das bocas de fumo, criticam a obra cinematográfica justamente por considerarem que ao enfatizar unicamente a violência presente no local, ela possibilita a produção de uma visão reducionista do cotidiano do bairro à dimensão do crime. Daí a necessidade da desconstrução constante desta representação que vincula o tráfico ao local torna-se lugar comum nos comentários feitos pelos moradores. É uma forma, como diz Machado (2007),¹⁶⁵ de promover uma “limpeza moral”, isto é, um esforço contínuo de estabelecer, no discurso, uma separação com o mundo do crime e dessa forma distanciar-se das identificações estigmatizantes que produzem uma alteridade negativa.

Há, contudo, nesses relatos, outra questão que deve ser levada em conta como aspecto revelador dos sentidos e significados construídos pelos moradores acerca da obra cênica: a noção de visibilidade. A este respeito, é possível observar, através dos vários depoimentos, a percepção unânime entre os moradores sobre a projeção que o bairro alcançou a partir do filme. Entretanto, esta perspectiva não é de forma nenhuma unívoca em termos das leituras diversas que eles fazem sobre as possibilidades abertas por tal processo.

Conforme já visto, para a grande maioria dos moradores, esta exposição do bairro produziu uma visibilidade negativa, sujeitando-os a um aumento de estigma. Contudo, há aqueles que vêem no projeto cênico um lado positivo. Embora em minoria, estas vozes contrastantes enxergam exatamente na ampliação dos olhares que se voltam para a Cidade de Deus uma possibilidade de mudança. É o caso de Carlos Limas, coordenador local do Programa Vida Nova, voltado para a

¹⁶⁵ MACHADO da SILVA. Luiz Antônio; LEITE, Márcia P. Violência, crime e política: o que os favelados dizem quando falam desses temas? *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, v. 22, n.3, p. 545-591, set./dez. 2007.

recuperação de jovens em situação de risco. Para ele: "É um trabalho muito bacana. Não se pode agradar a gregos e troianos. O importante é que foi aberto um espaço para contar algo sobre nossa comunidade".¹⁶⁶ Ou ainda o taxista Paulo Roberto Rezende, que diz acreditar que: "esse momento é muito importante para a comunidade, pois será lançado o filme *"Cidade de Deus"* e, através dele, muita gente vai conhecer os problemas e quem sabe poderá ajudar a comunidade a evoluir".¹⁶⁷

Não se pense, porém, que esta visão mais otimista sobre o filme se faz sem ressalvas. A despeito de acharem que a visibilidade gerada pelo filme pode ser utilizada em benefício da comunidade, ainda assim os moradores vêem nela um conteúdo negativo generalizante. Desta forma, mesmo entre aqueles que a defendem, a crítica é inevitável:

Para mim o filme foi muito legal, teve muita técnica, a história é criativa e tem força. Só achei que mostrou uma violência que não existiu desta forma. Mas se o filme servir para que todo mundo conheça a Cidade de Deus e veja os nossos problemas acho que é bom. Quem sabe os políticos não olhem mais pra gente e se interessem pelos problemas do bairro, quem sabe agora vejam a ficção e pensem na realidade e aí escutem a gente. (Trecho de matéria postada sob o título de "Outros Depoimentos" em 9/10/2002 no site: <<http://www.vivafavela.com.br>> Acesso em 20 de agosto de 2007)

Em que se pesem todas as discussões que antecederam ou sucederam ao lançamento de *"Cidade de Deus"*, creio que seja interessante compreender não os méritos ou deméritos relacionados à obra, nem as opiniões favoráveis ou não. O que importa não é a polêmica, mas sua natureza: a meu ver, o dilema central que estas vozes colocam é que tornar-se "visível" é importante, mas essa visibilidade deve se dar no interior do discurso que se deseja propor. Deixar de ser "invisível" ganha sentido quando se trata da defesa da construção de uma imagem da Cidade de Deus "por ela própria".

¹⁶⁶ Materia postada sob o título "Cidade de Deus renega Cidade de Deus" em 25/10/2001 no site: <<http://www.vivafavela.com.br>> Acesso em 20 de agosto de 2007

¹⁶⁷ Materia postada sob o título "Uma cidade contra outra" em 18/12/2001 no site: <<http://www.vivafavela.com.br>> Acesso em 20 de agosto de 2007

3.3 Notícias de um debate público

No intuito de defender seu projeto o diretor Fernando Meirelles, em entrevista concedida ao site Viva Favela, dialoga indiretamente com os moradores do bairro que inspiraram a obra, respondendo às suas críticas. Mas ao contrário do esperado, o que deveria ser a princípio um aceno de paz, serviu para aumentar ainda mais a polêmica. Ao declarar que: "Cidade de Deus é um filme e não um projeto social"¹⁶⁸, Meirelles acendeu um estopim, deflagrando um debate público com direito a acusações, réplicas e tréplicas que envolveram artistas, escritores, intelectuais e outras personalidades do cenário cultural brasileiro.

A primeira manifestação às declarações de Meirelles veio de ninguém menos que o rapper MVBILL. Com uma carta intitulada "a bomba vai explodir?", postada em 20 de janeiro de 2003 no portal Viva Favela, o fundador da Central Única das Favelas – CUFA –, resolveu se pronunciar, anunciando já na abertura do documento enviado, que seu tom nada tinha de amigável, ao contrário, nas palavras do morador mais famoso da Cidade de Deus: "a guerra era inevitável". De fato, o artista que até então não tinha falado abertamente sobre o filme, quando o fez não poupou críticas às pessoas envolvidas na produção cinematográfica. Abaixo um trecho da carta:

Esse texto será curto e grosso!!! Dei ao Paulo Lins, Katia Lund, Vídeo Filmes, O2, Globo Filmes e todos os seus aliados a chance de reverter e repensar uma postura social em relação à comunidade da Cidade de Deus. Todo mundo sabe do que estou falando. Eu nunca fiz críticas abertas ao filme. Apenas disse e digo, que o filme Cidade de Deus ganharia o Oscar e que a nossa Favela ganharia o Oscar da violência. Pois é, ninguém se mexeu, continuaram ignorando a capacidade que essas pessoas têm de pensar. Parece que a guerra vai ser inevitável! Acabei de apertar o botão. Agora, é começar a contar. (Trecho de matéria postada sob o título "A bomba vai explodir?" em 20/01/2003 no site: <<http://www.vivafavela.com.br>> Acesso em 20 de agosto de 2007.)

Essa foi somente a primeira parte de um discurso que a cada frase construía projetava o rapper como porta voz da comunidade, papel que ele próprio assumiria na sequência da carta:

Todos eles sabem que não queremos dinheiro. Queremos apenas respeito. Eles, os donos do filme Cidade de Deus, têm o apoio da mídia. Mas nós, infelizmente, temos o apoio do ódio que é a única coisa que nos sobrou. Não queria aparecer, tanto que

¹⁶⁸ Matéria postada sob o título "Polêmica ainda em cartaz" em 21/10/2003 no site:<<http://www.vivafavela.com.br>> Acesso em 20 de agosto de 2007

nem aqui nesse espaço eu falei sobre esse assunto. Por outro lado, quem falaria? Assumo aqui como meu esse papel. Alguém tem que dizer isso a eles. Eu estou dizendo! “Eu sabia que correria o risco de ser acusado de querer aparecer, mas eu também sabia que o seu João aqui da birosquinha ou a dona Maria aqui da cocada nunca apareceriam”. (Trecho de matéria postada sob o título “A bomba vai explodir?” em 20/01/2003 no site: <<http://www.vivafavela.com.br>> Acesso em 20 de agosto de 2007.)

Consciente do espaço que ocupa na mídia, MVBILL, que se auto-intitula “*mensageiro da verdade*”, justamente por fazer da crítica social a tônica de seu trabalho, utilizou a visibilidade alcançada como cantor de rap para construir estratégias de ação que extrapolam a simples manifestação artística, já que possuem um sentido também político. Aliás, para Bill “fazer rap é fazer política”, declararia ele em sua carta, para em seguida anunciar a convocação de uma coletiva de imprensa e o seu intuito de abrir uma negociação com autoridades do governo.

Aviso: vou colocar todo mundo na bola. O mundo inteiro vai saber que esse filme não trouxe nada de bom para a favela, nem benefício social, nem moral, nenhum benefício humano. O mundo vai saber que eles exploraram a imagem das crianças daqui da CDD. O que vemos é que o tamanho do estigma que elas vão ter que carregar pela vida só aumentou, só cresceu com esse filme. Estereotiparam nossa gente e não deram nada em troca para essas pessoas. Pior, estereotiparam como ficção e venderam como verdade. Vou começar com uma entrevista coletiva no dia 6 de fevereiro na própria comunidade. Chegou a hora de botar o cachimbo na boca da cobra, sem me preocupar se ela vai tragar pelo nariz. Sem me preocupar com as consequências para cada um de nós. O certo é o certo, o errado é o errado. Dia 6 de fevereiro o caô vai tá formado! Ao tomar conhecimento da minha posição, algumas autoridades começaram a entender o nosso sentimento de abandono e começaram a se mobilizar, mas ainda acho pouco. O prefeito pode fazer 200 obras aqui na Cidade de Deus, o secretário nacional de Segurança pode fazer mais 200. Tomara que façam, já está prometido. Mas que a humilhação pela qual estamos passando sirva de exemplo para outras comunidades que vivem na miséria. Se algum dia alguém transformar suas vidas num grande circo peçam uma contrapartida, mesmo que seja um simples palhaço. Pois pelo menos alguma alegria estará garantida. (Trecho de matéria postada sob o título “A bomba vai explodir?” em 20/01/2003 no site: <<http://www.vivafavela.com.br>> Acesso em 20 de agosto de 2007.)

Ao que tudo indica, Fernando Meirelles entendeu o recado, pois não tardou em fazer sua réplica. Dessa vez, assumindo uma atitude conciliadora, o cineasta reconheceu a importância da liderança do rapper e prometeu ajuda, em uma carta enviada três dias depois da “bomba” ter sido anunciada:

Respeito o artista e líder comunitário que é o Bill e compreendo sua motivação quando diz estar cansado e querendo explodir. Apenas sinto que o filme não é o alvo adequado (...) Apóio integralmente a mobilização que ele está fazendo, mesmo estando a produção do longa no incômodo papel de vidraça. As motivações do Bill são legítimas, ele é de fato uma liderança em sua comunidade e deve usar isso em prol da própria comunidade. Do nosso lado estaremos sempre abertos para qualquer

conversa ou ação que possa trazer algum benefício a esta ou qualquer outra comunidade. Basta-nos dizer como podemos ajudar. (Trecho de matéria postada sob o título "Polêmica ainda em cartaz" em 21/10/2003 no site: <<http://www.vivafavela.com.br>> Acesso em 20 de agosto de 2007)

Katia Lund, co-diretora do filme também foi uma das pessoas que se mobilizaram com o discurso de Bill, buscando através da relação de amizade entre ela e o rapper amenizar a situação:

Querido Bill, obrigada pelo respeito e pela consideração à minha pessoa. Sua voz é muito forte e tem que ser ouvida. Vou responder como amiga e parceira de longa data. Entendo que o livro e o filme "Cidade de Deus" venham provocando reações na comunidade e que você queira ajudar a assegurar alguma melhoria concreta na Cidade de Deus. Acho justo que a mídia e a força do filme sirvam também para esse fim específico na CDD. Me coloco à disposição para ajudar da forma que você achar melhor. (...) Nenhum filme ou clipe, como aquele que fizemos juntos, pretende ou pode fazer mais do que jogar luz sobre um assunto ou levantar discussão. "Traficando Informação" e "Soldado do Morro" são exemplos de denúncia, que também já foram acusados por alguns de estereotipar a violência na Cidade de Deus. Mas, esses clipes também ajudaram a revelar a realidade atual (construída e camuflada) que como sociedade estamos tentando transformar, cada um da sua forma, dentro do seu trabalho e dentro das suas condições. Estou batalhando patrocínio para o "Nós do Cinema," projeto social com reuniões semanais com os atores do filme, alguns da comunidade Cidade de Deus. Como eu sou diretora de cinema e não assistente social, não sei fazer isso, mas estou procurando aprender. (Trecho de matéria postada sob o título "Polêmica ainda em cartaz" em 21/10/2003 no site: <<http://www.vivafavela.com.br>> Acesso em 20 de agosto de 2007)

É interessante notar que tanto Meirelles quanto Lund não perceberam o que MVBILL já sabia. Toda a movimentação em torno do filme não se resumia a uma reivindicação de cunho meramente assistencialista, tratava-se, antes, de uma articulação essencialmente política relacionada, sobretudo, à negociação das identificações construídas acerca do bairro. Isto porque é da possibilidade de obter reconhecimento coletivo que depende à capacidade destes moradores de converterem suas demandas em ações concretas para o bairro. Parece ser a isto a que o rapper se referiu quando disse:

Ao mesmo tempo que o filme era importante para o Brasil, reconheço, era a nossa única chance de mudar a nossa história a partir dele, a história da Cidade de Deus. O filme foi pra rua, vendeu bilhetes, fez barulho, fez festas. Ótimo! O filme correu o mundo e fez o seu papel de Filme. [...] A questão era como trazer, como forma de investimentos, toda essa discussão gerada. Era a nossa vez, amigo. (...) A favela acaba de pegar carona no bonde, mas o trilho também era dela! Hoje o filme pode dizer que está cumprindo o seu papel, podem acrescentar no curriculum que ajudou a mudar a realidade que mostrou. Pode dizer que mexeu com o brio da Cidade de Deus e seus moradores que foram à luta e acabam de ser atendidos. Isso não é sonho, é fato. Mas agora é hora de comemorar, é hora de agradecer, é hora de festejar! Já conseguimos parcerias inimagináveis. Vários Ministérios e Secretarias já estão se mobilizando, se comprometendo com a favela, em fazer dela a marca da

mudança. [...] Temos a certeza de que as empresas que promoveram a campanha desse trabalho (filme) também vão participar dessa cruzada e mostrar outras caras da nossa comunidade, as coisas positivas que lá existem. Se é possível mobilizar tantas pessoas com um simples e-mail, eu passo a acreditar que é possível construir uma nova mentalidade a partir desse momento histórico - não sei se para o Brasil, mas certamente para a Cidade De Deus. (Trecho de matéria postada sob o título "É possível construir uma nova mentalidade" em 24/01/2003 no site: <<http://www.vivafavela.com.br>> Acesso em 20 de agosto de 2007)

Mas a polêmica estava longe do fim. Em reação as declarações de MVBILL, Paulo Lins, ex-morador de Cidade de Deus e autor do romance que inspirou a narrativa fílmica, resolveu entrar na discussão, enviando, dias depois, uma carta ao Viva Favela em que coloca em cena outros atores, a começar por ele próprio.

Não foi um e-mail que mobilizou várias pessoas em torno dos problemas do conjunto habitacional Cidade de Deus em Jacarepaguá, mas, sim, os dez anos de trabalho que levei para escrever o Romance "Cidade de Deus" e de mais cinco anos que o diretor Fernando Meirelles, a co-diretora Kátia Lund e equipe levaram para fazer o filme homônimo nele baseado. [...] pesquisa, livro, filme seguem o destino de continuar provocando a mobilização social. A afirmação de que ninguém fez nada pela Cidade de Deus é outro engano. Ali, onde vivi de 1966 a 1994, desde muito jovem, me envolvi em projetos tanto no setor social (movimento negro, conselho de moradores, aulas de reforço escolar...) quanto nos setores cultural e científico (cineclube, participação em blocos carnavalescos, organização de festivais de música, criação de uma biblioteca pública em minha própria casa e assistência à pesquisa antropológica desenvolvida em Cidade de Deus pela doutora Alba Zaluar, intelectual bastante respeitada no Brasil e no exterior). No entanto, não quero me vangloriar por isso, mesmo porque várias pessoas moradoras e não moradoras já desenvolviam e/ou desenvolvem trabalhos tanto sociais como culturais nesse conjunto habitacional. De fato, muitas pessoas já fizeram e fazem bastantes ações positivas pela Cidade de Deus. Nego-me a citar nomes para não cometer qualquer esquecimento. (Trecho de matéria postada sob o título "Silêncio quebrado" em 20/01/2003 no site: <<http://www.vivafavela.com.br>> Acesso em 20 de agosto de 2007)

Na sequência da carta, a defesa insuspeita de Lins "*da arte pela arte*" acabaria por desviar também o foco do debate da questão da produção de estigmas para a questão da liberdade de criação artística.

Na arte cabe tudo e é por isso que é arte. Então, não aceito (e quero crer com total legitimidade) que qualquer mortal feliz ou infeliz, venha dizer o que se pode e o que não se pode fazer na arte, já que ela atravessa os tempos de toda a humanidade. A rigor não há nada de novo no filme *Cidade de Deus*. Todos os dias os noticiários nos jogam na cara o caos em que vivemos. O documentário *Notícias de Uma Guerra Particular*, de Katia Lund e João Moreira Salles, já tinha cumprido o que *Cidade de Deus* se propôs, e, mesmo com o fato de no Brasil documentário possuir um público muito restrito, causou impacto e suscitou debates por ocasião de seu lançamento. O *Cidade de Deus* teve mais impacto por ser artístico e, por isso mesmo, abarcou um maior número de espectadores. (...) É necessário explicar que toda obra literária é, antes de tudo, ficção, posto que é criação artística. E como o "Cidade de Deus", existem vários outros livros baseados em fatos reais, que, por ser arte, têm permitida a licença poética. Qualquer colegial sabe disso. (Trecho de matéria postada sob o

título “Silêncio quebrado” em 30/01/2003 no site: <<http://www.vivafavela.com.br>> Acesso em 20 de agosto de 2007)

A estratégia argumentativa de Lins sobre os propósitos e o processo de composição de seu livro fez ingressar também na polêmica Alba Zaluar, antropóloga para quem o autor havia trabalhado como assistente de pesquisa no período em que era ainda estudante de letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro –UFRJ-. Zaluar, em uma carta intitulada “em nome da ética”, exigiu o reconhecimento devido ao seu trabalho:

Depois de aparecerem tantos depoimentos, artigos e declarações excluindo totalmente o meu nome e qualquer participação na pesquisa que iniciei sozinha em 1980, na Praça Matusalém, em Cidade de Deus, recebi a carta aberta de Paulo Lins, que trabalhou comigo durante nove anos e a quem paguei durante cinco para escrever o seu romance. (...) Essa primeira pesquisa e o livro têm sido sistematicamente esquecidos pelos colegas antropólogos que não se cansam de elogiar o filme na mídia, comprometendo talvez irremediavelmente as relações entre cineastas e antropólogos. Essa primeira pesquisa foi feita ali, onde moravam Manoel Galinha e Ailton Batata, vizinhos, amigos e comparsas na guerra, muito antes que eu conhecesse Paulo e os resultados transformaram-se em livro publicado por Luis Schwarcz em 1985, 12 anos antes do livro dele. É considerado um clássico da Antropologia brasileira e usado em diversos cursos universitários, segundo o testemunho de muitos daqueles que o leram e usaram em seus trabalhos posteriores. (...) Como sempre lhes disse, e repito agora publicamente, não estou em busca de dinheiro, mas quero respeito, consideração e reconhecimento pelo meu trabalho e pelos compromissos que tenho com a população que estudei coisas que os diretores do filme jamais demonstraram e que Paulo várias vezes esqueceu, cego pelo sucesso tão fulminante e brilhante. (Trecho de matéria postada sob o título “Em nome da ética” em 07/02/2003 no site: <<http://www.vivafavela.com.br>> Acesso em 20 de agosto de 2007)

As considerações feitas por Alba Zaluar levaram o diretor Fernando Meirelles a entrar novamente no debate, publicando em 12 de fevereiro de 2003 uma carta diretamente endereçada a ela:

Eu nunca tive acesso a qualquer trabalho seu e por isso não a mencionei nos créditos no filme. Como está claro, CDD não é um documentário ou um trabalho com rigor científico, mas sim uma obra de ficção baseada no romance cujos direitos de adaptação compramos do Paulo. Não a conheço pessoalmente, mas evidentemente estou a par de seu apoio ao Paulo Lins neste trabalho pelo crédito que há no livro e pelas repetidas vezes em que ele tem se referido ao seu nome na imprensa. É pena que esta seja a primeira vez que mantemos algum contato, pois para ser honesto, nunca me ocorreu repetir na tela, os créditos que estão no livro. Se soubesse desta expectativa, teria sido tranquilo acrescentar a nossa lista seu crédito pela pesquisa. Houve apenas uma falha de comunicação aqui e não má vontade ou desrespeito. (Trecho de matéria postada sob o título “Fernando Meirelles responde” em 12/02/2003 no site: <<http://www.vivafavela.com.br>> Acesso em 20 de agosto de 2007)

Lins também voltou à cena, respondendo a Alba, no mesmo dia que Meirelles, mas, sem, contudo, lhe endereçar a carta diretamente.

Todo mundo sabe da gratidão e do carinho que eu tenho por Alba Zaluar, não só eu, mas toda a minha família. Nas duas edições do livro estão os devidos créditos e agradecimentos e a orelha da primeira edição é de Zaluar. Se alguma vez, em entrevista, deixei de mencionar o nome de Alba, foi por puro esquecimento e deve ter sido em televisão, pois acabo deixando de lado coisas importantes pelo nervosismo diante das câmeras. Quero deixar claro que discordo de Alba em alguns pontos, mas sempre com respeito, que sempre foi recíproco. Nunca escrevi sobre o filme e o livro Cidade de Deus. A primeira vez foi essa carta aberta publicada no portal Viva Favela e não poderia deixar de falar em Alba, pelo seu empenho para que eu pudesse realmente escrever. (Trecho de matéria postada sob o título “Dos perigos do sucesso” em 12/02/2003 no site: <<http://www.vivafavela.com.br>> Acesso em 20 de agosto de 2007)

Dando o assunto por encerrado, Paulo Lins realinou o debate para o ponto de origem, o conjunto habitacional Cidade de Deus, aproveitando ainda para retomar o diálogo com MVBILL, a quem desta vez prestou reverência:

Hoje, com o grande trabalho do rapper MV BILL, os governos municipais e federais e ONGs estão se empenhando para fazer as melhorias que Cidade de Deus carece há muito. Lógico que toda favela e conjuntos habitacionais merecem reformas e investimentos, mas é, sem dúvida, por causa do nosso trabalho que vários projetos começarão por lá. E tenho a legítima certeza de que também esse sempre foi o desejo de Alba Zaluar. Estou dando esse assunto por encerrado e não respondo a mais ninguém e nem dou entrevistas sobre o assunto. Cansei e como “Cidade de Deus” não foi indicado para o Oscar com certeza a polêmica acabará. É muita sorte da Cidade de Deus ter uma pesquisa, um livro, um filme e líderes comunitários que lutaram e lutam por sua localidade. Quero agradecer, de coração, ao MV BILL e ao Celso Athayde pela articulação em prol de melhorias para a Cidade de Deus. Realmente Bill gritou na hora certa e a bomba prometida está virando um conjunto de benfeitorias. (Trecho de matéria postada sob o título “Dos perigos do sucesso” em 12/02/2003 no site: <<http://www.vivafavela.com.br>> Acesso em 20 de agosto de 2007)

De fato a “bomba” que o rapper lançou parece ter atingido o alvo. Diante das diversas manifestações, capitaneadas, sobretudo, por Mvbill, vários órgãos públicos, dentre os quais constavam o Ministério da Cultura, Ministério dos Esportes, Ministério da Ação Social, Ministério das Cidades, Ministério da Educação, Ministério do Planejamento, Ministério da Justiça e Direitos Humanos e Secretaria Nacional de Segurança, mobilizaram-se para promover ações e investimentos no bairro.

Um dos resultados de toda mobilização gerada em torno do filme Cidade de Deus foi a união de diferentes lideranças políticas, que culminou com a criação, em abril de 2003, do Comitê Comunitário da Cidade de Deus. Fruto da articulação de

vinte e duas instituições atuantes no bairro em parceria com diversos órgãos públicos, já em seu início a entidade anunciava que a Cidade de Deus estava entrando em uma nova fase. Seja como for, nas palavras do próprio MVBILL: “o tempo é o juiz”¹⁶⁹

3.4 Uma nova Cidade de Deus?

Para quem chega atualmente à Cidade de Deus, vindo do sentido Taquara-Barra da Tijuca, uma das primeiras coisas que se pode ver é uma grande placa, daquelas que indicam a localização do visitante, com os seguintes dizeres: *UMA NOVA CIDADE DE DEUS: PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO*. Posicionada estrategicamente na Praça Padre Julio Grossen, essa placa simboliza o compromisso firmado entre o governo do Estado do Rio de Janeiro e a população do bairro, no ano de 2006, para a criação de uma “Agência de Desenvolvimento Local”.

No dia de sua inauguração, ainda às voltas com a coleta de material para a pesquisa, pude presenciar não só a movimentação dos moradores em torno de tal ato quanto também conhecer as suas expectativas.

Na realidade, o que à primeira vista parecia ser fruto da iniciativa do poder público estadual, foi o resultado da mobilização de diferentes lideranças políticas locais, iniciada a partir dos debates gerados em torno do filme.

No cenário aberto por estes debates, foi criado a partir do ano de 2003 o “Comitê Comunitário da Cidade de Deus”, entidade sem fins lucrativos, que reunia sob uma mesma sigla uma “rede” composta por dezessete organizações, entre elas, congregações religiosas, ONGs, Associação de Moradores, Escolas de Samba, Movimentos Culturais. O objetivo era estabelecer diretrizes para um plano de desenvolvimento do bairro.

A princípio, sem uma sede definida, os articuladores do Comitê se reuniam mensalmente em lugares variados que incluía desde a casa dos seus integrantes até quadras de esportes e praças públicas. A intenção destes encontros era

¹⁶⁹ Materia postada sob o título “O Tempo é o Juiz” em 04/02/2003 no site: <<http://www.vivafavela.com.br>> Acesso em 20 de agosto de 2007

“construir um mapa das necessidades da região e estabelecer parcerias com órgãos públicos para implantação de projetos sociais no bairro.”¹⁷⁰

Neste processo, um dos fatores, porém, que contribuiu para a consolidação do comitê foi o apoio do Fórum Empresarial do Rio que, através de convênio com pesquisadores da Universidade Federal do Rio de Janeiro¹⁷¹, forneceu consultoria técnico-científica para elaboração de projetos de desenvolvimento do bairro. Criado também em 2003 por lideranças empresariais com o objetivo de “mobilizar forças da sociedade civil, para, em parceria com o Poder Público e dentro de uma perspectiva de responsabilidade compartilhada e integrada, priorizar o desenvolvimento social da cidade”,¹⁷² esta organização passou assim a colaborar com o grupo no planejamento, pesquisa e sistematização de dados sobre as necessidades mais imediatas do bairro.

Meu contato com o Comitê deu-se através de Luciano, reverendo da Igreja Anglicana local. À época, já havia se passado três anos da formação do comitê e muito de sua configuração inicial tinha mudado. Das dezessete instituições que participavam inicialmente da “rede,” apenas onze permaneceram. Segundo ele, isto se deu porque “a proposta era realizar primeiro uma pesquisa qualitativa para verificar as principais necessidades da Cidade de Deus e muitos não acreditavam nesta ação de médio e longo prazo”.¹⁷³

Mas o descrédito à proposta do Comitê não se restringiu apenas a suas bases. Muitos moradores viram com desconfiança a iniciativa. Um desses moradores foi Francinéia dos Santos que ao responder a uma pergunta feita pelo site Viva Favela sobre as melhorias realizadas na Cidade de Deus após o filme, afirmou:

¹⁷⁰ Dados compilados a partir de matéria: Cidade de Deus no Rio de Janeiro O desafio do desenvolvimento local com protagonismo comunitário. Disponível em: <www.setor3.com.br> acesso em julho de 2008 e também a partir de entrevistas realizadas com o reverendo da Igreja Anglicana, Luciano Lima.

¹⁷¹ A pesquisadora responsável por sistematizar os dados fornecidos pelo comitê e depois transformá-los em um documento foi Cláudia Ribeiro Pfeiffer, especialista em planejamento urbano e professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

¹⁷² Dados disponíveis em PFEIFFER, Claudia Ribeiro. A participação social no contexto do Desenvolvimento Local/Comunitário: reflexões iniciais. P. 1 a 19, 2006. Disponível em <<http://www.rio.rj.gov.br/habitat/bairrinho.htm>> Acesso em 20 de outubro de 2007.

¹⁷³ Fala extraída de entrevista concedida em Setembro de 2007.

Tudo de bom que acontece é só para a panelinha que está próxima, para o vizinho que mais lhe agrada [...] Se for para trabalhar em prol da comunidade vai dar certo. Mas se os que estão envolvidos na questão pensarem só em alimentar suas famílias vai continuar tudo como está. (Trecho de matéria postada sob o título “Com a boca no trombone” em 26/02/2003 no site: <www.vivafavela.com.br>. Acesso em 20 de agosto de 2007)

Ao comentar sobre a cisão do grupo e a expectativa dos moradores em relação a suas realizações, Luciano justificou-se dizendo:

Faz parte de todo processo democrático a divergência de opiniões. Todo trabalho feito na Cidade de Deus foi sempre em torno de ações isoladas que privilegiavam um grupo em detrimento de outro. Os efeitos eram rápidos, mas os resultados não atingiam a grande maioria da população. Isto cria uma visão distorcida por parte dos moradores que sempre vêm com desconfiança qualquer trabalho que se quer realizar. Eu trabalho pela Cidade de Deus há vinte anos, porque acredito que posso mudar algo, meu trabalho na igreja anglicana mostra isto, então acredito que com o tempo todos verão a nossa verdadeira intenção. (Entrevista realizada em 15 de setembro de 2007)

É interessante notar que, se por um lado, em seu discurso, Luciano identifica como causa da descrença da população as ações políticas isoladas, por outro, afirma, contraditoriamente, sua atuação individual na igreja como exemplo para que acreditem no trabalho do Comitê. Com efeito, a valorização de uma identidade religiosa parece de fato permear também os trabalhos do grupo, pois das instituições que atualmente compõem a organização mais da metade delas possuem uma vinculação religiosa, conforme pode ser observado na tabela a seguir.¹⁷⁴

¹⁷⁴ Dados cotejados do Portal Comunitário da Cidade de Deus. Disponível em: <http://www.cidadedededeus.org.br/>. Acesso em 2 de outubro de 2007.

Figura 38 - Quadro 1 – lista de ONGs que integram o Comitê comunitário da Cidade de Deus

Instituição	Atividades	Natureza
Associação semente da vida - ASVI -	Fundada em 2002 realiza trabalhos nas áreas de educação e cultura para crianças do bairro	Associação ligada a Igreja Católica do bairro
Grupo Alfazendo	Fundada em 14 abril de 1998, realiza trabalhos nas áreas de promoção cultural e educacional para jovens residentes em Cidade de Deus.	ONG ligada a Igreja Anglicana
ABOSEP – Associação Beneficente Obra Social Estrela da Paz	Criada em 2002 presta assistência às crianças e adolescentes, idosos e deficientes físicos, famílias necessitadas de toda a Cidade de Deus.	ONG vinculada á igreja evangélica Assembléia de Deus
CEACC – Centro de Estudos e Ações Culturais e de Cidadania	Fundada em 2001 atua na defesa de políticas públicas de combate a exclusão e desigualdade sociais	ONG
CEDEDUCOM – Centro de Desenvolvimento Educacional Comunitário	Fundada em 2000, tem por finalidade a promoção e acesso de jovens carentes ao vestibular	Associação vinculada a Igreja Metodista do bairro
CECFA – Centro Educacional Criança Futuro Adolescência	Fundada em 1996, tem por finalidade o atendimento a crianças portadoras de deficiência física	ONG
Comitê da 3a Idade (Ação da Cidadania)	Fundada no ano de 2002, tem por finalidade a promoção cultural e de saúde para moradores da “terceira idade”	ONG ligada a Ação da Cidadania - vinculada a Igreja Pai Eterno
Aliança Ariri - (Liga Litoral Rio Capoeira)	Fundada em 1998, tem por finalidade a promoção cultural através de esportes, principalmente a capoeira.	ONG
Conselho Comunitário Gabinal Margarida	Ano de fundação não informado – tem por finalidade a gestão e o bem estar dos moradores do Conjunto das Margaridas.	Associação sem fins lucrativos.
Amunicom – Associação de Moradores União Comunitária Cidade de Deus	Fundada em 1990, após a extinção da COMOCID, o conselho de moradores do bairro. Presta serviços de atendimento comunitário, nas áreas de esporte, educação e trabalho.	Associação sem fins lucrativos.
Paróquia Pai Eterno e São José	Localizada em Cidade de Deus, cujas ações são voltadas para assistência social, combate à fome, e crianças e jovens.	Organização da Igreja Católica

Esse predomínio de instituições religiosas no Comitê Comunitário foi também verificado por Alvear (2008) que, em recente pesquisa sobre organizações de base comunitária realizada em Cidade de Deus, observou que a Igreja Católica teve um

papel muito forte no crescimento do terceiro setor no Brasil. Em se tratando do bairro esse processo não foi diferente: o movimento social foi muito influenciado pelo trabalho pioneiro do padre Júlio Grooten e, posteriormente, por pastores evangélicos. “Sendo indissociáveis, portanto, no processo de formação destes núcleos de ação, a presença da igreja.”¹⁷⁵

Uma referência, porém, muito forte na construção identitária da organização é a noção de “cientificidade”. Para os dirigentes do Comitê, conforme afirma o próprio Luciano e, inclusive é explicitado na pagina oficial da organização, o que se busca é ultrapassar o “campo das denúncias e das reivindicações pontuais para propostas que tenham visibilidade e reconhecimento público por seu caráter científico.”¹⁷⁶ Neste sentido, pode-se dizer que o pressuposto acadêmico é assim posto na condição de mediador legítimo e privilegiado junto às instâncias governamentais. A este respeito a professora Cleonice Almeida, uma das lideranças que atuam no bairro, também ela uma integrante do Comitê, escreveu para o site da instituição:

Esta é a oportunidade de trazer o pensamento acadêmico para articular apoio do governo e do sistema privado. Saímos da denúncia para propostas científicas. Nossa organização pode servir de exemplo para outras comunidades. (Trecho de matéria postada no Portal Comunitário da Cidade de Deus. Disponível em: <<http://www.cidadedededeus.org.br>> Acesso em 2 de outubro de 2007)

Com efeito, foi a partir de um discurso que articula ação comunitária à visão “científico-acadêmica” sobre o bairro, que os dirigentes do comitê reivindicaram o apoio e o fomento de diferentes órgãos públicos e privados para realização de seus projetos. Esta estratégia de atuação parece ter surtido certo efeito, pois em abril de 2004, um ano após a sua formação, o Comitê apresentou aos representantes do Fórum Empresarial, Organismos Internacionais, Governo Federal e Governo Estadual, o primeiro “Plano para o Desenvolvimento Local de Cidade de Deus”, com diretrizes traçadas para um período de cinco anos até 2009, obtendo a promessa de recursos para viabilizar o projeto.

¹⁷⁵ Alvear, Celso Alexandre Souza de. *A formação das redes pelas organizações sociais de base comunitária para o desenvolvimento local: um estudo de caso da Cidade de Deus*. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências e Engenharia de Produção) – Faculdade de Engenharia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

¹⁷⁶ Dados compilados a partir da entrevista concedida a Revista do Terceiro Setor em 2 maio de 2007. Disponível em: <www.setor3.com.br>. Acesso em 20 de agosto de 2007.

No documento, “redigido coletivamente” e assinado apenas com a sigla oficial do Comitê - CCCDD -, constava como principais metas a ser atingidas a implantação de programas de desenvolvimento dentro das áreas de trabalho, emprego e renda; educação, meio ambiente, cultura, habitação, saúde, promoção social, comunicação e esportes, conforme exposto na tabela de prioridades construída pela organização que apresento a seguir: ¹⁷⁷

Figura 39 - Quadro 2 – Lista de prioridades apresentadas pelo Comitê Comunitário da Cidade de Deus.

ÁREAS	PRINCIPAIS PROBLEMAS HOJE	SITUAÇÃO A ALCANÇAR ATÉ 2009
Trabalho, Emprego e Renda	Grande ociosidade de mão-de-obra Baixo nível de escolaridade da mão-de-obra ociosa Baixa qualificação/capacitação profissional dos trabalhadores Falta de apoio ao trabalhador autônomo Falta de apoio ao empreendedor Baixo nível de interação entre agentes da economia local	Maioria da mão-de-obra local com TRABALHO Maioria da PEA – População Economicamente Ativa com ensino fundamental completo Mão-de-obra com maior/melhor qualificação/capacitação para absorção no mercado de trabalho Cooperativas de catadores de lixo, construção civil, costura, etc. criadas Apoio e incentivo técnico e financeiro ao empreendedor disponíveis Economia solidária difundida e apoiada técnica e financeiramente
Educação	Falta de planejamento educacional Carência de professores Baixa qualidade do ensino público Evasão escolar Faltam creches para crianças em idade materno-infantil Professores não capacitados para lidar com a singularidade da comunidade Analfabetismo Falta de escola de ensino médio Falta de integração da escola com a família Falta de capacitação profissional	Plano de ação integrada na área educacional elaborado Vagas atuais dos professores preenchidas Escola pública com qualidade que dispense cursos preparatórios Índice de evasão escolar reduzido Crianças em idade materno-infantil atendidas por creches públicas ou financiadas pelo poder público Professores capacitados para lidar com as singularidades da comunidade Redução do analfabetismo em 60% da média nacional, com metodologia transformadora Escola de nível médio com três turnos funcionando em CDD Escola, família e comunidade integradas Diversos cursos técnicos de acordo com as demandas do mercado e da comunidade implementados

¹⁷⁷ Este quadro foi retirado do Plano de Desenvolvimento Local da Cidade de Deus. Disponível em : www.cidadedededeus.org.br Acesso em junho de 2008

ÁREAS (CONT.)	PRINCIPAIS PROBLEMAS HOJE	SITUAÇÃO A ALCANÇAR ATÉ 2009
Meio Ambiente	Sistema de esgoto sanitário não universalizado e com trechos obstruídos Rede de água contaminada Lixo vazado nas ruas e vilas com recolhimento deficiente Rios Estiva, Banca da Velha e Grande: assoreados, poluídos e com margens ocupadas irregularmente Baixo nível de conhecimento e de conscientização dos moradores sobre os problemas ambientais Inexistência de áreas verdes dentro da comunidade	Sistema de esgotamento sanitário satisfatório e universalizado Água de qualidade em todas as casas Ruas e vilas limpas Rios de Cidade de Deus dragados, sem poluição e com margens desocupadas e urbanizadas Moradores com maior conhecimento e conscientização sobre os problemas ambientais Parque ecológico constituído
Saúde	Informações sobre as condições de saúde da população e da oferta de serviços na Cidade de Deus insuficientes e inconsistentes Ações e serviços de saúde na comunidade não planejadas Profissionais da saúde não qualificados para o bom atendimento da comunidade Serviços de saúde precários População não informada adequadamente sobre prevenção de doenças e cuidados com a saúde	Informações sobre as condições de saúde da população e da oferta de serviços na Cidade de Deus precisas e consistentes Plano Diretor para a Saúde elaborado Profissionais da saúde qualificados para lidar com as singularidades da comunidade Serviços de saúde satisfatórios População bem informada sobre prevenção de doenças e cuidados com a saúde
Promoção Social	Índice de gravidez precoce alto Crianças desnutridas Mulheres sofrendo violência doméstica Maioria negra discriminada, principalmente no comércio Idosos sem atendimento específico e não integrado à vida na comunidade Condições de moradia subumanas nas áreas ribeirinhas	Índice de gravidez precoce reduzido Nenhuma criança desnutrida Mulheres preparadas para não aceitar a violência doméstica Idosos integrados à vida comunitária e com atendimento específico População ribeirinha transferida para áreas de projetos oficiais, próximas à Cidade de Deus

ÁREAS (CONT.)	PRINCIPAIS PROBLEMAS HOJE	SITUAÇÃO A ALCANÇAR ATÉ 2009
Esporte	Poucos profissionais capacitados (qualificados e requalificados) para o desenvolvimento de práticas esportivas Falta de atividades diversificadas em todas as faixas etárias Escolas não integradas com a prática esportiva Falta de projetos de iniciação esportiva Falta de espaços adequados para práticas esportivas	Profissionais existentes na comunidade, capacitados, qualificados e requalificados para o desenvolvimento de práticas esportivas, em número suficiente Atividades desportivas diversificadas para cada faixa etária Escolas integradas com a prática esportiva Projetos de iniciação esportiva (físico, social e psicológica) implementados Praças reformadas e aparelhadas para práticas esportivas e com zeladores Cidade ou Vila Olímpica implantada
Cultura	Falta espaço comunitário para atividades culturais Faltam opções e incentivos às várias manifestações culturais	Espaços comunitários para atividades culturais diversas criados Atividades culturais diversificadas realizadas Platéias para manifestações culturais diversas formadas
Comunicação	Falta de veículos de comunicação comunitários	Espaço multimídia implantado TV Comunitária implantada Jornal Comunitário em circulação Rádio Comunitária implementada
Habitação	Condições subumanas de moradia em áreas ribeirinhas e áreas de ocupações irregulares Triagens – habitações provisórias Duplex - Documentação Casas Geminadas	Áreas ribeirinhas desocupadas População ribeirinha e demais áreas de ocupações irregulares, transferidas para áreas de projetos oficiais, no entorno de Cidade de Deus Projeto habitacional para as triagens em execução Títulos de propriedade na posse dos moradores Títulos de propriedade na posse dos moradores

Foi, portanto, a partir deste projeto que em 2007 foi inaugurada a Agência de Desenvolvimento Local da Cidade de Deus, efetivada a partir do apoio técnico e financeiro do IBASE – Instituto Brasileiro de Análises Sociais, da FINEP – Financiadora de Estudos e Projetos e do Governo do Estado do Rio de Janeiro. Tendo como associados e dirigentes as organizações e lideranças ligadas ao Comitê Comunitário, a Agência constuiu-se como instância executiva com a finalidade de integrar ações e projetos no território, na forma de uma pessoa jurídica.¹⁷⁸ Trata-se assim, de uma associação sem fins lucrativos, cujo o objetivo é, além da captação de recursos, a interlocução com instâncias governamentais para a realização de investimentos públicos no bairro, conforme apresentado na página de seu “Blog”¹⁷⁹:

Figura 40 – Blog da Agência Cidade de Deus de Desenvolvimento Local



¹⁷⁸ Disponível em: < www.cidadedededeus.org.br > Acesso em 14 de junho de 2008.

¹⁷⁹ Blog é uma abreviação de weblog, qualquer registro frequente de informações pode ser considerado um blog (últimas notícias de um jornal online por exemplo). A maioria das pessoas tem utilizado os blogs como diários pessoais, porém um blog pode ter qualquer tipo de conteúdo e ser utilizado para diversos fins. Uma das vantagens das ferramentas de blog é permitir que os usuários publiquem seu conteúdo sem a necessidade de saber como são construídas páginas na internet, ou seja, sem conhecimento técnico especializado.

Para os dirigentes do Comitê, a criação da Agência significou “uma grande conquista feita pela comunidade”, desde o processo de mobilização que teve início com a polêmica gerada pelo filme de Fernando Meirelles e Katia Lund. A este respeito, Carlos Oliveira, um dos líderes da entidade, afirmou em entrevista ao Jornal do Terceiro Setor: “os caminhos que se abriram para o enfrentamento dos problemas do bairro, além dos benefícios para seus próprios habitantes, podem fornecer indicações para outros territórios com características comuns.”¹⁸⁰

Mas se do ponto de vista dos dirigentes do Comitê, a Agência é um exemplo efetivo de mudança para a comunidade, esta perspectiva não é a mesma em se tratando de alguns moradores. Em relação a este aspecto retomo o ponto inicial deste item como forma de ilustrar esta questão: a inauguração da placa enunciativa de “uma nova Cidade de Deus”. Neste evento que teve como objetivo justamente celebrar a criação da Agência, em diversas ocasiões pude perceber através de conversas informais ou mesmo em entrevistas realizadas por mim no bairro, uma visão distinta àquela construída pelos membros do Comitê.

3.4.1 O evento

Soube que aconteceria a inauguração da Agência através de Luciano que me ligou dias antes avisando do evento. Entusiasmado e falando de forma apressada, ele apenas disse que era uma grande conquista para a comunidade e que poderia ser bom para o meu trabalho. Embora minha intenção em relação à pesquisa não estivesse centrada nas atividades do Comitê, vi naquele acontecimento uma possibilidade de estabelecer novos contatos e ampliar minha rede de relações no bairro.

Assim, no dia 6 de junho, uma sexta-feira, após encerrar as aulas na universidade onde leciono, me dirigi à Cidade de Deus. O trajeto era curto, eu estava na Barra da Tijuca, não levaria mais de 15 minutos para chegar, entretanto, na divisa entre um bairro e outro, logo embaixo do Viaduto da Linha Amarela, uma *blitz* desviava o trânsito, deslocando os carros para um itinerário mais longo. Aquele tipo de operação policial não era incomum naquele trecho, eu mesma já presenciara em diversas ocasiões, pessoas sendo retiradas de seus veículos e

¹⁸⁰ Idem

revistadas, contudo fiquei apreensiva, pois as incursões da polícia no bairro, com poucas exceções, terminavam sempre, na melhor das hipóteses, por fechá-lo. Enquanto esperava para fazer o contorno em meio ao engarrafamento que se formara, acabei descobrindo, através de um taxista que aquela intervenção policial não se tratava de uma blitz de “rotina”, porém de um esquema de segurança para recepcionar Sergio Cabral, o Governador do Estado, por este motivo o principal acesso à Cidade de Deus, a Rua Edgard Werneck, estava interditado.

Acabei demorando cerca de uma hora para chegar a Cidade de Deus, mas finalmente consegui estacionar o carro em uma rua bem próxima ao local onde ocorreria o evento. Era ainda cedo, por volta das quinze horas, a solenidade estava prevista para começar apenas as dezoito horas, aproveitei para observar, livre de qualquer mediação ou interferência por parte de algum membro do Comitê, a reação das pessoas.

Fiquei impressionada com a intensa movimentação na praça. Entre trabalhadores ocupados na montagem do palanque, técnicos testando som e moradores que simplesmente observavam, calculei umas duzentas pessoas. Alguns vendedores ambulantes começavam também a instalar-se no entorno, dando ao ambiente uma atmosfera festiva, semelhante a uma “quermesse”. Aos poucos, diversas tendas e barracas com mesas e banquinhos dispostos ao ar livre foram armadas, ofertando uma variedade de produtos que eram anunciados aos berros a quem passava. Aproveitei para comprar água em uma delas e assim pude conhecer um dos vendedores ambulantes mais populares do bairro.

Sr. José, de setenta anos, antigo morador do bairro, vende cachorro quente para complementar a renda da aposentadoria. Muito divertido e falante, repetia o seguinte refrão para chamar a atenção da clientela: “taqui, taqui a favela vista na tela”. Achei aquela frase muito espirituosa e lhe perguntei por quê? Bastou para que ele desse uma resposta no mesmo tom: “se é aqui que moram os artistas, esta é a favela que está na tela, minha filha!” E completando me disse ainda: “essa agitação é boa, vem político, vem artista, vem repórter e a gente aproveita da forma que pode.” Gostaria de ter estendido minha conversa com sr. José, mas outros possíveis clientes se aproximaram desviando-lhe a atenção. Ainda pensando em suas palavras me afastei para tentar conversar com mais alguém.

Com a proximidade do evento o fluxo de pessoas foi aumentando na praça, em grande parte moradores, porém, também havia repórteres e fotógrafos de

diversos jornais, além de inúmeros policiais. Notei, entretanto, que o público previsto para o evento não atingiu o contingente esperado, pois do alto do palanque, um senhor que dizia ser “militante” do bairro, reclamava ao microfone do quantitativo reduzido de pessoas no local.

Por volta de 16:30h foi finalmente anunciada a presença de Sérgio Cabral, Governador do Estado, no bairro, imediatamente uma grande roda se formou em torno do palco armado especialmente para o evento. Neste momento, policiais, usando coletes a prova de bala e cacetetes se posicionaram um ao lado do outro, numa espécie de corredor humano que deu passagem à comitiva governamental. Além do próprio governante, subiram ao palanque o Secretário de Segurança, José Mariano Beltrame, o presidente da FAPERJ, Rui Garcia Marques, o presidente da FAETEC, Celso Pancera, e alguns membros do Comitê Comunitário. Entre eles, Luciano.

O primeiro a falar foi Sergio Cabral, que fez um discurso voltado principalmente à exaltação das melhorias que teriam sido realizadas no bairro durante sua gestão. Para completar, disse que a comunidade pediu uma resposta do poder público e o resultado estava ali. Como é típico nestas solenidades, vez ou outra, uma explosão de palmas, puxadas principalmente por quem estava no palanque, interrompia o discurso. Depois foi a vez do presidente da FAPERJ que anunciou a liberação de uma verba de 430 mil reais para a criação da Agência de Desenvolvimento Local, obviamente também foi aplaudido. Daí por diante outros pronunciamentos se seguiram. Um dos integrantes do Comitê Comunitário, pastor evangélico, deu ênfase à mobilização da população gerada pelo filme, afirmando a idéia de que “há males que vêm para o bem e que Deus escreve certo por linhas tortas.” Suas palavras, ditas com veemência, foram também objeto de ovação.

Mas o ponto alto da solenidade foi mesmo a inauguração da placa. Eram mais ou menos 17:30h quando o governador, sem descer do palanque, apontou em direção ao objeto já instalado e falou: “este é um marco que celebra a instauração de uma nova Cidade de Deus”, e finalizando, inspirou-se no discurso de John Kennedy, presidente dos Estados Unidos entre 1961 e 1963, dizendo:

Não espere o que o país pode fazer por você, mas sim o que você pode fazer pelo país. Portanto, cada um de vocês é também responsável pela qualidade de vida na Cidade de Deus

Após este ato, o grupo desceu do palanque e passou a cumprimentar alguns moradores que estavam próximos, apertando-lhes as mãos enquanto pousavam para fotos. Dessa vez a polícia se manteve por perto, mas não na mesma formação defensiva do início. Tentei me aproximar para falar com Luciano, contudo, em meio à aglomeração que se formara, ele apenas acenou de longe e gesticulou com a mão que me ligaria. Não o vi mais naquela noite.



Figura 41 - O Governador Sergio Cabral discursa na solenidade de inauguração da Agência de Desenvolvimento Local em Cidade de Deus¹⁸¹

Figura 42 - O Governador Sergio Cabral, o Secretário de Segurança, José Mariano Beltrame, o presidente da FAPERJ, Rui Garcia Marques e o presidente da FAETEC, Celso Pancera.



¹⁸¹ Fotos de autoria da pesquisadora



Figura 43 - O presidente da Faperj, Rui Garcia Marques em pronunciamento por ocasião da inauguração da Agência de Desenvolvimento Local em Cidade de Deus

Com o término do evento o número de pessoas na praça diminuiu expressivamente, entretanto, muitos que ali estavam permaneceram bebendo cerveja nos bares ou simplesmente conversando. Notei que alguns moradores foram sentar-se nas mesas montadas perto da barrquinha de cachorro quente do Sr. José, do outro lado da praça, e para lá me dirigi. Enquanto esperava para ser atendida, ia anotando, atenta, as impressões dos moradores sobre a solenidade. Ouvi, por exemplo, de um grupo de jovens que estavam a minha frente, comentários sobre a decepção por não ter visto nenhum artista no palanque. Reparei em um senhor, que parecia fazer um discurso particular, dizer aos outros que o observavam “que aquilo era uma coisa para vender jornal”. As pessoas em torno pareciam concordar com ele. Algumas argumentavam que tudo aquilo não passava de promoção para os políticos e artistas, outros ainda afirmavam que as vantagens aconteciam só para quem era da política. Assim, em pé, parada em uma fila que parecia não ter fim, eu comecei a interagir com os moradores, travar contatos e fazer pequenas entrevistas informais. Ali também ouvi um dos mais significativos depoimentos da noite, o de Dona Lourdes.

De estatura baixa, cor negra e um sorriso cativante, Dona Lourdes, uma senhora de aproximadamente 60 anos, moradora do bairro há pelo menos trinta, me

observava escrever, enquanto segurava seu neto pela mão. Foi ela que iniciou a conversa dizendo: “é, minha filha, somos nós que fazemos nossa vida, não adianta esperar por políticos ou por quem faça pela gente.” Estas palavras fizeram-me imediatamente parar minhas anotações e olhar para ela. Sem que eu perguntasse, Dona Lurdes começou a relatar sua vida, contou-me que teve três filhos, um deles já morto por ter escolhido a vida “errada”, mas os outros dois estavam bem, eram trabalhadores e tinham constituído família. Deixei-a falar livremente sem lhe interromper, tentando ao máximo reter o que ela falava. Ela continuou narrando a “sua luta” para criar os filhos sozinha: ela trabalha com faxina e aos domingos e quartas feiras vende cocada na feira, ajudando na educação dos netos. Em uma pausa feita por ela, tentei alimentar a conversa chamando atenção para o evento que aconteceu e as mudanças prometidas. Sua resposta, escrita por mim de forma apressada, é digna de nota:

Minha filha não tem mudança nenhuma, o máximo que se consegue é uma obrinha na praça, aqui e ali, umas cestas básicas. De resto não muda nada. Quem faz a nossa vida somos nós, não vê você aí estudando (referindo-se ao caderno que eu carregava) Se alguma coisa mudou foi para aqueles que estão metido na política, eles tão fazendo a vida deles, tão certos. Eles vão mudar as coisas pra eles, porque também não dá pra mudar pra todo mundo, cada um tem que aproveitar do jeito que pode. Se muda são pra as pessoas que sabem aproveitar. Se mudou foi para os artistas do filme, se mudou foi pra quem soube fazer a sua vida. Eu falo isso pra os meus filhos cada um tem que fazer seu caminho, não pode esperar cair do céu, que do céu só cai chuva.

É interessante observar no depoimento da moradora a percepção ao mesmo tempo crítica e contraditória sobre as lideranças comunitárias local. Se, para ela, são evidentes os limites e as dificuldades desses grupos atuarem no sentido de transformar demandas coletivas em ações concretas que contemplem a maioria da população, em contrapartida, é exatamente desta atuação que emerge uma possibilidade de mudança. Todavia, esta mudança não corresponde a benefícios efetivos que se estendam a todos indistintamente, mas às vantagens para aqueles que, individualmente, saibam tirar proveito de determinada situação. Por esta lógica, em seus termos, estar “metido na política” significa assim mais um investimento pessoal em termos de ascensão social para quem compartilha deste universo, do que propriamente a uma capacidade efetiva de mobilização social que envolva a comunidade de uma forma mais ampla.

Semelhante à perspectiva de Lourdes foi a de Aída, uma senhora de mais ou menos cinquenta anos que, ao ouvir nossa conversar, fez questão de dar sua opinião sobre o evento. Segundo ela, que explicou estar ali motivada pela presença de possíveis artistas, a iniciativa não resultaria “em nada” e, completando, afirmou:

Eu moro aqui há mais de 30 anos, nunca vi nenhuma promessa de político dar em nada. Pode vir o governador, o prefeito e até o presidente que não acontece nada. Eles vem aqui falam, falam e depois nada acontece, é tudo uma encenação só. Se a gente ficar dependendo de promessa tá morto. Quem conseguiu alguma coisa, conseguiu porque batalhou pelo que queria, trabalhou, lutou pra ter. Não adianta pensar que a associação de moradores vai fazer alguma coisa, que esse Comitê vai resolver tudo, porque eles fazem pra eles. Cada um que não faça por si mesmo pra ver se vai conseguir alguma coisa.

É possível verificar no depoimento da moradora a descrença em relação às ações do poder público no bairro, expressa inclusive pela noção de “encenação”, através da qual qualifica o discurso dos principais agentes da administração do Estado. Mas se o descrédito às instâncias governamentais é evidente, ele não é menor quando se trata do associativismo comunitário local, conforme pude observar nesta e em outras falas. Isto é importante mencionar porque revela um aspecto interessante acerca da percepção dos moradores sobre a atuação e organização de lideranças políticas local. Na Cidade de Deus, diversamente de outras favelas, como por exemplo, Rio das Pedras, também situada em Jacarepaguá e estudada por Marcello Burgos¹⁸², a associação de moradores não é vista como uma instância com força social e simbólica capaz de intermediar e representar coletivamente os moradores junto ao poder público.

Neste sentido, a associação de moradores do bairro, como já observara Zaluar (1985)¹⁸³ em seu trabalho de campo no mesmo local, tem sua área de

¹⁸² Ver BURGUS, Marcelo Baumann. Favela, cidade e cidadania. In: BURGOS, Marcelo Baumann (Org.) A utopia de Comunidade: Rio das Pedras, uma favela carioca: Rio de Janeiro: PUC- Rio; Loyola, 2002

¹⁸³ Alba Zaluar em pesquisa realizada no bairro no ano de 1985 verificou a presença de duas associações de moradores que rivalizavam entre si pela liderança política da comunidade e mais uma em atividade no Conjunto de apartamentos. Entretanto, mais recentemente, o trabalho etnográfico desenvolvido por mim indicou a extinção de uma delas, restando apenas a COMOCID. A associação de moradores existente no Conjunto das Margaridas, os “Apês”, permanece em funcionamento, mas identifica-se e é identificada apenas como órgão representativo dos moradores que residem nos apartamentos. Ver sobre este assunto especificamente: ZALUAR, Alba. A máquina e a Revolta. São Paulo: Ed Brasiliense, 1985.

influência mais ou menos demarcada. A COMOCID , fundada em 1968¹⁸⁴ pelos residentes das casas e sediada em uma rua próxima à Praça Padre Julio Groten, “embora reivindique a liderança de toda a comunidade, na prática mobiliza muito pouco os moradores, estando suas atividades circunscritas à área em que a rede de relações pessoais de seus diretores lhe dão acesso”,¹⁸⁵ ou seja, a parte considerada o “Centro”. Há, ainda o Conselho Comunitário Gabinal Margarida, cuja a sede fica no conjunto de apartamentos, contudo, este sequer é identificado ou se identifica como órgão representativo do lugar, ao contrário, suas ações são pontualmente destinadas à administração e resolução de problemas relacionados aos prédios onde está localizado.

Talvez, diante da pouca expressividade dos organismos associativos de base, tradicionalmente vistos como instâncias mediadoras entre o poder público e a população, é que em Cidade de Deus as ações individuais de membros da comunidade acabem obtendo maior destaque. Esse aspecto torna-se ainda mais evidente quando se leva em conta à importância atribuída a alguns moradores que se transformaram em “verdadeiros” ícones do lugar, seja pela atuação à frente de ONGS, associações privadas, instituições religiosas ou mesmo por terem alcançado certa visibilidade na mídia. Identificados como modelos exemplares que prescrevem, por sua trajetória ascendente, rotas alternativas de inserção social, essas pessoas são consideradas por seus feitos, os quais na maioria das vezes extrapolam as fronteiras locais, verdadeiros expoentes do bairro. Neste sentido, não são raros nos depoimentos a indicações de nomes como o do rapper MVBILL, criador da Central Única das Favelas – CUFA –, do fotógrafo Tony Barros, coordenador do projeto Lente dos Sonhos, de Michel Marinho, produtor multimídia e correspondente da ONG Viva Favela, dentre outros, como referências que afirmam a possibilidade de construção de uma autoimagem positiva, conforme revela o relato a seguir:

Toda vida a Cidade de Deus foi isso que você tá vendo aí, só promessas e mais nada. Os políticos não se importam, quem se envolve com a política que é morador igual também não faz nada e por aí vai. Então quem tem que fazer pela gente é a gente mesmo, cada um se safa como pode e assim a gente vai caminhando. Acho o Bill o maior exemplo disso. Cara que batalhou sozinho, que independentemente de

¹⁸⁴ Em 1989, as acusações de envolvimento com o tráfico de drogas e a prisão de dois membros da diretora, fizeram com que a COMOCID, fundada em 1969, fosse extinta. Em seu lugar surgiu a AMUNICOM, inaugurada em 1990. Contudo, a estrutura anterior foi mantida, incluindo-se aí a manutenção de vários diretores que faziam parte da antiga administração e o alcance de sua atuação no bairro.

¹⁸⁵ Op.Cit. nota 180, p.92

ter nascido aqui aparece nos jornais, nas revistas e TV e não é nas notícias de crime não, é porque ele soube fazer uma coisa diferente, e isso mostra que todo mundo daqui pode fazer também. Isso é bom porque mostra pra todo mundo que aqui também tem gente boa, que existe coisa boa aqui, que as coisas são diferentes do que todo mundo pensa da gente. (Entrevista realizada em maio de 2007)

Um dos aspectos também recorrentes nos depoimentos é a alusão à trajetória ascendente destes moradores articulada ao agenciamento de projetos sociais no bairro:

Eu moro aqui há muito tempo e as coisas sempre foram assim e continuam na mesma. A gente sempre foi muito massacrado, discriminado mesmo, é dificuldade pra tudo, pra arrumar emprego, pra estudar, até pra namorar com gente de fora daqui. Então é como se a CDD fosse uma marca na gente. Por isso eu nunca acreditei em promessas nem de políticos, nem de ninguém que veio aqui e disse que ia fazer e acontecer, porque nunca fizeram nada mesmo. Nem a associação de moradores, nem governo, nem nada eu acredito. Eu acredito em gente que pega e faz. E aqui tem gente fazendo. Tem muitos moradores de sucesso que nem precisavam tá mais aqui, mas continuam atuando no bairro com seus projetos. Cada um do seu jeito, eles vão fazendo coisas, vão subindo na vida e levando outros com eles (Entrevista realizada em maio de 2007)

Chama atenção nessas falas um movimento que tem como pano de fundo o esvaziamento da crença nas formas mais tradicionais de mobilização coletiva, em favor da valorização de experiências individuais bem sucedidas de articulação e inclusão social. Neste sentido, o componente distintivo dessas experiências é atividade direta de determinados moradores que agem a partir de/e para a comunidade. Trata-se, portanto, de uma atuação que supõe estratégias específicas de ação, “no lugar das velhas políticas de reação, oposição e denúncia de abandono do Estado (HOLANDA, 2009).”¹⁸⁶ Esta privilegia, através da produção e criação de projetos e organizações locais, a mediação para a realização de interesses individuais mais imediatos dos habitantes do bairro, conforme sugere o depoimento a seguir:

Não dá para negar que o filme chamou a atenção para o bairro, mas antes dele já tinha muita gente aqui levando a imagem da CDD para fora de um modo até mais bacana. Você pode ver pelos projetos que acontecem aqui e que promovem muitos cursos bons para os moradores. A CUFA acaba sendo mais falada por causa do Bill que é artista e aparece na TV, mas tem a Lente dos Sonhos do Tony que já levou meninas até pra fora do país e que todo mundo aqui gosta. Têm muito projeto bom aqui, tem o Luciano da Alfazendo e por aí vai. Podia ficar gastando saliva aqui a bessa, mas é só você perguntar pra qualquer um que todo mundo vai dizer o que as

¹⁸⁶ HOLANDA, Heloísa Buarque. *A política do hip hop nas favelas brasileiras*. INESC, 2009. Disponível em: <<http://www.inesc.org.br>> Acesso em 2 de setembro de 2010

peessoas estão fazendo. Cada um do seu jeito, eles vão fazendo coisas, vão subindo na vida e levando outros com eles. (Entrevista realizada em setembro de 2007)

Com efeito, se do ponto de vista dos moradores esse engajamento sociopolítico, traduzido pela realização de projetos, corresponde à possibilidade efetiva de representação e reivindicação na solução dos problemas cotidianos do bairro, ele também se constitui em importante ponte que viabiliza a ascensão social, através da apropriação de recursos e meios, antes considerados exclusivos as camadas médias: o campo do audiovisual. Um claro exemplo disso é, que talvez indique uma tendência recente nas formas de inserção social de segmentos menos favorecidos da população, é o número expressivo de organizações religiosas, ONGs e associações privadas existentes em Cidade de Deus que ofertam cursos de cenografia, teatro, fotografia, câmera, audio, vídeo, dentre outros.¹⁸⁷ Sobre este aspecto, não se pode deixar de notar nos depoimentos a importância atribuída às oficinas e cursos de capacitação profissional na área do audiovisual, realizados pela CUFA, Lente dos Sonhos e o grupo Alfazendo, ligado à Igreja Anglicana local, só para citar alguns.

Pode-se dizer que estas organizações citadas são exemplos mais visíveis de várias iniciativas que têm sido desencadeadas nos últimos anos, na Cidade de Deus e em outros territórios segregados da cidade¹⁸⁸, em parte pelo barateamento dos custos de equipamentos e aparelhagens, a facilidade de utilização que permite o seu emprego na difusão e ampliação do acesso a linguagem áudio visual. Por outra parte, como observa Leite (2006), “pela centralidade que as produções audiovisuais têm alcançado, contemporaneamente em espaços periféricos,”¹⁸⁹ como importante

¹⁸⁷ Dentre as que pude mapear junto aos moradores ou através de dados coletados no Portal Comunitário da Cidade de Deus, atualmente existem cerca de 40 organizações, incluindo igrejas, ONGs e associações privadas que atuam junto à comunidade, ofertando cursos voltados à produção cultural de audiovisual para os moradores.

¹⁸⁸ Nesse contexto, enquadram-se iniciativas como as das ONGs Nós do Morro, surgido em 1996, na Favela do Vidigal; Observatório das Favelas/Projeto Escola Popular de Comunicações e Crítica, ONG criada em 2001 a partir da iniciativa de moradores da Favela da Maré; a ONG Afro reggae, que atua em várias áreas culturais, mas mantém um núcleo permanente de produção audiovisual na favela de Vigário Geral. Entre tantas outras.

¹⁸⁹ LEITE, Marcia. Na tela, o povo e a Nação: “Classes Populares” e periferias em imagens. In: FREIRE-MEDEIROS, Bianca., ; VAZ DA COSTA, Maria Helena Braga e.(Org.) *Imagens Marginais*. Natal/ RN: Editora da UFRN, 2006.

estratégia na construção de reconhecimento e visibilidade as mais diversas demandas das populações aí existentes

Assim, como bem observou Mendonça (2008), amparando-se nas produções audiovisuais “como esferas privilegiadas de produção de sentido, de capacidade de propiciar processos de identificação diferentes daqueles comumente associados a espaços segregados e seus habitantes”,¹⁹⁰ muitas organizações têm utilizado esse potencial para desencadear e inserir novos temas e debates na agenda pública.

Em grande medida, essas iniciativas operam com a idéia de acesso ao mercado de trabalho e inclusão social a partir de práticas voltadas à profissionalização, cultivadas no interior desses projetos. Neste contexto, o campo do audiovisual se configura em um espaço fecundo não só para o surgimento de novas modalidades de carreiras para moradores de favelas, mas também como possibilidade de outro tipo de reconhecimento público para esses locais e seus moradores.

Neste sentido, como observa Novaes (2006), o acesso aos “projetos” pode possibilitar a “supressão de certas marcas da exclusão”, ao favorecer a ampliação do conhecimento e da capacitação profissional, desenvolvendo, por assim dizer, “um sentido de pertencimento e orgulho local.”¹⁹¹ No dizer da autora:

Os projetos tornam-se pontes para um determinado tipo de inclusão social de jovens moradores de certas áreas marcadas pela pobreza e pela violência das cidades. Com eles, uma parcela dos jovens pode inventar novas maneiras de sociabilidade e integração societária que resultem em determinadas modalidades de inclusão. No plano local, mesmo para os jovens que, por diferentes motivos, não têm acesso aos “projetos”, pode-se dizer que sua mera existência amplia o campo de negociação com a realidade. (NOVAES, 2006, p.113-4).

Com efeito, para além do mero aprendizado de técnicas e recursos disponíveis, o que se percebe na constituição desses projetos é uma grande ênfase na utilização do audiovisual como estratégia discursiva de participação e

¹⁹⁰ MENDONÇA, Maria Luiza Martins de. *Produção audiovisual e expressão da cultura subalterna*. Disponível em: <<http://www.direitoacomunicacao.org.br>> Acesso em: 3 de abril de 2009

¹⁹¹ NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, M. I. M. de Almeida; EUGÊNIO, F. (Org.), *Culturas jovens. Novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006, p. 105-120. Inspirada pelo mesmo aporte teórico, Antonia Gama realiza uma interessante reflexão sobre o curso de audiovisual oferecido pela Central única das Favelas – CUFA -. COSTA, Antonia Gama Cardoso de Oliveira da. *Fazendo do nosso jeito: o audiovisual a serviço da resignificação da favela*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) –Pontifícia Universidade Católica – PUC, 2009.

posicionamento na esfera pública, principalmente levando-se em conta a amplitude que a linguagem audiovisual alcançou nos últimos anos. É preciso considerar, portanto, como avalia Mendonça (2008), que os projetos sociais envolvendo a produção e capacitação no audiovisual operam tanto a partir de uma dimensão instrumental quanto em uma dimensão política que “tem a capacidade de atribuir aos diferentes atores sociais, individuais ou coletivos, valores simbólicos e relevância social que lhes outorgam reconhecimento e legitimidade.”¹⁹² A essa dimensão política, que atravessa e envolve a dimensão instrumental, deve-se o investimento de alguns dos idealizadores dos projetos em Cidade de Deus, cujo discurso prioriza a noção de visibilidade.

Um exemplo emblemático, nesse sentido, é o de MVBILL, fundador da CUFA, cuja principal atividade no bairro relaciona-se a cursos de audiovisual. Para o rapper, que se considera um “artista militante”, engajado numa causa que tem relação direta com o lugar de onde fala, a importância do núcleo está não só na possibilidade de capacitação profissional, mas também e, sobretudo, na valorização de uma experiência de integração social dos moradores da Cidade de Deus de uma forma legítima. Nas palavras do rapper:

A Cufa surgiu com o objetivo de elevar a auto-estima dos moradores da “Cidade de Deus” através da arte e como uma forma de inclusão social. Houve a necessidade por causa da exclusão. Resolvemos usar a linguagem audiovisual para esse trabalho, por causa do seu alcance e circulação na mídia. É claro que através da capacitação nos cursos, os moradores podem ingressar no mercado de trabalho, mas se isso não acontecer eles adquiriram conhecimento, uma visão de mundo diferente, eles sabem que podem ser protagonistas de sua história, modificar a realidade deles e a do bairro. Nós buscamos através da CUFA valorizar essas pessoas invisíveis para que elas passem a ter voz e o audiovisual é um caminho. Eu martelo nisso, batendo na mesma tecla dizendo que a solução vai vir de nós para nós. Não vai ser olhando para o céu, esperando a ajuda vir de cima para baixo. A ajuda vai ser de nós para o lado, de nós para frente, para trás. Da gente pra gente.¹⁹³

Da mesma forma, entendendo o audiovisual como um instrumento de posicionamento crítico e interferência na realidade, Tony Barros, fotógrafo e idealizador da Escola Lente dos Sonhos, explica que atualmente além de situar segmentos menos favorecidos da população dentro do mercado de trabalho, a

¹⁹² Op. Cit., nota 187, P. 2

¹⁹³ Entrevista concedida em julho de 2008 a Revista Tal. Disponível em: www.revistatal.com.br. Acesso em 18 de Outubro de 2008.

linguagem audiovisual, priorizada nos projetos, constitui-se em um importante canal de participação que teria, segundo ele, caráter político:

Acho que o audiovisual com todas as suas possibilidades é algo fantástico, porque dá ao jovem pobre uma expectativa de sucesso, de visibilidade, de alcançar certos objetivos profissionais. Meu trabalho na Cidade de Deus mostra isso. Eu sei que nem todos vão conseguir isso, eles também sabem, mas eles acabam construindo novos caminhos, eles abrem a mente, acabam se conscientizando de suas capacidades e só esta transformação é uma grande revolução. Então eu acho que o meu trabalho aqui com as meninas, com fotos, com vídeos, é social, mas é também político. Porque o jovem que vem pra cá se transforma, muda o seu comportamento, passa a lutar pela mudança de sua história, que é também a história do bairro. Ele passa a brigar para melhorar e pra ter coisas iguais aos outros e isto não deixa de ser um ato político, porque influencia nos outros e influencia na visão que os outros têm da gente também. Acho que aí está o êxito do projeto, sua visibilidade no bairro, eu acabo ficando famoso também, (risos) mas isso não é o mais importante. (Entrevista concedida a pesquisadora em 20 de março de 2007)¹⁹⁴

O que se percebe é que esses moradores conhecem bem a necessidade de adquirir visibilidade social para legitimar-se diante de membros da comunidade onde vivem ou da sociedade mais ampla e recorrem, freqüentemente, às estratégias discursivas em que a idéia de participação política vincula-se as noções de visibilidade e inserção social como elementos fundamentais. Dentro dessas estratégias discursivas destaca-se a produção audiovisual como elemento de mobilização e de reconhecimento. Associado a esse processo também se encontra a busca por projeção e reconhecimento em canais midiáticos.

Concordo, nesse sentido, com Herschmann (2005), quando diz que ainda que se possa atestar uma “saturação da arena política tradicional” isso não necessariamente revela o desinteresse de segmentos “sulbateros” da população pelo político. Ao contrário, a cena contemporânea parece indicar a emergência de uma nova arena política onde tais grupos podem encontrar espaço: a mídia. Nesse contexto, a linguagem audiovisual assume fundamental importância como vetor capaz de mobilizar efetivamente esses atores sociais. Assim a busca da “visibilidade, construída no ambiente midiático, são estratégias para que os discursos e ações”¹⁹⁵ de parcelas menos favorecidas dos habitantes da cidade alcancem certo êxito.

¹⁹⁴ Entrevista concedida a autora em março de 2007, na ocasião das comemorações dos 500 anos de Jacarepaguá, onde a Escola Lente dos Sonhos fez um desfile de apresentação de seus modelos. Em capítulo posterior analiso detalhadamente a trajetória de Tony Barros e a formação da Escola.

¹⁹⁵ HERSCHMANN, Micael. *O funk e o hip hop invadem a cena*. Rio de Janeiro: UFRJ. 2005.

4 CUFA: UM CELEIRO DE IMAGENS

4.1 Apresentação

Conforme indicado no capítulo anterior, há um nítido investimento por parte de organizações e/ou associações existentes na Cidade de Deus para a viabilização de projetos envolvendo o campo do audiovisual como forma de inserção e integração social dos habitantes do bairro. Neste contexto, embora essas experiências e práticas se constituam a partir de um discurso que valoriza a capacitação profissional de moradores, a noção de visibilidade assume importância primordial como elemento que afirma não só o êxito destes empreendimentos como também o de seus idealizadores. Assim, pode-se dizer que estas iniciativas sinalizam formas específicas de atuação individual ou coletiva na busca por reconhecimento na esfera pública, através de um espaço privilegiado: a mídia.

Deve-se destacar, portanto, a função legitimadora da mídia para essas organizações e os atores sociais envolvidos, pois através da sua mediação pela disponibilização de discursos, se propõe ações coletivas e/ou individuais perante os membros da comunidade e da sociedade. Nesse sentido, “pode-se identificar a mídia como aparato que liga a sociedade e contribui para gerar o debate público, agindo como constituinte da esfera pública contemporânea”. (BARICHELO ; SCHEID, 2006)¹⁹⁶

Partindo desta perspectiva, tomo aqui como exemplo o caso da Central Única das Favelas – CUFA- e de seu fundador MVBILL, como modelo emblemático que expressa um tipo de ação específica de determinadas organizações e/ou moradores da Cidade de Deus, voltada à busca por visibilidade e reconhecimento público na mídia, através da apropriação e usos da linguagem audiovisual. Neste sentido, apresento a seguir uma etnografia realizada durante o ano de 2007, período em que participei como aluna do curso de audiovisual oferecido pela instituição.

¹⁹⁶ BARICHELO, Eugênia Mariano da Rocha; SCHEID, Daiane. *Considerações sobre visibilidade midiática e legitimação: a auditoria de imagem nas organizações contemporâneas*, 2006. Disponível em: <<http://www.rp-bahia.com.br/>> Acesso em 24 de setembro de 2008

4.2 Entreato: de chegadas e descobertas

Domingo à tarde, vou embora cedo de um almoço na casa de meus sogros. Despeço-me de amigos e parentes, justificando minha saída antecipada, pelo compromisso com a pesquisa no bairro Cidade de Deus. Ouço, em tom de galhofa, uma das pessoas dizerem: “Ih! Lá é assim: “pague para entrar, reze para sair”.¹⁹⁷ Em resposta, apenas esboço um sorriso e balanço a cabeça de modo negativo. Eu compreendia exatamente o significado da “brincadeira”, pois durante muito tempo compartilhei da mesma perspectiva.

A cena anteriormente descrita repete-se todas as vezes que digo a alguém, principalmente àqueles que não fazem parte do contexto acadêmico, que vou à Cidade de Deus fazer pesquisa de campo. Frases como a citada acima são emblemáticas e revelam o imaginário social das pessoas que percebem o bairro como um local a ser evitado. Curiosamente, foi justamente partindo desta perspectiva que escolhi pesquisar o bairro no qual durante quinze anos fui moradora.

Quando retornei ao bairro em maio de 2005 com a intenção de realizar pesquisa etnográfica, a idéia inicial era compreender quais estratégias os moradores põem em curso para lidar com um estigma recorrente, atribuído às pessoas que habitam um lugar constantemente relacionado à violência e ao tráfico de drogas. Neste sentido, espelhei-me na minha própria trajetória, acreditando que, de um modo geral, o recurso disponível para fugir a tal visão, era, se possível, migrar para outro bairro.

Tal concepção fez-me retornar à rua em que eu havia morado. Imaginei que a familiaridade e a abertura com as pessoas fosse, a princípio, facilitar o processo de pesquisa, já que uma das grandes dificuldades em proceder à observação participante em áreas consideradas de risco é o acesso ao grupo focado. Se, por um lado, o recurso por mim utilizado se mostrou realmente o mais viável, por outro, jogou-me no centro de algumas questões.

A primeira delas foi entender o profundo desconforto que eu sentia diante dos meus antigos vizinhos. Tal sensação diz respeito à ambigüidade oriunda de minha

¹⁹⁷ A frase alude ao título de um filme do gênero terror, cuja história se passa em um parque de diversão em que as pessoas entram e são todas assassinadas. Ver: título original do filme: *The Funhouse*. Estados Unidos, 1981. Direção: Tobe Hooper.

relação com o grupo estudado, dado que naquele contexto eu desempenhava um duplo papel: de pesquisadora interessada em investigar o local, portanto, com status considerado superior e de ex-moradora do bairro, alguém próximo, com um conhecimento prévio sobre as pessoas e o lugar. Neste início, não sabia como lidar direito com esta condição, sentia-me constantemente tensa. De certa forma, preocupava-me o fato de que a linha tênue entre a experiência de “distanciamento” e “proximidade”, existente entre nós se chocasse, comprometendo o processo de interação e, conseqüentemente os resultados da pesquisa.

A leitura de Goffman (1985) ajudou-me neste intento. O conceito de *presentation of the self* ¹⁹⁸, elaborado pelo autor, fez-me compreender a delicada e preciosa relação que se constrói no trabalho etnográfico entre pesquisador e pesquisado. Segundo Goffman:

A maneira pela qual o indivíduo se apresenta, em situações comuns de trabalho, a si mesmo e as suas atividades às outras pessoas, os meios pelos quais dirige e regula a impressão que formam a seu respeito e as coisas que pode ou não fazer, enquanto realiza seu desempenho diante delas... O papel que um indivíduo desempenha é talhado de acordo com os papéis desempenhados pelos outros presentes e, ainda, esses outros também constituem a platéia. (GOFFMAN, 1985, p.07)

A partir desta perspectiva, foi possível situar-me de forma mais confortável no campo de pesquisa. Ou seja, pude compreender que, se o processo de interação social entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa envolve sempre a representação de papéis, onde o que está em jogo é o controle das impressões que se quer projetar para o outro, no meu caso em particular, minha imagem como pesquisadora e ex-moradora será sempre marcada e informada por uma fronteira, onde os limites, vez ou outra, sempre se tocarão. ¹⁹⁹

¹⁹⁸ Para Goffman, a sociedade não é homogênea. Devemos agir de maneira diferente em diferentes contextos. O contexto que temos de julgar não é a sociedade em geral, mas o contexto específico. Goffman sugere que a vida é uma espécie de teatro. Ao usar esta metáfora (um drama), ele explica como significado social é atribuído a “/ eu / você” na interação cotidiana; como a personalidade, dentro e fora de palco e com seus diversos públicos, manifesta-se através do desempenho e as funções, os scripts que usamos, como estes são entregues e interpretados de acordo com os diversos cenários em que atuamos. Sobre o assunto ver: GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1985.

¹⁹⁹ Foote-Whyte (1993) diz que a questão da identificação social do pesquisador pelos sujeitos de sua pesquisa é sempre presidido por um sistema próprio explicativo. Neste processo, as explicações que eu pudesse dar não valiam tanto. FOOTE-WHYTE, William. *Sociedade de Esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada*. Rio de Janeiro, Zahar, 1993. Ver a este respeito também: CLIFFORD, J. A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX, UFRJ, 1998.

Com o decorrer do trabalho de campo, o que, a princípio, pareceu ser um problema ou talvez uma falha em minha aproximação, revelou-se como uma via de acesso inestimável. O contato com o bairro através de pessoas com as quais convivi mostrou-se fundamental para a realização e continuidade da pesquisa etnográfica. Seja na relação estabelecida com meus ex-vizinhos, os quais sempre se prontificaram a me ajudar em qualquer situação envolvendo a pesquisa, principalmente garantido a minha liberdade de circulação e acesso a outros locais do bairro, um fator fundamental para ampliar minha rede de relações.

Neste sentido, cumpre dizer, que obter determinados dados e informações, só foi possível através da interação com os moradores do bairro. Desde o início de minhas incursões ao campo obtive a compreensão daqueles com quem conversei, mesmo quando não havia concordância sobre as minhas impressões. Aliás, no que diz respeito a isso, um comentário feito por Maria Amélia, minha “anfitriã” inicial, me chamou especial atenção: “Você não precisa dizer que é ex-moradora daqui pra todo mundo, as pessoas que não te conhecem não precisam saber disso, não tem importância para o seu trabalho. Isto é só pra gente da rua. A gente te conhece.”.

Essa interpelação conduziu-me a algumas reflexões sobre o meu papel no campo de pesquisa: afinal de contas, de qual lugar estaria eu falando, do lugar de ex-moradora ou de pesquisadora? Até que ponto estaria eu movendo-me na “correnteza” de minhas próprias experiências no bairro ou os limites desta relação ambivalente com o campo eram claros para mim?

Estas questões possibilitaram-me a relativização do campo de pesquisa: não mais como um lócus definido e fechado, porém como uma relação, onde os limites e fronteiras são constantemente desenhados e redesenhados, definidos e redefinidos, a partir das relações ali construídas.²⁰⁰

Um outro aspecto diz respeito à própria construção do objeto de pesquisa. Quando resolvi realizar trabalho de campo em Cidade de Deus, tomei como referência a minha própria experiência como moradora do local, circunscrita pela percepção da presença quase “indelével” dos estigmas de marginalidade, violência, tráfico de drogas e pobreza, atribuídos recorrentemente aos habitantes de áreas favelizadas. Assim, ao compartilhar de uma visão negativa, frequentemente associada ao bairro, não conseguia enxergar que meu olhar sobre o campo era

²⁰⁰ A este respeito uma interessante reflexão é feita por Alberto Calil Elias Junior, em sua dissertação de mestrado, intitulada, “OM SAI RAM”: Encontros e trânsitos no campo religioso brasileiro, UERJ 2002.

limitado, posto que partia de uma concepção distinta daquela construída por alguns moradores.

Neste sentido, ir além da imagem que eu julgava ser a única possível sobre o bairro e reorientar minhas lentes em outra direção se deu a partir de um acontecimento que considero especial: uma simples pergunta, feita por uma de minhas antigas vizinhas. “Você não sente saudades da Cidade de Deus?” Esta indagação, feita de forma despretensiosa e espontânea provocou em mim tamanha perplexidade que me fez repensar minha relação com o campo de pesquisa. Ao ouvir tal indagação, comecei a refletir sobre a possibilidade de haver diferentes percepções e experiências acerca do bairro. Pois naquele momento compreendi que fui surpreendida por uma perspectiva que até então considerava fora de questão.

Diante disto, busquei identificar outros pontos de vista que não somente aqueles associados a aspectos negativos do bairro. Neste processo, comecei por observar as referências consideradas positivas pelos moradores na construção e/ou reelaboração da imagem da Cidade de Deus. Ao contrário dos famosos traficantes retratados no filme sobre o bairro, todas as “pistas” conduziam a pessoas de “carne e osso”, “personagens” não menos famosos que eram indicados por alguns moradores como “verdadeiros representantes” do bairro.

4.3 Os personagens do lugar

Ao prosseguir com o trabalho etnográfico resolvi seguir exatamente as “pistas” indicadas por alguns moradores. O primeiro passo foi identificar quem eram os moradores que se constituíam em “verdadeiras personalidades” do bairro, quer seja pela visibilidade alcançada pelos meios de comunicação ou pela atuação de alcance comunitário. Destaco o Rapper MVBILL, a cantora e compositora de música funk Tati Quebra Barraco, o ator Leandro Firmino, cuja carreira teve início como protagonista do filme Cidade de Deus, Tony Barros, coordenador da “Lente dos Sonhos”, projeto social que tem por finalidade a formação de modelos e Michel Marinho, o “Don”, produtor multimídia e correspondente do portal Viva Favela, entre outros.

A escolha destas “personalidades” não ocorreu de forma fortuita. Frequentemente em conversas com os moradores, tais nomes eram mencionados com sentimento de orgulho pelo fato destas pessoas terem alcançado sucesso

profissional e/ou ascensão social e ainda permanecerem no bairro. Esta noção de “personalidade” é importante, porque revela um aspecto interessante sobre a percepção dos habitantes do bairro acerca de determinados moradores. Para eles, um dos atributos valorizados nas trajetórias destes indivíduos é o fato de serem “famosos”, isto é, terem certa visibilidade na mídia a partir de qualidades consideradas socialmente positivas. Refiro-me à projeção interna e externa ao bairro a partir de outros adjetivos que não o de violência e pobreza, mas sim, o da “música”, de “artes” e “projetos sociais” de alcance nacional e internacional.

O segundo passo e mais difícil foi encontrar estas “personalidades” da Cidade de Deus. Embora alguns fizessem parte da minha própria história como moradora do bairro, as referências locais já não eram as mesmas. Assim, neste processo, contei com uma intrincada rede de relações. Uma das minhas antigas vizinhas, tia de MVBILL, disse-me que era muito difícil encontrá-lo, pois ele vivia fazendo shows e viajando, mas um dos caminhos seria a Central Única das Favelas²⁰¹ – CUFA –, ONG pioneira no bairro, fundada em 1998 pelo já famoso rapper e seu empresário Celso Athayde. Como estratégia para uma possível aproximação com MVBILL, considerei então a sugestão dada.

No início de agosto de 2007 soube que o Núcleo da CUFA na Cidade de Deus começaria um curso de audiovisual. Pensando na possibilidade de inserção naquele espaço, resolvi então matricular-me.

Quando cheguei à sede da CUFA, na Praça Arimatéia, na Cidade de Deus, o clima era de muita animação. Rapazes e moças, entre 18 a 25 anos se aglomeravam no hall de entrada. Nas paredes, grafites muito coloridos, com temáticas sobre “paz” “violência” e “Hip Hop” contribuíam para o ambiente descontraído. Contudo eu estava tensa. Era a primeira vez que me aventurava sozinha por partes do bairro bem distantes de minha antiga rua. Antes disto havia conversado com outros moradores e estado em outras locais, porém, sempre acompanhada de amigos ou ex-vizinhos.

Enquanto eu aguardava o momento de inscrição no curso, iniciei uma conversa com um dos jovens que também esperava a sua vez. Ele não era morador

²⁰¹ A CUFA - Central única das favelas – é uma organização não governamental, criada por MVBILL e Celso Athayde. A primeira base foi criada na Cidade de Deus, onde ainda hoje permanece como pólo principal. A CUFA tem unidades em outras favelas, dentre elas: Madureira, Complexo do Alemão e Acari. Fora do Rio de Janeiro há unidades no Ceará, São Paulo, Mato Grosso, Brasília, Belo Horizonte e, Recife. No texto refiro-me a CUFA, núcleo Cidade de Deus.

do bairro, no entanto, frequentava a CUFA desde a inauguração, no ano de 1998. Alex, (nome do rapaz) contou-me que os cursos oferecidos pela CUFA, na área de audiovisual, são sempre muito concorridos, pois entre os professores que ministram as aulas estão personalidades famosas no meio artístico. Ao falar isto ia contando no dedo os “artistas” que já viu na CUFA, entre eles, a produtora cultural Paula Lavinia, o ator Lázaro Ramos, o diretor Stepan Necessiam, entre outros. A conversa com Alex foi aos poucos aliviando minha tensão inicial.

Na hora de fazer a inscrição, Joyce, uma das dirigentes do núcleo da CUFA na Cidade de Deus, explicou-me que o curso aconteceria todos os sábados no horário de 8:00 às 17:00 horas, com duração aproximada de seis meses e ofereceria aulas práticas e teóricas sobre fotografia e filmagem. A proposta era preparar “jovens” para o mercado de trabalho na área de turismo e audiovisual. Assim, um dos critérios para inscrição, era, além de ter o primeiro grau completo, estar na faixa de 18 a 29 anos.

Mesmo estando fora da faixa etária prevista pelos organizadores do curso, a restrição quanto à idade não impediu meu ingresso. Isto se deveu certamente ao fato de eu ter, desde o início, esclarecido meu interesse no local e os propósitos de minha participação, não omitindo de modo algum minhas motivações, tanto para os dirigentes do curso quanto para os alunos.

A exposição de minhas intenções se mostrou posteriormente fundamental para realização do trabalho etnográfico na CUFA. Na condição de observadora participante, pude efetivamente compartilhar do cotidiano do grupo, ao mesmo tempo em que contava com a ajuda de todos na coleta de dados e entrevistas. Não raro acontecia de um dos participantes do curso falar-me com orgulho da proximidade que tinha com o MVBILL ou com Leandro Firmino ou ainda que era amigo de infância da Tony Barros, se oferecendo de pronto para intermediar um possível encontro.

Uma outra questão fundamental que contribuiu para estreitar a relação com os alunos da turma e com os dirigentes da CUFA foi minha assiduidade às aulas. Todo sábado, no horário marcado, lá estava eu. Chegava sempre mais cedo para conversar com os alunos e era a última a sair. Assistia atenta às aulas teóricas e demonstrava interesse e empenho em aprender nas aulas práticas, o manuseio de câmera, vídeo, posição de luz e marcação de palco.

A presença constante na CUFA revelou-se um dos fatores mais importantes,

se não o mais importante para que eu conquistasse a confiança do grupo e para que as pessoas ali presentes dessem crédito ao meu trabalho. O que pude confirmar quando, certa vez, ouvi de um dos integrantes do curso: “Você é mais aluna que muitos aqui, você tá dentro, chega sempre junto, é uma colaboradora. Participa, senta no chão, fica em pé, carrega máquina, não reclama de nada.” Se, por um lado, eu buscava obter o maior número de informações possível sobre os jovens participantes da CUFA, por outro lado, eu estava sendo observada e avaliada por eles em meus procedimentos e conduta. Neste sentido, como diz Berreman (1981), o trabalho etnográfico pode se visto como um sistema que envolve a interação social entre o pesquisador e os sujeitos de sua pesquisa. “Considerando como um aspecto básico dessa relação, o controle das impressões tem, portanto, tanto um significado metodológico quanto substancial para os etnógrafos.”²⁰²

4.4 Entrando em cena

11 de agosto de 2007, apesar de estarmos em pleno inverno carioca, a tarde ensolarada do sábado em nada lembrava o frio característico da estação. Desço na Praça da Cidade de Deus da Kombi na qual, minutos antes havia ingressado no bairro da Taquara, também localizado em Jacarepaguá. Enquanto percorro as ruas em direção à sede da CUFA para o primeiro dia de aula, lembro-me da visita anterior, quando realizei a inscrição para ingresso no curso de audiovisual. Na ocasião, conheci Joyce, uma das coordenadoras do projeto, que me informou sobre as aulas e me apresentou a outros coordenadores. Naquele momento, contudo, muitos jovens aglomeravam-se no local buscando garantir uma vaga. Por este motivo, meu contato havia sido muito breve. Em meio a estes pensamentos, a observação das vielas repletas de gente, do intenso comércio, das crianças brincando entre os carros que trafegam pelas ruas sem sinalização, chego à sede. Ainda falta meia hora para o início das atividades do dia. Na porta do imenso galpão onde funciona a CUFA, uns poucos jovens, com idade entre 18 e 25 anos no máximo, em sua maioria negros, vestidos com jeans e camisetas da CUFA com

²⁰² Gerald. D. BERREMAN. Etnografia e controle de impressões em uma aldeia do Himalaia. In: ZALUAR, Alba. (Org.). Desvendando máscaras sociais. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1980 p.141

inscrições étnicas²⁰³ ou características de grafites do Hip-Hop pareciam já bastante integrados, conversando alegremente, contando suas aspirações e expectativas. Alguns relatam suas experiências anteriores com audiovisual, falam de trabalhos ou testes que haviam realizado para determinada obra cinematográfica. Sentindo-me ainda um tanto deslocada, arrisquei uma aproximação fazendo uma pergunta óbvia para confirmar a data e o horário do curso. Um dos jovens confirmou-me que aquele seria o dia do começo das aulas sim e de uma forma muito gentil disse-me: “chega aí colega, nós também estamos esperando abrir”. Soube mais tarde que muitos daqueles jovens já haviam cursado o primeiro módulo do curso de audiovisual e estavam iniciando o segundo, daí a relação mais estreita que pude observar entre eles. Com a proximidade do horário marcado para o início das atividades, aos poucos outros jovens foram chegando ao local, sempre com saudações, que incluíam batidas de mãos espalmadas umas sobre as outras ou do encontro de punhos cerrados, com expressões ou gírias próprias como “já é”, “valeu”, “Qual é a boa”? Finalmente, Joyce, acompanhada de outro rapaz que depois saberia ser um dos coordenadores do curso, chega ao local, abrindo imediatamente o grande portão da entrada. Vejamos fotos do ambiente descrito:

²⁰³ É possível detectar no discurso construído pela CUFA um forte componente de afirmação étnica. Todavia, tal discurso parece se aproximar daquilo que Jonh e Jane Comaroff (2009) denominou de “identidade econômica”, referindo-se a possibilidade de transformação por alguns grupos da identidade étnica, (no caso em questão também da identidade favelada) em importante produto com potencial mercadológico. De outro ângulo, Freire-Medeiros (2007, 2009) analisa a comercialização da favela como produto turístico, observando que, na atualidade, a “favela” caioca tem sido transformada em uma “marca”, um produto consumível.

Figura 44 – Sede da CUFA na Cidade de Deus



Figura 45 - A entrada da CUFA decorada com grafites feitos pelos alunos.

Entramos na sede em meio ainda a muita conversa e risos alegres. Logo de cara uma das coisas que mais me chama a atenção na sede da CUFA é a sua arquitetura. O imóvel que a abriga, na verdade um antigo galpão outrora utilizado como unidade da COHAB, é muito bem conservado interna e externamente, localizado em uma das ruas de maior movimento da Cidade de Deus, a Rua Arimatéia, possui vários cômodos divididos em dois andares: salão de entrada, banheiros, salas (utilizadas para os mais diversos fins) e o auditório.

No primeiro andar, avista-se, logo à entrada da CUFA, um amplo salão, de aproximadamente 60m², os desenhos e grafites muito coloridos, pintados por todas as paredes, geralmente com motivos e palavras de ordem sobre a luta contra a marginalização da favela, dão ao ambiente um ar de descontração. Nele há uma escrivaninha ao centro, com vários papéis sobre ela e uma espécie de arquivo que ao mesmo tempo serve de estante para livros, geralmente literatura com a temática sobre favela e as obras lançadas pelo rapper MVBILL, um dos fundadores da CUFA. Em frente a esse mobiliário estão dispostos bancos de alvenaria, onde os participantes dos cursos e frequentadores habituais do local aguardam o começo das atividades ou simplesmente sentam-se para conversar.

Atravessando o salão da entrada, percebe-se do lado esquerdo, a escada de acesso ao segundo andar, ao fundo, dois banheiros e ainda duas grandes cortinas de cor preta que separam o ambiente. Avançando por ela chega-se ao auditório, local que tem a múltipla função de teatro, sala de projeção para vídeos os mais variados e realizações de cursos. Suas proporções espaciais, 40m de largura por 80m de comprimento, aproximadamente, formam um grande retângulo, que se estende de ponta a ponta no primeiro andar da sede. As paredes cuidadosamente revestidas de carpete preto, com muitas caixas de som, a iluminação e as 120 poltronas em tom verde tornam o ambiente sóbrio, ao mesmo tempo em que produz a sensação de euforia da espera de um espetáculo que está por começar. Como por encanto, ao entrarmos neste ambiente, as vozes e risos começam a cessar, as pessoas sentam-se animadas, porém contritas.



Figura 46 - A entrada do auditório da CUFA

Figura 47 - O interior da sede com grafites e a inscrição “PAZ”.

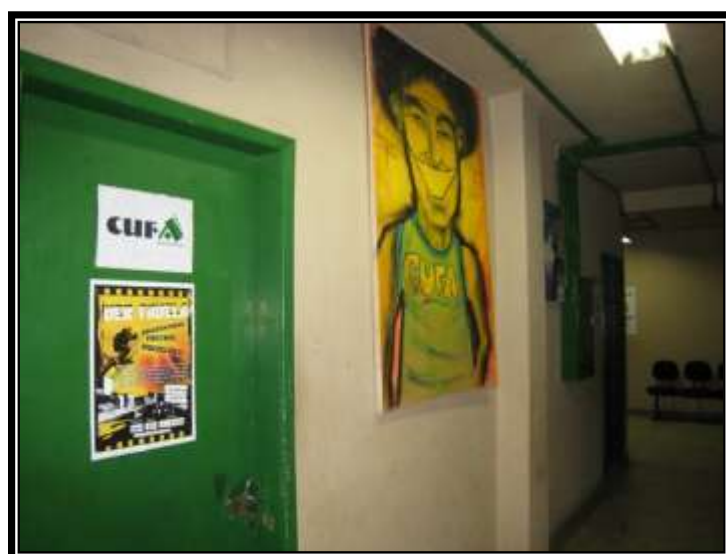


Figura 48 - A sala da “ilha” de edição de vídeos

Figura 49 - Na parede do rol de entrada da sede a inscrição “Favela a Quatro” evidencia as organizações que atuam em parceria com a CUFA.



Figura 50 - Alunos do curso de audiovisual em aula no auditório.

4.5 Na platéia: as aulas

É no auditório que o curso de audiovisual acontece. Às nove horas as aulas teóricas começam, sempre com palestrantes diferentes a cada sábado. Há um pequeno intervalo de uma hora, entre meio dia e treze horas, e na parte da tarde, até as dezessete horas, é a vez das aulas práticas.

Invariavelmente, a cada início das aulas, todos os participantes do curso são incentivados pelos coordenadores a apresentarem-se uns aos outros. A explicação fornecida é a de que isto promove a “integração do grupo” além de “fortalecer” os objetivos de cada integrante. Aos poucos, um a um levanta-se, dizendo nome, idade, local de moradia, profissão e as motivações para estar ali. A contar pelo número de pessoas presentes no auditório, ao todo trinta e cinco, o grupo é bastante heterogêneo. Há uma presença significativa de jovens vindos de outros bairros e apenas 16 são moradores da Cidade de Deus. Quanto à idade, elas variam entre 18 e 30 anos. As ocupações declaradas são as mais diversas, dentre elas constam estudantes, professores primários, artesãos, fotógrafos etc. Há, contudo, uma unanimidade no que se refere à identificação e às explicações dadas para cursar audiovisual: todos dizem ser favelados, ter vocação para serem artista e vontade de aprender.

Mas o ápice destas apresentações é a revelação do nome do palestrante do dia, chamado de “parceiro” da CUFA. Como geralmente estes “parceiros” são pessoas de renome no meio artístico, esta é a parte mais esperada. Há, pois, toda uma preparação para recepcionar o palestrante que inclui desde a mudança de tons de luz até a construção de uma atmosfera de suspense. Neste momento, parece que um espetáculo está prestes a acontecer e a atenção de todos se volta para o palco. Primeiramente, um dos coordenadores descreve o currículo da celebridade: quantas novelas realizou, produções teatrais feitas, roteiros premiados etc., para só depois, finalmente, ser dito o seu nome. Ao ser chamado ao palco, o convidado sai de trás da cochia do teatro e, sobre calorosos aplausos, entra “triunfalmente” em cena.

Devo admitir que esta atitude performática de apresentação do grupo, causou-me, a princípio, bastante estranheza, remetendo-me a lembranças daqueles

programas de auditório histriônicos, estilo Chacrinha.²⁰⁴ Contudo, a repetição de tal cena, a cada início das aulas, fez-me supor que existia algo para além da mera explicação dada pelos idealizadores do projeto sobre a necessidade de integração do grupo. Estas apresentações, a meu ver, conferem certa aura ritualística ao momento. Refiro-me à idéia de rito assim como pensada por Kertzer (2001) “como um comportamento simbólico, socialmente padronizado e repetitivo”²⁰⁵ com a finalidade de definir, difundir e revitalizar símbolos.

Embora investigando uma realidade distinta, as transformações dos partidos políticos italianos, a análise de Kertzer (2001)²⁰⁶ pode fornecer pistas importantes para entender o que chamo de momento ritual nas apresentações feitas no Curso de Audiovisual da CUFA. O autor parte do pressuposto que os partidos existem a partir de representações simbólicas. Dessa forma, o ritual desempenha grande importância, pois os ritos são fundamentais para o processo de associação de indivíduos com entidades simbólicas, como grupos religiosos, políticos, artísticos etc. Assim, durante o ritual é possível demarcar as fronteiras entre o grupo de dentro e de fora, mais ainda de formular uma noção de pertencimento e identidade.

De outro ângulo, ao articular em sua análise as noções de “ritual” e “performance”, Victor Turner (1987) ressaltou que estes ocorrem em momentos marcadamente simbólicos e esclareceu o caráter polissêmico e evocativo dos símbolos. As palavras do próprio antropólogo são esclarecedoras: “Os símbolos possuem as propriedades de condensação, unificação de referentes díspares e polarização de significado. Um único símbolo, de fato, representa muitas coisas ao mesmo tempo, é multívoco e não unívoco”²⁰⁷

Sendo assim, os símbolos tendem a se caracterizar pelo seu potencial polissêmico. O trabalho etnográfico consiste justamente, para Turner, no exame da articulação da trama dramatúrgica das relações “simbólicas performáticas”, com o jogo das relações sociais na vida cotidiana.

²⁰⁴ José Abelardo Barbosa de Medeiros, o Chacrinha, Alcançou grande popularidade com os seus programas de calouros, nos quais apresentava-se com roupas engraçadas e espalhafatosas, acionando uma buzina de mão para desclassificar os calouros e empregando um humor debochado.

²⁰⁵ KERTZER, David. Rituais políticos e a transformação do Partido Comunista Italiano. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v.7, n.15, 2001. p. 15-36.

²⁰⁶ Ibid

²⁰⁷ TURNER, Victor. *The Anthropology of performance*. New York: PAJ Publications, 1987. (Op. Cit. P. 84. tradução livre).

Aproximando estas análises ao caso específico do grupo de audiovisual da CUFA, penso que uma das finalidades do ritual de apresentação seja justamente conferir um valor simbólico ao curso. Assim, eles legitimam os seus patrocinadores e participantes, ao mesmo passo que criam uma aura “sagrada” sobre os símbolos operados pela CUFA, tais como a linguagem audiovisual, as parcerias com celebridades, e, sobretudo, o seu fundador MVBILL, uma de suas principais “estrelas”.

A performance ritual opera, assim, de forma a possibilitar que, ao identificarem-se a cada aula, enfatizando o porquê de estarem ali em um sábado, quando poderiam estar fazendo qualquer outra coisa, os integrantes do curso construam um sentido de excepcionalidade e singularidade, ao mesmo tempo em que formulem uma noção de pertencimento e identidade do grupo.

Mas, se de fato, a repetição das apresentações pode promover união solidária e identificação entre os seus participantes, conforme explicam os organizadores do curso, no entanto, o sentido desse “ritual” para o grupo pode variar. Enquanto alguns vêem o evento como uma forma de integração e afirmação de objetivos, assimilando o discurso posto pelos organizadores, outros o aproximam a uma forma de entretenimento e diversão. A esse respeito, os seguintes comentários revelam as percepções do grupo:

Dizer quem eu sou e o que estou fazendo aqui é importante porque eu passo a conhecer todo mundo e todo mundo passa a me conhecer. Dá para me relacionar mais fácil com todo mundo, eu me sinto como parte de tudo. Quando o palestrante entra, sinto como se eu já o conhecesse. Cria uma proximidade maior entre o grupo, não parece que ninguém é melhor que ninguém. Mesmo o artista convidado parece gente como a gente e isso é importante para a coisa toda fluir... (Wagner, morador da Cidade de Deus, na aula de sábado, dia 6 de setembro)

Outro integrante traduz da seguinte forma as apresentações:

As apresentações são uma sensação. Show mesmo! No final não sei se todo mundo gravou meu nome. Mas dá uma sensação boa, descontraí, é divertido. Fico esperando a vez do artista que vai se apresentar no dia. Se eu o conheço da televisão ou de outro lugar. Porque é uma oportunidade ver gente conhecida. Um artista famoso falando, trocando com gente comum, morador de favela. Isto dá todo um clima. (Gustavo, morador da Cidade de Deus, aula de seis de setembro)

As falas acima explicitadas, não deixam dúvidas sobre os sentidos que as apresentações podem assumir para aqueles que delas participam, contudo, nelas

também é possível perceber a importância, univocamente atribuída, à circulação de celebridades naquele espaço.

A evocação desta presença é, inclusive, compartilhada e/ou assimilada por todos, coordenadores e alunos e parece delinear toda a dinâmica das aulas. Os profissionais que ministram o curso são personalidades reconhecidas nos mais variados setores do meio artístico, atrizes, contra-regras, roteiristas fotógrafos, escritores, cenógrafos, músicos, dentre outros. Isto se torna um dos chamarizes do projeto e, parece ser um dos principais incentivos para a procura de tantos jovens pelo curso, inclusive vindos de locais distantes da Cidade de Deus, como Niterói e Gávea. Um exemplo disto é que na aula inaugural, quando foi distribuído o material para as aulas, juntamente com o programa, Ronaldo, um dos coordenadores, enfatizou o fato de “não ser em qualquer espaço que se tem a oportunidade de ter aulas com Caetano Veloso e Lázaro Ramos.” A expectativa dos presentes quanto à concretização desta fala foi visível, eles responderam com assovios e aplausos calorosos. Ao que tudo indica, ter contato com celebridades faz parte de uma das ofertas do curso e se constitui em um dos valores simbólicos acionados por seus idealizadores.

Neste mesmo dia, após as apresentações iniciais, já descritas anteriormente, o convidado *Rafael* Dragaud, roteirista e diretor, atualmente contratado da Rede Globo de Televisão, proferiu uma palestra, cujo tema central foi a produção de roteiros para cinema e televisão. O clima era de excitação e euforia, típico do primeiro dia de aulas em qualquer escola. Os alunos realizavam anotações, cochichavam, nada diferente de uma sala de aula comum. A princípio tímidos diante do artista que ali estava a se apresentar, com o passar das horas, a timidez cedeu lugar a descontração. Os alunos faziam várias perguntas, que, na maioria das vezes, diziam respeito mais à vida da personalidade, do que propriamente à técnica que ele tinha a ensinar. As falas dos alunos começavam por exaltar as qualidades do palestrante e a declaração de ser fã do trabalho por ele realizado, até culminar com perguntas mais pessoais, sobre o estado civil, se estava namorando, onde morava, de que filmes gostava.

Não pude deixar de notar certa animosidade de Rafael Dragaud (o palestrante do dia) a estas perguntas. Ele desconversava, não respondia ou mesmo demonstrava claramente sua inquietação, devolvendo a pergunta com frases ásperas: “É para isto que você veio aqui?” “Para saber da minha vida?” Quando isto

aconteciam um silêncio perturbador pairava no ar. Entretanto, após alguns minutos, lá estavam os alunos de novo a fazerem perguntas sobre a intimidade do artista.

Nestes momentos, quando era percebida certa irritabilidade por parte do palestrante, dado ao afastamento da proposta inicial do curso, os coordenadores ou mesmo um dos alunos, chamava atenção para “perda do foco”.

Ma se a “perda do foco”, no dizer dos participantes, significa o distanciamento da proposta de aprendizado de técnicas audiovisuais, em detrimento da preocupação evidente em se aproximar do artista, através do conhecimento de sua intimidade, isto não deixa de ser incentivado pelos organizadores do curso. Seja através da evocação da importância de sua parceria com a CUFA e/ou da naturalização de sua presença no local. Assim, é como se os idealizadores do projeto reconhecessem na instituição um espaço próprio à presença de celebridades, o que, por consequência, contribuiria para a própria celebração espacial da CUFA e de seus membros.

A própria dinâmica das aulas favorece isto, a partir das apresentações, já mencionadas anteriormente, e da construção de uma sensação de intimidade entre os palestrantes (artista) e os alunos (o público). Refiro-me neste último aspecto a noção de “parceria” cultivada pelos idealizadores do curso e de certa forma compartilhada por todos. A meu ver, a evocação da idéia do artista como um “parceiro”, portanto, semelhante, igual, confere uma imaginária condição de simetria entre artista e platéia, possibilitando assim, a idéia de que todos que ali estão são de fato próximos e podem vir a ter a mesma igualdade de condições, ou seja, se tornarem celebridades.

Com efeito, essa construção de proximidade entre palestrante e aluno pode ser melhor percebida ao término de cada palestra. No intervalo de uma hora, entre a parte teórica e prática do curso, artista e alunos são convidados pelos coordenadores a fazerem um lanche. O local da refeição é o próprio palco, onde uma grande mesa cuidadosamente posta é colocada. As pessoas se aproximam de forma descontraída, beliscando salgadinhos, sanduíches e petiscos que são fartamente distribuídos. Não há cadeiras em torno da mesa, o que facilita mais ainda o contato entre as pessoas. Risos e conversas podem ser ouvidos em profusão, no entanto, o centro das atenções permanece sendo o artista. Há uma nítida vontade dos alunos em conversar, trocar e-mails, falar sobre trabalho com ele. Na maioria das vezes, a abordagem é feita utilizando-se a expressão adotada pela

CUFA de “parceiro”. Alguns alunos mais descontraídos, abraçam, apertam as mãos do artista, chamando-o de “parceirão”, este corresponde prontamente, mostrando-se solícito e simpático. Neste momento, a distância espacial entre aquele que estava no palco e quem o assistia na platéia parece ser rompida, porque a despeito das diferenças sociais entre eles, todos parecem fazer parte de um mesmo cenário e nele os jogos de cena fazem com que todos se sintam “protagonistas”.



Figura 51 - Hora do lanche. Alunos do audiovisual no momento do intervalo entre uma aula e outra.



Figura 52 - O ator “global” Guilherme Berenguer com alunos do curso de audiovisual da CUFA.²⁰⁸

²⁰⁸ Todas as fotos desta página são de autoria da pesquisadora



Figura 53
Alunos “confraternizando” durante o lanche servido no intervalo das aulas

Figura 54 - Os “quitutes” servidos no lanche.



Figura 55 - O ator Guilherme Berenguer em visita à CUFA ²⁰⁹

²⁰⁹ Fotos de autoria da pesquisadora

Figura 56 - Aula de História do Cinema ministrada pela “parceira” Ivana Bentes para alunos do curso de audiovisual na CUFA²¹⁰

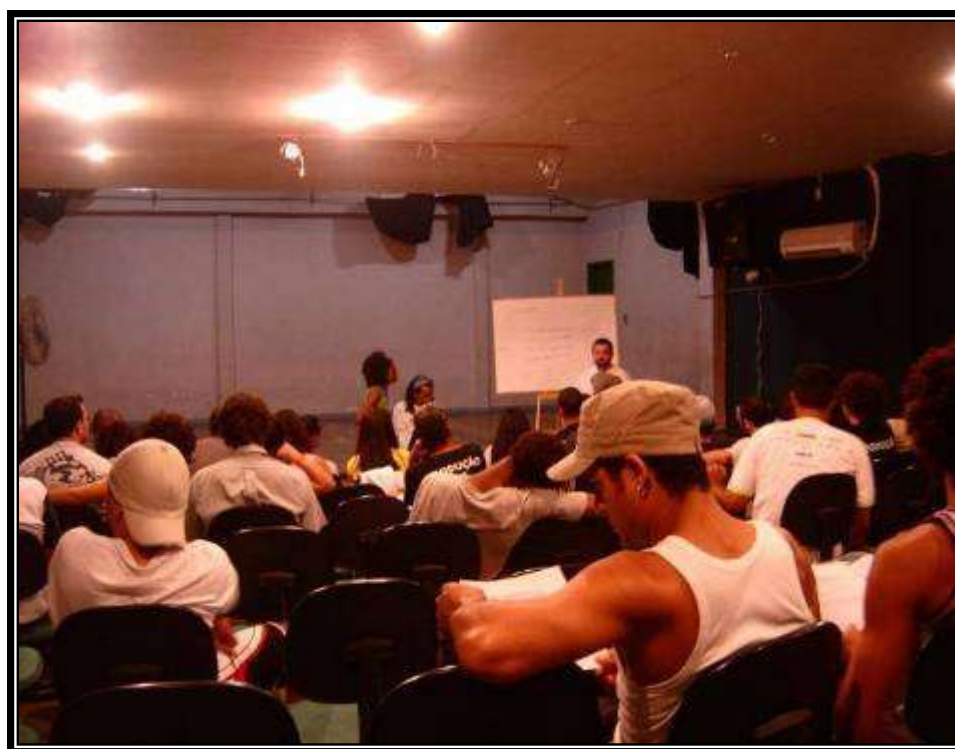


Figura 57 - Aula de roteiro ministrada pelo “parceiro” Rafael Draugaud para alunos da CUFA.

²¹⁰ Fotos de autoria da pesquisadora.

4.6 Ser protagonista

Mas não é só na ênfase de um discurso sobre a circulação de celebridades na CUFA a que se restringe a fala dos organizadores do curso de audiovisual. Uma das idéias recorrentes é a noção de “protagonismo”, expressa em diversos momentos, seja nas reuniões informais, nos folhetos informativos ou nas palestras por mim assistidas.

A idéia de protagonismo, adotada pelos coordenadores da CUFA ganha força e parece ser compartilhada pelos frequentadores do local à medida que se reproduz em inscrições nas paredes, nas camisetas e nas falas dos alunos. No site oficial da instituição, por exemplo, a mensagem de abertura dá ênfase exatamente a esta perspectiva. Nele pode ser lido:

A CUFA – Central Única das Favelas – é uma organização sólida, reconhecida nacionalmente pelas esferas políticas, sociais, esportivas e culturais. Foi criada a partir da união entre jovens de várias favelas do Rio de Janeiro – principalmente negros – que buscavam espaços para expressarem suas atitudes, questionamentos ou simplesmente sua vontade de viver. A CUFA tem o rapper MV Bill como um de seus fundadores, este que já recebeu diversos prêmios devido à sua ativa participação no movimento Hip Hop. Por exemplo, a UNESCO o premiou como uma das dez pessoas mais militantes no mundo na última década. Além dele, a CUFA conta com Nega Gizza, uma forte referência feminina no mundo do Rap, conhecida e respeitada por seu empenho e dedicação às causas sociais. Nega Gizza é também Diretora do HUTUZ, o maior festival de Rap da América Latina, que é produzido pela CUFA. O Hip Hop, através da linguagem audiovisual é a principal forma de expressão da CUFA e serve como ferramenta de integração e inclusão social. Por ser um movimento que, há 20 anos, sobrevive se delineando nos guetos brasileiros mesmo sem o apoio da mídia, ele cresce e se fortalece a cada dia, arrebatando admiradores de todas as camadas sócio-econômicas e deixando para trás o rótulo de “cultura do excluído”. Ao longo de sua existência, o Hip Hop vem criando um movimento forte, atraente, com grande potencial, e segue abrindo portas para novos nichos comerciais ainda não explorados. Através de uma linguagem própria, a CUFA pretende ampliar suas formas e possibilidades de expressão e alcance. Assim, ela vai difundindo a conscientização das camadas desprivilegiadas da população com oficinas de capacitação profissional, entre outras atividades, que elevam a auto-estima da periferia e estimulam o protagonismo de suas ações, criando novas perspectivas. Agindo como um pólo de produção cultural desde 1999, através de parcerias, apoios e patrocínios, a CUFA forma e informa os cidadãos do Rio de Janeiro e de outros 19 Estados brasileiros. Dentre as atividades desenvolvidas pela CUFA, há cursos e oficinas de DJ; Break, Grafite, Escolinha de Basquete de Rua, Skate, Gastronomia, Audiovisual e muitas outras. São diversas ações promovidas nos campos da educação, esporte, cultura e cidadania, com mão-de-obra própria. (Disponível na página do site oficial da CUFA: <<http://www.cufa.org.br>>)

A CUFA - Central Única das Favelas - é uma ONG, sem fins lucrativos. Fundada em 1998 por MVBILL e Celso Athayde, teve como primeiro pólo o Bairro Cidade de Deus. Atualmente possui sedes ou braços, como preferem seus

organizadores, em vários estados do Brasil. A partir do site oficial da instituição, percebe-se que a linha de atuação da CUFA em todos os locais em que ela funciona tem por base o movimento *Hip Hop*²¹¹ e seu caráter multidimensional²¹². Assim, os cursos e projetos desenvolvidos nas sedes, referem-se especificamente às atividades e performances ligadas a esta forma de expressar-se cultural e artisticamente.

Segundo Ronaldo, o coordenador das atividades na CUFA na Cidade de Deus, a proposta é promover “através da produção cultural a inclusão social da população de periferia”. Deste modo, a escolha de elementos do *Hip Hop*, principalmente a produção audiovisual, como fio condutor do projeto seria a forma de valorização de uma gramática comum entre estes jovens na afirmação positiva de suas experiências cotidianas e no incentivo ao protagonismo²¹³ de suas ações. Nesta perspectiva, a noção de protagonismo adotada reflete-se na idéia de que por meio da participação em uma atividade concreta, fruto da vivência singular destes jovens, eles possam envolver-se na solução de problemas reais no bairro e, consequentemente em suas vidas.

A emergência de um discurso que aciona o termo protagonismo como sinônimo de participação e integração de jovens em projetos específicos é bastante recente, porém não uma novidade. Foi Antonio Carlos Gomes da Costa (1998)²¹⁴ quem primeiro introduziu esta concepção no Brasil a partir da observação do trabalho do psicólogo chileno Roger Hart sobre jovens considerados em situação de

²¹¹ Por hip hop entende-se o movimento cultural iniciado no final da década de 1960 nos Estados Unidos como forma de reação aos conflitos sociais e à violência sofrida pelas classes menos favorecidas da sociedade urbana. Também chamado cultura de rua, o hip hop como movimento cultural é composto por elementos como: o rap que é a expressão musical e verbal, o graffiti que é a arte de pichar, e o break que é a dança. A palavra rap é formada da junção da iniciais de *Rhythm and poetry* (ritmo e poesia), e foi difundida juntamente com os elementos break e grafite. Figuras ainda neste cenário, o DJ (Disc Jockey) que se caracteriza pelas bases musicais, e o MC (Mestre de Cerimônia) que nos remete às tradições orais africanas – os griots – “contadores de história que carregavam na memória toda a tradição das tribos africanas, preservaram suas técnicas em versos passados de pai para filho” (PIMENTEL, 1997, p. 8). Sobre a história do hip hop no Brasil ver Herschmann (2005); Pimentel (1997) e Frigerio (1992)

²¹² Para Alejandro Frigério (1992), o “caráter multidimensional” do hip hop se dá porque a performance ocorre em diversos níveis “misturando gêneros que para nós seriam diferentes e separados”. Como resultado, mais que um somatório de gêneros, “o todo que se consegue a partir da fusão dessas diferentes artes é maior que a soma de suas partes constitutivas”. FRIGERIO, Alejandro. Artes negras: perspectiva afrocêntrica. In: *Estudos Afro-Asiáticos*. Rio de Janeiro: CEAA, n. 23, p. 24, set.1992.

²¹³ Antonio Carlos Gomes da Costa introduz esta concepção no Brasil a partir da observação do trabalho do psicólogo chileno Roger Hart. Ver, COSTA, Antonio Carlos Gomes. *Protagonismo Juvenil: adolescência, educação e participação democrática* – Antonio Carlos Gomes da Costa -, Salvador: Fundação Odebrecht, 1998.

²¹⁴ Ibid

risco e exclusão social. Para este autor o que caracteriza o protagonismo juvenil “é que o jovem emerge como fonte de iniciativa, de liberdade e de compromisso” (COSTA, 1998). De lá para cá, o termo ganhou franca adesão, principalmente por ONGs, que têm como principal alvo a juventude. Daí o termo vir sempre acompanhado do adjetivo “juvenil”.

Souza (2007), em trabalho onde analisa o discurso sobre o “protagonismo juvenil” no cenário contemporâneo brasileiro, identifica como matriz possível da utilização deste enunciado a concepção de uma “nova forma” de participação política prescrita para os jovens na atualidade. Nesta nova forma de participação política, engendrada especialmente pelas atividades realizadas por ONGs, a mudança social seria resultado da atividade direta do indivíduo. Conforme sugere a autora, este “modelo supõe a transformação da própria noção de mudança, concebida, nestes termos, como alteração imediata e quantificável de uma situação específica, vista como negativa, e que atingiria um número determinado de pessoas”.²¹⁵ Em outras palavras, o discurso sobre o *protagonismo juvenil* delinearía essa “nova forma” de atuação política, baseada na execução de atividades em benefício do próprio indivíduo e dos outros, e mediante a qual promoveria a integração social da juventude considerada em situação de exclusão social. Neste sentido, Magalhães afirma que:

O enunciado *protagonismo juvenil*, portanto, foi considerado como via de acesso a um discurso que prescreve à juventude a “nova forma” de participação, própria dos atores sociais, indivíduos que, isoladamente, defendem interesses pessoais e trabalham pela sua materialização a partir de um diagnóstico das possibilidades abertas pelas circunstâncias e da negociação com outros autores igualmente portadores de interesses particulares. A emergência do *protagonismo juvenil* foi possível graças a essa matriz discursiva ou discurso sobre o social que se utiliza da metáfora teatral para explicar a sociedade: Um elenco de atores em negociação num espaço público concebido e nomeado como cenário. (...) O ator social por excelência é a organização não-governamental (ONG). Hoje a ONG é a instância que faz a intermediação entre os indivíduos e o cenário público, oferecendo-lhes um canal de participação. A realização do objetivo de integração da juventude pobre coube, em grande parte, às ONGs que têm se dedicado a chamada educação não-formal. E no cumprimento da mais importante finalidade da educação não-formal - a transformação do jovem em ator social - as ONGs tornaram-se as principais produtoras e reprodutoras do discurso do protagonismo juvenil (SOUZA, 2007, p. 15)

De acordo com esta interpretação, a emergência do enunciado *protagonismo juvenil* só foi possível graças a uma concepção da sociedade e de espaço público

²¹⁵ SOUZA, Regina Magalhães. *O discurso do protagonismo Juvenil*. São Paulo: Paulus, 2007. (Coleção Ciências Sociais).

em que indivíduos isolados – os atores sociais - encontram-se para negociar interesses. Por esta lógica, é o próprio indivíduo o grande responsável pela sua inserção no mercado de trabalho, pelo acesso a serviços de educação, saúde, segurança etc., enfim pela sua inclusão na sociedade. Para tanto, o indivíduo deve atuar, manter-se em atividade e em negociação com outros atores sociais. Assim o jovem protagonista é metaforicamente definido como ator principal desse elenco que atua no cenário considerado público, onde a mídia tem papel central.

Ainda seguindo as pistas de Magalhães, um aspecto importante a ser observado é que a idéia subjacente à noção de protagonismo é de “atuação” e não de ação social, o que sugere, segundo a autora, inspirando-se em Abramo (1997)²¹⁶, a existência de uma encenação. Neste sentido, os termos “atuação” e “encenação” podem indicar a concepção de um “agir social” em que os indivíduos ou grupos busquem intervir no cenário social a partir da construção de “um espetáculo que chame atenção pública para suas questões”.²¹⁷ Deste ângulo, pode-se pensar a importância da apropriação e dos usos da linguagem audiovisual como ferramenta que possibilita tal empreendimento.

Aproximando esta análise ao discurso produzido pelos coordenadores do audiovisual na CUFA, pode-se pensar que na gestão do estímulo à participação dos jovens em atividades concretas e, sobretudo na idéia de protagonismo, está o que parece ser um dos objetivos primordiais da instituição: motivação para integração social mediante certo tipo de comportamento e atitude que os transformaria em atores sociais, ou seja, indivíduos que a partir do diagnóstico das possibilidades possam atuar na mudança de seu entorno social para realizarem projetos pessoais.²¹⁸

Do ponto de vista dos organizadores do curso de audiovisual da CUFA na Cidade de Deus, incentivar o “protagonismo dos jovens” significa afirmar a

²¹⁶ ABRAMO, H. W. Apud PUD SOUZA, Regina Magalhães. *O discurso do protagonismo Juvenil*. São Paulo: Paulus, 2007. (Coleção Ciências Sociais). Ver também de ABRAMO, H. W. *Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil*. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n.5-6, p.25-36, 1997.

²¹⁷ Ibid

²¹⁸ A noção de ator social é descrita por Alain Touraine como “um homem ou mulher que intenta realizar objetivos pessoais em um entorno constituído por outros atores, entorno que constitui uma coletividade da qual se sente pertencente.” TOURAINE, Alain. O retorno do actor: ensaio de sociologia. Tradução de Armando Pereira da Silva. Lisboa: Instituto Piaget, 1996b. 232p.

possibilidade de ações e escolhas concretas em relação a seus projetos de vida e de futuro. Neste sentido, Ronaldo comenta:

A idéia é estimular o empreendedorismo dos jovens, na construção de uma “linguagem própria” que possibilite uma reflexão crítica sobre suas escolhas e definição de suas trajetórias de vida. Para estes jovens, serem protagonistas de sua própria vida, significa ter um projeto de vida e isto é importante, porque significa criar possibilidade de ações diferentes daquelas que são comuns a jovens oriundos de um lugar como a Cidade de Deus e isto o audiovisual pode dar. Por isso a importância de estarem aqui, de se conscientizarem, de trocarem experiências e de verificarem que estas experiências se aproximam. (Entrevista concedida em julho de 2007)

Não se trata, portanto, de buscar soluções coletivas, o que se busca antes, são meios que permitam aos jovens iniciativas individualizadas, capazes de orientar suas ações e escolhas para projetos de vida específicos. Ou seja, os jovens, considerados em situação de exclusão social, devem fazer um diagnóstico das oportunidades que lhes são oferecidas pela situação social, econômica, cultural e política em que se encontram e, em função delas, esforçarem-se pela realização de projetos de vida exequíveis.

Neste sentido, para além da dimensão instrumental das aulas, - a profissionalização em termos do aprendizado e manejo de material e tecnologia associados ao uso de aparelhos de áudio e vídeo -, a finalidade dos cursos promovidos pela CUFA, parece conter uma outra dimensão para seus idealizadores. Ela é também pensada como meio de elaboração de projetos de vida pelos jovens participantes. Corroborando com esta análise, a fala abaixo pode ser elucidativa:

Nós acreditamos na força, no potencial destes jovens. É preciso que eles acreditem também. E eu acho que a CUFA tem este papel de mostrar que eles podem realizar coisas diferentes. Mais que isto a CUFA faz: possibilita que eles acreditem em seus sonhos. Através dos cursos, das ferramentas que eles têm acesso aqui, eles podem elaborar projetos pessoais, eles podem protagonizar papéis diferentes daqueles que são pensados para jovens de periferia. Nós incentivamos os jovens a acreditarem nisto: que é possível traçar metas, é possível construir projetos de vida e investir neles, na realização deles. (Ronaldo – coordenador do curso de audiovisual – entrevista concedida em agosto de 2007)

Embora reconhecendo que a noção de projeto envolva uma multiplicidade de sentidos, é possível supor, a partir da fala acima, que ela se assemelhe àquilo que

Velho (2003), utilizando as idéias de Schutz²¹⁹ definiu “como conduta organizada para atingir um fim específico”. O projeto, expresso através de conceitos, palavras, categorias, seria um instrumento básico de organização e negociação da realidade com outros atores sociais, individuais ou coletivos. O projeto seria um meio de comunicação, expressão, articulação de interesses, objetivos, sentimentos, aspirações.

Nessa direção, o processo de construção de um projeto de vida implicaria em um investimento num conjunto de atividades que têm por finalidade possibilitar a adoção de uma determinada postura perante o mundo. Deste modo, se levarmos em conta a associação entre projeto e trajetória, como propôs Velho, as trajetórias destes jovens ganhariam consistência a partir do “delineamento mais ou menos elaborado de projetos específicos.”²²⁰

Considerando esta perspectiva, é possível dizer que a idéia de protagonismo, adotada pelos membros da CUFA, relaciona-se a uma determinada concepção de valorização das ações e experiências vividas pelos jovens moradores da Cidade de Deus a partir da construção de um tipo de projeto de vida específico. A este propósito, a entrevista concedida pelo *Rapper* MVBILL, um dos fundadores da CUFA na Cidade de Deus ao Jornal O Globo, em 2 de agosto de 2007, data do lançamento do seu livro “*Falcão meninos do tráfico*”,²²¹ parece apontar na mesma direção. Nela o fundador da CUFA, explica a importância da entidade, enfatizando o trabalho do audiovisual como vetor onde jovens favelados podem expressar uma linguagem própria e serem protagonistas de suas vidas. Abaixo um trecho da entrevista.

Existem muitas vozes articuladas em várias periferias do *Brasil*. Eu acho que essas pessoas acabam não tendo visibilidade, por não serem pessoas famosas. Mas existem trabalhos sociais que valorizam essas pessoas, justamente pra que elas sejam protagonistas dessas histórias e não coadjuvantes como são vistas pelos *sociólogos* e *antropólogos*. Existem organizações que valorizam essas pessoas para que elas deixem de ser invisíveis e passem a ter voz e suas vozes possam ganhar a rua. Daí a importância do trabalho da CUFA, de mexer com toda esta linguagem do audiovisual. É justamente a partir disso que a gente vai ver que eu não estou sozinho, não tenho um pensamento único, não estou desamparado nessa ideologia. [...] O Hip Hop, o audiovisual pode mudar a vida dessas pessoas trazendo um

²¹⁹ Ver, neste sentido. VELHO, Gilberto. Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. v. 1. 137 p. VER SCHUTZ, Alfred. Fenomenologia e relações sociais. Rio de Janeiro: Zahar. 1979.

²²⁰ Ibid.

²²¹ Para referências completas sobre esta obra de MVBILL ver: ATHAYDE, Celso e Mv Bill; *Falcão – Menino da Tráfico*/ Celso Athayde e MV Bill- RJ; ed. Objetiva. 2006

alento e permitindo que um jovem seja membro do grupo ou, em determinadas situações, videomaker, DJs, MCs, fotógrafos ou grafiteiro. Isso pode permitir a esse jovem algum tipo de ascensão social. O ideal, no entanto, é que o hip hop sirva somente como ponte para um caminho de luz. [...] A CUFA na verdade é um instrumento que me permitiu articular o que antes eu verbalizava nas músicas. Sem dúvida tem sido o projeto mais importante da minha vida. Eu consigo dividir o pouco que eu ganho com outras pessoas, não através de esmolas ou uma coisa assistencialista, é uma forma de dar reconhecimento às pessoas, de mostrar que elas podem ser protagonistas de suas vidas, de ter voz. De fazê-los acreditar que eles podem dar um rumo diferente às suas vidas. (O GLOBO, 2/08/2007, Segundo Caderno)

Ao pontuar as propostas agenciadas pela CUFA de “*valorização das vozes da periferia*”, através da linguagem engendrada pelo *Hip Hop* e do audiovisual, MVBILL sustenta a retórica que identifica na noção de protagonismo a possibilidade de superação da segregação através de estratégias que favoreçam uma “*visibilidade positiva*” da população favelada. Tal visibilidade parece ser uma condição que se associa à busca de reconhecimento midiático, tarefa que pressupõe a realização de projetos alternativos àqueles imaginados como sendo socialmente destinados aos jovens de classes populares.

Neste contexto, “ser protagonista” em contraposição a “ser coadjuvante” revela uma representação que demarca um tipo de discurso específico. Nele, entendo que esteja mais do que um mero jogo de palavras, mas também e, sobretudo uma dimensão política. MVBILL, ao reconhecer no projeto de audiovisual difundido pela CUFA, uma alternativa possível para assegurar a visibilidade de segmentos específicos da população jovem, supõe a possibilidade de constituição de uma esfera pública, por onde grupos determinados possam atuar como atores efetivos de processos sociais.

Não obstante, investir na profissionalização de jovens, através da formação em audiovisual, grafite, MCs, e outras carreiras possíveis no universo *Hip Hop*, implica a constituição de um novo grupo de referência para uma parcela de jovens, especialmente aqueles que são negros e pobres. Este modelo de posicionamento, como observa Tavares (2004), “afirma-se como uma inferência para modelizar uma juventude específica”.²²² Em outras palavras, mais do que meramente uma expressão artística, o *Hip Hop* se afirmaria como um tipo de conduta que promoveria uma transformação a partir dos gestos e atitudes cotidianos na

²²² TAVARES, Julio Cesar de. Atitude, Crítica Social e Cultura Hip-Hop: A Face Afrodescendente dos Intelectuais Público Brasileiro *Revista espaço acadêmico* n 36 2004. Disponível em : <<http://www.espacoacademico.com.br/036/36etavares.htm>> Acesso em 4 de agosto de 2010.

construção de um novo modo de apresentação do sujeito. Isto é, não de qualquer sujeito, eu diria, mas do sujeito pobre e favelado.

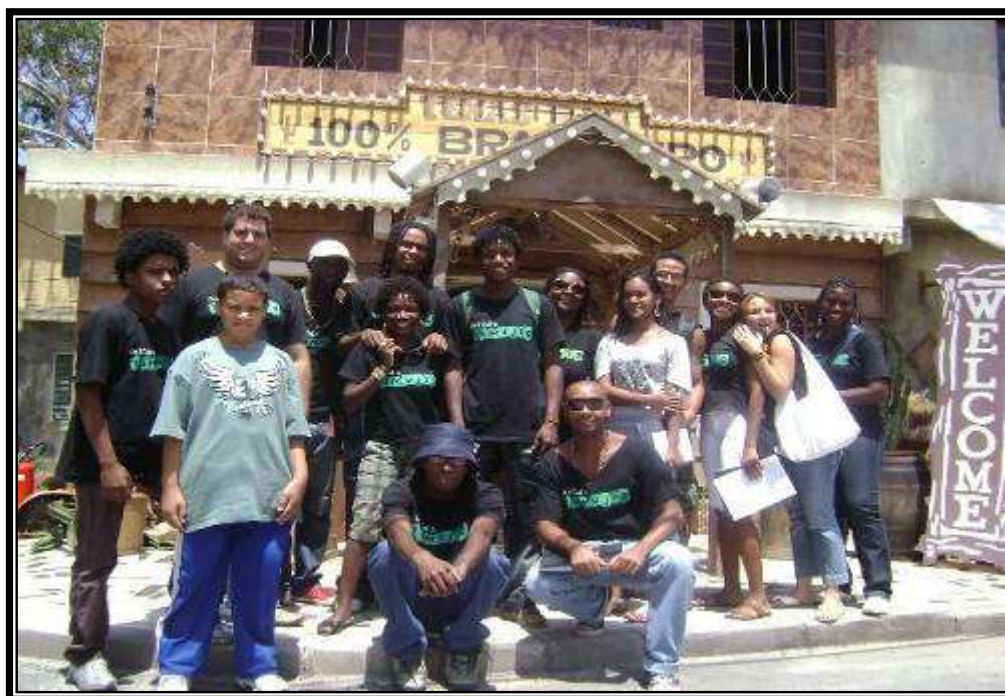
Pode-se, pois, intuir que o investimento no universo Hip Hop e na apropriação da linguagem audiovisual engendrada por ele se constitui em um projeto político cultural que tem por objetivo disseminar no campo das práticas cotidianas, das atitudes do dia-a-dia, uma série de transformações que podem subverter a lógica através da qual certos moradores de favelas costumam ser vistos. Como resultado, é possível afirmar que novas carreiras como as de Videomakers, Rappers, MCs, DJs, fotógrafos etc., emergem e são apresentadas como uma alternativa de sucesso, visibilidade e ascensão social para jovens de periferia.

Figura 58 - Turma da qual fiz parte durante o curso de audiovisual da CUFA em 2007, posando com Ivana Bentes.²²³



²²³ Fotos de autoria da pesquisadora

Figura 59 - Turma do curso de audiovisual da CUFA em 2007 preparando-se para a filmagem de um vídeo.



4.7 Subindo no palco: pondo em prática a teoria

Curioso notar que, embora o curso intitulado “ formação profissional de jovens para cadeia produtiva do turismo” tenha como proposta a preparação de jovens para inserção no mercado de trabalho no âmbito do turismo, na prática, o que se vê em nada se aproxima desta idéia. Todo o tempo em que participei do curso, não houve sequer uma menção a questões profissionais relacionadas ao turismo ou qualquer outro informe relacionado ao tema. Tudo girou em torno do aprendizado de audiovisual. Inclusive, o material entregue para todos são apostilas explicativas sobre a função de cada pessoa no trabalho de produção de imagens em vídeo. Sobre este aspecto, soube mais tarde, através de Joyce, que o curso foi estruturado com recursos da Secretaria Municipal do Turismo. Portanto, em sua concepção original o projeto teria que justificar esta parceria. Contudo o foco principal era de fato o aprendizado da produção e manipulação de áudio e vídeo.

Realmente o interesse dos jovens que frequentam o curso parece ser exclusivamente o trabalho com som e imagem. Em nossas atividades, tanto as teóricas quanto as práticas, não era raro, eles expressarem expectativas e projeções

futuras de ingressarem profissionalmente nesta área, mais especificamente, como atrizes, atores, diretores e músicos. Uma jovem participante do curso explica sua motivação:

Eu sempre tive um sonho de ser atriz, modelo sei lá. Eu queria trabalhar com televisão. Mas tem aquela idéia de que para pobre isto é impossível, então nunca pensei que poderia fazer curso, me profissionalizar. Aí soube do curso através de um amigo e me matriculei. Vendo outros jovens aqui, a idéia não parece tão absurda, muitos atores que estão fazendo sucesso hoje, saíram de favelas. Então isto é possível. Aqui vem muita gente da área e a CUFA acaba sendo um celeiro de imagens. Ela pode te dar oportunidade de ver e ser visto.

Mas se a distância entre a concepção original do projeto idealizado pelos organizadores do curso e a correspondente expectativa dos alunos pode ser observada através de suas falas, é na rotina das atividades que esta perspectiva fica mais evidente. Conforme mencionado anteriormente, a dinâmica do curso segue dois momentos distintos: o primeiro realizado pela manhã no auditório são palestras com temas variados, chamadas de parte teórica do curso e, à tarde, acontecem às atividades práticas, que correspondem, segundo os organizadores do projeto, a “pôr em ação” o que foi aprendido nas aulas teóricas.

As palestras, ministradas por personalidades do meio artístico e audiovisual, chamados de “parceiros da CUFA”, envolvem o aprendizado de construção de roteiros, técnicas corporais, história do cinema, captação de recursos, produção de imagem e produção executiva. Durante a apresentação dos temas pelos chamados “parceiros da CUFA”, o interesse é geral. Os jovens participam com perguntas ou relatam experiências vividas. Estas, na maioria das vezes, assumem a forma de um testemunho emocionado sobre as dificuldades da vida artística ou frustrações com promessas não cumpridas de inserção na vida pública. Há tamanha avidez em se colocar de alguma forma e/ou realizar os exercícios sugeridos, que, por diversas vezes, presenciei algum tipo de tensão relacionado à troca de acusações entre eles, de algumas pessoas “quererem aparecer” mais que outras. Nestes momentos, a intervenção dos organizadores do curso era sempre necessária, contudo não diminuía em nada a ânsia dos presentes em falar sobre si e sobre suas dúvidas. Em uma dessas ocasiões aconteceu de um dos integrantes do curso, de cor negra, e cabelo com trancinhas ornamentadas por miçangas ter começado a falar e se prolongado mais do que o esperado. A reação do grupo foi

imediatamente. Um coro de vaias pode ser ouvido seguido de uma voz vinda do fundo do auditório “quer aparecer Milton Nascimento dos pobres”. O apelido pegou e todas as vezes que ele fazia menção de fazer qualquer tipo de comentário alguém dizia, “Fala Milton!” em uma clara alusão ao famoso cantor que possui semelhantes características físicas.

De outro modo, há também a aclamação de participações bem sucedidas, como a que presenciei por ocasião em que uma jovem falava de forma bastante articulada sobre as dificuldades da vida artística e a oportunidade de estar no curso, empenhando-se em aprender e participar. Ela foi aplaudida por todos. Como em uma espécie de validação ao seu discurso, pode se ouvir falas esparsas que afirmavam: “É isso aí, chega de abobrinhas!”

Contraopondo estes dois episódios, a meu ver, a atitude destes jovens, que a princípio poderia soar como mera competição põe em jogo, na verdade, suas expectativas em relação ao curso. Nele é depositada a esperança mesmo que remota de serem “descobertos”, de se destacarem em meio aos demais em um processo de singularização e diferenciação que lhes daria reconhecimento público e por isso mesmo visibilidade.²²⁴

É, pois, na parte prática do curso que esta ênfase na diferenciação assume contornos mais claros. A parte considerada prática do curso, também ministrada por profissionais reconhecidos no meio artístico, é chamada a “hora de subir no palco”. Nela são propostos exercícios que envolvem o conhecimento tecnológico de câmeras, posição de luz, máquinas digitais, laboratórios e ginástica facial e corporal. Embora, nem todos os alunos que participam do curso queiram atuar diretamente como ator ou atriz, todos têm que realizar as atividades apresentadas. Os exercícios são os mais variados, desde simplesmente ligar a luz do palco ou segurar uma câmera filmadora a dançar ao som de uma música de olhos fechados ou fazer caretas. O aprendizado de técnicas que envolvem o manuseio de equipamentos e,

²²⁴ Sobre este aspecto COELHO (1992) faz uma interessante abordagem onde caracteriza a experiência moderna de construção imagética dos famosos à articulação entre indivíduos e mídia. A questão que a autora propõe é norteadada pela “tensão constitutiva da condição individual: ser único e ser o mesmo”. Assim, diz ela: “a modernidade traz a fama em oposição ao anonimato, o anonimato de muitos permite o estrelato de poucos” COELHO, Maria Claudia. *A experiência da fama: individualismo e comunicação de massa*. Rio de Janeiro: FGV, 1999. p.19).

sobretudo o controle do corpo e gestuais é cercado por tensões, cujo cerne parece localizar-se na noção de talento.²²⁵

Assim, nas aulas, os alunos parecem privilegiar muito mais a idéia de “dom” associado a um “talento natural” do indivíduo do que propriamente a capacidade de um aprendizado técnico a ser adquirido. Esta oposição entre talento e técnica pode ser percebida através das diversas categorias utilizadas pelos jovens para explicar os episódios mais diversos. O sucesso e o insucesso de alguém no manuseio de câmera filmadora, por exemplo, é atribuído a “jeito” para coisa. Um exercício corporal mal sucedido é questão de talento ou ausência dele.

Aos poucos pude perceber que esta dicotomia entre “técnica” e “talento” era constantemente evocada pelos alunos. Neste contexto, aqueles considerados talentosos eram os que realizavam as tarefas sem grandes dificuldades, “pegavam de primeira”, no dizer do grupo. Eram engajados e tinham algum tipo de “entrada” no meio artístico. Isto me pareceu um tanto contraditório, já que nestes casos, os indivíduos considerados “talentosos” possuíam alguma experiência anterior no campo de audiovisual e desta forma realizavam as tarefas com maior desenvoltura.

Como neófito no grupo, me pareceu óbvio ser posta ao lado dos sem talentos. Neste lugar, tanto eu como os outros alunos, observávamos mais do que praticávamos qualquer coisa. No meu caso, a observação era parte essencial do meu trabalho de pesquisa, entretanto, para os outros, isto era motivo de grande frustração. Em vários momentos, presenciei queixas e acusações sobre haver “panelinha” no curso, sobre “monopólio de aparelhagem.”.

Na ótica dos próprios participantes do grupo, deparar-se com situações de conflito ou divisões internas era comum, portanto, apesar de alguns sentirem-se muitas vezes excluídos, isto não chegou a ser um motivo de desistência ou evasão do curso. Ao contrário, em várias conversas, os jovens se referiam às “panelinhas” como um “desafio a ser vencido”, “um bloqueio a ser quebrado”, ou mesmo de forma enfática surgia à afirmativa de “isto fazer parte do aprendizado da profissão de ator”. Como disse um dos jovens:

²²⁵ Para uma análise sobre a noção de talento, ver: COELHO, Maria Cláudia. “Um Brilho Especial”: o universo dos jovens atores, em VIANNA, Hermano (Org.) Galeras Cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2003.

Quando a gente entrou, os caras já estavam aqui. Então temos que ir devagar. Pato novo não dá mergulho fundo. Temos que ir devagar, conquistar o nosso espaço, mostrar a nossa cara, o nosso talento, aquilo do que a gente é capaz. Só assim podemos furar o bloqueio. Mas tem que se chegar devagar para ser aceito. Ser ator não é fácil, quem escolheu a profissão sabe disso, então faz parte esta coisa toda. (...) É preciso conquistar nosso espaço devagar, porque depois fica mais fácil se impor pelo nosso talento, mas antes é preciso batalhar pelo reconhecimento. Quem escolheu ser artista sabe como é. Não é fácil, mas é assim, é sempre assim. Quem é famoso hoje já passou por isso também... (Conversa com Luiz Lume - nome artístico – em 10 de set de 2007 anotações de campo)

A percepção de que existem inúmeras dificuldades na profissão de artista é nítida na fala da maioria dos alunos. Há, contudo, também a expectativa de que ultrapassadas tais dificuldades, as vantagens oriundas da profissão são maiores e compensam os sacrifícios. Mas quais vantagens esperam obter estes jovens da profissão de artista / o que esperam do curso? A estas perguntas os jovens reagem formulando respostas que lhes parecem óbvias demais para quem as ouve. As explicações são dadas entre um sorriso e outro, e, entrecortadas por expressões como “você sabe”, “isto é claro”, “é evidente”. Para eles a visão que parece ser comum a todos, os de dentro e de fora deste universo, é a de que o trabalho no campo artístico traz “fama”, “reconhecimento”, “visibilidade”. E é na possibilidade de receber tais benefícios que os jovens que participam do curso investem na carreira, conforme sugerem os depoimentos abaixo:

É evidente que todo mundo que quer seguir a carreira de artista gosta deste mundo, acha que tem jeito pra coisa. Mas o que todo mundo quer mesmo é ter fama, ser reconhecido, aparecer na televisão. Você sabe, neste meio é preciso ocupar um espaço, ganhar visibilidade, fazer sucesso. Sem isso o artista não sobrevive, não é nada. Eu quero isto, é isto que todo mundo quer quando pensa em ser ator, atriz ou qualquer coisa neste meio, se falar que é diferente, tá mentindo, porque fazer sucesso como artista é ter isto, é fazer diferença... (Registro - Depoimento de Wagner em 19 de out de 2007).

Outro participante do curso explica suas expectativas quanto à carreira da seguinte forma:

Eu faço trabalhos de figuração, uma ponta aqui e ali em filmes de grande circulação. Mas sei que tenho talento, capacidade para fazer mais que isto, então é normal querer fazer grandes papéis, ser reconhecido, fazer sucesso, aparecer mais. Você sabe, é lógico, todo artista quer isso mesmo. (...) (Mauro em comentário na aula do dia 10 de setembro 2007)

O atrativo da carreira artística para estes jovens está assim ligado ao desejo de reconhecimento, de fama e visibilidade que a profissão pode proporcionar. Mas

isto não é tudo. Seria apressado pensar que se resume a apenas “a vontade de aparecer” e “ser visto”, como alguns depoimentos parecem sugerir. Com efeito, é justamente nos interstícios de tais afirmativas que outra dimensão aparece: o sentimento de limitação diante da possibilidade de outras opções profissionais. Neste sentido, para além das motivações explicitadas em suas falas, uma escuta mais atenta sobre o processo de aprendizado na área de audiovisual revela outros aspectos desta escolha profissional.

Ao relatarem as experiências vividas no curso, os jovens inevitavelmente as contrapõem ao aprendizado formal escolar. Tal comparação evidencia os contornos através dos quais eles desenham suas aspirações quanto aos projetos de vida e a inserção no campo de audiovisual. A fala abaixo é bastante elucidativa deste aspecto:

Eu sempre gostei dessa parada de fotografia, som, imagem, eu acho que é um lance legal você poder trabalhar com isso, pode aprender sobre como fazer as coisas acontecerem neste sentido. A escola não te dá isso, sabe, a escola te dá uma visão geral das coisas, mas não te dá a possibilidade de aprender o que se quer fazer. Aí a gente termina a escola e fica meio perdido, porque a gente pensa que tem que trabalhar, mas trabalhar em que lance? O que a gente sabe fazer? Nada!!! A gente sabe o que todo mundo sabe. E saber o que todo mundo sabe não interessa, não dá maior chance lá fora a ninguém. Eu penso até em fazer uma faculdade mais tarde, mas antes quero aprender, quero conviver com pessoas que têm o mesmo lance que eu, porque na escola é todo mundo diferente, mas no fundo é todo mundo igual. Todo mundo quer pegar seu diploma e arrumar qualquer trabalho ou só vai para “zoar” aqueles que querem alguma coisa. Aqui eu me sinto na minha praia, as pessoas que estão aqui querem fazer algo diferente. Curtem coisas legais, sons legais, espaços legais. Aqui se você usar um dread é bem maneiro, você não fica tachado de maconheiro ou marginal. Se você quer usar uma roupa para expressar algo, é maneiro, você se sente livre para ser o que quer ser e aprender coisas diferentes. Na escola é tudo a mesma coisa, sabe ou é aquilo ou é aquilo mesmo. Você tem que aprender aquilo que está nos livros e que de repente não vai te servir pra nada, porque tem muita gente aí formada, até em faculdade que não consegue trabalhar na sua área, e fica trabalhando em qualquer coisa. A gente sabe, todo mundo sabe que na escola você não pode escolher ser o que quer ser, é só aquilo mesmo. Se eu quiser ser um médico, por exemplo, a escola não vai me dar isso. Isso a escola não dá. (Pergunto; Mas por quê?) Porque você sabe, para fazer uma faculdade desta tem que ter dinheiro, tem que ter estudado em escolas bacanas... (anotações de campo, depoimento dado em encontro no dia 15 de outubro de 2007)

Outro depoimento aponta nesta mesma direção:

Quando comecei a fazer o curso aqui na CUFA, vi que podia aprender de fato algo. O curso me dá a percepção do meu corpo, da valorização de meu potencial. Os exercícios te ensinam algo que você sabe que pode usar em qualquer lugar, você ganha auto-estima, você passa a acreditar em você mesmo. É diferente da escola, porque lá você sente ao contrário, que você é mais um na multidão, que não tem espaço, que apreende aquilo ali e pronto e não tem mais nada pra fazer. O que você vai fazer com o diploma de uma escola pública da Cidade de Deus? Nada!! Então a gente acaba achando que é assim mesmo que pobre não tem vez. Quando eu vim pra cá há dois anos, eu vi muita gente diferente, gente de outros lugares, gente que

acreditava que podia fazer algo e isso me fez querer mais pra mim. Eu vi que podia fazer algo. Só de eu pensar que posso trabalhar em algo diferente, que posso me expressar de modo diferente, posso ver lugares diferentes. Isto já mudou tudo pra mim, isto me fez sonhar em voar mais alto... (anotações de campo, depoimento dado em encontro no dia 15 de outubro de 2007)

De modo geral, entre estes jovens, a percepção recorrente é a de que o tipo de formação oferecida pela rede pública de ensino, não os habilita ao mercado de trabalho, restringindo em muito as opções de emprego. A escola é assim lugar de aprendizado genérico, pouco formativo, portanto, espaço em que possibilidades e expectativas conformam-se à lógica de uma experiência comum de exclusão social. Como alternativa a esta experiência, estes jovens buscam no universo do audiovisual os instrumentos necessários para construir outros espaços de pertencimento.

A participação na CUFA como alternativa a uma formação genérica à oferecida pela escola poderia ser vista por estes jovens como possibilidade não só de criar nova identidade como legitimar sua visibilidade, tornando-se assim possível ascender a outros espaços públicos. Assim o curso ultrapassa em muito seu estatuto profissionalizante para passar a funcionar como uma “cartilha” onde se aprende uma nova forma de interação e linguagem que permite preencher uma identidade favelada em construção, como passo a analisar no próximo item.

4.8 Ver e ser visto: Redes de sociabilidade

“O bom daqui é poder ver e ser visto”. Com esta afirmativa, Priscila, uma jovem de 24 anos, de cor negra e sorriso largo, me explica sua motivação para participar do curso de audiovisual. Estudante do quarto período de administração em uma faculdade da rede privada de ensino é a única, dentre quatro irmãos, que conseguiu cursar a universidade, fato que revela sem esconder o orgulho que sente. Seus pais de origem nordestina foram morar na Cidade de Deus em meados de 1970, data em que chegaram ao Rio de Janeiro, vindos da Bahia.

Priscila mora no bairro desde que nasceu e conhece a CUFA há pelo menos dois anos. Como frequentadora assídua das atividades realizadas pela entidade, possui uma rede de relações bastante extensa, como ela mesma disse “conhece praticamente todo mundo do local”. De fato, seu jeito extrovertido e leveza fazem com que se torne muito fácil uma aproximação. Nosso contato se deu logo nas

primeiras semanas do curso, entretanto, foi por um daqueles acasos da vida, que nossa relação assumiu um contorno diferenciado. Em seu retorno para mais um período letivo na faculdade, Priscila, como sempre sorridente, aguardava, sentada entre as primeiras fileiras da sala, o início da aula. A disciplina que teria que cursar naquele semestre, chamava-se Sociologia das Organizações e, para nossa surpresa, quem era professora? Eu. Esta feliz coincidência fez com que nosso convívio dentro e fora da CUFA se estreitasse ainda mais. Priscila se transformou em uma interlocutora especial, que me abriu outro universo de possibilidades. Com ela vivi experiências privilegiadas no campo de pesquisa, pude percorrer caminhos e encontrar pessoas que até então julgava improvável.

Ao contrário de outros participantes do curso de audiovisual que revelaram o nítido desejo de ser artista, Priscila me contou que seu envolvimento com a instituição se deu por outra via: a diversão. Filha de pais, segundo ela, muito conservadores, sempre encontrou obstáculos aos seus pedidos de sair ou ficar na rua até muito tarde. No entanto, quando se tratava de algum evento promovido pela CUFA, eles a autorizavam e até incentivavam sua ida ao local. Deste modo, ela passou a ir frequentemente aos shows, mostra de cinema e as peças teatrais realizadas na Cidade de Deus pela instituição. Desse contato, surgiu a vontade de matricular-se no audiovisual, “era uma possibilidade de aprender, de se divertir, de conhecer pessoas,” como ela relata, “sem a pressão dos pais.”

Ao ser perguntada sobre o porquê do incentivo de seus pais para frequentar a CUFA, Priscila explica que a ONG é vista de um modo geral entre os moradores da Cidade Deus, como uma “ilha de proteção”, um lugar onde não há penetração do tráfico de drogas e/ou a violência associada a ele. Por este motivo, os eventos realizados pela organização na Cidade de Deus, atraem um grande número de pessoas interessadas em diversão gratuita e segura. Conforme ela relata:

Muita gente vem aqui na CUFA, até incentivado pelos pais, porque aqui é um lugar seguro. O povo sabe que aqui não vai encontrar drogas, não vai ficar exposto a isto. O próprio pessoal do movimento (expressão que denomina aqueles que participam do tráfico de drogas) sabe disto, eles não se aproximam, respeitam o local. Quando chega alguém de fora do bairro pra frequentar o curso e a gente percebe que ele está com medo, a gente logo alivia dizendo da segurança do local. Isto dá outra visão, permite que outras pessoas de fora do bairro circulem aqui sem medo. É outra proposta, que traz as pessoas aqui. Então, as atividades promovidas pela CUFA chamam um grande número de pessoas, interessadas em diversão certa e segura. Pra mim é uma forma bacana de ver e ser visto. (anotações de campo, depoimento dado em encontro no dia 22 de outubro de 2007)

Há, pois uma forte indicação no discurso de Priscila de que a CUFA é vista como espaço onde interações e sociabilidades podem ser construídas livres de imagens estigmatizantes associadas à violência e ao tráfico de drogas, normalmente relacionadas aos jovens de periferia. Neste sentido, a despeito da preocupação evidente dos moradores com a segurança, o espaço da CUFA não é só valorizado por isso. Ele é também pensado como local onde uma rede de relações mais amplas pode ser constituída. A este respeito uma fala do rapper MVBILL é bastante significativa:

A CUFA é um oxigênio para mim, e eu quero transformá-la em oxigênio para muitos jovens. É preciso mostrar que existem outras coisas além do tráfico, existem outras possibilidades de aprender, de viver dentro da comunidade. Eu vejo muitos jovens talentosos, cheios de potencial, se perdendo para as drogas, então meu objetivo é através do trabalho da CUFA mostrar o outro lado. A CUFA foi pensada para agregar, para fazer um intercâmbio de idéias, então através dos projetos como a liga de basquete, o skate, o audiovisual esta troca pode acontecer, as experiências podem se ligar e fazer acontecer novas possibilidades, o espaço está aberto para isso, para juntar gente de dentro e de fora da comunidade, para mostrar um outro caminho. (anotações de campo, depoimento dado em outubro de 2007)

Ao que tudo indica a idéia de circularidade, que aparece tanto no discurso de Priscila quanto no de MVBILL, expressa uma experiência singular de participação dos moradores que não se refere apenas a uma relação com o local físico onde se habita, mas também e, sobretudo, uma forma de reorientar fluxos de relações sociais que contrariam as direções convencionais entre centro e periferia. Refiro-me à possibilidade de projeção tanto da CUFA quanto daqueles que a integram para dentro e fora da Cidade de Deus, através das atividades por ela realizadas. Mas como se dá esta circularidade? Qual o sentido que assume “ver e ser visto”?

Durante os três anos que realizei trabalho de campo, incluindo o tempo como aluna do curso de audiovisual na CUFA, conheci diversas pessoas e também várias organizações não governamentais atuantes na Cidade de Deus. Diferente de outras ONGs, e são muitas, que mantêm ações pontuais, exclusivamente circunscritas ao local, a CUFA tem como característica peculiar, além de diversos outros núcleos espalhados pelo Brasil afora, justamente a promoção e valorização de eventos que extrapolam as fronteiras sócio-espaciais do bairro. Assim, as atividades realizadas podem ser descritas através de uma dinâmica, que observo, acontecer, para dentro e fora do bairro.

4.8.1 Ver e ser visto dentro do bairro

As atividades que ocorrem na própria Cidade de Deus, são geralmente, ligadas a esportes, shows de rapper e exibição de documentários e acontecem nas quadras das escolas de samba, praças públicas ou na sede da CUFA. Há uma grande presença dos habitantes locais. Todavia, não se deve pensar que elas se destinem exclusivamente ao bairro e aos seus moradores. Invariavelmente, nestes eventos, são apresentadas celebridades que atuam em diversas áreas do meio artístico, o que atrai tanto pessoas de outros bairros quanto a imprensa especializada.

Um exemplo foi o lançamento da Liga Interestadual Brasileira de Basquete de Rua – LIBBRA -, no dia 14 de junho de 2008, um domingo de manhã. O que parecia ser um simples jogo transformou-se em um grande acontecimento, com as presenças dos Globetrotters, equipe de basquete mundialmente famosa, e da consagrada atleta Hortência. O jogo aconteceu na quadra da escola de samba Mocidade Unida de Jacarepaguá, localizada na Avenida Edgard Werneck, principal via de acesso ao bairro. Tal era o número de pessoas presentes ao local que o trânsito precisou ser desviado. Inúmeros repórteres com suas câmeras tentavam entrar e se aproximar dos astros do esporte que, sempre ao lado do rapper MVBILL, acenavam sorridentes. As pessoas pareciam divertir-se, sem se importar com o calor ou com a aglomeração. A presença de emissoras de TV, interessadas em cobrir o evento, era uma atração à parte, muitos se atiravam em frente às câmeras acenando com as mãos e mandando beijos. Dentro da quadra havia menos tumulto, entretanto, não menos pessoas. Os integrantes da CUFA e/ou admiradores podiam ser reconhecidos pelas camisetas, com inscrições e palavras de ordem, tais como, “F4 - Favela a Quatro”²²⁶, “CAV” - camiseta dos componentes do curso de audiovisual - ou simplesmente a sigla CUFA. Os rapazes ligados ao Hip Hop também marcaram presença. Com gírias ou gestos peculiares ao movimento, uma estética performática, que incluía o uso de bonés, bermudões larguíssimos, camisetas de times americanos, que pareciam estar bem acima do manequim do usuário e grossos cordões de prata no pescoço, eles não passaram despercebidos

²²⁶ Sigla que denomina a parceria de quatro importantes ONGs voltadas para a produção cultural em favelas do Rio de Janeiro, são elas: AfroReggae, CUFA, Nós do Morro e Observatório de Favelas.

em meio à multidão de curiosos. A relação de proximidade deles com os membros da CUFA e com MVBILL era enfatizada pelos excessivos cumprimentos e abraços que estes se davam. Ao contrário das roupas descontraídas dos rapazes, as meninas estavam mais arrumadas. Embora o vestuário básico fosse shorts e camisetas coladas ao corpo, a maquiagem e os sapatos com saltos muito altos, davam um tom *fashion* ao visual feminino. Após a apresentação da equipe de jogadores houve a coletiva da imprensa e, naturalmente, a fala foi de MVBILL que agradeceu aos ilustres convidados e exaltou a importância daquele acontecimento para a Cidade Deus. A idéia de visibilidade e reconhecimento das ações da “*periferia*” ganhou especial relevo, conforme podemos ler no trecho abaixo:

A periferia não tem só um lado. Essa é a visão de quem não a conhece e que vive retransmitindo os estigmas dela. Quando eu vejo o que a gente conquistou, eu fico impressionado. Quando começamos, eu não imaginava que conseguiríamos fazer isso tudo. Agora vendo o lançamento da Libra, eu vejo o tamanho disto tudo e fico boquiaberto. É uma coisa que me deixa muito feliz, mas que foi muito difícil para conseguir. Isto mostra o quanto podemos fazer. Isto mostra a nossa cara que não é só hip hop e funk. Há riqueza de vivências, experiências mesmo. A periferia não é um monstro. Ela tem várias facetas, que devem ser reconhecidas, entendidas. (Discurso proferido por MVBILL por ocasião do Campeonato da Liga Interstadual Brasileira de Basquete de Rua)

Mais tarde, naquele mesmo dia, estas palavras ganharam as manchetes dos principais telejornais. Todavia, ao passarem pelo processo de edição, a ênfase recaiu na frase final, dita pelo famoso Rapper: “A periferia não é um monstro. Ela tem várias facetas, que devem ser vistas, reconhecidas e entendidas.” Se o artista pretendia causar polêmica, conseguiu. Nas semanas que se seguiram a tal declaração, muitos foram os debates em rádios e programas de televisão que, inspirados pela emblemática afirmativa, tiveram como tema central as “imagens sobre a periferia”.²²⁷ Do mesmo modo, na Cidade de Deus, os ecos causados pela fala de MVBILL se fez sentir através da nítida adesão dos membros da CUFA e dos demais moradores que repetiam tal jargão em tom de exaltação referido às qualidades positivas do bairro. No sábado posterior ao jogo da LIBBRA, Ronaldo, um dos coordenadores do curso de audio-visual da CUFA, iniciou a aula com o seguinte comentário:

²²⁷ Na semana posterior às declarações feitas por MVBILL o programa Central da Periferia, comandado por Regina Casé abordou o tema imagens da periferia. Também o programa “Espelhos”, apresentado pelo ator Lázaro Ramos, fez uma série de debates inspirados no discurso do rapper.

Cara é muita responsabilidade nossa tá aqui. Somos nós que fazemos a periferia, somos nós que mostramos a outra faceta deste bairro. Todos os holofotes estão ligados pra nós, como no evento bacana que aconteceu. E nós temos a responsabilidade de fazer acontecer. De mostrar que não somos o bicho de sete cabeças que a imprensa e as pessoas pintam por aí. Isto só vai mudar através do nosso trabalho, de nossa capacidade de realizar coisas que mostrem um outro lado da periferia. É esse o nosso principal papel, o nosso maior papel, ser protagonista desta mudança do modo como a sociedade vê a gente da CDD. (Anotações de campo em junho de 2008)

É, pois, interessante observar que no conjunto destas falas sobre “o acontecimento” há um elemento comum: a recorrência ao termo periferia como categoria afirmativa que busca reverter o sentido estigmatizado de “favela”. Neste sentido, parece claro que no centro destes discursos está a tentativa de contrapor as representações negativas sobre a favela, isto é, mostrar, como diz Birmam (2008), ““o outro lado” desses territórios, um lado socialmente positivo, que se mostra contrário e mesmo antagônico à visão totalizante que os identifica de “fora.””²²⁸ De forma geral, as falas, implícita ou explicitamente, respondem ao discurso do tráfico e da violência, contrapondo-o e, ao mesmo tempo, mostrando o orgulho de ser morador de favela a despeito dessa imagem negativa.

Todavia, a um olhar mais aproximado, a categoria periferia revela um movimento ainda mais sutil que está para além da mera crítica às visões estereotipadas construídas sobre estes espaços. Penso que ela é utilizada como dispositivo de negociação midiática que engendra visibilidade a algumas práticas (porque não dizer produtos) que acionam e fazem circular consigo uma determinada imagem específica da favela e de seus moradores.

Compartilho da visão de Freitas (2008) quando observa que este processo de midiatização parece ser operacionalizado como um movimento de mão dupla: as práticas e produtos culturais, como o hip hop, por exemplo, configuradas a partir das experiências de um lugar “periférico” “requerem visibilidade midiática para ingressar em outros níveis de existência e reconhecimento, necessários à sua eficácia até mesmo enquanto produto cultural se for o caso”.²²⁹ A este respeito, a entrevista dada

²²⁸ BIRMAN, Patrícia. Favela é comunidade? In: SILVA, Luiz Antonio Machado (Org.) *Vida sob cerco: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora Nova, 2008.

²²⁹ FREITAS, Guaciara Barbosa de. A cultura na (da) periferia e a periferia na (da) mídia. In: *Políticas Culturais em Revista*, 2 (2), p. 34-49, 2009 – Disponível em: <www.politicasculturaisemrevista.ufba.br> Acesso em 10 de maio de 2010.

por MVBILL em 15 de setembro de 2002 para Revista Continente Multicultural é emblemática:

A questão central, o maior dilema, da estética da periferia é justamente a visibilidade dessa massa, ao mesmo tempo imensa e “invisível” dos centros urbanos. “Tornar-se visível é importante, mas essa visibilidade deve se dar no contexto do discurso que se deseja propor. Já que me tornei uma figura famosa, passei a ser uma referência, minhas palavras não me pertencem, mas têm uma repercussão coletiva”, reconhece o rapper. Assim, é preciso tomar cuidado com o tom paternalista da mídia, o olhar estereotipado que os veículos teimam em ter sobre as manifestações da periferia, bem como se precaver contra a superexposição, que leva à vulgarização e à tão criticada “adequação” da rebeldia que alguns consideram um preço justo a pagar pelo espaço conseguido nas televisões e nas revistas. “Só fui ao Faustão depois que me garantiram 45 minutos no ar para falar e não só cantar. Não podia recusar a chance de falar com 90 milhões de brasileiros. Não se trata, portanto, de ir contra a mídia, mas de negociar com ela, questionando os espaços que nos são dados tradicionalmente”, avisa MVBILL. (Entrevista concedida por MVBILL à revista Continente Multicultural em 15 de setembro de 2002 Disponível em < www.revistacontinente.com.br>)

Nas considerações de MVBILL sobre o acesso aos bens e aos canais de legitimação midiática é possível perceber que o termo periferia não é acionado somente como recurso de expressão referido a um lugar específico: a favela. Ele é, pois, um dispositivo que traduz a possibilidade de produzir a transposição de dinâmicas localizadas, estancadas nos bairros segregados, para a cena global do registro público.²³⁰ Por esta lógica, a idéia de periferia abarcaria formas de manifestações culturais que encontram no consumo, na estética, na produção cultural e na afirmação de estilos de vida um importante canal de articulação e negociação de sentidos e significados.

²³⁰ Para esta perspectiva, ver, por exemplo, o trabalho de DIÓGENES, Glória. Cartografia da Cultura da Violência: Guangue, Galeras e o Movimento Social Hip Hop. São Paulo: Annablume, fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto, 1998. p 44.

Figura 60 - A equipe de basquete Globetrotters com MVBILL durante visita a Cidade de Deus.



Figura 61 - A jogadora de basquete Hortência, os atletas do Globetrotters e Membros da CUFA





Figura 62 - A quadra da Escola de Samba Mocidade Unida de Jacarepaguá preparada para o evento com a equipe de basquete Globetrotters.



Figura 63 - Moradores da Cidade de Deus em evento de basquete promovido pela CUFA em Cidade de Deus.

4.8.2 Ver e ser visto fora do bairro

Se nas atividades organizadas pela CUFA “para dentro da Cidade de Deus” o local se transforma em palco e também em protagonista, o mesmo não se pode dizer das atividades organizadas “para fora dele”. Nesta passagem “de dentro” para

“fora”, o bairro sai de cena para se tornar através do termo “periferia” um adjetivo, um tipo de atributo de artistas. São, pois, eventos que chamam atenção para pessoas que guardam uma singularidade peculiar: artistas, cuja carreira tangencia de alguma forma a ideia de “periferia”.

Estes acontecimentos “para fora” são, aliás, o carro chefe do pólo de audiovisual da CUFA na Cidade de Deus e envolvem a promoção de mostras de cinema, festivais de rap e lançamentos de obras literárias. Três deles eu acompanhei bem de perto: a “noite de autógrafos” do livro “Falcão Meninos do Tráfico”, de MVBILL, ocorrido em novembro de 2007, no Cine Odeon, centro do Rio de Janeiro, a apresentação no Centro Cultural do Banco do Brasil de documentários produzidos por artistas oriundos de diversas favelas cariocas e o Hutuz Festival, um evento consagrado a apresentações de bandas de Hip Hop. Descrevo a seguir um deles.

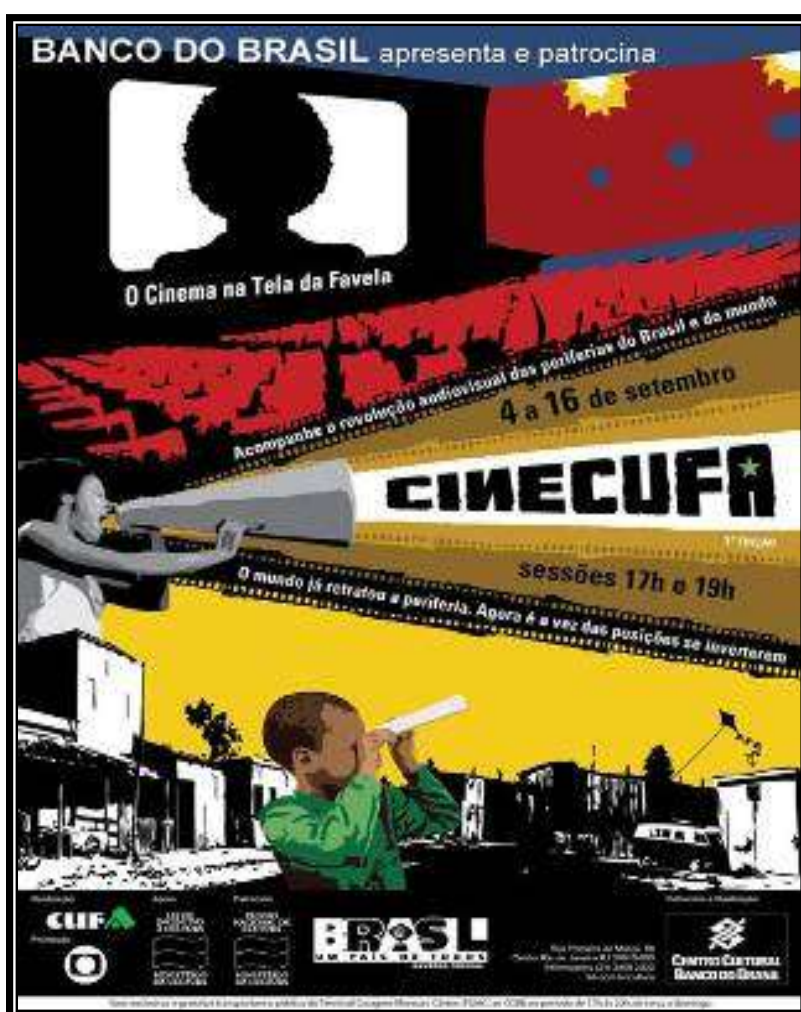


Figura 64 - Cartaz de divulgação do CINECUFA em tamanho reduzido

Entre os dias 4 a 16 de setembro de 2007 a CUFA promoveu no Centro Cultural Banco do Brasil a amostra de documentários intitulada “O cinema na tela da Favela”, uma série de filmes realizados por diversos núcleos de audiovisual de favelas cariocas. Todos os participantes do curso de audiovisual receberam convite para ir ao coquetel de abertura que aconteceria no primeiro dia da amostra. Nas semanas que antecederam o evento a expectativa era grande. Os alunos não falavam de outra coisa: da roupa que usariam, dos artistas que poderiam ver. Houve, inclusive, momentos em que parte das aulas foi utilizada para retirar dúvidas dos alunos sobre que trajes vestir e como se portar diante de artistas famosos. A este respeito, presenciei um episódio interessante quando da pergunta feita por um aluno sobre pedir autógrafos, Joyce, uma das coordenadoras do curso, respondeu:

Olha tem muitos artistas que são parceiros da CUFA, estes são gente como a gente. Se você disser que é aluno do curso ou morador da Cidade de Deus, ele te dá o autógrafo numa boa. A Regina Casé é um exemplo, ela gosta dessa coisa de periferia. Mas se você sentir que ele tá ali curtindo o evento, não força a barra não, porque aí ele pode encarar como falta de educação e pega mal, porque a gente luta para mudar esta imagem que se tem. O legal é se comportar bacana, tirar este estereótipo de favelado que é mal educado.

No dia do evento, marcado para as dezessete horas, um ônibus foi disponibilizado para os alunos. Como eu tinha compromissos profissionais que me impediam de ir junto com o grupo, combinei com Priscila de encontrá-la no local. Acabei chegando com uma hora de atraso e, como havia esquecido meu convite, perdi mais tempo ainda na portaria. Só consegui entrar depois que expliquei que estava junto com o grupo da CUFA da Cidade de Deus. Lá dentro, o coquetel já havia começado, mas a programação estava ainda iniciando. O ambiente era festivo, um rap de MVBILL podia ser ouvido e flashes, muito flashes podiam ser vistos disparados de todos os lados por câmeras digitais ou mesmo celulares. Cerca de umas cento e cinquenta pessoas transitavam no local. Não demorei muito a avistar Priscila e o pessoal do curso em um canto do grande salão do Centro cultural do Banco do Brasil. A princípio, pensei que a posição recuada do grupo estivesse relacionada à timidez ou vergonha, mas, ao me aproximar deles, percebi tratar-se de uma estratégia para ver os artistas que, necessariamente, passavam por ali. Priscila foi a primeira a falar comigo e disse: “aqui é melhor lugar para se ver as pessoas”. Eles estavam eufóricos, cochichavam e apontavam discretamente para algum artista

que reconheciam. Nomes como Cacá Diegues, aclamado diretor de cinema, Paula Lavigne, Produtora Cultural, Regina Casé e Lázaro Ramos, estes dois últimos atores da Rede Globo de televisão, além do próprio idealizador do evento, o rapper MVBILL estavam lá. Ao que tudo indica, o conselho que Joyce dera no dia do curso foi seguido à risca pelos alunos, pois a primeira personalidade a ser abordada por eles, em meio ao evento, foi justamente Regina Casé. A atriz, por sua vez, ao descobrir tratar-se de um dos participantes da CUFA, fez tanto estardalhaço, que atraiu a atenção dos profissionais da imprensa. Diante das fotos e perguntas feitas pelos repórteres, os alunos se portavam como verdadeiras celebridades, riam, pousavam, acenavam com a mão, abraçavam e beijavam a artista que retribuía como se fosse íntima deles. Os alunos se revezavam pedindo autógrafo e conversando com os artistas. Eu apenas observava a movimentação e tirava fotos e mais fotos. Foi quando Joyce veio falar comigo sobre a possibilidade de eu fotografar o evento, pois nenhum dos membros da CUFA havia levado uma câmera e eles precisariam de fotos para colocar no site da instituição. Aceitei o convite prontamente. Ela segurou em meu braço e foi me conduzindo em direção a uma parte da sala em que se concentrava boa parte dos jovens da CUFA. Foi assim que em poucos instantes me vi diante de MVBILL e um grupo de alunos da CUFA que, disputavam espaço para fazer uma foto com o artista, acusando-se mutuamente de um querer aparecer mais que o outro. A pendenga foi resolvida pelo próprio BILL que de maneira muito cordial pegou a câmera de minha mão e rindo disse que tiraria a foto do grupo ele mesmo. A expressão de descontentamento nos rostos dos jovens deixou nítido para todos que aquela não era a solução desejada, no entanto, ela foi aceita sem nenhuma reclamação. Ao que pareceu, o gesto do artista foi bem entendido, porque aos poucos o grupo foi se organizando e todos tiveram a oportunidade de ser fotografado com o rapper. Não pude deixar de notar a aparente relação de intimidade que MVBILL parecia estabelecer com os jovens da CUFA. Entre apertos de mãos e abraços, todos que se aproximavam eram chamados por ele de “parceiros” ou “manos”, gíria muito comum no movimento hip hop. Com as mulheres, o tratamento também era bastante caloroso. Priscila, por exemplo, recebeu um forte abraço do artista que lhe chamou de “minha gata”. Kátia, outra participante do grupo que estava com o filho recém nascido no braço, também foi carinhosamente recebida, tendo dado inclusive a criança para MVBILL segurar. Perguntei a Priscila se todos que ali estavam conheciam de fato o artista, ela me

respondeu sorridente: “Bill é assim mesmo, todo mundo que frequenta a CUFA é bem chegado, é parceiro.” Seguindo esta pista aproveitei para me apresentar ao artista. Iniciei falando de minha participação na CUFA e elogiando os documentários. Em resposta, recebi um forte abraço do artista, seguido da expressão “maneiro”. Entretanto, a conversa logo mudou de tom, quando expus minhas intenções de pesquisa. MVBILL pareceu menos espontâneo, assumiu uma postura séria, cruzou os braços sobre o peito e com ar protocolar começou a falar da importância do trabalho da CUFA e de seu papel na luta para inclusão social dos jovens. Éramos interrompidos, a todo instante, por algum membro da CUFA ou por algum artista. Nestes momentos, a aparente espontaneidade retornava e ele distribuía sorrisos e abraços. Mesmo com a conversa entrecortada insisti no diálogo. Com o semblante sério, MVBILL me falou em tom emblemático sobre a necessidade dos estudiosos “conhecerem a periferia de dentro” e, completando, afirmou: “a periferia já deu muito para os pesquisadores, tá na hora de eles devolverem”. Compreendi na hora que no teor daquele discurso havia uma provocação implícita ou porque não dizer explícita à minha condição de cientista social. Sem pensar muito, lancei mão do único recurso que julguei disponível para garantir a continuidade da conversa. Disse-lhe que eu era ex-moradora da Cidade de Deus e que meu interesse em pesquisar o bairro era inspirado justamente por esta experiência. Ainda em tom de brincadeira falei-lhe sobre minha proximidade com sua tia e sua mãe. Completei sorrindo: “devo ter lhe pegado no colo!” Realmente, a partir disto nosso contato assumiu um contorno mais descontraído. Porém, ainda longe do que eu esperava. MVBILL me apresentou sua assessora de imprensa, Aline Ribeiro, e, afastando-se, encerrou a conversa dizendo “te dou a maior força”. Fiquei parada por alguns instantes com Aline que, muito cordialmente, me deu seu cartão de apresentação, anotou meus dados e o assunto, porém advertiu-me da dificuldade de agendar qualquer encontro, devido aos compromissos assumidos por Bill. Em resposta, sorri, agradecendo a atenção dada. De fato, nunca consegui marcar qualquer conversa com o rapper através de sua assessoria de imprensa, o que não impediu, entretanto, o contato com ele em outras situações de pesquisa.²³¹

Com o avançar da noite, o salão se transformou em uma grande pista de

²³¹ Durante a realização do trabalho de campo, por diversas vezes travei contato com o artista. Entretanto, nossas conversas sempre aconteceram de modo ocasional, sem prévio agendamento ou um período determinado de tempo.

dança. Uma roda de break, dança característica do movimento hip hop, se formou. A cada performance, aplausos e gritos de aprovação podiam ser ouvidos. Em meio aos muitos coquetéis e canapés que eram oferecidos a todos, não pude deixar de notar o entusiasmo de Priscila e de outros membros da CUFA conversando e dançando com os artistas em um tom de intimidade e proximidade.

A cena daqueles jovens aparentemente integrados ao universo de ricos e famosos, fez-me pensar como, no decorrer de poucos dias, ou melhor, de poucas horas, o grupo passou de um círculo de sociabilidade entre “iguais” para uma noite de festa entre celebridades. Não obstante, o encontro de mundos distintos, supostamente incomunicáveis, ali se revelava como uma possibilidade real viabilizada exatamente pelo deslocamento de fronteiras entre o “centro” e a “periferia”. Assim, a “periferia” foi ao “centro” e naquele momento tornou-se “centro” também, através da diminuição, pelo pertencimento à CUFA, das distâncias sociais e territoriais existentes.

Neste sentido, como assinala Cordeiro e Costa (1999), inspirando-se em Gilberto Velho (1981, 1994) “são possíveis a coexistência e o entrecruzamento social de discursos simbólicos e universos de sentidos diferenciados.”²³² Deste modo, num certo espaço social, como o da festa, por exemplo, não só os interesses postos em jogo não excluem as diferenças como, em certa medida, se alimenta delas estabelecendo pontes, suscitando comunicações. São estratégias de visibilidade e intersecção produzida pela proximidade entre estes “dois mundos” que a experiência destes jovens na CUFA permite ilustrar.

Era quase meia noite quando o evento chegou ao fim. As pessoas começaram a se despedir e deixar o local, MVBILL e Celso Athayde, empresário e co-autor dos livros escritos pelo rapper, foram os primeiros a saírem, cada um em seu carro. Lá fora, o ônibus fretado para levar o grupo da CUFA de volta à Cidade de Deus estava parado em frente ao Centro Cultural Banco do Brasil, na Rua Primeiro de Março. De dia, ali fervilha de gente, entretanto, àquela hora o local estava deserto e silencioso. Tive vontade de ir com o grupo no ônibus, mas tinha estacionado meu carro um pouco mais à frente. Para meu alívio, Priscila, e outros três rapazes, colegas de curso, se ofereceram para me acompanhar.

²³² CORDEIRO, Graça Índias e COSTA, António Firmino da. “Bairros, contexto e intersecção”, In: VELHO, Gilberto (Org.). *Antropologia Urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999, p. 58-79.

O retorno para o bairro foi tranquilo, embalado por uma conversa animada sobre o evento. Os meninos e mesmo Priscila não paravam de comentar como tal e qual artista “era legal”, “era gente boa”, “era simples como eles”. Quando finalmente cheguei à Praça da Cidade de Deus e os meninos saltaram do carro, não pude deixar de ouvir um último comentário feito por Priscila: “acabou o sonho”.

Refletindo sobre as palavras de Priscila, fiquei pensando sobre o significado daquela experiência na vida destes jovens. A percepção de que se viveu um sonho é expressiva do reconhecimento do deslocamento nas relações sociais, sabida assimétrica entre artistas e participantes da CUFA. Todavia, no evento se ganha certa simetria à medida que se *parece igual*. Tal como na fábula de Cinderela que por uma noite deixa a roupa de Gata Borralheira em casa se transformando em princesa, estes jovens deixam momentaneamente a condição de moradores da periferia para se transformarem em convidados de uma festa de ricos e famosos.

Figura 65 - Aluno do audiovisual da CUFA em “performance” no Banco do Brasil

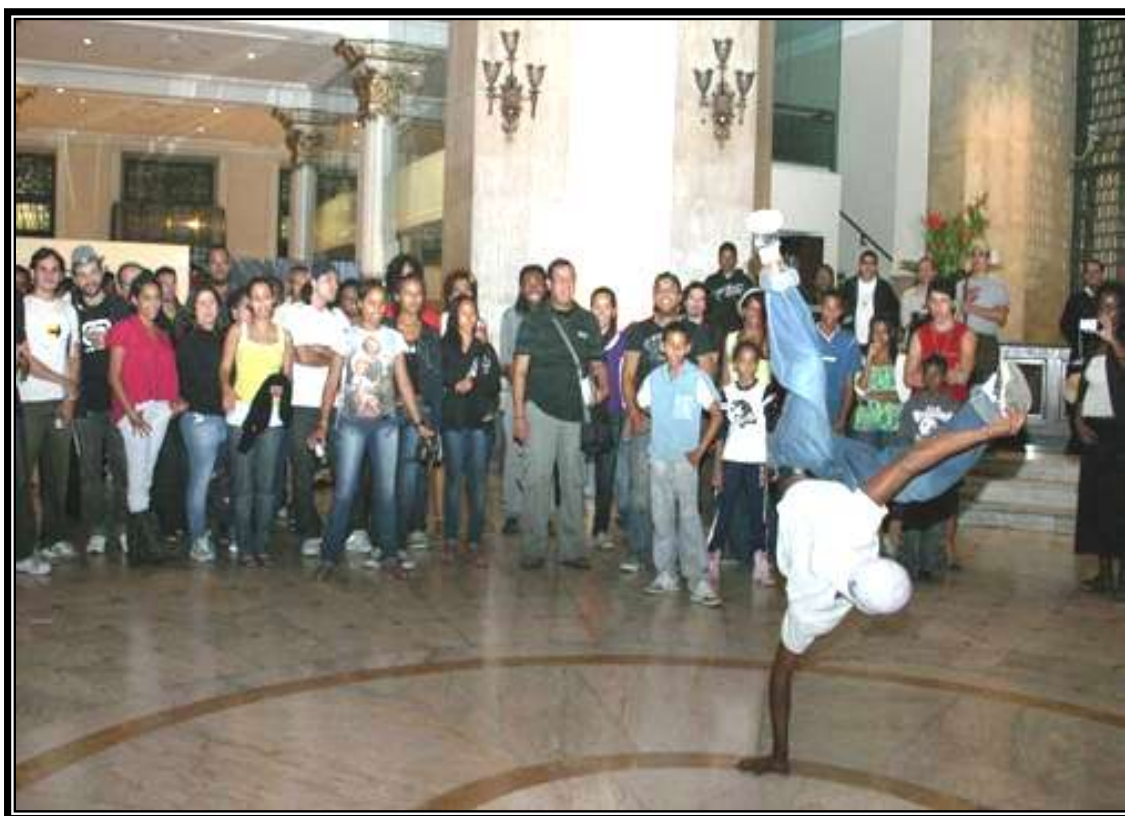


Figura 66 - O estilo e as performances relativas ao Hip Hop deram a tônica da festa de lançamento do CINECUFA.



Figura 67 – Integrantes do Curso de audiovisual da CUFA durante a abertura do evento CINECUFA



Figura 68 - O salão do Centro Cultural Banco do Brasil repleto de artistas e alunos do audiovisual



Figura 69 – MVBILL, na noite de estréia do CINECUFA



5 LUZ, CÂMERA, AÇÃO: DAS TRAJETÓRIAS ASCENDENTES ENTRE MORADORES DA CIDADE DE DEUS.

5.1 Sobre Projetos e Campo de Possibilidades

Durante parte de minha pesquisa de campo investi na idéia de que uma das estratégias utilizadas pelos moradores da Cidade de Deus para lidar com estigmas normalmente associados a eles era mudar para outro local, fora dos limites do bairro. Esta abordagem apoiou-se em grande parte nos estudos sobre favela, os quais vêm sendo classicamente realizados por diversos autores: Perlman (1977), Valladares (1978), Zaluar (1985), Gouveia (2007) dentre outros, interessados em problematizar o impacto causado pelas identificações negativas atribuídas às populações residentes em espaços segregados.

Atualmente, olhando de modo mais distanciado, pergunto-me se, pelo fato dessa pesquisa ter sido realizada por uma ex-moradora do bairro, não estava de certo modo “naturalizando” esta experiência. Percebo hoje, graças aos meus interlocutores, que se em alguns momentos o processo de estigmatização a que são submetidos resulta em uma assimilação ou interiorização subjetiva das identificações negativas a eles atribuídas, outros sentidos, são dados também por eles que, ao manipularem estratégias de ascensão social, são capazes de transformar em valores positivos aquilo que os marginaliza.

Então, passei a me deter no percurso traçado por alguns indivíduos, que apesar de terem conquistado relativa ascensão social, permaneceram no bairro, valendo-se justamente dos estigmas a eles atribuídos para produzirem uma imagem socialmente valorizada. Meu interesse foi perceber as implicações do lugar sobre o campo de possibilidades de escolhas dos moradores, por um lado, as suas influências na “determinação” da gama de opções e, por outro lado, as estratégias postas em curso por eles para conseguirem alargar esse campo, suplantando as limitações do contexto social em que vivem.

Partindo dessa perspectiva, minhas inserções em campo foram se tornando mais definidas – no sentido de um interesse mais específico de minha parte -, e as observações, os diálogos, as entrevistas, o convívio, foram me colocando questões, as quais, no exercício de ir e vir etnográfico me fizeram buscar outros conceitos.

Nessa medida Gilberto Velho e suas análises das *sociedades complexas*²³³ foram bastante inspiradoras.

Gilberto Velho compreende a sociedade complexa urbana e ocidental como espaço de interações sociais no qual as noções de biografia e de projetos individuais são centrais (VELHO, p.1994).²³⁴ Tais noções, entretanto, são permeadas pelo conflito entre individualização (autonomia do sujeito) e totalização (lugar do sujeito no grupo social), sendo impossível pensar o projeto como um fenômeno puramente interno e subjetivo ao indivíduo. As ações individuais estariam assim, circunscritas dentro de um campo de possibilidades, e relacionadas histórica e culturalmente.

Gilberto Velho trabalha com o conceito de *projeto* de forma bastante articulada ao conceito de *campo de possibilidades*. Para o autor, *projeto* estaria ligado a uma operação projetiva, ou seja, em relação ao futuro, que permitiria ao indivíduo organizar uma conduta específica a fim de atingir determinado objetivo. A noção de *campo de possibilidades* permite reconhecer os limites e restrições das ações individuais e de grupos a partir das ofertas da sociedade em que se encontram inseridos.

Como afirma Moraes (2003) seguindo as pistas de Velho, as noções de *projeto* e de *campo de possibilidades* tornam-se importantes porque conseguem aliar duas dimensões da vida social sem tomá-las como um par de oposição excludente: “a dimensão da motivação do ator e a dimensão de sua dependência em relação aos contextos da ação e às motivações de outros atores”.²³⁵

A construção de projetos é que dá sentido a uma trajetória individual, coloca essa trajetória no curso do tempo. O passado, o presente e o futuro são significados pelo indivíduo que faz projetos, tornam-se a sua biografia. Velho chama a atenção, por exemplo, para a importância de estudos que possibilitam a análise de trajetórias

²³³ Sociedades complexas são assim pensadas por Gilberto Velho como sociedades marcadas pela "heterogeneidade e variedade de experiências e costumes, contribuindo para a extrema fragmentação e diferenciação de domínios e papéis, dando um contorno particular à vida psicológica individual. Nessas sociedades, os indivíduos vivem em diversos planos simultaneamente. Ao mesmo tempo em que se têm instâncias da vida social onde figuram significados e valores compartilhados, como nas relações familiares e de parentesco, bairro e vizinhança, grupos de *status*, gerações e outros exemplos; podemos observar também a circulação dos indivíduos entre esses diferentes mundos. VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. . Rio de Janeiro: Zahar, 1994. v. 1. 137 p.

²³⁴ Ibid

²³⁵ MORAES, Andréa Alves. *Mulheres, corpo e performance: a construção de novos sentidos para o envelhecimento entre mulheres de camadas médias urbanas*. Disponível em : <www.antropologia.com.br/tribo/genero/artigos/a2-aalves> Acesso em 3 de março de 2010

individuais “enquanto expressões de um quadro sócio-histórico, sem esvaziá-las arbitrariamente de suas peculiaridades e singularidades” ²³⁶

A noção de projeto procurar “dar conta da margem relativa de escolha que indivíduos e grupos têm em determinado momento histórico de uma sociedade.”²³⁷ Assim, todo projeto, mais ou menos explicitamente, “implica algum tipo de avaliação, uma estratégia, um plano para realizar certas metas, uma noção de tempo com etapas se encadeando”.²³⁸ Um projeto deriva, também, da maneira como os sujeitos significam as circunstâncias, significações que podem se modificar na medida em que o projeto se desenvolve efetivamente, o que supõe também a sua reelaboração. A esta reelaboração Velho intitula metamorfose. Nas Palavras do autor:

Sem dúvida, um sujeito pode ter mais de um projeto, mas, em princípio, existe um principal ao qual estão subordinados os outros que o têm como referência. De forma aparentemente paradoxal em uma sociedade complexa e heterogênea, a multiplicidade de motivações e a própria fragmentação sociocultural, ao mesmo tempo em que produzem quase que uma necessidade de projetos, trazem a possibilidade de contradição e de conflito. Por isso mesmo, o projeto é dinâmico e é permanentemente reelaborado, reorganizando a memória do ator, dando novos sentidos e significados, provocando com isso repercussões na sua identidade [...]. Nesse sentido poder-se-ia até dizer que os projetos mais eficazes seriam aqueles que apresentassem um mínimo de plasticidade simbólica, uma certa capacidade de se apoiar em domínios diferentes, um razoável potencial de metamorfose. Os projetos constituem, portanto, uma dimensão da cultura, na medida em que sempre são expressão simbólica. Sendo conscientes e potencialmente públicos, estão diretamente ligados à organização social e aos processos de mudança social.” (VELHO, 1994, p. 34 -35; 104)

Assim o sentido do projeto é sempre intersubjetivo, ele não existe num vazio, mas em função dos projetos de outros indivíduos, “é um meio de comunicação, um instrumento de negociação da realidade entre os sujeitos”(MORAES, 2003:32).²³⁹ Esse aspecto confere limites e constrangimentos sociais à elaboração de projetos, o que Velho denomina como campo de possibilidades.

A manipulação desse campo pelo indivíduo não é racional, no sentido do cálculo estratégico das opções, mas tem uma forte dimensão consciente. O sujeito avalia significativamente suas possibilidades de escolha.

²³⁶ Ibid

²³⁷ Ibid

²³⁸ Ibid

²³⁹ Ibid

No sentido proposto por Velho, um campo de possibilidades não se refere apenas às estruturas sociais “palpáveis”, embora as englobe, mas ao conjunto de relações sociais intercambiáveis dos indivíduos em um contexto social mais amplo. Assim, são as relações sociais que conformam os projetos individuais e/ou coletivos, estes por sua vez, possibilitam traçar trajetórias maleáveis e em movimento, que abrem e fecham saídas, conectam e desconectam pessoas e lugares de acordo com as relações de interdependências incessantes entre as pessoas e o mundo que as cercam.

A perspectiva aberta por Velho permite, pois, considerar como alguns moradores da Cidade de Deus se diferenciam de seu grupo social, a partir das redes sociais que formam, dos lugares frequentados, das influências que recebem de dentro e de fora do bairro, da família, amigos, vizinhos, etc. Como expandem as margens ou ocupam os interstícios dos lugares sociais onde vivem e, com isto, reinventam trajetórias dissonantes a outros moradores. Neste sentido, dependendo da forma como se configuram as redes sociais, o lugar onde se vive pode ter suas fronteiras expandidas, ou pode ficar delimitado às estruturas sociais locais, as oportunidades de trocas materiais e simbólicas podem aumentar ou diminuir.

Com efeito, analisar o entrelaçamento entre as trajetórias de vida de alguns moradores da Cidade de Deus e o campo de possibilidades posto para eles e como eles lidam com essas possibilidades é o objetivo deste capítulo. Utilizo o conceito de campo de possibilidades assim como proposto por Gilberto Velho (2003), uma “dimensão sociocultural, espaço para formulação e implementação de **projetos**”,²⁴⁰ para compreender melhor as variações nas trajetórias de vida de determinados indivíduos, para entender, por exemplo, os mecanismos através dos quais alguns deles conseguem traçar percursos distintos daqueles comumente associados aos moradores do local.

Trata-se, pois, de compreender o alcance e os limites postos pelo “peso” da origem sócio-espacial destes indivíduos por um lado, e as dissonâncias, as saídas, as variações nas formas de “manusear” as oportunidades e de forjar trajetórias distintas dentro de um mesmo grupo social, por outro, bem como analisar a variedade de situações em um mesmo contexto social. A esse respeito, a partir da pesquisa etnográfica realizada no bairro é possível levantar a hipótese de que

²⁴⁰ Op. Cit., ver nota 232. Grifo do autor

alguns moradores, individualmente, estão traçando trajetórias atípicas, diferentes daquelas recorrentemente associadas a moradores de favelas, a partir da inserção em um campo específico, a saber, o audiovisual.

Nesta perspectiva, apresento a seguir as trajetórias de quatro moradores, por acreditar que elas são especialmente esclarecedoras da dinâmica que informa a construção de projetos individuais de ascensão e mobilidade social ao mesmo tempo em que colocam em relevo a articulação entre estes projetos e o campo de possibilidades. Detenho-me nestes casos justamente por estes serem indicativos da complexidade das narrativas e experiências vivenciadas por muitos dos moradores do bairro e que podem apontar para aspectos importantes na compreensão do modo de vida de populações segregadas.

Vale lembrar que estes casos foram escolhidos entre inúmeras entrevistas feitas ao longo da pesquisa de campo na Cidade de Deus porque são especialmente significativos no que se refere à mobilização de recursos materiais e simbólicos para a produção de trajetórias ascendentes. Estes casos apresentam, ao mesmo tempo, uma enorme riqueza em termos singulares – quanto à trajetória individual - e acabam, no conjunto, por ser especialmente esclarecedores da diversidade de interações e experiências presentes no lugar.

Neste sentido, a relevância do estudo das trajetórias destes indivíduos relaciona-se à sua capacidade de desvelar o movimento de trajetórias coletivas. Isso porque, como diz Ferreira (2006), inspirando-se em Cabanes (2001),²⁴¹ “as trajetórias individuais manifestam estruturas mais amplas da sociedade por meio de fatos da vida cotidiana.”²⁴² Isso não significa que pretendo generalizar os resultados alcançados pelo estudo das trajetórias, todavia, eles apontam processos que participam de fenômenos sociais mais amplos. Afinal, como diz Bourdieu (1998) “os deslocamentos dos indivíduos pelo espaço social não são aleatórios, orientados pela sorte ou pelo azar, mas obedecem a forças que organizam esse espaço, a eventos coletivos relacionados à ampla estrutura social.”²⁴³

²⁴¹ CABANES, R. Apud FERREIRA, Maria Inês Caetano. Jovens pobres na favela: múltipla escolha para quê, se no fim nada dá em nada? *Imaginario*, São Paulo, v.12, n.12, jun. 2006. Ver: CABANES, Robert. “Quelle approche biographique?” *Révue Internationale de Psychologie*, vol.VI, n.º14, 2000, 1-17.

²⁴² FERREIRA, Maria Inês Caetano. Jovens pobres na favela: múltipla escolha para quê, se no fim nada dá em nada? *Imaginario*, São Paulo, v.12, n.12, jun. 2006.

²⁴³ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 183-192.

5.2 Dos relatos e narrativas: os percursos traçados

5.2.1 Pela lente dos sonhos: Tony Barros

Conheci Tony Barros em um desfile de moda organizado por ele em junho de 2007 na principal Praça da Cidade de Deus. Na ocasião, apenas travamos um rápido contato, dado o grande número de pessoas que o interceptavam ou faziam questão de cumprimentá-lo. Meu interesse em conhecer sua trajetória decorreu, em primeiro lugar, da visibilidade que ele possui no local, atestada por diversos moradores que veem nele um exemplo a ser seguido. Além disso, já conhecia sua fama como fotógrafo do “Viva Rio” – organização não governamental ligada à promoção de cultura e desenvolvimento social. Contudo só tive a oportunidade de entrevistá-lo a partir da frequência a uma série de eventos realizados pela escola de modelos Lentes dos Sonhos, projeto social que funciona a seis anos no bairro e o qual ele coordena.

Fomos nos aproximando neste processo de forma gradativa diante de sua agenda sempre lotada de atividades e compromissos profissionais. A entrevista, realizada três meses depois de nosso primeiro contato, ocorreu em uma manhã de quinta-feira na “Del Rey”, estabelecimento comercial situado na parte “central” do bairro, uma mistura de loja de conveniência, bar e padaria. Acomodados em uma mesa, Tony, que ainda não tinha tomado o café da manhã, pediu para que o atendente nos servisse uma “média”, tradicional refeição composta de café com leite e pão com manteiga. Muito simpático, de imediato desculpou-se por ter marcado nosso encontro ali, justificando a escolha pelo fato de sua casa estar em obras. Nossa conversa transcorreu leve, com o relato de suas lembranças e valores, o significado dos contatos com diferentes pessoas – desde amigos que se tornaram bandidos até membros das camadas médias e altas. Fato que, aliás, ele relata com orgulho, enfatizando que “sempre soube entrar e sair da favela”. A propósito, este parece ser um termo recorrente entre muitos moradores, revelando a importância atribuída à ideia de circular por diferentes espaços como aspecto que propicia um acúmulo de capital material e simbólico para uma trajetória bem sucedida.

Tony Barros é nome artístico, me explica ele, revelando seu nome completo: Luis Antonio Monteiro Barros. Negro, de estatura mediana, 43 anos impossíveis de serem percebidos dada à aparência jovial de sua face e o jeito despojado de trajar-se, alternando o uso de blazers de bom corte e calça jeans de marcas conhecidas, é surpreendentemente eloquente e articulado para quem só cursou os primeiros anos do ensino fundamental.

Seu relato começa pelo drama da transferência de sua mãe para o bairro. Removida da Praia do Pinto, favela da Zona Sul da cidade, e abandonada pelo marido, grávida, com mais quatro filhos pequenos para criar, ela aceitou a oferta de um homem mais velho para morar na Cidade de Deus. Foi lá que Tony nasceu. Do pai nunca teve notícias. Foi registrado pelo padrasto que, segundo ele, era homem “de comportamento austero” com quem tinha grandes dificuldades de relacionamento. Contudo, as lembranças que tem da infância são boas, envolvidas por certa nostalgia de um tempo que parece ainda guardar na memória.

Eu tive uma infância muito boa, não faltava nada para mim e meus irmãos. Morávamos em uma casa próxima onde é hoje a escola de samba, do lado tinha um terreno baldio, cheio de mangueiras e tamarineiros. Brincávamos soltos na rua sem qualquer preocupação, não se ouvia nem falar em tráfico, não existia naquela época. A maior aventura para as crianças era subir nas árvores e comer a fruta no pé. Eram outros tempos, muito mais felizes e tranquilos. (Entrevista realizada em junho de 2007)

Sua narrativa, porém, assume outros contornos ao falar da morte prematura da mãe quando ele tinha apenas 10 anos de idade:

A morte de minha mãe mudou a vida de todo mundo. Foi uma barra, já pensou o que é para um menino de 10 anos perder a mãe. Todos pensavam que eu ia me tornar um marginal sem pai e mãe. Uma coisa ruim mesmo, que não daria para nada. Nós fomos divididos entre os parentes de minha mãe, cada um foi para um canto, só minha irmã mais velha ficou na casa da Cidade de Deus. Eu fiquei com um tio meu que morava na Cruzada São Sebastião. Foi uma época difícil. Eu não me ajustava aos padrões que meu tio queria impor e tinha muitos problemas com ele.

Apesar de enfatizar as grandes dificuldades por que passou no período posterior à morte da mãe, Tony vê um lado positivo nesta experiência. Segundo ele, o fato de mudar-se para a Cruzada São Sebastião, na Zona Sul do Rio, “ampliou sua visão de mundo”, já que pôde conhecer lugares e pessoas que não teria tido

oportunidade morando na Cidade de Deus. Não tardou, entretanto, para que retornasse ao local em que nasceu. Em 1979, com 15 anos, como um adolescente “rebelde” e “questionador”, foi “devolvido” pelo tio à irmã, única parente que permanecera no bairro. Para Tony, isto provocou uma virada em sua vida. Esta época correspondeu exatamente ao momento de maior recrudescimento da disputa entre quadrilhas pelo domínio dos pontos de tráfico e, conseqüentemente, ao aumento de mortes entre adolescentes no local. Ele conta que, embora nunca tenha se envolvido diretamente com drogas ou com práticas criminosas associadas a tal ato, conviveu muito de perto com “bandidos”, cuja fama ultrapassava os limites da comunidade. Deste contato resultou não só uma compreensão peculiar daqueles que enveredaram por esse caminho, o qual afirma ser uma “escolha”, mas também a determinação em não fazê-lo.

Quando voltei para a Cidade de Deus, era o pior momento para um adolescente morar aqui. Havia todo um clima de terror por causa do tráfico. As pessoas tinham medo dos moradores, fosse trabalhador ou bandido. Os jornais noticiavam quase todo dia alguma coisa ruim sobre o bairro. Eu era jovem e isto não fazia muito sentido. Para mim era todo mundo morador, vizinho, amigo. Eu joguei bola com muitos garotos que depois acabaram por se tornar bandidos. Independente da escolha que fizeram, eles eram amigos, companheiros mesmo. Minha irmã dizia que eu ia acabar como eles, um bandido também. Eu ficava com muita raiva, porque eu tinha uma compreensão diferente. Eles eram garotos iguais a mim, só que fizeram a escolha errada. Eu não queria aquela vida para mim de jeito nenhum. Eu nunca tive envolvimento com nada ilícito, mas minha irmã não entendia isto. Para ela eu me tornaria bandido também.

Tony atribui a proximidade com estes jovens um dos motivos para a irmã tê-lo internado em um abrigo para menores infratores, o Instituto Padre Severino.²⁴⁴ Isto mudaria, segundo ele, definitivamente sua vida. Entretanto, diferente de relatos onde comumente as lembranças da experiência em situações de confinamento são sempre marcadas por sentimentos de mágoa e sofrimento²⁴⁵, os de Tony são surpreendentemente bons. Com passagens irregulares pela escola, mas com um bom nível de leitura e escrita somado à habilidade para desenhar, a estratégia

²⁴⁴ O Instituto Padre Severino (IPS), localizado na Ilha do Governador, na Praça do Avião, foi criado em 1954 com o objetivo de ser uma unidade de atendimento direto aos adolescentes do sexo masculino aos quais são atribuídas práticas infracionais.

²⁴⁵ Ver, nesse sentido, o clássico “Memória, Esquecimento, Silêncio” de Michael Pollak, bem como o trabalho de ASSIS, S. G. ; CONSTANTINO P. (2001) sobre a experiência de mulheres na prisão. POLLAK, M. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p.3-15, 1989.; ASSIS, S. G.; CONSTANTINO P. *Filhas do Mundo: infração Juvenil no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.

construída por ele, naquelas circunstâncias, foi se engajar em atividades ligadas às artes e à alfabetização de menores oferecidas pela instituição. Em pouco tempo, diz, estava plenamente adaptado ao “sistema”. Angariara não só o respeito de outros internos, como também dos funcionários, sobretudo do assistente social de quem se tornou amigo. A tal ponto se envolveu com o trabalho na instituição que, quando prescreveu o período de 45 dias previstos para sua estada no local, ele pediu para ficar.

Eu tinha comida, roupa lavada e uma atividade da qual eu gostava, me sentia respeitado e valorizado. Isso me realizava. Por que sair de um lugar em que eu me sentia bem? Os funcionários não entenderam nada, porque todo menor que ficava internado tinha ódio do lugar, mas eu não. Gostava de lá, queria continuar fazendo algo diferente.

O pedido terminou por se desdobrar na transferência para outro abrigo, o Educandário João Luis Alves²⁴⁶. Lá, utilizando a mesma estratégia anterior, ele permaneceu dois anos atuando em atividades de ajuda à recuperação de menores usuários de drogas. Um dos aspectos mais significativos de seu relato, porém, é a importância que atribui ao fato de ser morador da Cidade de Deus, como parte determinante no processo de integração a estas instituições. Segundo ele, isto inspirava, por um lado, a confiança de outros internos, o que facilitava a aproximação e, por outro lado, despertava admiração nos agentes institucionais que o viam como um “marginal regenerado”, tratando-o, assim, de forma respeitosa.

Quando eu cheguei ao Educandário, minha ficha já estava pronta. Todos sabiam de minha passagem pelo Padre Severino e de minha atuação lá. Eu fui recomendado pelo assistente social que falou do meu trabalho e pelo juiz que expediu minha internação. Mas minha origem estava lá na ficha também, eu vinha da Cidade de Deus, e isto tinha um peso. Menor, morador da Cidade de Deus e internado, só podia ser bandido e dos bons. Mas eu usei isto a meu favor. Eu fiz do limão uma limonada. Ser morador da Cidade de Deus, nestes lugares, me abriu portas, e eu usei isto a meu favor.

²⁴⁶ Escola João Luiz Alves (EJLA) - Localizada na Ilha do Governador/RJ, foi fundada em 1926 pelo então Presidente da República, Dr. Arthur Bernardes. Trata-se de uma unidade de internação para adolescentes em conflito com a lei do sexo masculino. É a Unidade do DEGASE que possui melhores condições no processo de ressocialização dos adolescentes, contando com escolarização, oficinas, assistência religiosa, etc. Recebe adolescentes em conflito com a lei da faixa etária de 12 a 18 anos oriundos da capital e do interior do estado para o cumprimento de medidas de internação. Dados disponíveis em: www.sinddegase.org.br Acesso em 23 de maio de 2010.

Quando completou 18 anos, idade limite para permanecer no educandário, Tony teve de deixá-lo. Sua atuação, porém, lhe rendeu o convite para trabalhar como educador social na Fundação São Martinho²⁴⁷, auxiliando na integração de crianças e adolescentes moradores de rua, através de ações lúdicas e pedagógicas. Embora muito jovem, a convivência nos internatos tinha lhe dado experiência e repertório suficientes para lidar com tal atividade, assim, rapidamente tornou-se popular entre os membros da equipe. Foi nesta época que a fotografia entrou em sua vida, explica ele. “A realidade era tão cruel que para descrevê-la precisava fotografá-la.” Com poucos recursos técnicos, mas sensibilidade aguçada, as fotos que produzia acabou por chamar atenção do coordenador do projeto que o incentivou a seguir carreira na área:

Nós trabalhávamos retirando menores das ruas. A aproximação não era fácil, muitos viviam como bichos, estavam animalizados mesmo. Para descrever com toda força o que via era difícil sentia que as pessoas não captavam, não eram capazes de compreender a realidade. Tinham meninos que ficavam cheirando cola o dia todo, não sabiam nem mais o nome da mãe ou de onde vinham. Então eu tive a ideia de fotografar. Era uma forma de tornar presente, de mostrar o que eu estava falando. Eu não esperava que as fotos dessem tão certo. As pessoas ficavam impressionadas. As fotos em preto e branco eram intensas e começou a chamar a atenção das pessoas para o projeto. Eu sempre desenhei bem, sempre gostei de imagem, mas a fotografia foi diferente. Parecia que meu olho e a câmera eram uma coisa só. O coordenador da Fundação começou a me dar força para eu continuar, para me profissionalizar, para me tornar fotógrafo mesmo.

Entretanto, trilhar este caminho não foi uma decisão fácil. De volta a Cidade de Deus, Tony enfrentou a resistência da irmã, que via na atividade da fotografia uma forma de ele não se inserir no mercado de trabalho formal e, por isso, o pressionava a arranjar um emprego de carteira assinada. Somada a isto, havia ainda a falta de recursos financeiros para arcar com os custos de profissionalização na área. A saída encontrada por ele na ocasião foi alternar as atividades realizadas na Fundação São Martinho, onde permaneceu por cinco anos, e o trabalho de garçom em um restaurante da Barra da Tijuca. Paralelamente, ele ingressou em cursos gratuitos de fotografia oferecidos pelo SENAC. A realização destes cursos, apesar da restrita formação que oferecia, permitiu que Tony se colocasse de forma mais efetiva diante da perspectiva de seguir carreira como fotógrafo:

²⁴⁷ Associação Beneficente São Martinho é uma organização não governamental criada em 1984, com a finalidade de atender crianças e adolescentes entre 6 a 18 anos incompletos em situação de “risco social”. Atua nas áreas jurídicosocial e na iniciação profissional de adolescentes. Dados disponíveis em: <http://www.saomartinho.org.br> Acesso em 23 de maio de 2010.

Eu trabalhava na fundação de dia e dava duro como garçom de noite, eu precisava me sustentar. Mas não era isso que eu queria, eu queria viver outra coisa. Eu comecei a fazer cursinhos no SENAC e os professores diziam que eu tinha jeito para coisa, e eu comecei a apostar nisso. Comecei a conhecer gente que vivia da fotografia, se sustentava fazendo o que gostava. Por que eu não poderia?

Para Tony, contudo, a opção pela fotografia não se restringia a uma escolha profissional em si, mas também correspondia à adoção de determinado estilo de vida²⁴⁸ distinto daquele considerado típico a jovens pertencentes a segmentos populares:

Minha irmã queria isso, que eu trabalhasse de carteira assinada, que fosse pedreiro, garçom, boy, qualquer coisa, mas tivesse carteira assinada. Ter carteira assinada não significava nada para mim. Eu não me via com uma profissão normal, convencional, esperando o salário certo no final do mês igual a todo mundo. Eu sabia que podia fazer algo mais, eu queria algo diferente daquilo. A fotografia poderia me dar isso e eu tinha que investir nisso. Era a forma que eu queria viver.

Consciente de sua habilidade, em poucos meses, Tony largou o emprego de garçom e decidiu investir na carreira de fotógrafo, realizando trabalhos “free lance” em festas e casamentos. Esta atitude, entretanto, acirrou os conflitos já existentes entre ele e a irmã, culminando com uma disputa judicial pela posse da casa em que moravam na Cidade de Deus. A contenda foi ganha por ele, já que o imóvel estava em nome do padrasto de quem era o único herdeiro, mas as marcas que deixou acabariam determinando o afastamento por completo da única parente com quem ainda mantinha contato.

Eu nunca tive um relacionamento bacana com minha irmã, aliás, nunca tive qualquer relação, primeiro porque ela me afastou muito cedo, quando me deu pro meu tio criar, depois quando me internou. Eu sempre questioneei muito isso. Meu padrasto, o homem que me registrou como filho, era funcionário público e quando ele morreu eu tinha direito a pensão, mas nunca vi qualquer dinheiro. A casa que ele deixou era minha por direito, mas minha irmã me tratava como se eu morasse de favor. Ela afastou todo mundo da vida dela, os meus irmãos e eu. (...) Depois da briga na justiça nunca mais tivemos contato, eu não quis mais procurá-la, eu nunca tive família mesmo. Minha família foram meus amigos.

²⁴⁸ O sentido atribuído aqui para a noção de “estilo de vida” é aquele o qual Schutz denominou como “um código de orientação e interpretação para as ações dos atores individuais” (1979:83). Ver: SCHUTZ, A. *Fenomenologia e relações sociais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

Este rompimento dos laços familiares talvez seja o principal motivo para que Tony afirme ser a família uma instituição falida, percepção que utiliza para justificar, inclusive, sua condição de “solteiro convicto”. Embora tenha tido uma filha, atualmente com 14 anos, fruto de um envolvimento amoroso quando tinha 29 anos, ele nunca casou ou diz pretender fazê-lo, conferindo assim às relações de amizade um valor fundamental em sua vida.

Meus amigos sempre foram a minha família. Graças a Deus a família é grande, eu tenho muitos amigos. Eles são tudo para mim. Eu não faço distinção se são pretos, brancos, ricos e pobres, se moram na favela ou em mansões. Todos são amigos. Foram eles que me fizeram. Se hoje eu sou Tony Barros eu devo a eles que acreditaram em mim, que me deram força, que me acolheram. E isso é tudo para mim.

Os amigos são assim vistos como essenciais em sua trajetória, sendo a eles atribuídas às conquistas pessoais e profissionais que obteve. Essa valorização intensa das relações de amizade não significa, porém, a ausência da afirmação do talento e dedicação pessoal como elementos por excelência definidores de seu sucesso. Para Tony, o fato de ter construído uma carreira bem sucedida como fotógrafo e ser reconhecido como um exemplo para os moradores da Cidade de Deus é fruto antes de tudo de suas escolhas e de seu esforço pessoal.

Eu sempre contei com o apoio de amigos. Mas eu tenho plena consciência de que a nossa vida é o resultado de nossas escolhas. Eu escolhi tudo que eu quis para mim. Podia ter sido bandido ou pedreiro, mas eu quis ser fotógrafo. Eu quis ser Tony Barros. Eu desenvolvi minhas potencialidades, eu as direcionei para o que eu queria para mim. Eu posso, você pode, basta perseguir, traçar um plano e seguir o plano. É preciso saber aproveitar o que se tem de melhor, agarrar cada oportunidade com unhas e dentes, porque elas não surgem do nada, você as cria também.

Foi através deste empenho pessoal que Tony diz ter conquistado o que considera a maior oportunidade de sua carreira, o posto de fotógrafo da organização não governamental Viva Rio. Lá ele atuou por oito anos, trabalhando em matérias especificamente voltadas à realidade das favelas, além de ter ajudado a criar os sites Viva Favela e Beleza Pura, portais de grande repercussão que integram a organização.

Eu soube do Viva Rio através de um amigo. A princípio fiquei em dúvida, se eu tinha as qualificações necessárias, mas eu não podia deixar de conferir, eu não podia me render. Então fui lá e fiquei encantado com a proposta. Eu vi um mundo de possibilidades se abrir, me empenhei muito, me joguei de corpo e alma. Aprendi muito. Conheci muita gente, aprendi muito. O Viva Rio me abriu várias portas, eu, é claro, atravessei todas.

O ingresso no Viva Rio significou para Tony um verdadeiro divisor de águas. Segundo ele foi a partir desta inserção que obteve reconhecimento e maior visibilidade para seu trabalho. Além disso, pôde se especializar através de cursos realizados na própria fundação e/ou custeados por ela. Contudo, é na transformação do “olhar” como fotógrafo que recai a maior importância atribuída à instituição em seu percurso:

No Viva Rio consegui ver o outro lado da fotografia. Isso mudou tudo. Antes não tinha visão jornalística, meu olhar era muito restrito. Aprendi muito com as pessoas lá. Hoje vejo a fotografia num contexto social mais amplo. Sei que ela pode transformar e melhorar a qualidade de vida. Quando trabalhava recolhendo a população de rua, via a situação das crianças que estão à margem da sociedade. Fotografando consigo mobilizar mais pessoas para mudar essa situação precária.

Neste processo, um dos aspectos valorizado particularmente por Tony foi o incentivo e apoio de Sandra Delgado, redatora e produtora, do Viva Rio. Graças a ela, aprendeu técnicas de edição, luz e tratamento digital de fotografia.

A Sandra foi essencial em minha vida, enquanto outros prendiam informação, ela fazia questão de ensinar tudo que sabia. Me dava liberdade criativa e incentivava meu trabalho. Com ela descobri os meandros da edição e das fotos jornalísticas. Aprendi a ter um outro olhar sobre o que eu fazia. Ela me ajudou muito, principalmente a fazer as escolhas certas sobre o material que eu produzia.

Foi Também de Sandra a idéia que alavancaria de vez sua carreira profissional. Em julho de 2001, por ocasião da criação do Site Viva Favela, um dos braços do Viva Rio, seguindo sugestão dada por ela, Tony realizou uma série de fotografias na Cidade de Deus cujo objetivo principal era mostrar um lado “diferente” do bairro. Uma das fotos chamou especial atenção da equipe, a de uma bonita jovem posando sobre uma ponte de madeira, tendo ao fundo barracos muito

precários. Feita originalmente em preto e branco, a imagem acabou por se tornar destaque em uma das publicações do site. A seguir a foto:

Figura 70 – A foto “emblemática”: primeiro ensaio feito por Tony Barros, publicado originalmente no Site Viva Favela na matéria intitulada “Lentes do amor” postada em agosto de 2001.



“Lente do amor” foi o título dado à matéria em que emblemática foto apareceu. Tratava-se de uma reportagem sobre a “face” bonita das favelas e

obteve tanta repercussão que em poucos dias o site recebeu milhares de postagens e comentários, sobretudo, a respeito das imagens produzidas por Tony.

Quando comecei a fotografar a Cidade de Deus, comecei pelas paisagens, depois pelas casas, porque lá tem casas que são verdadeiras mansões em meio à favela. Aí uma amiga pediu para fazer um book dela, tirar fotos artísticas dela, mas ela queria fotografar na Zona Sul porque as pessoas têm o costume de achar que o que é bonito está lá. Para ficar diferente, fiz de tudo para convencê-la a fazer onde moramos. Quis mostrar que a favela tem sua beleza mesmo que se viva com precariedade. E acabou dando certo, as fotos publicadas no Viva Favela explodiram, tiveram uma repercussão incrível. Os comentários eram maravilhosos. O resultado ficou perfeito.

Diante da repercussão inicial das fotos, Tony, encorajado pela editora chefe do portal, produziu um novo ensaio utilizando o mesmo cenário: a Cidade de Deus. Desta vez, o tema aludia ao dia dos namorados. O resultado, apresentado pelo site Viva Favela em 10 de junho de 2002, chamou atenção não só dos profissionais com quem trabalhava, mas também de dois jornais cariocas, “O Dia” e “Extra”, os quais publicaram, no mesmo ano, suas fotos.



Figura 71 Foto de Giselle Guimarães, moradora da Cidade de Deus e aspirante a modelo. Feita por Tony Barros em março de 2002 no seu segundo ensaio fotográfico para o site Viva Favela.²⁴⁹

²⁴⁹ Disponível em <http://lentedossonhos.blogspot.com>

Figura 72 – Gisele Guimarães em revista de moda do Jornal “O Dia”. Foto de Tony de Barros²⁵⁰



Impulsionado pelo sucesso das fotos e ainda com o apoio de Sandra Delgado, Tony iniciou uma série de contatos com agências especializadas em moda, porém, logo descobriria que o interesse de tais empresas dirigia-se mais às modelos por ele fotografadas do que propriamente a seu trabalho como fotógrafo. A estratégia utilizada por ele à época foi criar sua própria agência. Surgia assim, no ano de 2002 na Cidade de Deus a Escola de Modelos Lentes dos sonhos.

²⁵⁰ Fonte: Disponível em <http://lentedossomhos.blogspot.com>

Quando meu trabalho alcançou projeção, eu recebia muitos telefonemas de empresas e agências no Brasil e no exterior, mas comecei a perceber que o caminho era muito difícil, porque eles estavam interessados nas meninas. A idéia de modelos fotografadas em favela ainda era uma novidade e eles queriam trazer sua própria equipe que incluía fotógrafos famosos. Eu me preocupava também com as meninas. Eu comecei a dar orientação para elas, fazer um trabalho mais de empresário mesmo. Já possuía um sonho antigo de fazer alguma coisa usando a fotografia pra uma causa social, então juntei as duas coisas: o meu trabalho a esta vontade e aí surgiu o Lente. Aproveitei o nome dado pelo site naquele primeiro ensaio, mas substitui pela palavra sonho porque a palavra amor poderia dar um duplo sentido.

Inicialmente, juntaram-se a Tony no projeto da agência um professor de dança, um professor de teatro e as duas modelos fotografadas no primeiro ensaio, todos moradores do bairro. Em pouco tempo, porém, ele passou a contar apenas com Gisele Guimarães, modelo que além de professora dividia com ele a coordenação do projeto. O objetivo era oferecer, na escola de moda, como ele gosta de chamar, cursos para crianças e adolescentes, através dos quais os alunos poderiam não apenas se profissionalizar, mas “serem afastados do ambiente hostil de violência da Cidade de Deus e resgatar sua auto-estima.”

Rapidamente o curso alcançou grande expressividade entre os moradores do bairro, obtendo em sua abertura aproximadamente 60 inscrições. Sem sede própria, a princípio, as aulas aconteciam três vezes por semana na Igreja Anglicana, localizada na Rua Edgard Werneck, principal via do bairro. Foi somente em 2005 que Tony passou a centralizar as atividades do projeto em uma sala alugada por ele na mesma rua da Igreja. Ele arcava com todas as despesas do curso, oferecendo gratuidade a todos os alunos, sendo sua única exigência a exclusividade sobre o agenciamento dos modelos cujo trabalho estivesse associado à Lente dos sonhos.

Embora a escola não possa fornecer diplomas ou qualquer certificação por não possuir ainda registro, segundo Tony, ela se constitui em um importante canal de acesso e preparação para um mercado de trabalho promissor. Ênfase que é dada inclusive quando revela a diversificação de conteúdos oferecidos aos aspirantes de modelo que frequentam seu curso. Além das aulas de passarela, os jovens têm orientação sobre etiqueta, comportamento à mesa, postura corporal, maquiagem e penteado, requisitos essenciais para ingressarem no campo da moda.

Para Tony a criação da escola significou a realização de um antigo sonho. Através dela, diz ele, seu trabalho ganhou outro sentido associado a uma perspectiva essencialmente educativa de formação e integração social de crianças

e jovens da comunidade. Para viabilizar o “sonho”, ele conta com ajuda dos próprios moradores da Cidade de Deus, geralmente as mães dos aspirantes a modelos que atuam como voluntárias, participando da limpeza e manutenção da sala onde funciona o projeto e também de parcerias com instituições ligadas à arte e à moda no Rio de Janeiro.

Contudo, se a ênfase dada por Tony à criação do projeto revela uma preocupação com a comunidade em que reside, ele não esconde, porém, sua importância como fator determinante no reconhecimento de seu trabalho como fotógrafo. Segundo ele, foi justamente através de sua atuação na idealização e coordenação da escola de modelos voltada a jovens moradores da Cidade de Deus que seus ensaios ganharam maior visibilidade, obtendo assim, a projeção necessária para atrair não só a atenção de revistas e empresas famosas no campo da moda, como também parcerias que contribuem para manutenção do projeto.

Entre estas parcerias, Tony cita o Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro com quem firmou um acordo garantindo a alguns de seus alunos bolsas de estudos. Além disso, o contato com a instituição favoreceu sua aproximação com profissionais ligados à área da moda internacional como, por exemplo, o jornalista e cinegrafista francês Vincent Rimboux que, encantado com a proposta, patrocinou sua ida e a de Gisele Guimarães à Semana de Moda realizada em Paris em maio de 2007.

A participação de Tony e de Gisele no evento contribuiu ainda mais para atrair a atenção da mídia e de especialistas em moda para o trabalho desenvolvido na Escola. De volta ao Brasil, eles trouxeram na bagagem não só a experiência da viagem internacional, mas também importantes contatos com revistas e agências no Canadá, Alemanha, Itália, assim como na França. A Lente dos Sonhos, ele revela, acabou assim por se tornar mais conhecida no exterior do que no Brasil, devido à receptividade dos estrangeiros a este tipo de trabalho. Em relação a este aspecto, diz:

Ir a Paris foi um marco para nosso trabalho. As pessoas começaram a perceber que o que fazíamos era sério, tinha futuro. Diferente do Brasil, lá fora eles valorizam este tipo de trabalho. Eles têm um fascínio pela beleza da mulher brasileira e o fato de termos saído da favela atraiu ainda mais a atenção dos estrangeiros. Nós acabamos inaugurando esse jeito de fazer foto de modelos em favelas, num ambiente que antes era somente associado à pobreza e à marginalidade. Isto foi a grande novidade.

Figura 73 - Tony Barros posa em frente a Torre Eiffel por ocasião de sua participação na última semana de moda de Paris em maio de 2007. ²⁵¹

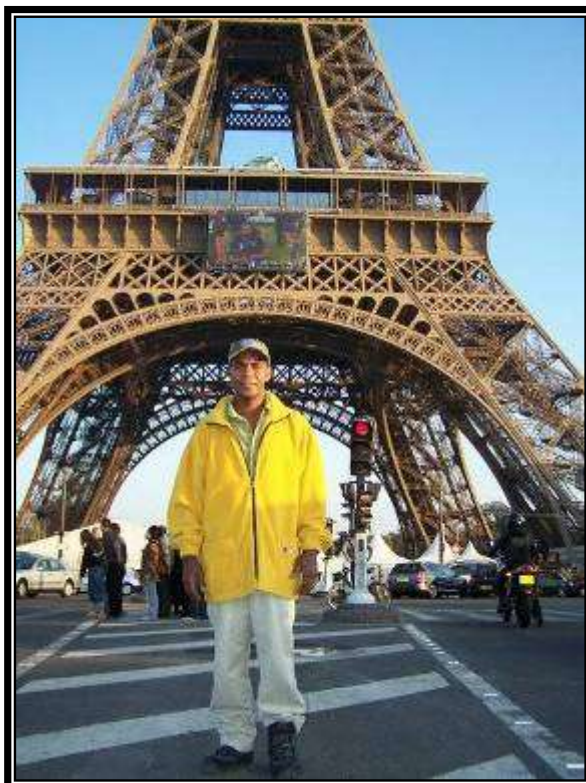


Figura 74 - Reportagem do jornal “O Dia” sobre a participação do projeto Lente dos Sonhos na Semana de Moda de Paris. Na foto feita Por Tony de Barros, a modelo Gisele Guimarães. ²⁵²

²⁵¹ Fonte: Disponível em <http://lentedossonhos.blogspot.com>

²⁵² Fonte: Disponível em <http://lentedossonhos.blogspot.com>

Embora enfatize a beleza e o profissionalismo das modelos que atuam na Escola, Tony reconhece que o grande interesse das agências de moda em geral e da mídia em particular em torno do projeto está na peculiaridade por ele revelada: “é o contraste entre o belo e o feio que fascina, esta é a grande novidade que eu trouxe para o mundo da moda,” diz ele, referindo-se ao fato de todas as jovens serem pobres e residirem na Cidade de Deus.

Com efeito, o filão descoberto por ele não passou despercebido aos olhos da imprensa especializada, pois nos meses que se seguiram à apresentação em Paris, o projeto foi alvo de diversas reportagens, nas quais o maior destaque foi mesmo o lugar de origem das modelos. A seguir algumas das reportagens realizadas:

Figura 75 – reportagem publicada pela Revista “Fame” de Nova York em julho de 2007.²⁵³



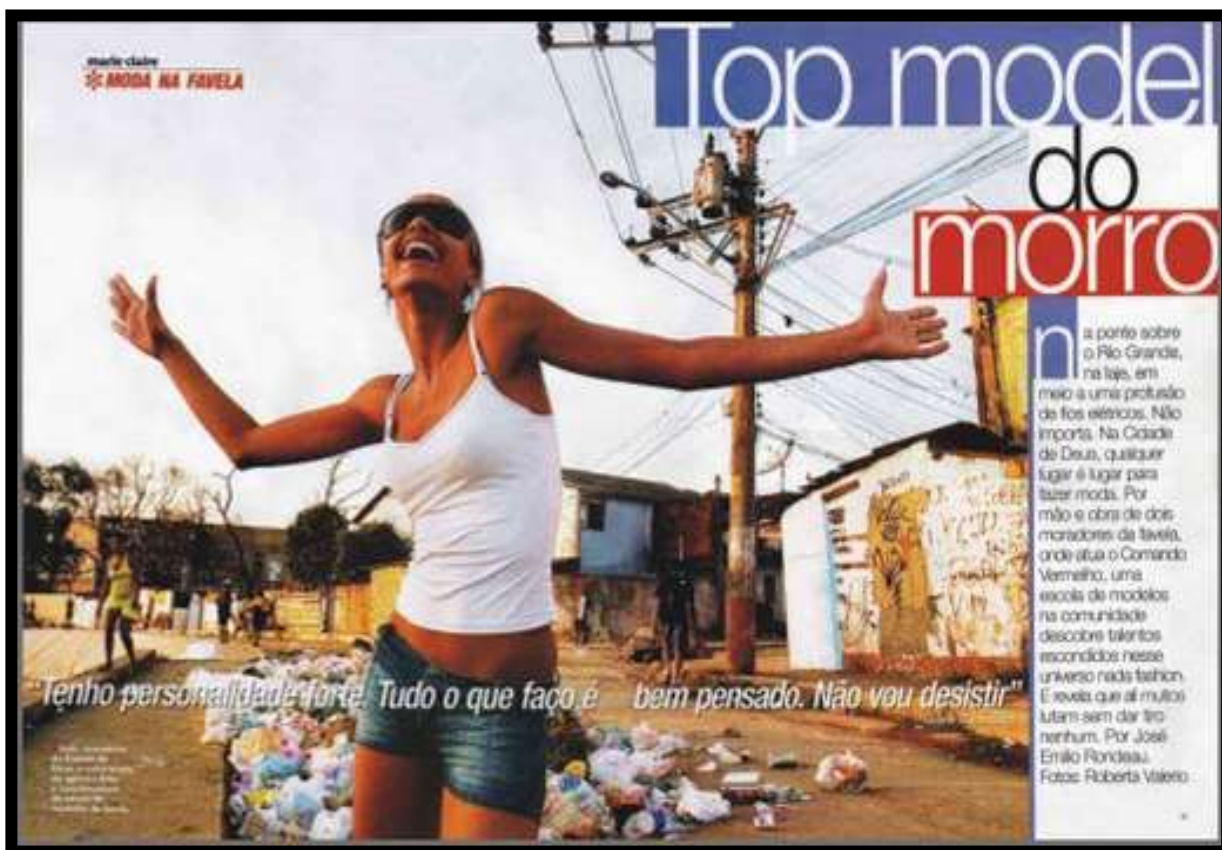
²⁵³ Fonte: Disponível em <http://lentedossonhos.blogspot.com>

Figura 76 - Reportagem publicada pela Cosmopolitan de Paris em Setembro de 2007 ²⁵⁴



²⁵⁴ Fonte: Disponível em <http://lentedossonhos.blogspot.com>

Figura 77 e 78 - reportagem da Revista Marie Claire brasileira feita em agosto de 2007.²⁵⁵



²⁵⁵ Disponível em <http://lentedossonhos.blogspot.com>

Entretanto, a visibilidade alcançada não se restringiu apenas ao projeto em si, mas também a uma de suas principais estrelas, Gisele Guimarães que, com intuito de consolidar a carreira individual saiu da escola no final de 2007. Seu afastamento provocou um grande abalo nas atividades realizadas na escola, determinando seu fechamento por cerca de dois meses. Diante disso, Tony percebeu a fragilidade da organização, decidindo então reorientar suas bases. Deixando de lado a perspectiva de atividade voluntária que a agência possuía, iniciou a contratação de profissionais de diversas áreas para dar continuidade ao trabalho. O objetivo era tornar-se uma associação civil para posteriormente transformá-la em uma ONG, conforme explica:

A saída de Gisele foi uma perda, porque as meninas viam nela uma referência, quando ela nos deixou, pensei que seria o fim de um sonho, literalmente. Ela era a nossa única professora de passarela e nossa modelo de maior sucesso, ela traduzia perfeitamente a missão da escola. A equipe que ajudava a escola, cabelereiras, maquiadores, preparadores corporais enfim todo o pessoal era comandado por ela, trabalhavam voluntariamente por causa dela, eram amigos dela. De modo que quando ela nos deixou, essas pessoas dispersaram, porque não tinham assim uma visão maior do projeto. Eu mesmo fiquei desorientado, Gisele era muito importante pra mim. Então resolvi fechar a escola para pensar e ver o que ia fazer para prosseguir. Hoje vejo que esse tempo foi bom para me ajudar a pensar e retornar com maior força. Isso me ensinou uma grande lição, porque na verdade, eu precisava deixar de pensar pequeno, precisa tirar a escola do fundo do quintal e transformá-la em algo maior, porque a Lente dos sonhos é maior que a Gisele ou do que eu, ela é da Cidade de Deus, ela é do mundo.

Sobre a escolha de Gisele, Tony diz não guardar mágoas e torcer pelo seu sucesso, embora argumente achar difícil por considerar que a visibilidade por ela alcançada esteja ligada mais ao projeto do que propriamente aos seus recursos como modelo.

A Gisele seguiu o caminho dela, não tenho qualquer ressentimento, acho que todo mundo precisa encontrar seu próprio caminho. Se ela acredita que fará mais sucesso como modelo, se este é o caminho dela, espero que seja feliz. Torço para que não se perca, porque ela é muito bonita, mas seu nome sempre estará ligado à Cidade de Deus, ao Lente dos Sonhos, é isto que dava a ela o diferencial.

Em março de 2008, com a ajuda de um advogado amigo, Tony reabriria a escola, agora já cadastrada como uma associação civil com Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica – CNPJ -, o que para ele significou uma grande conquista, pois pôde então constituir uma conta bancária para escola, buscar subsídios em bancos,

contratar serviços, enfim realizar uma série de atividades compatíveis com organização.

Atualmente, diz estar realizado, entretanto, não deixa de sonhar. O próximo passo é transformar a escola Lente dos Sonhos em uma ONG, garantindo assim a conquista de verbas e recursos de empresas do setor privado e/ou órgãos públicos para ampliar o projeto, o que ainda não tinha ocorrido, segundo ele, pela burocracia envolvida em tal processo. A perspectiva é que possa replicar em outras favelas cariocas o modelo criado por ele, o que possibilitaria a maior inserção de jovens em situação de “risco” no mercado de trabalho. A partir disto pretende percorrer o mundo conhecendo e fotografando outras “periferias”.

Tony Barros relata sua trajetória de vida dessa forma, como uma história exemplar, fala de si próprio como que apresentando modelos e possibilidades para outros. A narrativa de sua vida tem um sentido prático e moral: mostrar que é possível superar enormes obstáculos e promover, para si uma entrada bem sucedida na sociedade, através de iniciativas como as do audiovisual.

Transformar a periferia e, porque não dizer, o corpo negro em produto exótico com alto potencial mercadológico é o que possibilita a Tony Barros a formulação e condução de um projeto individual de ascensão social. É isto que sua experiência permite ilustrar.

5.2.2 “A voz da Cidade de Deus” - Michel Marinho: o Don

Jornalista, produtor de eventos, bloguista, compositor e artista é assim que Michel Marinho, mais conhecido como Don, costuma se apresentar. Conheci-o através de um morador que o indicou como um verdadeiro expoente do bairro. Nascido e criado na Cidade de Deus, 38 anos, negro, de estatura mediana, ele é bastante popular no bairro e faz questão de cultivar isso, através de um “marketing pessoal” que inclui não só a constante referência ao seu trabalho artístico, mas também a farta distribuição de acenos, sorrisos e afagos a quem cruza o seu caminho.

Quando falei com ele a respeito da possibilidade de conceder-me uma entrevista, demonstrou uma incrível satisfação, dizendo já saber da pesquisa e esperar pelo convite. Isto porque dentre as inúmeras atividades que realiza está a

função de cicerone de artistas e/ou pesquisadores, interessados em conhecer, segundo ele, “a favela por dentro”, daí o fato de minha abordagem não surpreendê-lo.

Foi exatamente assim que começamos nossa conversa, percorrendo as ruas do bairro, em uma manhã de domingo, numa espécie de “tour” pela Cidade de Deus. Don explicou-me que não cobra pelo trabalho de “guia”, mas apenas por fotos e pequenos filmes que realiza, entretanto, no meu caso, por eu ser “parceira”, referindo-se à minha condição de ex-moradora, ofereceria seus serviços sem qualquer necessidade de pagamento.

O trajeto se iniciou na Praça principal do bairro, andamos ao longo de toda a Rua Edgard Werneck, passando pelas “Triagens” até atravessarmos a ponte que separa as casas do Conjunto das Margaridas. Durante o percurso, Dom ia apontando locais que, segundo ele, são essenciais para conhecer a Cidade de Deus “por dentro”, como gosta de dizer. Indicou-me, por exemplo, a casa onde morou “Mané-Galinha”, o famoso bandido retratado no cinema, o prédio em que residia seu rival, “Zé-Pequeno”, assim como, “barracos” das “Triagens” em que viviam o bando de “Ailton Batata”, no filme apresentado pelo nome de “Sandro Cenoura”.

A forma como Don conduzia a visita lembrava-me muito excursões presididas por guias turísticos em que as principais atrações são apresentadas como marcos simbólicos e culturais que definem a identidade de um lugar. No caso específico da Cidade de Deus esses “pontos turísticos”, recortados por ele, ao que tudo indica, são os espaços sócio-geográficos celebrados pelo filme.²⁵⁶ Ao indagá-lo sobre estes espaços e como eles se relacionam à sua própria experiência no bairro, os fios de sua trajetória começam a surgir revelando aspectos surpreendentes:

Minha mãe veio para cá quando a Cidade de Deus ainda nem era conhecida. Ela veio fugida das enchentes e se acampou nas Triagens com meus irmãos. A situação era muito difícil, ela não tinha ninguém para ajudar, contava mesmo com os vizinhos e com alguma ajuda do governo para não morrer de fome. Eu nasci aqui, mas o homem que me fez também não ficou muito tempo com ela, daí que todo mundo começou a se virar muito cedo. Eu sempre fui muito esperto, no bom sentido, tá. Eu fazia carroto de feira, fazia pipa pra vender. Por causa disso conhecia muita gente, andava tudo por aí, mas sempre soube separar as coisas, eu sabia quem era trabalhador e quem era marginal.

²⁵⁶ Em diversos trabalhos Freire Medeiros (2007; 2008; 2009;) analisa o processo de transformação da favela carioca em atração turística. Embora, não creio que seja este o caso da Cidade de Deus, os trabalhos da autora podem oferecer pistas interessantes para pensar algumas estratégias utilizadas pelos moradores da Cidade de Deus na produção de uma imagem positiva, ou nos termos da autora, estilizada do bairro.

Filho mais novo de cinco irmãos, todos de pais diferentes, Don foi criado apenas pela mãe, responsável não só pelo seu nome de registro, mas também por sua alcunha artística. Segundo conta, foi ela que ao vê-lo ainda muito garoto dedilhar as cordas de um velho violão lhe deu o apelido pelo qual todos o conhecem. Embora, a figura da mãe apareça de forma muito marcante em seu relato, impressiona em sua fala um discurso muito centrado em si, nos caminhos que estabeleceu para atingir seus objetivos:

Minha mãe batalhou muito. Mesmo não podendo oferecer muita coisa, ela não queria que ninguém entrasse para o mundo do crime. Quando o negócio aqui começou a ficar quente, ela chegou a prender a gente em casa para não se misturar com bandido. Mas cada um seguiu seu próprio rumo. Um dos meus irmãos mais velho morreu na guerra do tráfico, ninguém sabe ao certo se ele estava envolvido mesmo. Depois disso eu comecei a perceber muita coisa, não queria acabar assim, queria viver bem, queria ter grana, mas não assim. Desde muito novo, eu sempre tive jeito pra consertar coisas, adorava aparelhos eletrônicos, adorava música. Então comecei a inventar coisas pra fazer, pra ter como ajudar em casa e comprar as coisas pra mim.

As dificuldades financeiras e o temperamento irrequieto lhe tiraram precocemente dos bancos da escola. Don apenas cursou os primeiros anos do ensino fundamental, o que não lhe impediu, entretanto, de desenvolver, como diz “um talento natural” para música e equipamentos eletrônicos. Dono de uma aguçada curiosidade aprendeu muito cedo a consertar aparelhos de TV e som, assim como a tocar violão, conhecimentos que, segundo ele, conquistou sozinho. Tais habilidades lhe propiciaram inúmeros “biscates” que o ajudavam a complementar os ganhos da família.

Durante boa parte da adolescência Don alternou a passagem por diversos serviços esporádicos com a atividade da música, sua grande paixão. Fez de tudo um pouco, trabalhou como ajudante em uma loja de eletrônica, serigrafista de camisetas, vendedor de coco na praia, ao mesmo tempo em que atuava como controlador de som em festas realizadas no bairro. Para ele, mais importante que o dinheiro ganho com tais atividades foi às experiências acumuladas e as relações construídas a partir delas. Através destas relações diz ter conseguido “tudo” na vida:

Desde cedo eu sempre me virei bem, sempre conquistei as coisas que eu quis, mas principalmente sempre soube fazer amigos. Acho inclusive que este é meu maior dom, fazer amigos, porque tudo na vida é uma troca, uma hora a gente recebe coisas outra hora é a gente que dá. A vida é isso e eu sempre levei minha vida assim e sempre me dei bem com isso. Consegui, por exemplo, me desvencilhar do

serviço militar obrigatório em um período em que poucos se livravam. Uma coisa que nunca me esqueço. Quando fui me alistar, o soldado que estava lá era um amigo que passava som comigo e de cara ele me safou.

Esta história é para ele emblemática, revelando assim o valor fundamental que atribui aos vínculos pessoais como um dos fatores determinantes em sua trajetória. Subjacente a isto, um dos aspectos valorizados é o sentido de oportunidade que tais vínculos podem proporcionar. Segundo conta, graças à liberação do serviço militar pôde continuar se dedicando à música:

Servir o quartel pra mim seria a morte, eu não ia aguentar ficar preso numa coisa só. Eu sempre fui muito livre e meu negócio era mesmo som, sabe, a música que eu amo. Então quando sobrei foi um alívio, eu pude fazer o que realmente gosto, investir em som, em algo que me daria a vida que eu queria pra mim.

Em 1991, aproveitando a repercussão alcançada pelos “Bailes Charme”,²⁵⁷ sucesso em diversos subúrbios da cidade, juntou-se a um amigo para criar a “Festa Don”, evento cujo tema era o estilo musical da moda. Conforme explica, o que a princípio, tinha por objetivo “apenas reunir amigos e curtir um som” atraiu tantos moradores do bairro que acabou tornando-se um meio de vida.

Eu já passava som em festa desde moleque, eu sempre tive facilidade para aprender coisas, parecia assim que eu enxergava além. Quando surgiu a moda dos bailes charmes, eu juntei uma galera para fazer este tipo de som, era para gente se divertir e ganhar algum dinheiro, mas o negócio de tão certo que começou a crescer muito. Foi sucesso geral, então comecei a fazer também fora da CDD. Ali eu vi que dava pra viver da música.

Durante dois anos, ele organizou bailes na Cidade de Deus e em outras regiões, alcançando certa expressividade como DJ. Contudo, foi apenas em 1993, então com 21 anos, que conseguiu ingressar em uma banda profissional, desta vez

²⁵⁷ O termo “Charme” foi criado por Corello DJ, no Rio de Janeiro, em março de 1980. O DJ Corello começou na época a fazer experiências de outras formas de Black Music. Ele introduz a musicalidade do Charme e as pessoas começam a gostar. Ele não tinha dado um nome para essa experiência, mas observou que quem dançava tinha um movimento corporal bem diferenciado. Em um baile no Mackenzie, no bairro do Méier, o Corello convida: “Chegou a hora do charminho, transe seu corpo bem devagarinho”. Essa estória do “charminho” ficou na cabeça das pessoas e elas passaram a falar: “agora eu vou pro Charminho, vou ouvir um Charme, vou lá no Corello que vai ter Charme”. Em 1980, a Discoteca se enfraquece como movimento de “dança coletiva”, abrindo espaço para o “pop orientado” das gravadoras multinacionais instaladas no Brasil, deixando, por assim dizer, um vácuo musical nas equipes de som do subúrbio do Rio. Corello aproveitou esse “hiato” musical e experimentou músicas e estilos não percebidos por outros DJ’s da época. Sobre o assunto, ver: ESSINGER, Silvio. Editora Record, *Batidão Uma História Do Funk*, 2005.

como rapper, atuando como backing vocal de MVBILL no extinto grupo Geração Futuro, formado exclusivamente por moradores da Cidade de Deus.

O Bill era garoto igual a mim, tínhamos uns 21 anos e o mesmo sonho de viver da música, de fazer sucesso, de vencer barreiras. Tanto eu quanto ele nascemos aqui (na Cidade de Deus) e vimos muita gente morrer no tráfico, estudamos juntos, a nossa trajetória é muito parecida. Ele também era ligado em som como eu. Também era muito conectado com as coisas. Então quando o hip hop começou a ganhar força ele montou uma banda e me chamou para fazer parte. Começamos juntos, no Geração Futura, que era o nome da banda. Fazíamos uma boa dobradinha.

O trabalho ao lado de Bill resultou não só na gravação de uma faixa na primeira coletânea de rap carioca, chamada Racismo Eficaz como também em sua incursão pelo universo Hip Hop, com o qual diz se identificar até hoje. Entretanto, a parceria com o famoso rapper não durou muito, sendo desfeita logo após o lançamento do disco que trazia a música composta por ambos. Sobre os motivos da extinção da dupla, Don preferiu não falar, afirmando ter restado a amizade construída o que, segundo ele, é o mais importante.

Nossa experiência juntos valeu muito, aprendi muita coisa com ele e creio que ele comigo, mas tomamos rumos diferentes. Bill é hoje um grande sucesso e eu desejo o melhor pra ele. Por causa de questões de agenda é mais difícil a gente tá junto, mas sem dúvida continuamos amigos, temos muita coisa em comum, neste meio os contatos são os mesmos, então vez ou outra a gente tá sempre se esbarrando. É isto o que vale.

Em 1995, após a saída do grupo, Don retomou a carreira de DJ investindo na promoção de eventos. Desta vez, sua aposta foi o funk, estilo que estava no auge naquele momento. Durante cerca de cinco anos ele direcionou suas atividades à participação em shows e organização de bailes realizados estritamente no próprio bairro. Esta mudança de perspectiva, não significou, contudo, uma opção planejada de carreira, mas sim uma “estratégia de sobrevivência”, conforme relata ele:

Eu sempre tive essa capacidade de dar a volta por cima. Depois que saí da banda eu precisava fazer algo, eu tinha que seguir em frente, fazer algo pra me sustentar. Mexer com som era o que eu sabia, sempre foi fácil pra mim, eu tinha muitos contatos nessa área, então daí pra fazer bailes foi um pulo. Os bailes funks eram estratégicos pra mim, porque eu me sustentava sem deixar de mexer com música. Sabe, eu sempre inventei coisas pra fazer, eu sempre tive muitos contatos, sempre troquei muito, eu me reinvento a toda hora.

Embora nunca tenha tido um emprego regular de carteira assinada, Don afirma nunca ter ficado sem dinheiro ou necessitar da ajuda de parentes para sobreviver. Seu autodidatismo, lembrado constantemente durante nossa conversa, aliado a um profundo senso de oportunidade possibilitou-lhe não somente circular por diversos espaços dentro e fora do bairro, mas também estabelecer “contatos” que lhe valeram chances de trabalho.

Apesar de afirmar não ser ambicioso ou valorizar “coisas materiais”, contraditoriamente, o discurso de Don é pontuado por críticas aos irmãos e à mãe que se traduzem em acusações de “conformismo” e “falta de perspectiva de vida”. A família, em sua versão, nunca teve condições financeiras, nem qualquer anseio de mudar de situação:

sempre me incomodou essa falta de visão da minha família, sempre moraram nas Triagens, a pior parte do bairro, se contentavam com pouco, nunca se movimentavam pra nada, nunca saíram do seu mundinho, nunca circularam ou estabeleceram outros meios, contatos sabe pra melhorar, pra ter as coisas que todo mundo quer e precisa, pra eles bastava apenas o suficiente pra viver.

Uma das noções recorrentes no relato de Don é a idéia de “contatos”, utilizada constantemente por ele como indicativo de relações de amizade que diz possuir e das possibilidades por elas abertas. Nesse rol faz questão de elencar nomes de personalidades do meio artístico e/ou jornalístico que incluem além do rapper MVBILL, o colunista do jornal “O Globo”, Marcelo Alves, a cantora Preta Gil, a atriz Regina Casé, e também moradores ilustres da Cidade de Deus, entre eles, o próprio Tony Barros, Leandro Firmino, um dos protagonistas do filme Cidade de Deus e o percussionista Mingau, seu amigo e atual parceiro profissional.

Com efeito, se a referência a pessoas famosas serve para Don afirmar a circularidade que possui no meio artístico, revestindo-se, como diz Da Matta (1979)²⁵⁸ de uma singularidade específica que o diferencia dos demais moradores, ela também se constitui em um importante capital material e simbólico que lhe permite alargar seu campo de possibilidades. Neste sentido, parece ser a isto que se remete quando diz:

Aonde eu vou faço amizades, por que tudo são as trocas. Eu tenho muitos amigos, sempre entrei e saí bem dos lugares. Quando estou por cima, não tem essa de fingir que não conheço a pessoa não, uma hora a gente tá em cima, outra a gente tá

²⁵⁸ DA MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

embaixo. Então é preciso saber viver, criar os meios pra viver bem, e é sempre trocando que a gente consegue, porque como diz a música camarão que dorme a onda leva, eu é que faço a minha onda.

São através destas trocas que Don explica, por exemplo, ter aproveitado a proximidade com atores do filme “Cidade de Deus” e, posteriormente, a repercussão da obra nos cinemas, para como diz “se reinventar”, transformando-se em uma espécie de “guia” do bairro, atividade que realiza desde o ano de 2003. Esta experiência, segundo conta, marcou uma virada em seu percurso, pois lhe possibilitou a incursão em outra na área de atuação: a do audiovisual.

Quando começaram as gravações do filme, o pessoal da produção procurava assim uma locação pra cenas daqui. Na época eu tinha dado um tempo dos bailes e começava a mexer com alguma coisa de foto junto com o Tony que você conheceu. Por acaso encontrei o neguinho (referindo-se a Leandro Firmino, ator que atuou no filme), ele tava junto com a Katia (co-diretora do filme), comecei a andar junto com eles, a oferecer ajuda, porque o neguinho sempre foi muito preso pela mãe, não conhecia muita coisa aqui pra dentro. Então eu consegui um entrosamento bacana com toda a equipe do filme. Depois daquele sucesso todo do filme no cinema, vire e mexe vinha jornalista, artista e coisa e tal aqui, aí o pessoal dava a minha referência e eu comecei a fazer um tipo de circuito pelo bairro, tirando fotos e fazendo pequenos vídeos.

Diante do sucesso do filme que colocou novamente a Cidade de Deus no centro das atenções da mídia, Don começou a fazer pequenos vídeos e registros fotográficos do bairro que vendia aos jornalistas e visitantes por ele ciceroneados. A estratégia empreendida por ele deu tão certo que em pouco tempo, o que começou por acaso, se tornaria um negócio:

Eu nunca cobreí pelas visitas, porque faço questão que as pessoas de fora conheçam outra realidade sobre a Cidade Deus. Por que é preciso acabar com esta visão negativa que o bairro tem. Mas, sei que quando as pessoas chegam aqui querem ver o local onde morou Zé Pequeno ou outro fulano também famoso por ser bandido. Eu aproveito isso para divulgar meu trabalho, para mostrar outra realidade do bairro, porque como morador tenho uma visão melhor que os de fora. Acho que foi isso que deu tão certo, esta visão de dentro. Eu faço assim, através das fotos e dos vídeos um raio-X, uma espécie de etnografia do bairro. Eu comecei por acaso isso aqui, mas hoje eu vejo como um negócio que deu muito certo, hoje eu tenho mais duas pessoas que me ajudam, mas eu comecei isso aqui.

Embora Dom argumente que as visitas têm por finalidade desmistificar os estereótipos que associam o bairro à violência e à pobreza, há, pois, em sua fala uma nítida percepção de ser esta “marca” que se constitui no principal “produto” que atrai as pessoas vindas “de fora”. Nesse sentido, ao que tudo indica, é justamente na valorização desse “olhar exótico sobre a pobreza que ele parece

investir ao percorrer com os visitantes os locais relacionados aos personagens mostrados no filme.²⁵⁹

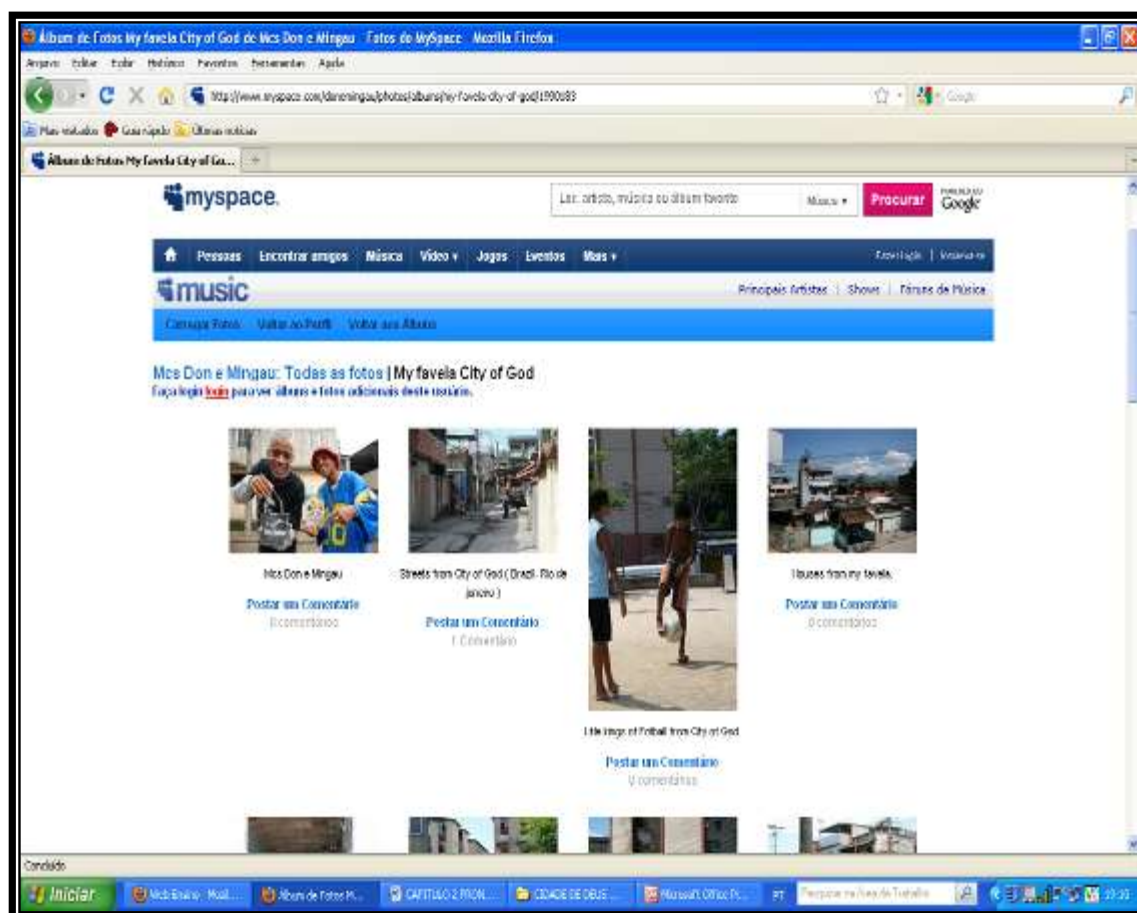
Impulsionado pelo sucesso dos “circuitos”, Don construiu também um Blog, intitulado “A Voz da Cidade de Deus”, que além de divulgar seu trabalho como músico, privilegia a exposição de vídeos e imagens do bairro, dando ênfase, principalmente, aos locais e personagens considerados por ele famosos. Até julho de 2009, última data em que entrei em seu espaço virtual, o quantitativo de pessoas que o haviam acessado era de 1692, número relativamente baixo se levado em conta a ampla capacidade de circulação de tal ferramenta. A explicação fornecida por ele para pouca procura, é que o maior acesso se dá entre estrangeiros, sobretudo de origem européia, que fascinados com o filme, entram no site em busca de mais informação sobre o bairro. De fato, o blog parece ser direcionado a tal público, pois toda a sua apresentação, com exceção da página inicial é feita na língua inglesa, conforme se pode observar nas fotos a seguir

Figura 79 - tela de abertura do Blog de Don



²⁵⁹ Parece ser a este aspecto a que Freire-Medeiros (2007), citando Phillippe (2003) se refere quando diz que, “favela” tornou-se um prefixo tropical capaz de incrementar e tornar “exóticos” lugares e produtos os mais variados. FREIRE-MEDEIROS, Bianca. A favela que se vê e que se vende: reflexões e polêmicas em torno de um destino turístico. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 22, p. 61-72, 2007.

Figura 80 – fotos da Cidade de Deus, postadas no Blog Don. Chama atenção a descrição de lugares em inglês



Na sequência, fotos expostas por Don na sessão “Myspace” de seu blog. Chama atenção à ênfase dada aos lugares em que moraram os “famosos bandidos” representados no filme Cidade de Deus. Vejamos:



Figura 81 - Foto feita por Don e postada no blog sob título de “Famous house” em uma nítida alusão ao bloco “13”, local onde morou o bandido Zé-Pequeno

Figura 82 - Streets from City of God (Brazil- Rio de janeiro) My favela City of God – Na foto feita por Don e postada em seu blog pode se ver a mensagem, originalmente transcrita em inglês apresentando as ruas do bairro, sobretudo os locais onde moraram os bandidos, eternizados pelo filme. Na foto em questão vê-se parte das Triagens.



Figura - 83 “Houses from my favela.” Desta vez a foto ilustra a casa onde morou “Mané Galinha”, outro bandido famoso no bairro.



Aproveitando ainda o filão aberto pelo filme, Don, por intermédio de Tony Barros, realizou um curso de capacitação em audiovisual oferecido pelo Viva Favela, tornando-se correspondente “free lance” da instituição. Daí auto intitular-se jornalista e produtor multimídia, já que tal atividade consiste na postagem de fotos, vídeos e realização de reportagens livres sobre o cotidiano da Cidade de Deus. Abaixo, recente matéria feita por ele e hospedada na revista eletrônica do site:

Figura 84 – matéria postada por Don no portal Viva Favela



Segundo ele a participação no portal, além de lhe proporcionar renda extra, contribuiu para dar maior visibilidade ao trabalho desenvolvido no bairro. Foi inclusive a partir da postagem de um vídeo no Viva Favela que conseguiu obter notoriedade para o rapper que compôs em parceria com o amigo Mingau homenageando os jogos Pan Americanos, realizado no ano de 2007 na cidade do Rio de Janeiro. O material, mostrando o clip da música feita pela dupla, chamou a

atenção do colunista Marcelo Alves, do jornal “O Globo” que o colocou em evidência no circuito mais amplo da mídia. Durante dias, diversas reportagens foram veiculadas em jornais e emissoras de televisão sobre eles, conforme revela:

O clip que fizemos era uma tentativa de mostrar o trabalho com a música. Postei no site, mas não esperava que fosse ter tanta repercussão. De repente, tinha uma porção de jornalistas com câmeras e tal aqui na favela, atrás de mim e do Mingau. Foi o máximo, deu uma projeção assim para o meu trabalho paralelo com a música e conseguimos gravar uma faixa de um CD.

Figura 85 - Rappers da Cidade de Deus criam música sobre o Pan – Imagem divulgada pelo Globo.com



O episódio, relatado sem disfarçar o orgulho, posicionou-o novamente dentro do universo da música, alavancando sua carreira como MC, além disso, trouxe para ele novas oportunidades de trabalho, como por exemplo, o ingresso em um seleto grupo de compositores de “jingles” de campanhas políticas. A este respeito diz:

Uma coisa puxa outra, com o sucesso da música nas rádios e o nosso nome em evidência, teve aqui a Marcia Mello,²⁶⁰ uma vereadora do PSDB, fazendo uma visita no bairro. Eu fiz um circuito com ela junto com o Mingau, ela gostou muito do meu trabalho e pediu que eu fizesse um “jingles”, tipo um rapper, pra sua campanha. É claro que eu topei, porque isso é sempre mais contatos, tudo são as redes que a gente faz. Tudo são as redes. (Sic)

“O importante são as redes,” me diz ele. Máxima que em seu caso específico vale no sentido conotativo e denotativo do termo, pois vive “plugado” à internet. Aliás, os termos “conexão” e “redes” são uma constante em seu discurso e extrapolam a mera associação às tecnologias de informação. Para Don as oportunidades que “cavou” ao longo de sua vida estão necessariamente e inextricavelmente vinculadas à capacidade de estabelecer contato com pessoas, relações que lhe favoreçam ampliar seu campo de atuação. É assim que explica ter

²⁶⁰ O nome foi mudado a pedido do interlocutor

inventado uma forma de vida, é assim também que reconhece ter transformado o “feito” em algo atrativo:

Eu me sinto realizado hoje, tenho minha casa que eu sempre quis ter, tenho meus aparelhos, minha moto. O que mais posso querer? Não tenho preocupação com o futuro, porque o futuro a gente tá inventando sempre, não tenho filhos ainda, mais se um dia eu tiver, sei que assim como eu abri um caminho eles poderão abrir também. O mundo tá aí cheio de coisas para fazer, e cheio de espaços para descobrir. Tudo tá conectado, tudo tá ligado é só saber fazer o cruzamento certo, na hora certa e só saber se mover nas redes.

Morando atualmente com a mãe e um irmão, após separar-se da companheira com quem viveu durante cinco anos, em um apartamento no Conjunto das Margaridas, Don acabara de comprar uma casa, em uma das ruas adjacentes à praça central do bairro, um antigo sonho, diz ele. Nosso passeio pelo bairro terminou com a visita a este imóvel, onde fez questão de mostrar-me todos os aposentos, orgulhoso que estava das recentes melhorias que havia feito. De fato, a residência, muito bem conservada, com um pequeno quintal à entrada e três amplos quartos, continha ainda resquícios das obras que sofrera. Na sala, mobiliada apenas com um sofá e uma estante, o interesse pela área de multimídias se faz notar pela incrível quantidade de aparelhos eletrônicos existentes, ao que pude perceber, além de um moderno computador, lá estavam dois câmeras digitais de foto filmagem e uma mesa de som, dessas que são usadas por DJs em shows. Depois de mostrar sua “mansão”, como chamou ironicamente o lugar, conversamos apenas mais alguns instantes, pois ele tinha um encontro marcado com uma equipe de jornalistas de uma TV alemã, interessada em fazer uma matéria sobre bairro.

Enquanto nos despedíamos fiquei pensando sobre como aquele encontro havia sido importante para mostrar-me a pluralidades de valores e estratégias que se fazem presentes nas caminhadas dos moradores da Cidade de Deus.

A trajetória de Don indica a forma e a dinâmica como iniciativas, projetos e eventualidades, quando articuladas, podem proporcionar resultados que muitas vezes não fazem parte das expectativas, mas que somam densamente em seu desdobramento. Neste sentido, ela possibilita compreender aquilo a que Velho chamou de “negociação da realidade”, é através das interações, “contatos”, de uma rede de relações constituída que é possível se negociar.

5.2.3 Da vida, na vida e pela vida: Marcia Nunes e Maria Alice

Conheci Marcia durante a pesquisa etnográfica realizada na Central Única das Favelas – CUFA –, sua destacada atuação coordenando o curso de audiovisual oferecido pela instituição na Cidade de Deus, assim como a determinação em ingressar na carreira artística, revelada publicamente em diversas ocasiões, despertou em mim um imediato interesse em conhecer sua história. Muito receptiva e simpática, nos tornamos bastante próximas no período em que frequentei as aulas, quando lhe falei, em linhas gerais, da pesquisa e sobre minha intenção em entrevistá-la, aceitou prontamente, apenas fazendo uma única observação: “me chame de Manu simplesmente”. Este apelido ou como diz “registro artístico”, criado a partir da junção das duas primeiras sílabas de seu nome e sobrenome, é a forma pela qual gosta de ser tratada.

Dotada de uma incrível articulação dos pensamentos aliada a uma proximidade incomum, Manu se mostrou uma interlocutora admirável não se furtando a falar sobre qualquer assunto. Seus depoimentos, ricos em detalhes, revelaram uma trajetória recheada de sonhos e expectativas. Enquanto mantivemos um contato mais regular, foram muitas horas de conversa ocorridas em variadas situações e espaços. Alguns diálogos aconteceram na própria sede da CUFA e outros, mais longos, tiveram como cenário sua própria casa.

De todos os entrevistados Manu é a mais jovem. Com 26 anos, pele negra, porte físico longilíneo e magro, sua beleza impressiona. Moradora de uma das casas próximas à sede da CUFA, na Rua Arimatéia, reside com a mãe e a avó em um amplo e confortável imóvel de dois pavimentos, refletindo assim uma realidade diferenciada da maioria da população do bairro.

De fato, a situação econômica de Manu é superior à da comunidade onde vive. A avó é pensionista da União, custeando com seus proventos a maior parte dos gastos familiares, sua mãe, militante e uma das fundadoras da ONG Davida, prestigiada instituição voltada à defesa dos direitos de prostitutas, recebe uma ajuda de custo razoável pelas atividades que realiza junto à organização. Juntas, elas asseguram uma renda consideravelmente melhor do que grande parte dos residentes do lugar. Mas não se deve pensar, entretanto, que esta condição é fruto de circunstâncias menos dramáticas envolvendo a trajetória destas três mulheres.

Em nossas conversas, partilhadas na maioria das vezes por sua mãe, Maria Alice, a quem também tive a oportunidade de entrevistar, as lembranças que emergem, remetem justamente às vicissitudes e às dificuldades que marcam significativamente suas vidas.

Minha mãe era ainda garota quando meu avô morreu. Ele e minha avó viviam direitinho, moravam em uma casinha no bairro do Estácio, eram casados no papel. Ele era militar do exército, minha avó, dona de casa. Mas quando ele morreu, as coisas ficaram muito difíceis. Minha avó ficou muito perdida, meio perturbada, com problemas mentais. Minha mãe ficou sozinha, muito nova, não sabia de nada, passou muita necessidade, muita dificuldade e acabou caindo na vida, virando prostituta mesmo para se sustentar, mas nunca abandonou minha avó. Elas sofreram muito. Minha mãe então imagina, penou demais, era muito perseguida, sofria muito preconceito onde morava e resolveu mudar pra cá, porque aqui ninguém a conhecia. Foi aqui que conheceu meu pai, aqui eu nasci.

É impossível não notar a grande admiração que Manú tem pela mãe, mesmo quando apresenta aspectos de sua trajetória aparentemente controvertidos:

Minha mãe veio pra cá com minha avó com a cara e com a coragem, dormiu na rua, ficou em abrigo. Aí conheceu meu pai, um negão alto, forte e bem apessoado. Ele morava sozinho em um barraco nas Triagens, tinha envolvimento com a malandragem, bebia, usava maconha, era meio violento, mas de certo modo lhe deu assim um sentido de família, dava algum dinheiro e ofereceu um lugar para ela morar. Ela engravidou logo dele, sua pretensão era que ele mudasse com o meu nascimento, mas isso não aconteceu, ele vivia mais na rua que em casa, chegava em casa bêbado e drogado só pra comer e dormir. Então ela procurou ser pai e mãe pra mim, porque queria que eu tivesse uma vida melhor que a dela. Ela sabia que tinha feito uma escolha, por isso aguentou firme. Até que quando eu tinha uns três, quatro anos, não me lembro bem, ele foi encontrado morto em um matagal. A gente tem pena porque é um ser humano, mas para ela foi um alívio.

Diante das limitações financeiras, pouco tempo depois da morte do companheiro, a mãe de Manú voltou a se prostituir. Neste contexto, as relações no campo familiar foram marcadas então pela contradição: por um lado a condição de Maria Alice fez com que ela adotasse um estilo de vida avesso aos padrões tradicionais da época. Por outro lado, nos cuidados com a filha, a postura assumida foi a de extremo rigor:

Minha mãe se preocupava muito comigo e com minha avó, chegava ao exagero. Ela não descuidava nunca. Eu não podia brincar solta na rua. Era de casa para escola e da escola para casa. Naquela época eu não entendia bem, mas obedecia. Hoje compreendo que ela temia por tudo, pela minha segurança e de minha avó, pela

violência do bairro e por causa da própria vida que ela levava. Ela não queria aquilo para mim e às vezes era muito severa.

Consciente da precariedade de sua condição e preocupada com a violência presente no bairro, a estratégia utilizada por Maria Alice naquelas circunstâncias foi impor uma rígida rotina de atividades a filha, reforçada ainda pela exigência de participação no catecismo oferecido pela igreja católica local. Assim, além do ingresso, ainda muito nova, no jardim de infância mantido pelo governo no bairro, Manú passou boa parte da infância, envolvida com aprendizado de preceitos religiosos e aulas de teatro e dança, oferecidas na paróquia, ficando mais tempo lá que em casa.

A igreja do padre Julio era assim uma espécie de abrigo pra mim, eu ficava muito tempo lá, aprendendo e brincando. Era a forma que minha mãe tinha de me tirar da rua. Ela nunca foi muito ligada nessa coisa de religião, mas o apoio que o padre dava à gente, a ajuda mesmo, era muito importante pra ela seguir em frente. Ele não se importava se a pessoa era preta ou branca, marginal ou trabalhador, se frequentava ou não a igreja, acolhia e ajudava a todos da mesma forma. A atitude dele dava força pra gente. .

Com efeito, nos relatos tanto de Manú como da mãe, a figura do pároco da igreja ganha destaque especial. Padre Julio Groten, conhecido pela incontestável atuação junto aos moradores da Cidade de Deus, é apontado como o principal responsável por ajudar a família nos momentos mais difíceis. Foi ele que, através da Pastoral da Boa Vontade, forneceu, muitas vezes, a cesta básica que as manteve durante o mês. Por seu intermédio também teve início o processo judicial que garantiu o direito de pensão à mãe de Maria de Alice, devido à morte do marido em serviço. Neste ponto, os depoimentos das duas mulheres se entrecruzam para enfatizar a importância e o significado do Padre em suas vidas:

Eu era muito nova, mas me lembro do padre Julio como uma pessoa especial. Eu nunca tive a presença de um pai. Então ele fazia para mim este papel de um pai atencioso e protetor. Ele era assim comigo e com todas as crianças que ficavam na igreja, ele não fazia distinção de ninguém. Acho que todo mundo via ele um pouco assim, com o tempo ele passou a ser chamado de pai dos pobres. (fala de Manú ao referir-se ao padre Julio.)

Pouquíssimas pessoas me ajudaram como aquele homem me ajudou. Independente de viver como eu vivia, porque acho que ele sabia de minha condição de prostituta, ele nunca deixou de estender a mão, de fornecer ajuda, de matar a fome de minha família. Mesmo eu não frequentando a igreja, porque eu nunca fui de ir à missa ou

qualquer outra coisa, ele se colocou do meu lado no caso da pensão de minha mãe, me orientando, me indicando pessoas. Não digo como muita gente que ele era um santo, porque não acredito nesta história de santo, mas ele foi uma das melhores pessoas que conheci na minha vida. (relato de Maria Alice)

Embora a ligação de mãe e filha com a igreja estivesse relacionada mais aos benefícios concretos que recebiam do que propriamente a uma perspectiva estritamente religiosa, o contato com padre Júlio, defensor da Teologia da Libertação e explicitamente afinado com as teorias marxistas, influenciaria, segundo elas, de forma decisiva suas escolhas e posicionamentos futuros diante da vida.

Neste processo, um dos aspectos destacados foi à luta empreendida por Maria Alice para obter o direito de pensão para sua mãe. Esta experiência significou para ela não só a consciência de sua capacidade pessoal como também uma mudança efetiva em sua vida. É dela o depoimento abaixo:

Eu nunca corri atrás de nada, não sabia dos meus direitos como filha de militar, nem dos direitos de minha mãe que era a viúva. Quando meu pai morreu era muito nova, mal sabia ler e escrever e minha mãe ficou doente, não tínhamos ninguém para orientar. Não entendia nada de advogado, de justiça. Quem primeiro falou que minha mãe tinha direitos foi o Padre Júlio, foi ele que me botou em contato com um advogado muito bom que se interessou pela minha causa. Isso me deu força, me fez querer lutar. Então comecei uma batalha de quase 10 anos pela pensão de minha mãe, tive que brigar muito para provar, mas quase 10 anos depois eu consegui. Isso foi uma vitória pra mim em todos os sentidos. Recebemos tudo direitinho, inclusive os atrasados e demos um jeito em nossa vida.

A conquista do benefício provocou de imediato uma significativa melhoria na qualidade de vida para toda família, expressa principalmente pela mudança do local onde residiam. Com o dinheiro ganho, além da compra da casa em que moram até hoje, a avó de Manú pôde finalmente iniciar um tratamento médico. Esse aumento do padrão de vida não se refletiu, entretanto, na saída de Maria Alice da prostituição, ela continuou “na vida”, como gosta de dizer, fazendo ponto à noite, três vezes por semana na chamada Zona do meretrício, na Praça da Bandeira. Todavia, não se tratava mais de uma questão econômica, conforme afirma, antes era uma opção de vida.

Com todo o sofrimento que passei na vida, fui obrigada a me prostituir, perdi meu pai, minha mãe ficou meio doida, passei fome, apanhei de homem, tive uma filha com 17 anos, mas sobrevivi a tudo isto. Então quando dinheiro não era mais um problema, eu já estava na vida até o cabelo, tava envolvida com as colegas, com o lugar onde eu fazia ponto lá na vila do meretrício. Aquele era meu universo, o lugar onde eu trabalhava, onde eu podia ser eu, o sexo era só um detalhe, porque eu comecei a descobrir que eu tinha feito uma opção de vida.

Tal opção foi reforçada pela proximidade com um grupo de mulheres prostitutas que se reuniam em alguns “pontos” na área do meretrício ou em bares nas redondezas para trocarem experiências e discutirem meios de defesa e proteção contra violência e segregação das quais, muitas vezes, foram vítimas. Para Maria Alice, a ligação com este grupo contribuiu de modo decisivo não só em sua escolha em permanecer “na vida”, mas, sobretudo, na mudança de sua visão sobre a atividade por ela praticada.

Conversando com as meninas eu comecei a perceber uma série de coisas sobre mim e sobre a vida que eu levava. Eu sempre tive na mente que eu tinha sido obrigada a me prostituir por causa da miséria, isso funcionava como uma desculpa pra mim mesmo, porque eu me sentia menor que todo mundo, eu me sentia mesmo inferior. Eu tinha mudado do Estácio para a Cidade de Deus porque ninguém me conhecia, assim eu podia posar de mulher direita, de boa mãe, de boa filha, mas eu me dei conta que eu tinha era uma vida dupla, porque nunca contei para ninguém o que eu fazia e vivia com medo que alguém descobrisse, mas quando eu dizia isso para as outras mulheres iguais a mim, elas me diziam que eu não tinha sido obrigada a nada, que eu gostava mesmo era de ser puta. Eu comecei a pensar naquilo tudo e questionar que eu podia ter feito faxina, mas que eu estava ali era uma puta mesmo.

No depoimento de Maria Alice uma figura é lembrada de modo especial: Gabriela Leite. Oriunda da classe média paulista, ex-estudante de sociologia, casada, mãe de duas filhas e também prostituta, ela teve um importante papel na organização e articulação do grupo.

Quem começou todo o movimento foi a Gabriela era assim uma espécie de guru do grupo, era ela quem organizava as nossas reuniões, foi ela quem colocou na nossa cabeça a idéia de reivindicação de direitos. Ela era diferente, mais intelectualizada, tinha feito até faculdade em São Paulo e seguiu na vida porque quis, ela fez uma opção e tinha consciência disso. Eu aprendi com ela que era possível ser prostituta e ter auto-estima, não se vê como uma doença na sociedade, uma praga. Ela era prostituta e tinha um companheiro que a apoiava, que a respeitava. Então comecei a pensar que eu era prostituta sim e daí? Eu também sou gente, tenho uma família, sou boa mãe e boa filha então porque não viver isso de forma digna.

Apesar da evidente diferenciação entre sua origem sócio-espacial e a de Gabriela, já que esta teve uma experiência de vida circunscrita às camadas médias urbanas de São Paulo, Maria Alice construiu uma relação de extrema identidade com ela. Esta identificação se constituiria em um elemento chave para que ela resignificasse não somente sua trajetória, mas também as relações que estabeleceria posteriormente com Manú, sua filha. A este respeito Maria Alice explica:

Eu via Gabriela como um grande exemplo para mim e para as outras. Eu achei que se ela conseguiu ser prostituta e ainda assim ter respeito, viver isso de uma forma boa pra ela, assumir mesmo o que fazia. Eu também podia, então achei que se eu tinha assumido isso pra mim, já era hora de assumir para as pessoas, pra minha família. Isto era antes de tudo uma atitude política.

Todavia, se para Maria Alice assumir a condição de prostituta traduzia-se em uma postura política, para sua filha tal revelação significou uma drástica ruptura com uma escala de valores anterior que a englobava através da família. Quem conta é a própria Manú:

Minha mãe sempre bancou uma de mulher perfeita. Sabe aquela coisa sou pobre, mas limpinha (risos) era minha mãe. Ela sempre passou uma imagem pra mim, me obrigava a frequentar a igreja e ela mesma não ia porque dizia que não tinha tempo, trabalhava muito. Saía de noite e dizia que trabalhava em um bar. Quando eu disse uma vez que queria trabalhar como ela, não entendi nada, ela se enfureceu, até ameaçou me bater. Não concordava que eu fizesse nada, me prendia muito. Na época que estava no auge do grupo É o Tcham, eu disse para ela que eu queria ser bailarina e dançar como aquelas mulheres, ela me deu o maior sermão sobre exposição do corpo e tal. Então quando eu descobri o que ela fazia de verdade, minha cabeça deu um giro. Ela que sempre bancou a certinha pra mim, era prostituta e eu ali sempre quietinha na minha, obediente, sem fazer nada, então eu quis fazer tudo de uma vez. Na época, acho que eu tinha uns 15 anos mais ou menos, larguei a escola, comecei a sair, a namorar, a ir pro samba, a fazer tudo que eu tinha vontade, até fumar maconha eu fumei. Foi uma fase de mudanças para mim, eu queria ganhar o mundo, queria dançar, ser artista e acho que minha mãe entendeu isso, porque ela começou a agir diferente comigo, ser mais amiga, me cobrar menos e me dar apoio.

Indiscutivelmente, conhecer a condição da mãe alterou drasticamente o comportamento da filha. Embora Manú não vivesse antes isolada do mundo, certamente tinha um modo de vida muito distinto daquele que começara a ter após a revelação. Com efeito, conforme visto nos depoimentos, enquanto Manú levava uma vida quase que reclusa, “indo de casa para escola e da escola para casa”, sem muito contato com as pessoas do bairro, a mãe trabalhava freneticamente na noite, se expondo a novas experiências, estabelecendo contatos, construindo novas perspectivas. No momento, em que se deu a revelação, ambas começaram a reorientar não só suas ações, mas os seus projetos pessoais. Assim, quanto mais Maria Alice se identificava com o movimento político organizado em defesa de profissionais do sexo, mais se afastava da postura conservadora que assumira em relação à filha. Por seu turno, Manú passou também a querer gozar de maior independência quanto as suas escolhas pessoais, buscando através de cursos de

dança e teatro ampliar suas possibilidades. Obviamente isto não se fez sem hesitações, conflitos e embates, como revelam:

Durante um tempo, a gente brigou muito, a gente discutia toda hora. Eu era uma adolescente cheia de sonhos de sucesso e tal, e minha mãe queria que eu permanecesse na escola, que eu me formasse, que tivesse um emprego legal. Mas eu não via sentido na escola, a escola não ia me dar o que eu queria. O que eu podia fazer com o diploma, ser caixa de supermercado? Ter um empregozinho? Eu queria outra coisa, queria ser artista, atuar ou dançar. (depoimento de Marcia Nunes)

Eu sempre soube como era difícil ganhar a vida. Qualquer trabalho é difícil, mas tudo que envolve o trabalho com o corpo é pior ainda. A Manú é bonita, eu sou suspeita para falar, mas todo mundo diz. Mas mesmo para uma menina bonita e rica já é difícil, quanto mais para uma pobre, moradora da Cidade de Deus. Então por um tempo era briga atrás de briga, porque eu queria que ela estudasse, tivesse uma profissão normal. (depoimento de Maria Alice)

A descoberta da verdadeira ocupação da mãe operou uma mudança nas escolhas de Manú. O resultado desse processo foi a emergência de um “projeto” seu que, aos poucos se distinguiu daquele pensado por sua família. Efetivamente, houve uma transformação, uma espécie de “metamorfose”, nos termos de Velho (1994), potencializada pelas novas interações e vivências que ela experimentava:

Eu acho que até por causa do tempo que fiquei lá na Igreja do padre Julio, brincando, fazendo aulinhas de teatro e dança, comecei a me ligar nisso. Eu queria fazer algo diferente, não tinha interesse na escola, me sentia presa numa sala de aula. Eu frequentava para satisfazer a minha mãe, mas depois que ela fez a escolha dela, porque eu não podia fazer a minha? Então resolvi entrar de cabeça e viver meu sonho.

Diante da opção da filha em seguir carreira artística, a mãe passou a apoiá-la, mas não sem ressalvas. Foi preciso que Manú retomasse os estudos, abandonados no último ano do ensino fundamental para que Maria Alice concordasse em matriculá-la em aulas de dança e teatro. Assim, durante cerca de três anos, ela frequentou a Escola de Atores do Retiro dos Artistas, realizando aulas de vídeo e interpretação. Paralelamente conseguiu também concluir o ensino fundamental e médio. Segundo Manú, o ingresso no curso provocou uma verdadeira mudança em seu olhar, pois o contato com outros jovens que, como ela, tinham o mesmo sonho fê-la ampliar suas expectativas diante do mundo:

O curso no Retiro me abriu a cabeça, eu comecei a focar mais no que eu queria. Tomei consciência de meu corpo e de minhas possibilidades. Eu amadureci a idéia de ser artista e trabalhar no teatro e na televisão. Comecei a ler, a trocar

experiências com os outros e isto foi fundamental. Eu conheci uma galera legal, antenada com este universo artístico e com projetos na área social. Daí para a CUFA foi um pulo.

Foi lá que Manú conheceu Anderson Quarker, professor de teatro e audiovisual da CUFA. Desse contato surgiu o convite para trabalhar como instrutora no curso de audiovisual. Essa experiência determinou, diz ela, não só seu ingresso profissional efetivo no campo do audiovisual, mas também como gosta de chamar a sua “militância cultural”:

A CUFA é pra mim um marco porque acabei percebendo que fazer arte não é só uma profissão, é também uma escolha de vida, uma escolha política, sabe. Através da arte, do audiovisual, como é o nosso trabalho aqui, você abre a cabeça, começa a articular as coisas, fica antenado com o que acontece no mundo. Você cresce e pode fazer crescer também muitas outras pessoas. Mesmo que seja mínimo, o que nós damos aqui é muito mais que nada. As pessoas chegam aqui sem rumo, sem saber o que fazer da vida, sem ter uma profissão e acabam tendo a oportunidade de conhecer coisas, de entrar em contato com novas técnicas e isso já é um plus em sua vida. Ele pode fotografar, fazer vídeo, mexer com som, há mil possibilidades.

Para Manú, o trabalho na CUFA é mais do que um meio de vida, já que recebe apenas uma ajuda de custo, como faz questão de dizer, ele é também uma forma de atuar na promoção e divulgação cultural dentro do bairro. Ao assumir esta postura militante, ela não nega, entretanto, que seu trabalho na instituição lhe possibilita acessar novos espaços, conhecer novas pessoas, “ligar-se ao mundo”. É assim que explica com satisfação o fato de conhecer vários artistas que frequentam o local e já ter inclusive participado de “pontas” na televisão. Se o desejo de ter acesso a outros espaços e oportunidades aparece na fala de vários integrantes da CUFA, com Manú não é diferente:

O maior barato da CUFA é essa possibilidade de conhecer pessoas, de entrar e sair de lugares que a gente nunca imaginou. Quando os artistas vêm aqui, eles são gente como a gente. Quando a gente vai a um show como o Hutúz ou ao lançamento de um livro, como por exemplo, o de Bill, somos bem vistos, bem tratados. Então a CUFA dá essa possibilidade, é uma forma de circular, de acreditar que é possível. Eu me sinto bem aqui, entro e saio de qualquer lugar, tanto na comunidade quanto fora dela, porque meu nome tá associado à CUFA.

A avaliação de que sua condição de integrante e “professora” da CUFA lhe dá uma certa distinção²⁶¹ dentro e fora da Cidade de Deus é, para Manú, um dos

²⁶¹ A teoria sobre a distinção, de Bourdieu (1979), fornece pistas para compreensão da disputa das diferentes camadas sociais pela afirmação da legitimidade do modo de comportamento e estilo de vida. Segundo esse autor, as diferenças de estilo de vida podem ser inseridas no conjunto de características auxiliares que anuncia a classificação social e participa dos processos de exclusão e inclusão social.

principais benefícios que a organização oferece a seus membros, e é nesse capital simbólico que ela parece investir. Tendo agora em sua mãe uma de suas grandes incentivadoras, ela se prepara para filmar com um famoso cineasta, ligado ao projeto de audiovisual da CUFA um curta sobre o bairro.

No ano de 2008, por ocasião do lançamento da coleção da grife e loja virtual “Daspu”, uma iniciativa da ONG “Davida” da qual Maria Alice faz parte, foi Manú quem organizou o evento que teve a chancela da CUFA. Mãe e Filha sonham agora em juntas abrirem sua própria ONG e pretendem transformar suas histórias em um livro, cujo título já foi escolhido: “Davida, Na vida e Pela vida.”

5.3 Sobre as trajetórias

Se como diz Velho (1994),²⁶² escrever uma história de vida é estar atento ao jogo relacional no qual o sujeito biografado esteve envolvido, nos casos aqui apresentados, este jogo se torna mais evidente quando se leva em conta os seus possíveis cruzamentos.

Essas narrativas diversificadas apresentam uma série de pontos em comum. Não se trata apenas das características dos narradores, todos moradores da Cidade de Deus, idade entre 30 e 40 anos, negros e solteiros. Refiro-me às convergências nas histórias que são contadas a partir da valorização de estratégias de ascensão e mobilidade social centradas em experiências de apropriação e utilização da linguagem audiovisual.

As histórias de vida destes moradores indicam que a incursão no campo do audiovisual foi um dos aspectos mais reveladores da estratégia de ascensão social desenvolvida. Nesse sentido, a passagem por projetos ou cursos associados a organizações não governamentais com atuação no bairro ou em favelas cariocas foi ponto de interseção entre as trajetórias de todas as participantes.

Foi possível mapear também outras aproximações entre suas trajetórias: a despeito das variações que apresentam o acesso a novos espaços, aos cursos e projetos se deu através da mediação, sobretudo de amigos e/ou conhecidos não residentes no bairro. Esses mediadores ajudaram nossos entrevistados a realizarem uma passagem entre um mundo e outro: entre o espaço da periferia e o universo

²⁶² OP. Cit. nota 232.

dos socialmente bem posicionados. O mais interessante, no entanto, é perceber que a inserção em tais espaços acabou gerando novas mediações, a partir da ampliação da rede de relações, e a possibilidade de acúmulo de certo capital cultural diferenciando-os de outros moradores.

Nesse processo, esses moradores acabaram também por se tornar, eles próprios, mediadores para outras pessoas. Passam a ser, por exemplo, mediadores entre a Cidade de Deus e outros universos, como eles próprios dizem, “entre os de dentro e os de fora do bairro. Veiculando, neste sentido, senão os recursos, que obviamente não são estendidos a todos, pelo menos a idéia de que é possível, a despeito do lugar que se vive, construir trajetórias bem sucedidas.

Os cursos e projetos são reconhecidos por eles como tendo tido impacto positivo em suas trajetórias já que se mostram ligados (muitas vezes por uma relação de causa e efeito) a conquistas materiais e simbólicas. Por um lado, algumas dessas experiências ajudam a conhecer novas pessoas, ter acesso a outros tipos de informação e conhecimento ou, nas palavras de Tony Barros, referindo-se ao curso de fotografia que fez no Viva Favela, “ampliam a visão”. Essa percepção indica que os espaços abertos por esses projetos e cursos configuram-se como espaços de sociabilidade e de acesso a bens materiais e simbólicos, além, é claro, do conhecimento transmitido aos que deles participam.

Há, no entanto, uma segunda dimensão que, nas narrativas em questão, é destacada com maior ênfase na construção das trajetórias: as noções de “oportunidade” e “superação”. Os cursos e a participação em ONGs contribuíram de formas diversas para o delineamento de estratégias mais ou menos específicas de ascensão social. No entanto, os projetos pessoais só puderam ser concebidos a partir da articulação entre estes e o campo de possibilidades posto para eles. No caso de Tony, por exemplo, seu ingresso no Viva Favela, permitiu alargar seu repertório cultural, atualizando-o na área do audiovisual, mas foi a partir da criação de um “produto com marca própria”, - a criação de uma ONG voltada à descoberta e ao agenciamento de modelos de origem favelada - que obteve o reconhecimento necessário para se posicionar satisfatoriamente na profissão de fotógrafo. Foi também a partir da entrada na mesma instituição que Don conseguiu a projeção necessária para emplacar como MC. Aliado a isso, o cultivo e a manutenção de uma rede de relações, constituída principalmente por moradores e não moradores envolvidos na produção e manipulação da linguagem audiovisual alargou

efetivamente seu campo de atuação, permitindo-lhe inclusive transformar o bairro em um “circuito turístico”. Há ainda os casos emblemáticos de Maria Alice e Manú, conforme já visto, mãe e filha que, por caminhos diversos, empreenderam alternativas bem sucedidas de inserção e mobilidade social. Maria Alice, valendo-se dos estigmas associados à condição de prostituta criou, juntamente com outras mulheres, a ONG DAvida, que tem como um dos empreendimentos de maior sucesso, a grife e loja virtual DASPU, além dos vários sites de relacionamento e sexo virtual. Já Manú, pelo fato de ser moradora da Cidade de Deus e trabalhar como instrutora de audiovisual na CUFA tem aberto caminhos para a realização do sonho de ser atriz.

Com efeito, um aspecto que emerge na análise destas trajetórias é a sua articulação com um cenário importante: o lugar em que se habita. Assim, a Cidade de Deus se constitui não só no espaço, mas também em sujeito que agencia, referenda e dá sentido a estas histórias. É, pois, através da exploração midiática da imagem do bairro e dos usos possíveis que esta imagem como produto consumível pode oferecer, que estes moradores constroem estratégias mais ou menos consistentes de ascensão e mobilidade individual, por onde elaboram suas identidades e ampliam seu campo de possibilidades.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O bairro Cidade de Deus encontra-se entre os temas privilegiados em teses, dissertações e artigos na área de Ciências Sociais e Humanas. Ainda assim, diante da tese finalizada, passo a revelar o que considero ser uma das contribuições desse trabalho acadêmico, qual seja: a análise dos processos sociais que envolveram a construção de imagens e identificações sobre o bairro articulados à construção identitária de seus moradores.

Com efeito, cabe dizer que a originalidade da tese está em mostrar como os diversos processos de intervenções em Cidade de Deus, principalmente através de políticas públicas remocionistas, contribuíram para construir clivagens e identificações, culminado em divisões internas no bairro que permanecem e se mantêm até os dias atuais. A novidade da pesquisa consistiu justamente na integração desses aspectos à análise das trajetórias de certos moradores que, ao se apropriarem das imagens construídas sobre o lugar elaboraram rotas alternativas de inserção social e construção identitária.

Partindo dessa perspectiva, a pesquisa buscou traçar uma análise cuidadosa dos processos de segregação socioespacial que estão presentes em Cidade de Deus desde o seu surgimento e que conformaram ou estão a conformar a construção identitária dos seus moradores. Chamei atenção, nesse sentido, para as diversas imagens construídas ao longo de décadas sobre o bairro e que interpelaram seus habitantes das mais diversas formas, seja produzindo identificações que ensejaram a ampliação de estigmas, seja através de ações do poder público no lugar.

No âmbito da reflexão, privilegiou-se também na análise da produção de imagens e identificações sobre o bairro a repercussão gerada pelo filme “Cidade de Deus” junto aos moradores do lugar. Nesta perspectiva, cabe mencionar, que a obra cinematográfica se constituiu em um marco na construção imagética do bairro, ensejando possibilidades para que certos moradores construíssem estratégias de participação, reconhecimento e visibilidade na esfera pública.

Neste contexto, o estudo de caso da Central Única das favelas – CUFA – constituiu-se em um importante meio de análise para compreensão das formas através das quais certos moradores e/ou organizações na Cidade de Deus

constroem estratégias voltadas à busca por visibilidade e reconhecimento público. Dentro dessas estratégias observou-se a manipulação e os usos da linguagem audiovisual e a busca por projeção nos canais midiáticos mais amplos como elementos de mobilização e de visibilidade.

Deste modo, pode-se dizer que a apropriação do campo audiovisual emerge como esfera privilegiada de produção de sentido, de capacidade de propiciar novos processos de identificação da Cidade de Deus e de seus moradores. Ao mesmo passo que permiti também, através da exploração midiática do lugar, engendrar processos de dinamização, invenção e reinvenção de biografias.

Neste sentido, amparando-se nas produções audiovisuais como importante estratégia na construção de reconhecimento e visibilidade, certos moradores têm transformado seu pertencimento ao bairro - que a princípio os estigmatizava - em importante capital material e simbólico para construção de trajetórias ascendentes.

A este respeito, cabe dizer, que a partir do estudo das trajetórias foi possível compreender como determinados moradores, através da exploração da imagem do bairro como produto de consumo midiático, elaboraram projetos pessoais de ascensão e mobilidade individual.

A análise das histórias de vida destes moradores indicou que a incursão no campo do audiovisual aliado aos usos da imagem midiática do bairro foi um dos aspectos mais reveladores da estratégia de ascensão individual desenvolvida por eles. Dessa perspectiva, pode-se dizer que a Cidade de Deus se constituiu não só no espaço onde essas histórias foram formuladas, mas também e, sobretudo, como elemento essencial na conformação e referência à construção de identidades.

Ao que tudo indica, no caso da Cidade de Deus, sobretudo de seus moradores, muitas histórias ainda estão por ser contadas. A que eu apresentei aqui foi apenas uma delas.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n.5-6, p.25-36, 1997.
- ABREU, M. *A evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPLAN/RIO, 1997.
- ABREU, M. Reconstruindo uma historia esquecida: origem e expansão inicial das favelas do Rio. *Espaço & Debates*, São Paulo, v.14 ,n.37, p.34-46,1994
- ALVEAR, Celso Alexandre Souza de. *A formação das redes pelas organizações sociais de base comunitária para o desenvolvimento local: um estudo de caso da Cidade de Deus*. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências e Engenharia de Produção) – Faculdade de Engenharia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- Alves, Andréa Moraes. *A dama e o cavalheiro: um estudo antropológico sobre gênero, sociabilidade e envelhecimento*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- ALVITO, Marcos ; ZALUAR, Alba (Org.). *Um século de favela*. 3.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- ALVITO, Marcos. *As cores de Acari: uma favela carioca*. Rio de Janeiro: FGV, 2001.
- AMARAL, Leila. *Carnaval da alma*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- AMARAL, Sayonara. Mv Bill – O intelectual negro nas esferas da insurgência. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens*, ano.1, n.1, 2006. Disponível em: < <http://www.tabuleirodeletras.uneb.br>> Acesso em: 20 jul. 2007.
- ANTONIO, João. *Casa de loucos*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1976.
- APPADURAI, A. *The past as a scarce resource*. *Man* (n.s), 16(2):201-219,1981.
- ASSIS, S. G; CONSTANTINO P. *Filhas do mundo: infração Juvenil no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.
- ATHAYDE, Celso ; Mv Bill; *Falcão – Menino do tráfico*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.
- ATHAYDE, Celso; MVBill ; SOARES, Luiz Eduardo. *Cabeça de Porco*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.
- AUGÉ, M. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Trad. Maria Lúcia Pereira. Campinas, SP: Papirus, 1994.

BARBOSA, Antonio Carlos Rafael. *Um abraço para todos os amigos: algumas considerações sobre o tráfico de drogas no Rio de Janeiro*. Niterói: EDUFF, 1998.

BARBOSA DE FREITAS, Guaciara. Periferia midiaticizada – midiaticização da periferia. In: ENECULT - ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA , 6.,2008, Salvador. Faculdade de Comunicação/UFBa, 2008. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14175.pdf> Acesso em: 24 maio 2008.

BARICHELO, Eugênia Mariano da Rocha; SCHEID, Daiane. *Considerações sobre visibilidade midiática e legitimação: a auditoria de imagem nas organizações contemporâneas*, 2006. Disponível em:<<http://www.rp-bahia.com.br/>> Acesso em: 24 set. 2008.

BENEDICT, R. *O Crisântemo e a espada*. São Paulo: Perspectiva. 1972.

BERTAUX, Daniel. *Es récits de vie*. Perspective ethnosociologique. Paris: Editions Nathan, 1997.

BERREMAN, Gerald. D.. Etnografia e controle de impressões em uma aldeia do Himalaia. In: ZALUAR, Alba. (Org.). *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora S.A., 1980 p.141

BIRMAN, Patrícia. Favela é comunidade? In: SILVA, Luiz Antonio Machado (Org.) *Vida sob cerco: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora Nova, 2008.

_____. *Territórios, fronteiras e processos identitários: as comunidades e seus direitos*. Rio de Janeiro: Projeto prociência. 2009

BOURDIEU, P. *La distinction: critique sociale du jugement*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1979.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 183-192.

BRUM, Mario Sergio. *O povo acredita na gente: rupturas e continuidades no movimento comunitário das favelas cariocas nas décadas de 1980 e 1990*. 2006. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

BURGOS, Marcelo Baumann. Favela , cidade e cidadania. In: BURGOS, Marcelo Baumann (Org.). *A utopia de comunidade: Rio das Pedras, uma favela carioca*: Rio de Janeiro: PUC- Rio; Loyola, 2002.

CABANES, Robert. “Quelle approche biographique?” *Révue Internationale de Psychologie*, v.6, n.14, p.1-17, 2000.

CALDEIRA, Tereza. *Cidade de muros*. Crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Ed. 34/ EDUSP, 2000.

CALIL JUNIOR, Alberto. *OM SAI RAM: encontros e trânsitos no campo religioso brasileiro*. 2004. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Rio de Janeiro, 2004.

CANCLINI, N. *Culturas híbridas*. São Paulo: Edusp. 1998.

CAVALCANTI, Maria Laura V. C. Conhecer desconhecendo: a etnografia do espiritismo e do carnaval carioca. In: VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina (Org.). *Pesquisas urbanas*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

CAVACALTI, Maria Laura. *Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile*. Rio de Janeiro: FUNARTE/ UFRJ, 1995.

CAVALCANTI, Mariana. O ambiente construído e a politização do cotidiano nas favelas cariocas. *Cadernos Metrópole*, n.12, p. 65-93, 2004. Disponível em: http://web.observatoriodasmetropoles.net/download/cm_artigos/cm12_59.pdf

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHAMPAGNE, Patrick. A visão mediática. In: BOURDIEU, P. *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHARTIER, Roger. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, 1995.

CHEVALIER, L. *Classes Laborieuses, Classes dangereuses*. Paris, Plon 1959.

CLIFFORD, J. A. *experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

COELHO, Maria Claudia. *A experiência da fama: individualismo e comunicação de massa*. Rio de Janeiro :FGV, 1999.

COELHO, Maria Cláudia. Um brilho especial: o universo dos jovens atores. In: VIANNA, Hermano (Org.) *Galeras cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

COIMBRA, Cecília. *Operação Rio: o mito das classe perigosas: um estudo sobre a violência urbana, a mídia impressa e os discursos de segurança pública*. Niterói: Oficina do Autor e Intertexto, 2001.

COMAROFF, Jean; COMAROFF, John L. *Ethnicity, inc.* Chicago: Chicago University, 2009.

COSTA, Antonia Gama Cardoso de Oliveira da. *Fazendo do nosso jeito: o audiovisual a serviço da resignificação da favela*. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica, 2009.

COSTA, Antonio Carlos Gomes. *Protagonismo juvenil: adolescência, educação e participação democrática*. Salvador: Fundação Odebrecht, 1998.

CORDEIRO, Graça Índias ; COSTA, António Firmino da. “Bairros, contexto e intersecção”, In: VELHO, Gilberto (Org.). *Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1999, p. 58-79. (Cap. 4)

CUNHA, Olivia Maria Gomes da. Bonde do mal: notas sobre território, cor , violência e juventude numa favela do subúrbio carioca. In: MAGGIE, Yvonne; REZENDE, Claudia Barcellos (Org.). *Raça como retórica: a construção da diferença*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

DA MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

DAS, Veena ;POOLE, Deborah (Org). *Anthropology in the margins of the state*. Santa Fé : Oxford, 2004. (School of American Research Advanced Seminars Series).

DIÓGENES, Glória. *Cartografia da cultura da violência: guangue, galeras e o movimento social hip hop*. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto, 1998. p 44.

ENNE, Ana Lucia S. Memória, identidade e imprensa em uma perspectiva relacional. *Revista Fronteiras – estudos midiáticos*, v.6, n.2,101-116, jul./dez. 2004. Disponível em: <www.castelobranco.br/sistema/novoenfoco/files/01/memoria2.doc>

ESSINGER, Silvio. *Batidão: uma história do funk*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

FERREIRA, Maria Inês Caetano. Jovens pobres na favela: múltipla escolha para quê, se no fim nada dá em nada? *Imaginario*, São Paulo, v.12, n.12, jun. 2006.

FREITAS, Guaciara Barbosa de. A cultura na (da) periferia e a periferia na (da) mídia. *Políticas Culturais em Revista*, v.2, n. 2, p. 34-49, 2009 – Disponível em: <www.politicasculturaisemrevista.ufba.br> Acesso em: 10 maio 2010.

FOOTE-WHYTE, William. *Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada*. Rio de Janeiro: J.Zahar, 1993.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca . A favela que se vê e que se vende: reflexões e polêmicas em torno de um destino turístico. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo,v. 22, p. 61-72, 2007.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca ; GABRIEL SANT'ANNA, Maria Josefina. GUETO, FAVELA e BANLIEUE: juventude e segregação espacial no cinema contemporâneo.

In: FREIRE-MEDEIROS, Bianca ; VAZ DA COSTA, Maria Helena Braga. (Org.). *Imagens marginais*. Natal: UFRN: 2006.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca. *Gringo na laje*: produção, circulação e consumo da favela turística. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

FRIGERIO, Alejandro. Artes negras: perspectiva afrocêntrica. *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, n. 23, set.1992.

FUNDAÇÃO IBGE. *Síntese de indicadores de pesquisa básica da PNAD de 1981-1989*. Rio de Janeiro, 1990.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1978.

_____. *O saber local*. Petrópolis: Vozes. 1997.

GOFFMAN, E. *Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1978.

_____. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1985.

GOVERNO DO ESTADO DA GUANABARA. *Rio operação favela*. Rio de Janeiro: Secretaria de Administração do Estado da Guanabara, 1969. 104p.

GUIMARÃES, Eloísa. *Escola, galeras e narcotráfico*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

GOUVEIA, P. et al. *Uma favela cordial*: imagens, discursos e experiências em comunidades. Viçosa: UFV, 2007.

HOFFMANN, R. Desigualdade e pobreza no Brasil no período 1979-90. In: ENCONTRO BRASILEIRO DE ECONOMETRIA, 14., 1992, Campos do Jordão. *Anais*. São Paulo, 1992. v.1.

HANNERZ, Ulf. *Cultural complexity*: studies in the social organization of meanings. New York: Columbia University Press. 1992.

_____. Cosmopolitans and locals in world culture. In: *Transnational. Connections*. London : New York: Routledge. 2003

HERSCHMANN, Micael. *O funk e o hip hop invadem a cena*. Rio de Janeiro: UFRJ. 2005.

HIJJAR, Elizabeth Aiub. Conjuntos habitacionais e deslocamentos para trabalho e compras. *ENCONTRO NACIONAL DOS GEOGRAFOS*, 4., 1981, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: AGB, 1981. p.103-117.

HOLANDA, Heloísa Buarque. *A política do hip hop nas favelas brasileiras*. Disponível em: <<http://www.inesc.org.br>> Acesso em: 2 set. 2010.

INGOLD, Tim. Jornada ao longo de um caminho de vida. In: *Religião e Sociedade*, 2005. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

JERÔNIMO, Paulo. Governo ouvirá favelado para erradicar as favelas. *Guanabara em Revista*, Rio de Janeiro, n.13, p.14-18,1968.

KERTZER, David. Rituais políticos e a transformação do Partido Comunista Italiano. *Horizontes antropológicos*, Porto Alegre, v.7, n.15, p. 15-36, 2001

KOFES, Suely. *Uma trajetória em narrativas*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

LEEDS, Anthony e Elisabeth. *A sociologia do Brasil urbano*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1978.

LEITE, Márcia Pereira. Da metáfora da guerra à mobilização pela paz: temas e imagens do Reage Rio, *Cadernos de Antropologia e Imagem*, n.4, 1995.

_____. Entre o individualismo e a solidariedade: dilemas da política e da cidadania no Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v.15, n. 44, 2000.

_____. A construção social do Grajaú, um bairro carioca. In: SANTOS, Alexandre Mello; LEITE, Marcia Pereira; FRANCA, Nahyda. (Org.). *Quando memória e história se entrelaçam: a trama dos espaços na Grande Tijuca*. Rio de Janeiro: IBASE, 2003.

_____. Na tela, o povo e a Nação: “Classes Populares” e periferias em imagens. In: FREIRE-MEDEIROS, Bianca ; VAZ DA COSTA, Maria Helena Braga e. (Org.) *Imagens Marginais*. Natal : UFRN, 2006.

_____. *Para além da metáfora da guerra: violência, cidadania, religião e ação coletiva no Rio de Janeiro*. São Paulo: Attar editorial/CNPQ-Pronex, 2007.

_____. Violência , risco e sociabilidade nas margens da cidade: percepções e formas de ação de moradores de favelas cariocas. In: SILVA, Luiz Antonio Machado (Org.) *Vida sob cerco: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora Nova, 2008.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia . In: FERREIRA; AMADO (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p.167-182.

LEWIS, Oscar, A Cultura da Pobreza in: HARDIN, Garret (Org.) *A ciência social num mundo em crise*, São Paulo: Perspectiva/EDUSP, p. 146-53. 1973.

LEWIS, Oscar. The culture of poverty. *Scientific American*, v. 215,oct. 1966.

LINS, Paulo. *Cidade de Deus*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio. Violência urbana: representação de uma ordem social. In: *Natureza, história e cultura*. Cadernos de Sociologia/ Programa de Pósgraduação em sociologia, Rio Grande do Sul: UFRGS,1993. v.4

_____. Sociabilidade violenta: uma dificuldade a mais para ação coletiva nas favelas. In: VVAA (Org.). *Rio: a democracia vista de baixo*. Rio de Janeiro: IBASE, 2004.

MACHADO DA SILVA, Luiz Antônio; LEITE, Márcia P. Violência, crime e política: o que os favelados dizem quando falam desses temas? *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, v. 22, n.3, p. 545-591, set./dez. 2007.

MACHADO DA SILVA, Luis Antonio. *Afinal, qual é a das UPPS?* Disponível em: <<http://www.observatoriodasmetrolopes.ufrrj.br>> Acesso em: mar. 2010.

MALINOWSKI, Bronislaw. "Argonautas do Pacífico Ocidental". São Paulo, Abril Cultural. (1998 [1922]). (Os Pensadores).

MANSO, Bruno Paes. *A violência urbana como guerra*. 2002. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – São Paulo, Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica, 2002 .

MELO, Maria Lúcia Macedo. *Unidade e divisão no espaço da pobreza*. São Paulo: Cortez, 1983.

MENDONÇA, Maria Luiza Martins de. *Produção audiovisual e expressão da cultura subalterna*. Disponível em: <<http://www.direitoacomunicacao.org.br>> acesso em: 3 abr.2009

MORAES, Andréa Alves. *Mulheres, corpo e performance: a construção de novos sentidos para o envelhecimento entre mulheres de camadas médias urbanas*. Disponível em : <www.antropologia.com.br/tribo/genero/artigos/a2-aalves> Acesso em: 3 março 2010.

NOIRIEL, Gérard. *L'identification. Génèse d'un travail d'État*. Paris: Belin..2007.

NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, M. I. M. de Almeida; EUGÊNIO, F. (Org.). *Culturas jovens. Novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: J.Zahar, 2006, p.105-120.

PAIS, José Machado. *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda,1993.

PIMENTEL, S. *Hip-hop no Brasil: esperança nas periferias da periferia do capitalismo*. Disponível em: <www.realhiphop.com.br> Acesso em: 4 nov.2009.

PERLMAN, Janice. *O mito da marginalidade: favela e políticas no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p.3-15, 1989.

_____. Memória e identidade social. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

REZENDE, V. L. F. M. *Planejamento e política fundiária: o caso da cidade do Rio de Janeiro*. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade São Paulo, São Paulo, 1995.

RIBEIRO, Paulo Jorge da Silva. *Ressonância e encantamento: 'Cidade de Deus' na zona de contato da crítica cultural contemporânea*. 2005. Tese (Doutorado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

ROCHA, Lia de Mattos *Uma favela “diferente das outras?”: rotina, silenciamento e ação coletiva na favela do Pereirão*. 2009. Tese (Doutorado) - Rio de Janeiro Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

RONDELLI, Elizabeth. Imagens da violência e práticas discursivas. In: PEREIRA, C. M. (Org.). *Linguagens da violência*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

ROSA, Thaís Troncon. Produção e apropriação do espaço em periferias urbanas: construindo algumas questões. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 25., 2006, Goiânia. *Anais Goiânia* Disponível em: <www.anpocs.org.br/portal/component> Acesso em: 4 abr. 2010.

_____. *Fronteiras em disputa na produção do espaço urbano: a trajetória do “Gonzaga” de favela a bairro de periferia*. 2008. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

SAMSONE, Livio. *Negritude sem etnicidade: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil*. Salvador: Edufba; Pallas, 2004.

SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: EdUSP, 1998.

SCHUTZ, A. *Fenomenologia e relações sociais*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1979.

SOARES, Luis Eduardo. Criminalidade e violência. In: *Comunicação e Política*. Rio de Janeiro: Cebela, 1994.

_____. (Org). *Violência e política* no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: ISER, Relume-Dumará, 1996.

_____. Geografia da violência no Rio de Janeiro. In: MV BILL; ATHAYDE, Celso. *Cabeça de porco*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

SOUZA, Regina Magalhães. *O discurso do protagonismo juvenil*. São Paulo: Paulus, 2007.(Coleção Ciências Sociais).

TAVARES, Julio Cesar de. Atitude, crítica social e cultura hip-hop: a face afrodescendente dos intelectuais público brasileiro *Revista espaço acadêmico*, n. 36 2004. Disponível em : <<http://www.espacoacademico.com.br/036/36etavares.htm>> Acesso em: 4 ago. 2010.

TOURAINE, Alain. *Que é a democracia?* 2 ed. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis : Vozes, 1996a. 286p.

_____. *O retorno do actor: ensaio de sociologia*. Tradução de Armando Pereira da Silva. Lisboa: Instituto Piaget, 1996b. 232p.

TURNER, Victor. *The anthropology of performance*. New York: PAJ Publications, 1987.

VALLA, Victor Vincent. *Educação e favela*. Petrópolis: Vozes, 1986.

VALLADARES, Licia do Prado. *Passa-se uma casa: análise do programa de remoção de favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro. J. Zahar, 1978.

_____. A gênese da favela carioca: a produção anterior às ciências sociais. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 15, n.44, p. 5-34, out. 2000b.

_____. *A invenção da favela: do mito de origem a favela.com*. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

VAZ, Paulo et al. Pobreza e risco: a imagem da favela no noticiário de crime. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÔS, 14., 2005, Rio de Janeiro. Universidade Federal Fluminense/UFF, 2005.

VELHO, Gilberto. *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro : J. Zahar, 1978.

_____. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira (Org.) *A aventura Subjetividade e Sociedade: uma experiência de geração*. Rio de Janeiro :J. Zahar, 1986.

_____. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1994. v.1. 137 p.

VENTURA, Zuenir. *Cidade partida*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

ZALUAR, Alba. Mulheres e a direção do consumo doméstico. In: KOFES et al. *Colcha de retalhos: estudos sobre família no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

_____. *A Máquina e a revolta*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. O Rio contra o crime. *Revista presença*, n.5. 1985b.

_____. *Teleguiados e chefes. Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, n.14. 1990.

ZALUAR, Alba. *O condomínio do diabo*. Rio de Janeiro: UFRJ/Revan. 1994.

_____. *Cidadãos não vão ao Paraíso*. São Paulo: Unicamp/ Escuta, 1994b.

_____. *Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

Sites pesquisados:

CUFA – Central Única das Favelas -www.cufa.com.br -

Favela tem memória -www.favelatemmemoria.com.br

MPF - Movimento Popular de Favelas -www.mpf.com.br-

Observatório de Favelas www.observatoriodefavelas.org.br

Olhares do Morro www.olharesdomorro.org

Viva Favela www.vivafavela.com.br.

Revista Tal www.revistatal.com.br.

Portal IBASE www.ibase.br

Revista Continente Multicultural www.continentemulticultural.com.br

www.rioquepassou.com.br.

Jornais pesquisados:

O Dia

O Globo

Jornal do Brasil

Jornal de bairros de Jacarepaguá

Revista VEJA.

Filmografia pesquisada:

Cidade de Deus. Direção: Fernando Meirelles. Co-direção: Kátia Lund, 2002.

Favela Rising. Direção Jeff Zimbalist and Matt Mochary, 2005

Notícias de uma Guerra Particular . Direção: João Moreira Salles e Kátia Lund, 1999.

ANEXO A - Jornal O globo de 12 /10/1979 - Reportagem "Cidade sem Anjos" sobre a "guerra" do trafico em Cidade de Deus

O GLOBO sexta-feira, 12/10/79

GRANDE RIO • 15

INSEGURANÇA E MEDO NA CIDADE DE DEUS

Prefeitura prepara um programa de emergência



Na Escola Avertano Rocha, Klabin conversa com professores e moradores

Prefeito comprova que o bairro está despoliciado

antes da reunião que teve com seu secretário, o prefeito Israel Klabin visitou na manhã de ontem a Cidade de Deus, onde verificou que o bairro estava despoliciado e que das escolas de Primeiro Grau locais, cinco continuavam fechadas, pelo medo que os professores têm de serem atacados por quadrilhas que atuam na área.

Em uma das escolas que tiveram aula ontem, a Avertano Rocha, os professores apresentaram ao prefeito suas reivindicações: policiamento preventivo e permanente; utilização de kombis para o transporte dos professores, na ida e volta das escolas; e transferência, de lá, das que receberam ameaças de delinqüência. Enquanto estas soluções não forem tomadas, os professores não pretendem trabalhar na Cidade de Deus.

Os professores, contudo, estão céticos quanto à adoção de medidas satisfatórias.

Aqui na Escola Alphonso de Goulart, disse uma professora — 1.028 crianças estão impedidas de estudar lições. Estiveram sem vir à escola no período da greve dos professores e agora, novamente, com o movimento dos professores por medidas de segurança. É estranho que o prefeito tenha vindo à Cidade de Deus e procurado exatamente

O prefeito Israel Klabin pediu ontem a cada secretário municipal, com os quais se reuniu, que apresente o quanto antes sugestões que permitam à Prefeitura executar um programa de emergência capaz de atender as necessidades sociais mais urgentes da Cidade de Deus, onde os professores de escolas municipais estão deixando de dar aula por falta de um policiamento preventivo que lhes dê o mínimo de segurança.

Ontem, das oito escolas de Primeiro Grau da Cidade de Deus só cinco tiveram aulas. Antes da reunião com o secretário, o prefeito Israel Klabin esteve na Cidade de Deus para observar na prática os problemas do conjunto residencial.

Na visita a Cidade de Deus, Klabin debateu os problemas locais de segurança não só com os professores mais também com moradores, que se queixaram muito de falta de assistência oficial à comunidade.

AÇÃO INTEGRADA

Klabin determinou a seus secretários na reunião de ontem, que seja criado na Cidade de Deus um programa de ação integrada com a participação de todas as secretarias municipais. O programa cuidará não apenas das questões de segurança mas também de algumas carências sociais nos setores de transporte, saúde, educação, saneamento e proteção ao menor.

Ele explicou que, para resolver os problemas que não dependem exclusivamente do poder municipal, fará articulação com órgãos federais ou estaduais que tenham responsabilidade mais direta por eles, como a Cebah, o RNH, a Fundrem e outros.

Não há data fixada para o início do programa, mas o prefeito garantiu que nos próximos dias receberá os secretários e os relatórios que servirão de base ao programa a ser executado.

Israel Klabin confessou que ainda não tem uma ideia completa do que poderá ser feito pela Cidade de Deus.

— Entretanto, já é possível fazer alguma coisa. A Pánela do Povo, por exemplo, poderá começar a atuar lá já na quinta-feira que vem.



No bairro inseguro, mães levam os filhos pela mão: à saída de uma escola

Cidade sem anjos

UMA SUPREMA ironia: na Cidade de Deus, Rio de Janeiro, oito escolas suspendem as aulas por falta de segurança, prejudicando sete mil estudantes.

NEM OS anjos-da-guarda se sentiram em condições de defender os seus protegidos do banditismo que reina solto na Cidade de Deus.

NÃO É CERTAMENTE porque a cidade tenha deixado de ser de Deus que isso acontece. Mas sim porque a polícia não deixou de ser dos homens.

**Hoje
eu compro aquele
apartamento.**



**O importante
é ter charme.**



3 dormitórios e 1
banho. Salão, 1 ou 2
quartos, varandas.
— Você pergunta:
qual o preço? —
R\$ 250.000.



de 100 metros, 100
de metrô e 100 metros
de metrô. É preciso? Claro que sim.
Venda: R\$ 500.
mas um grande
apartamento, bem.

Classificados

**No Flamengo, 2 tamanhos de luxo:
1 ou 2 quartos.**

4 - 1 Avenida Cruz 8 - entre a praça de 1.000 m²

ANEXO B

Jornal O Dia – A notícia refere-se a morte de “Mané Galinha”

Professores enquadrados no Plano de Classificação

“NINGUÉM INCENDIARÁ ESTE PAÍS”

Silêncio e pavor na Cidade de Deus

TOMBOU O CHEFÃO

NA BATALHA FINAL

Fundador: CRAGAS FREITAS Diretor: OTHON PROLHO

O DIA 5,00

A Notícia 1979-11-1979

Redação e Administração: Rua Riochônia, 350. Tel. 322-7751. Telex: 22.385

ANO XXIX Rio de Janeiro, sexta-feira, 31 de agosto de 1979 N° 9.978

Fogo no ouro

De “Mimoso” não tem nada

Bombeiros e a

Militares ganham novas gratificações e adicionais

1º aumento automático de salário até 24,2%

Panela Pobre Parque Iníquo

No Jogo de França pensa o Brasil

Fina fiscal para quem compra cigarros

Levado para a Delegacia de Roubo e Furtos, José Louzeiro Siqueira Rosa, o “Mimoso” (foto), que começou ganhando a vida como craque de futebol e acabou como assaltante, fez graves acusações aos policiais que o prenderam depois de investida contra uma padaria no Mém. Diz que foi torturado e que um detetive lhe tomou 40 mil cruzeiros (Na página 9)

ANEXO C

Reportagem do Jonal "O Dia" de 14 de agosto de 1979, noticiando a "guerra" em Cidade de Deus



ANEXO - D

Em 28 de novembro de 1979 a Revista Veja dedicou um caderno especial à questão da violência no Rio de Janeiro. Na Reportagem, a Cidade de Deus mereceu o principal destaque como lugar de miséria e



Marília Pêra: mais sorte que o . . .



. . . engenheiro Pareto Neto, morto por pivetes no Cosme Velho

Crime

O pique da violência

Uma vertiginosa onda de crimes expõe o grave problema da marginalidade no Rio de Janeiro.

Mata-se mais que na baixada Fluminense

As 6 horas da manhã de quarta-feira passada, três homens armados e encapuzados ocuparam o apartamento da atriz Marília Pêra, no bairro da Lagoa, Rio de Janeiro. Durante uma hora, os assaltantes mantiveram imobilizados a atriz, seu filho Ricardo, seu ex-marido, o compositor Nelson Motta, a filha do casal, Esperança, de 5 anos, e a empregada. Ao final da operação, tinham arrecadado 1 milhão de cruzeiros em jóias e 15 000 em dinheiro — 5 000 deles pertencentes à empregada.

Os ocupantes do apartamento saíram ileso do assalto. Um dos porteiros ficou no saguão do prédio vigiado por outros dois encapuzados e, ao tentar ver o rosto de um deles, foi riscado a face. "Com um deles havia condição de dialogar", contou mais tarde Marília Pêra. "Ele segurou a barra dos outros dois, que estavam com tanto medo

quanto nós. E não há nada mais assustador que dois assaltantes com medo", suspira a atriz. "Está tudo bem", completou Nelson Motta. "Acho que tiramos a Loteria Esportiva". É verdade. No último dia 15, foram o medo e o susto de assaltantes e vítimas as causas da morte do engenheiro João Vitorio Pareto Neto, em sua casa no bairro do Cosme Velho. Ao dar com dois pivetes armados no andar térreo da casa, dona Heloisa, a esposa do engenheiro, e a empregada, Vera Lúcia, começaram a gritar por socorro. Assustados, os pivetes atiraram várias vezes, atingindo Pareto Neto, que descia as escadas do sobrado para socorrer as mulheres. Baleado duas vezes, ele ainda caminhou até o sofá da sala, onde morreu.

CACOETES DA INSEGURANÇA — O assalto à casa da atriz e a morte do engenheiro não são incidentes isolados no

Rio de hoje. Pelo contrário, uma vertiginosa onda de violência tem feito centenas de vítimas nas últimas semanas. No mesmo dia da morte de Pareto Neto, assaltantes abateram a tiros, em Ipanema, o engenheiro colombiano Joaquín Bello. Dois dias antes do assalto à casa de Marília, o americano Alvin Frank Clark foi esfaqueado perto do Othon Palace Hotel por reagir a uma tentativa de assalto.

Há muitos outros casos nessa trama de estatísticas alarmantes. Só no município do Rio de Janeiro, em média, a cada 24 horas seis pessoas são assassinadas e duas estupradas. No mesmo período, registraram-se nas quarenta delegacias da cidade setenta casos de lesões corporais, um caso de tentativa de homicídio e 130 ocorrências de roubos e furtos. A última estatística feita pela Secretaria da Segurança, de agosto passado, computa 7 600 infrações penais. ♦

tre professoras e traficantes de tóxicos não só existe como é praticamente obrigatória e inevitável. Mesmo porque é tênue a fronteira que separa um menor abandonado, ou um pedreiro sem emprego, de um traficante profissional que lhes oferece alguns trocados pelo transporte de um envelope de cocaína. "A vida dessa gente é muito triste", diz a diretora Jurema Gonçalves. "Eu não sei, sinceramente, se no lugar deles não faria a mesma coisa." Quem consegue sair, de alguma forma, dessa miséria sem perspectivas, acaba virando um perigoso exemplo, um herói aos olhos das crianças — que, na Cidade de Deus, são calculadas em mais de 20 000 com menos de 15 anos.

Nas comemorações do último 7 de

cia, a população não vê com simpatia uma ofensiva policial que pretenda combatê-la numa ação de características militares. No bairro, fala-se de uma grande operação de cerco na Cidade de Deus, com 1 500 homens da PM e do Departamento Geral de Investigações Especiais que caçaria os quadrilheiros que disputam o domínio da região. "Trata-se de um problema social que não se resolve com delegacia nem metralhadoras", supõe a professora Aloé. Uma ação policial intensa, ou até mesmo violenta, poderia ser bem recebida na área se depois dela os criminosos efetivamente desaparecessem dali. Não é isso, entretanto, o que tem ocorrido na Cidade de Deus.

A consequência é uma crescente des-

em torno de 700 000 cruzeiros. "Sem a Cidade de Deus", calcula ele, "o mesmo terreno valeria 1,8 milhão." Com 990 000 metros quadrados incrustados na região mais promissora do mercado imobiliário carioca, o bairro exerce muitos atrativos junto às imobiliárias. "Seria um bom negócio a Companhia Estadual de Habitação desapropriar e vender as terras da Cidade de Deus e transferir seus moradores."

"FORA DO NORMAL" — Por enquanto os moradores tentam garantir a permanência no local como podem. O que ninguém vê no "quisto", segundo Daise da Silva, coordenadora do Colégio José de Alencar, a escola de segundo grau do bairro, "é o esforço fora do normal



Padre Grooten: avisos sobre os tiroteios



João Pinho: denunciando o "interesse econômico"

Setembro, os alunos da escola dirigida por dona Jurema patrocinaram um constrangedor exemplo dessa emulação. Durante o desfile cívico, gritavam em coro o nome "Manuel" — sua última homenagem a "Mané Galinha", líder de uma das quadrilhas em guerra, que naquele momento agonizava e viria a morrer no dia seguinte, vítima das balas dos rivais liderados por "Zé Pequeno". Principalmente por isso, os líderes comunitários da Cidade de Deus insistem em que o problema que os aflige não é um mero "caso de polícia"; Maria de Fátima Aloé, uma das professoras, lembra que "esses grupos de favelados foram colocados aqui sem estrutura nenhuma, sem nenhuma organização de vida e hoje estão sem saída". Os que se tornaram marginais, segundo ela, fizeram isso para sobreviver.

DESCONFIANÇA — Assim, mesmo sofrendo com o problema da violên-

confiança dos moradores em relação às iniciativas oficiais. Há, até mesmo, quem imagine que estaria embutido na ofensiva policial o interesse de fazer uma nova remoção dos moradores da Cidade de Deus para outras regiões fluminenses, ainda mais distantes. "Os grupos imobiliários estão fazendo tudo para que a gente dê lugar a edifícios de luxo", opina João Batista do Pinho, de 58 anos, ex-presidente do Conselho de Moradores e o mais antigo habitante do bairro. Transformar a área em uma praça de guerra, conclui ele, seria um bom pretexto para começar essa nova operação.

Os valores dos terrenos na Barra da Tijuca e em Jacarepaguá, na verdade, podem variar muito, segundo a existência ou não da Cidade de Deus. Na vizinhança do crime, avalia Gildo Pereira Loti, diretor de vendas da Geliat Imóveis, que opera na Barra, um terreno de 1 000 metros quadrados estaria valendo

que a comunidade faz para se organizar e enfrentar a miséria em que vive". Não só os marginais se organizam. Os moradores da Cidade de Deus têm agora um semanário (*O Amanhã*), uma revista (*Nôa*), três grupos de teatro, dois cineclubes, grupo de terapia psicológica comunitária, da Igreja, e o Conselho de Moradores, com eleições regulares, diretas e secretas.

Antes que uma nova remoção ou um fortalecimento do aparato policial, a pacífica e assustada população pede infraestrutura sanitária para seus apartamentos e atenção do governo na solução dos problemas sociais que acabam gerando marginais e violência. Por sinal, transferir simplesmente os favelados de um local para outro já está provado que não resolve nem os problemas dos removidos, nem os surtos de violência que ciclicamente se abatem sobre a cidade do Rio de Janeiro.

JOSÉ CASTELO BRANCO

VEJA, 28 DE NOVEMBRO, 1979



Cidade de Deus: ex-favelados entre a miséria e os marginais

FAVELA EM CONCRETO — A Cidade de Deus, com quase 100 000 habitantes, situada na fronteira da valorizada Barra da Tijuca com Jacarepaguá, é um exemplo-padrão das tentativas para se acabar com as favelas do Rio de Janeiro. A improvisação remonta às origens desse projeto de transferência dos moradores de barracos na zona sul da cidade para conjuntos habitacionais da periferia. Em 1966, uma grande enchente levou para seus prédios, ainda em construção, alguns milhares de desabrigoados que lá deveriam permanecer provisoriamente — e que provisoriamente estão lá até hoje. Nos anos seguintes, outros favelados recolhidos nos morros da zona sul ocuparam o resto das casas inacabadas — e até mesmo os barracões que deveriam servir como centro de triagem de novos moradores.

Com o tempo, a Cidade de Deus tornou-se, em concreto, o que eram as antigas favelas com seus barracões de madeira: uma concentração de marginalizados, na qual convivem com assaltantes e traficantes de tóxicos, trabalhadores desempregados, biscoiteiros, domésticas e menores abandonados. Em volta, a mesma paisagem dos modernos conjuntos residenciais da Barra, erguidos a partir de 1970. "Aquilo é um quisto", costumam dizer, sobre a Cidade de Deus, os soldados do 18.º Batalhão da PM, encarregados da segurança em toda a área de Jacarepaguá.

Os problemas de violência, que já existiam, tornaram-se mais graves quando a rota dos tóxicos, que domina toda a região mais afluenta do Rio, encontrou na Cidade de Deus um refúgio ideal para seus pontos de repasse, ven-

da e outros negócios. Em outubro do ano passado, estourou uma clássica guerra entre as quadrilhas locais que controlam o tráfico de drogas na zona sul do Rio. Até agora o conflito já provocou 33 vítimas — entre elas uma menina que se viu envolvida em um tiroteio entre os integrantes de dois bandos rivais.

BILHETES NO SERMÃO — Há um mês, diante da ineficiência de um policiamento ostensivo composto por apenas doze soldados e um sargento da PM, as professoras das nove escolas da comunidade resolveram suspender as aulas e pedir socorro. Atendendo ao apelo, o prefeito Israel Klabin visitou o local,

reconheceu a gravidade do surto de violência e determinou um reforço no esquema de segurança — oitenta homens e um rádio ligado com o comando da PM na região. Cinco minutos após a visita do prefeito, houve um tiroteio em uma das ruas pelas quais ele passou. Alguns dias depois, na manhã em que começou a funcionar o novo esquema policial, uma aluna de escola elementar, de 11 anos, foi violentada.

A necessidade acabou criando algumas regras de comportamento entre a população da Cidade de Deus e os marginais. Em mais de um domingo, por exemplo, o pároco Júlio Grooten recebeu bilhetinhos durante o sermão, sugerindo que os fiéis permanecessem em oração por mais uma hora, após a missa, porque do lado de fora da igreja haveria tiroteio. Os avisos nunca falharam, como nunca falharam os telefonemas recebidos por Jurema Gonçalves, diretora da escola Alberto Rangel, aconselhando-a a encerrar as aulas mais cedo para "não expor a criançada às bombas". Os criminosos, contudo, não podem ultrapassar certos limites nessa sua generosidade. "Existem cinco quadrilhas disputando o mercado de tóxicos", diz uma professora, que prefere não se identificar. "Nós não podemos ser amigos de uma sob pena de as demais quererem se vingar. Caso houvesse apenas uma quadrilha atuando aqui, não haveria problema, porque somos suficientemente educados para conviver com marginais."

VIDA TRISTE — De fato, a convivência entre marginais e trabalhadores, en-



Nas escolas, o policiamento ostensivo da PM ainda é ineficaz